

SYSTEMEX DE BOCA EM BOCA, O VERMÍFUGO QUE VAI DIRETO AO PROBLEMA.

SYSTEMEX FORMULAÇÃO ÚNICA

Systemex é indicado no tratamento e controle das formas adultas e larvárias de vermes gastrintestinais, pulmonares e tênias, em bovinos, ovinos e caprinos. Matando também os ovos, evita a reinfestação das pastagens. Systemex é eficaz até mesmo contra os vermes resistentes a outros vermífugos.

E ainda proporciona plena tranquilidade de aplicação, por possuir ampla margem de segurança.



SYSTEMEX COMPLETA ASSISTÊNCIA

Com Systemex de boca em boca, você ganha mais por cabeça. Isto porque, junto com Systemex, a Cooper leva ao campo homens especialmente treinados e equipados, simplificando a dosificação oral, impedindo que os vermes "devorem" grande parte dos seus lucros. É o Sistema Cooper de Dosificação Oral.



**LEMBRE-SE:
VERMÍFUGO DADO
PELA BOCA
AGE DIRETAMENTE
PROPORCIONANDO
UMA LIMPEZA
RÁPIDA E TOTAL.**



**DOSAGEM CERTINHA
ATÉ A ÚLTIMA GOTA**



Frasco com 200 ml
Frasco com 1 litro
Frasco com 4 litros



COOPER

Pesquisa a Serviço da Vida

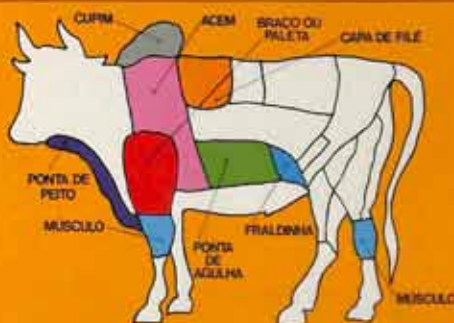
LABORATÓRIOS WELLCOME S.A.

REVISTA DOS CRIADORES

51 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA
Maio de 1982 - Ano LI - N.º 628 - Cr\$ 600,00
Órgão oficial da A.B.C.

Todo cuidado
ainda é
pouco para
a ordenha

Vale
do Paraíba
tem pasto
no morro



Os padrões
para uma
boa carcaça

EQUIPE SEUS ANIMAIS NA ABC: PASSEIO, ESPORTE E TRABALHO.



Selas para salto, adestramento e polo • Cabeçadas completas, cabrestos, cilhas e barrigueiras • Botas para concursos hípicas e trabalho • Mantas e rebenques • Selas mexicanas, australianas e arreios • Esporas com ou sem rosetas • Freios e bridões em metal ou aço cromado • Laços • Chapéus • Cera para engraxar arreamentos • Fivelas tipo americano, para cintos.

Solicite nosso catálogo.

Atendemos também pelo Reembolso Postal.



ABC — Rua Jaguaribe, 646 (estacione no n.º 634) Fone: 826-3033 — São Paulo. Filiais: Av. José César de Oliveira, 175, perto do CEAGESP (aberto até às 22 horas). Fone: 831-7966 — Jaguaré — São Paulo — Capital e em São João da Boa Vista (SP) — Rua Benjamin Constant, 25 — Fone: DDD (0196) 22-3904.

10

Para a avaliação da carcaça bovina ideal para o país, há qualidade e quantidade a contar.

18



Este fazendeiro descobriu que morro pode ser bom lugar para produzir leite farto e barato.



23

Seja mecânica ou manual, a ordenha é a operação que exige mais atenção no manejo do gado.

27

Que características observar na escolha dos reprodutores suínos? Um técnico diz quais as importantes.

29

Equipamentos podem ajudar o fazendeiro a ter alimento reservado para seus animais na seca.

55

Crioulo é tema para o terceiro e último texto da série de Sérgio Lima Beck, um apaixonado da raça.

57

Al Neto recolheu informações que dizem quem é, em verdade, o gaúcho, esse homem cavaleiro da América.



61

Hugo Reinaldo Bueno, selecionador premiado de Holandês vermelho e branco, também está indo para o PB.

Ao leitor	3
Cartas	4
Ponto de vista	5
Mercado	6
Gente	16
Serviço	32
Registro	34
Revista das Revistas ..	35
Crônica	59
Das empresas	60



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos).
Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional.

56 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Bráulio Madeira Simões
Gen. Diogo Branco Ribeiro
José Carlos Reis Magalhães
José Celso Macedo Soares Guimarães
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho

Diretores

- 1.º Secretário: Frontino Ferreira Guimarães Júnior
- 2.º Secretário: Antônio Augusto Pires de Oliveira
- 1.º Tesoureiro: Amynthas de Carvalho Macedo
- 2.º Tesoureiro: João Antonio Camarero

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

José Cassiano Gomes dos Reis

Vice-presidente

Ruy Calazans de Araújo

Secretário

Roberto Brotero de Barros

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis

Efetivos

José Cassiano Gomes dos Reis Júnior
Geraldo Diniz Junqueira
Luís Fortunato Moreira Ferreira
Pedro de Paula Leite de Moraes
Roberto Brotero de Barros
Luiz Glicério Gracie de Freitas
Eduardo Dias Roxo Nobre
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
José Carlos Guimarães Oliveira
Ruy Calazans de Araújo
Rubens Franco de Mello
Edwin Benedito Montenegro

Dr. Armando de Moraes Barros
Pedro Nelson Corrêa Gonçalves
Otto de Mello
João Gilberto B. Rossi
Octávio de Mesquita Sampaio
Lourenço Prado Carneiro Lyra
Vicente Martins Júnior
Arnaldo Lima
Renato Napolitano

Suplentes

Fernando Euler Bueno
Fábio Garcez Meirelles Júnior
Orlando Pinto de Souza
Gilberto Carlos de Arruda Sampaio
Henrique de Souza Dias
Roberto Felipe Cantusio
Levil Veiga de Oliveira
Jayme Walt Longo

CONSELHO FISCAL

Efetivos

José Octávio da Silva Leme
Layr Antônio de Souza
Plínio Brotero Junqueira

Suplentes

Radyr de Queiroz
Arion Bueno de Oliveira
Laerte Garcez Meirelles

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Superintendente

Virgílio de Almeida Penna

Gerente comercial

Antonio Carlos Turezza

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Gerente

Prof. Dr. Alberto Alves Santiago

Registro Genealógico

Controle Leiteiro e

Desenvolvimento Ponderal

Dr. Walter Battistoni

Assistência Técnica

Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente
Dr. Fernando Aparecido Palhares

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athayder

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033. Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - fone: 831-7966 - Aberta até as 22 horas.
S.J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 22-3904.

REVISTA DOS CRIADORES

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Editor: J. M. Nogueira de Campos

Colaboradores: Leovigildo P. Jordão, Luiz Paulin Neto, Masatake Takahashi.

Arte e Produção: Carlos Roberto Botelho

Fotografia: Francisco Sciacca.

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP — CEP 05024 — Fone 62-3316 - 65-0116 e 263-8434 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

Gráfica e Fotolito Próprios: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP.

Assinatura: Janeiro a Dezembro de 81, Cr\$ 5.000,00 e de Janeiro a Dezembro de 82, Cr\$ 7.000,00. Exterior, via aérea 1 ano US\$ 100,00.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura

Agente autorizado para o País: Disbrapel Ltda. — Edições Agro-Pecuárias, Rua Caralhos, 434 — CEP 05020 — Caixa Postal 61.051 — São Paulo - SP.

Venda avulsa

Interior e Capital: Livraria La Selva, Saguão Aeroporto Congonhas.

Estados

Bahia: J. B. Queiroz — Rua Minas Gerais, 156 - Pituba - Salvador. **Ceará:** Distribuidora Alair de Publicações, R. Floriano Peixoto, 1233 - Fortaleza. **Brasília:** Só de Ler - Aeroporto e Conjunto Nacional - Brasília. **Paraná:** Edicamp - Editora Campana Ltda - R. Duque de Caxias, 591 - 2º and. - Cj. 209 - Tel. 222-0950 - João Pessoa. **Pernambuco:** Casa das Revistas e Figurinos - R. 9, esquina de Pedro Ivo Recife. **São de Ler - Aeroporto - Recife.** **Rio de Janeiro:** Só de Ler - Rua São José, 35 - Centro - Rio de Janeiro.

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscrevem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nossa revista e a edição.

AO LEITOR

A Redação estava encerrando os seus trabalhos para esta edição, e temia-se que o tempo pudesse aprontar das suas para a agropecuária do Centro-Sul, com ameaças de frio mais intenso. Enquanto não se definia o comportamento climático, havia alguma escaramuça entre produtores e industriais, na área da citricultura, as baterias dos plantadores de cítrus assestadas contra uma empresa (multinacional), acusada de não honrar seus compromissos, ao sustar o pagamento da diferença de preços estabelecida previamente, em acordo a que todo o setor se submeteu.

A agropecuária esperava que também para os seus lados começasse a soprar algum vento de benefícios, tipo folga maior em financiamentos e juros mais baixos, com o que o Governo — diz-se que com objetivos eleitorais e buscando melhor aceitação pública — bafejou o setor industrial. Havia queixas em relação à pouca agilidade da máquina oficial, na compra de alguns produtos amparados pela legislação de preço mínimo, e o Ministério da Agricultura encontrou solução até rápida do ponto de vista burocrático: um telefone que recebe, em Brasília, ligações a cobrar, mesmo discado diretamente. Não se garante que o telefone dê escoamento imediato para a produção que se sinta ameaçada, mas ao menos permitirá o desabafo...

Agora, falemos de nós e do que estamos oferecendo nesta edição: o artigo de capa é dedicado ao tema tipificação de carcaças, com sugestões de um estudioso para sua adoção no país. O fazendeiro do mês é um produtor de leite do Vale do Paraíba, em São Paulo, que tem receita própria para obter produção econômica e adequada com base em bons pastos, por ele mesmo implantados na região, reconhecidamente montanhosa. O plantel sob controle também é vale-paraibano, o rebanho super-premiado de Holandês vermelho e branco, de Hugo Reinaldo Bueno.

Quem se interessa pelo tema biodigestor-biogás não deve deixar de ler o texto da "Revista das Revistas Zootécnicas", que trata do assunto em duas etapas.

Há mais o que se ver na Revista, e o leitor a tem a seu dispor a partir de agora. Boa leitura.

PALAVRAS...

É um problema muito complicado. Ou se adota um conjunto de medidas, compatíveis com a política de captação de recursos externos e com o combate à inflação, ou não se resolve coisa alguma.

Pedro Conde, presidente da Federação Brasileira das Associações dos Bancos, sobre medidas que podem aliviar o custo do dinheiro no mercado interno, em entrevista à "Folha de São Paulo", no início deste mês.



A receita aprovada e aproveitada

A leitura da *Revista dos Criadores* foi sempre, para mim, um motivo de satisfação intelectual, no curso dos últimos 15 anos, porquanto eu a assino, sem interrupção, desde que entendi de fazer um pouco de pecuária como antídoto às agruras e preocupações inerentes à atividade médica.

O número de fevereiro do ano corrente trouxe-me a vantagem de me despertar a atenção para um problema muito sério, no que tange às explorações da pecuária leiteira: a alimentação racional, isto é, su-

ficiente e econômica de nosso gado de leite.

"Cana ou cano — você escolhe por onde a vaca entrará" encima, como título, à pág. 76, o trabalho do dr. Geovah Paulo da Cruz, médico oftalmologista e pecuarista em Uberaba, MG, e que versa, com gosto e humor, sobre a alimentação com cana-de-açúcar e uréia, nos períodos de estiagem, de matrizes leiteiras, mesmo Holandesas, o que fará de seu proprietário "legítimo gigolô de vaca, e com rações e torta, um mero "coronel", porque o bicho, comendo no bolso, não há cristão que se agüente".

O referido artigo, saboroso e instrutivo, meus estimados diretores da RC,

veio a calhar. Estou saindo malferido de uma seca sequíssima por estas bandas. E foi tão dura a travessia dos 8 meses ditos sem chuva, numa propriedade de exploração leiteira — que o velho médico fisiólogo preparou há 20 anos para o "repouso do guerreiro" na justa aposentadoria depois de 38 anos de profissão — tão dura (insisto) que estou, neste momento, reformulando, cotejando, pesando e sopesando vantagens e desvantagens da pecuária de leite por este malsinado Nordeste, onde vivo e onde hei de morrer.

Endosso, pois, o convite dos senhores diretores ao diligente, preparado e vitorioso companheiro de lutas na mais poética e útil atividade pecuária —

a de leite — para que "venha logo com a prometida uréia".

A cana? Já está sendo plantada, e de acordo com as instruções do prezado articulista. E, como por aqui não há geada, preferi (certo de que o doutor Geovah concorda) terrenos mais baixos, por serem menos secos, que secura por aqui é que é o diabol.

Estou, pois, ansioso para pôr em prática o método de arração preconizado em boa hora pelo nobre colega. A tragédia da pecuária no Brasil, particularmente no Nordeste, é a fome. E é só a pecuária...

Augusto Freitas
Médico e fazendeiro
Feira de Santana, BA

XII FESTA DO LEITE



BATATAIS-82

10 a 18 de Julho de 1982

Batatais - SP

2ª MELHOR EXPOSIÇÃO DE GADO HOLÂNDES DO ESTADO

Promoção: SINDICATO RURAL DE BATATAIS

Faltam condições para o homem do campo produzir bem

Em artigo publicado na revista técnica de sua propriedade — "Simposium" — o ex-ministro Mario Henrique Simonsen mostra que o preço pago pelo Brasil, agora, no combate à inflação foi bem maior do que em 1965. Em 1981, a inflação retrocedeu de 110% para apenas 95%, enquanto que, em 1965, ela despencou de 92% para 34%.

A que atribuir tamanha diferença? Ao desempenho excepcional da agricultura naquele ano.

Vê-se, por aí, o papel importantíssimo desempenhado pela atividade rural, que, por si só, foi capaz de contribuir para aquele resultado, num ano difícilíssimo, caracterizado pelo descalabro financeiro e situação caótica em que o país então vivia.

Agora, depois de 18 anos de uma revolução salvadora, neste mesmo Brasil, com as mesmas terras e os mesmos agricultores, ela não foi capaz de repetir aquela proeza, apesar do progresso realizado pela ciência agrícola através de seus institutos de pesquisas e suas estações experimentais.

Há, entretanto, uma diferença. O Brasil daquela época ainda não era dominado pela tecnoburo-

cracia, que, apesar de bem intencionada, vive isolada em Brasília e parece ignorar o que se passa com a agricultura brasileira.

Vê-se o caso recente do leite e do feijão. Com relação ao último, plantadores, na Bahia e no Paraná, vendendo seu produto bem abaixo do preço mínimo, porque o órgão encarregado de efetuar a compra estava ausente. Com o leite, os técnicos, alegando uma pretensão sobre o produto, resolveram reduzir o seu preço no momento em que o produtor esperava ansiosamente pelo reajustamento prometido, para compensar o aumento desenfreado do custo de produção. O resultado foi que a oferta do leite diminuiu em 20%, porque muitos abandonaram e outros vêm abandonando essa atividade. Essa política constitui, em última análise, um profundo desrespeito a todos, produtores e consumidores.

O esforço que a iniciativa privada vem realizando na agricultura, na tentativa de criar, além do lucro, o bem-estar social, traduzido na produção de alimentos, vem encontrando grandes obstáculos criados pelo Governo. Enquanto, no passado, a produção agrícola era tabelada pela SUNAB, os ar-

tigos da indústria, em escala muito mais suave, o eram pelo CIP, já extinto.

O que ocorre agora é que, persistindo a política de preços administrados para a agricultura, os da indústria são livres. Tanto que a indústria automobilística vem reajustando mensalmente os preços dos veículos.

Hoje, na agricultura, o lucro foi substituído pelo prejuízo. Mecanizou-se menos a lavoura, adubou-se menos, fatos esses sentidos pela própria indústria, que vendeu menos tratores e menos adubos. O resultado está aí, produção menor e inflação maior.

No regime capitalista, a propriedade privada é o instrumento através do qual o Estado procura prover as necessidades do consumo. No regime socialista é o próprio Estado que produz. Que esse tipo de exploração não é o mais indicado, as estatísticas estão aí para mostrar. Doutra maneira, a Rússia não recorreria aos Estados Unidos e à Argentina para prover sua despesa. Aliás, Joëlmir Betting, em recente comentário em sua apreciada coluna na "Folha de São Paulo", mostra que, frente à Rússia, os Estados Unidos e a Comunidade

Econômica Européia produzem por área quase o dobro.

O natural, portanto, seria o Governo proporcionar ao produtor rural, consciente da função social da sua empresa, condições para que possa cumprir essa importante tarefa de produzir para abastecer.

Mas não é isso o que se vê. As taxas dos juros de financiamento foram elevadas e este reduzido drasticamente, com os produtores classificados em pequenos, médios e grandes.

Ora, sujeito aos contratempos a que sua atividade está exposta — seca, excesso de chuvas, granizo, geadas, pragas, moléstias, sem contar o encarecimento dos insumos —, o produtor planta menos porque não pode plantar mais.

Cabe aqui recordar as palavras do presidente da República, em 1978: "O setor agrícola deve ter mais importância que o combate à inflação. O próprio setor agrícola combate a inflação."

Só que os que estão à testa dos órgãos responsáveis pelo crédito rural, parecem pensar de maneira diferente...

José Cassiano Gomes das Rêis — Presidente do Conselho da ABC.

Com a intensificação da colheita do milho, no Centro-Sul, durante o mês de março, sofreram considerável aviltamento os preços recebidos pelos produtores, mantendo-se abaixo do mínimo garantido pelo Governo, o que obrigou a agilização, tanto das aquisições, quanto dos empréstimos governamentais aos agricultores. Naquele mês, o preço médio recebido pelos produtores paranaenses, por exemplo, foi de Cr\$ 839,00/60 kg, 22,9% menor, em termos reais, do que o de um ano antes. Explica-se, desta forma, a "corrida" aos preços mínimos de Cr\$ 1.028,40, pois, se este não chega a cobrir integralmente os custos de produção da maioria dos produtores, ao menos representa prejuízo menor do que a venda no mercado.

A este quadro de cotações deprimidas, veio juntar-se o aperto no crédito rural para este ano, determinado pelo Banco Central, limitando a 90% da quantidade física financiada na safra passada os empréstimos governamentais aos produtores e cooperativas a serem realizados na atual temporada. Ficam, assim, em evidente desvantagem, principalmente os agricultores que obtiveram aumento do volume colhido este ano, a

Porque o mercado nacional de milho anda um tanto frouxo

quem não restará outra saída a não ser estocar seu produto por conta própria, ou vender a intermediários o grão que o Governo não adquirir ou não se comprometer a estocar.

De acordo com a mais recente previsão de safra da CFP, a produção nacional de milho da safra 1981/82 deverá ser de cerca de 23,3 milhões de toneladas. No entanto, tal cálculo encerra a previsão de que a produção do Norte-Nordeste atinja cerca de 1,33 milhões de toneladas, cifra extremamente otimista, em face das condições climáticas que se vêm verificando na região nordestina. Seria mais realista supor que a "performance" da safra de milho da porção setentrional do país venha a ser igual ou pouco superior à observada no ano passado, o que, em termos nacionais, coloca o montante da safra ligeiramente abaixo de 23 milhões de toneladas.

Ao Centro-Sul, caberá a produção de cerca de 22 milhões de toneladas na atual temporada, o que representa uma redução de cerca de 33 mil toneladas frente à estimativa anterior, devido à estiagem que castigou grande parte das áreas produto-

ras, em janeiro, atingindo o chamado milho "do tarde". Parece praticamente garantida a obtenção daquele volume, uma vez que a colheita se vem desenvolvendo normalmente na região, embora deva ser momentaneamente interrompida entre abril e maio, quando os produtores das lavouras consorciadas "dobram" o milho, para que seja efetuada a colheita da soja. Esta forma arcaica de evitar-se a deterioração do produto, sem, no entanto, colhê-lo, conquanto seja considerada prejudicial à planta, parece ser menos maléfica para as variedades de ciclo mais longo, além de ser a única opção que resta ao agricultor que tenha limitadas tanto a capacidade de estocagem, quanto a disponibilidade de mão-de-obra.

Esta interrupção momentânea da colheita, atualmente verificada no Sul do país, não deverá, no entanto, causar um aquecimento dos preços: o mercado encontra-se frouxo como desde o final do ano passado, devendo, a curto prazo, pouco se alterar o perfil da demanda pelo grão. As indústrias moageiras continuam a comprar o produto da mão para a bo- ca, trabalhando, em sua maior parte, com estoques

de apenas alguns dias, ao mesmo tempo em que vêem a demanda humana por seus produtos permanecer estacionária, tendo em vista o contínuo adiamento da retirada total do subsídio ao trigo. Também a demanda por parte do setor de rações, este ano, promete ser bastante comedida, em razão do discreto crescimento esperado tanto para a avicultura, quanto para a suínocultura.

Permanece, desta forma, a perspectiva de o governo continuar a atuar no mercado de milho, adquirindo-o ou fornecendo crédito para a armazenagem, de forma a manter o mercado, pelo menos no nível do preço mínimo de garantia.

A especulação quanto ao volume do estoque remanescente para a safra 1982/83, advindo desta movimentação governamental e quanto à possibilidade de o país vir a angariar dólares com a exportação do grão ainda este ano, parece definitivamente encerrada; cálculos preliminares indicam que tal estoque poderá não ultrapassar 1,5 milhão de toneladas, volume insignificante para uma estratégia agressiva no atual mercado externo de cotações deprimidas. *

Agroanalysis, abril/1982.

1º Leilão JB

JOSÉ MAURÍCIO JUNQUEIRA DE ANDRADE

Continuando 150 anos de tradição.

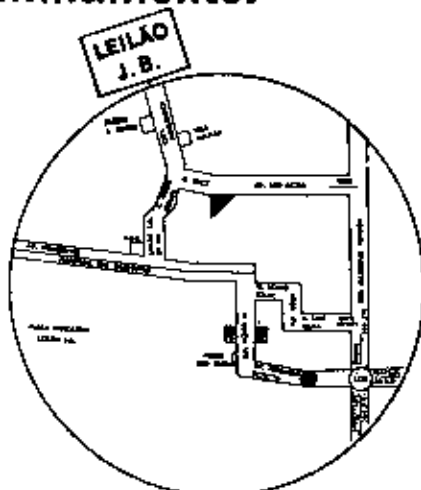
30 Equinos Mangalarga

200 Bovinos HVB e HPB - PC e cruzados

**30 Machos cruzados prontos para abate
em regime de confinamento.**

OUTROS PARTICIPANTES:

Urbano Junqueira de Andrade
Waldir Junqueira de Andrade
José Eduardo Castro Junqueira
Carlos Soullie Franco do Amaral
Armando Bueno Santos
Melzáz Antônio Tobias
Maurílio Junqueira Carvalho
Ari Gama Vilela
João Urbano Figueiredo Junqueira



CONDIÇÕES DE PAGAMENTO:

- A) 25% de sinal e o restante em
30 — 60 e 90 dias sem juros.
B) A vista com 10% de desconto.

RECEPÇÃO E CONDUÇÃO NO AEROPORTO DE LINS.

**Quarta-Feira - 14 de Julho de 1982
Fazenda São Mariano - Lins - SP**

Programação:

10h — Apresentação dos animais e das novas
instalações para Equinos, seguido de Churrasco.
13h — Início do Leilão



Rua São Francisco, 81 — 5.º andar
CEP 01005 - Tel.: 34-7131 - São Paulo - SP

Alcool favorecido para fornecedor

Com data de 15 de abril último, um ofício assinado pelo ministro das Minas e Energia, César Cals, informou ao presidente da ABC que os produtores de cana-de-açúcar poderão abastecer seus caminhões movidos a álcool nas usinas de que são fornecedores, ao mesmo preço que as usinas entregam o produto ao Governo.

Segundo a comunicação ministerial, o "o pleito foi deferido com fundamento na Resolução CNP n.º 13/80, artigo 33 e parágrafo 1.º e 2.º, que determina o seguinte: a) — as Unidades Produtoras de álcool e os fornecedores de matéria-prima (cana-de-açúcar) que desejarem utili-

zar o AEHC em suas atividades deverão instruir seus pedidos junto ao IAA; b) aquele instituto, em articulação com este órgão, estabelecerá para cada fornecedor de matéria-prima (cana-de-açúcar) a quota mensal de AEHC, fornecida pela Unidade Produtora pelo valor de aquisição Posto Veículo na Usina (PVU) ou Posto Veículo na Destilaria (PVD); e c) a liberação da quota de AEHC é condicionada à apresentação de Certificado de Registro de Veículo, da quantidade e do tipo de motores estacionários e da estimativa de consumo do AEHC no primeiro e nos dois anos subsequentes".

Um assessor especial para a ABC

Dácio Aguiar de Moraes Júnior é o novo assessor especial da Diretoria da ABC, para onde levará sua larga experiência como empresário privado, homem público e ativo participante de movimentos de caráter político, assistencial e cultural.

Engenheiro civil graduado pela Escola Politécnica de São Paulo (turma de 1934), Dácio não restringiu sua atividade profissional exclusivamente a essa área, tendo-se destacado, ao longo dos anos, na direção de empreendimentos ligados aos setores de petróleo, financeiro e siderúrgico, entre outros, afora também desempe-



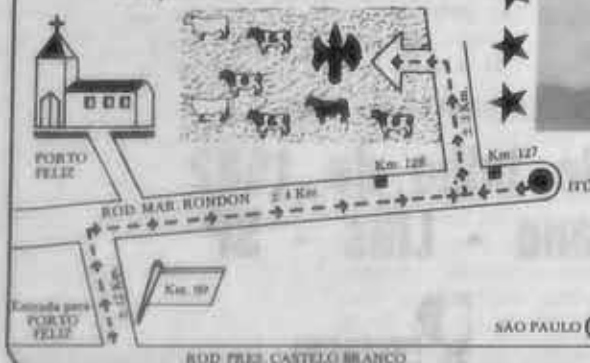
nhar funções públicas, especialmente nos governos paulistas de Jânio Quadros e Carvalho Pinto. Dácio é estudioso preocupado dos problemas brasileiros, e os leitores da Revista terão brevemente suas colaborações nestas páginas.

6º LEILÃO DE ESTRELAS DAS RAÇAS

7 de Agosto
SÁBADO/10 hs

GANHADORES DE MEDALHA DE OURO

Fazenda São Judas Tadeu
do Chapadão Porto Feliz - SP.
Prop. Amílcar Farid Yamim



H.P.B.-H.V.B.-SCHWITZ



REMATE

Rua Melo Palheta, 301

Tels.: 262-7161, 262-9781, 263-9024 - CEP 05002

Joaquim Peixoto Rocha, Amílcar Farid Yamim, Granja São Quirino, Luis Horácio V. C. Mello, Nelson Mancini Nicolau, João Figueiredo Frota, Antonio Toledo Lara, Walmir Spinelli, Fernando Alencar Pinto S.A., Sérgio Vicente Araújo e Aristides Rache Ferreira.

Finalmente, depois de longos anos de pesquisas e exaustivos testes, para completar a linha tradicional no preparo de rações, NOGUEIRA lança a máquina robusta, versátil e eficiente, para silagem e trato diário de animais, que o mercado estava exigindo:

"COLHEDEIRA DE FORRAGENS FN-25"

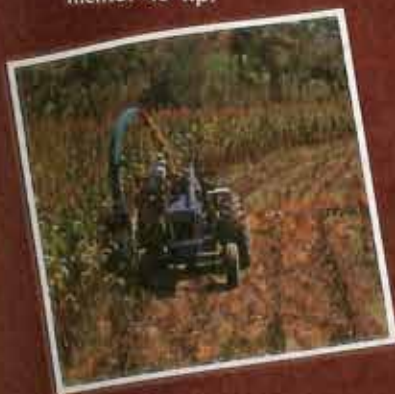
NOGUEIRA

Máquinas agrícolas



COLHEDEIRAS DE FORRAGENS FN-25

Colhe todas as culturas forrageiras: milho, cana, sorgo, capins napiê, camerum, etc. Recolhe e corta a forragem no comprimento de 9 mm, lançando-a pela boca de descarga, na carreta acoplada à máquina. Em condições adequadas colhe 25 toneladas de forragens por hora. Potência necessária para acionamento: 45 hp.



**ENSILADEIRA
MODELOS: EN-9 e EN-12**

Corta culturas forrageiras tais como: napiê, camerum, cana, milho, sorgo, etc., em 6 tamanhos: 4, 6, 8, 16, 22 e 32 mm. Pode ser acionada por tomada de força de trator ou por motor estacionário, elétrico, diesel ou a gasolina. A máquina indispensável para encher silos e para o trato diário de animais.



**DESINTEGRADOR, PICADOR
E MOEDOR:
MODELOS: DPM-1, DPM-2 e DPM-4**

Seu rotor é equipado com jogos de facas e martelos, possibilitando operar tanto com produtos verdes, como com produtos secos.

CORTA cana, capins napiê, camerum, sorgo, raízes e tubérculos, e qualquer classe de forrageiras utilizadas na alimentação de animais.

MOE milho com palha e sabugo, palha de arroz e feijão, cana de milho seca com sua palha, todas as sementes e cascas de cereais.

FAZ fubá grosso, médio, fino e mimoso, para uso doméstico.

FABRICA E ESCRITÓRIO: ITAPIRA — SP — CEP 13970
Rua XV de Novembro, 741/781 — Caixa Postal 7
Telefone: (0192) 63-1500 — (PABX)

ESCRITÓRIO EM SÃO PAULO — SP — CEP 01039
Av. Ipiranga, 1071 — 10.º andar — Conj.: 1001/1004 — Edifício Guanabara
Telefones: (011) 229-8405/229-7797/229-7818
TELEX: (011) 30901 INOG BR.

Avaliação quantitativa e qualitativa é que define a carcaça bovina ideal

ROGERIO FARIA

Rogério Faria é zootecnista e estudante do Curso de Mestrado em Zootecnia, da Universidade Federal de Viçosa, MG. Este trabalho foi por ele apresentado no Seminário de Graduação do Departamento de Zootecnia do Centro de Ciências Agrárias da UFV.



Os principais constituintes da carcaça são o tecido muscular, a gordura e os ossos. O tecido muscular, após sofrer uma série de transformações bioquímicas, na fase que sucede a morte do animal, será chamado de carne, sendo portanto a parte de maior valor comercial.

O tipo de carcaça desejável, para qualquer mercado consumidor, deve ter uma maior quantidade de carne combinada com um mínimo de ossos e um ótimo de gordura.

Segundo a literatura, inúmeros fatores podem influenciar na composição da carcaça. Os mais importantes são a raça, a nutrição, a condição sexual, o manejo, e o peso vivo do animal, existindo diversas maneiras de se produzir o tipo ideal de carcaça para consumo.

A avaliação consiste em atribuir valores a determinadas características da carcaça, que possam indicar a sua composi-

ção em carne aproveitável, gordura e ossos. O resultado obtido na avaliação determinará a classificação e a tipificação.

Em termos práticos, a avaliação será baseada em indicadores subjetivos e/ou objetivos, devido ao fato que a separação física (desossa e aparas de gordura) ou química (análise laboratorial) dos componentes da carcaça e as provas de degustação (avaliação de sabor, maciez etc.) não podem ser realizadas para cada carcaça individualmente. A avaliação subjetiva e/ou objetiva exige que o técnico tenha um conhecimento perfeito do material a ser avaliado, mas somente a prática poderá torná-lo um "expert" no assunto.

O que varia de um país a outro, ou de uma região a outra, é a importância relativa dos critérios e, também, o método ou sistema de avaliação dos aspectos quantitativos da carcaça e qualitativos da carne, de modo que é impossível de se estabelecer um sistema de avaliação universal.

No Brasil, há necessidade de se definir quais as avaliações quantitativas e qualitativas que devem ser feitas e qual o tipo de carcaça desejável para as raças bovinas adaptadas às condições tropicais. Portanto, essa definição deverá levar em consideração as sugestões apresentadas pelas instituições de pesquisa nacionais.

AValiação NO BRASIL

Os frigoríficos anglo-americanos, visando o atendimento de seus clientes no exterior, tentaram introduzir no Brasil os fundamentos e os sistemas de avaliação de carcaças bovinas. Os primeiros trabalhos nesses frigoríficos foram feitos por Veiga (1938), Assis (1938), Lagos e Rogick (1939), Jordão (1939) e Assis e Paiva (1939).

Devido à anormalidade do mercado de exportação, com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, os trabalhos foram encer-

rados, e por mais de trinta anos não se deu importância ao assunto.

Segundo Mattos e Luchiani Filho (1978) e Silva (1981), por iniciativa do Ministério da Agricultura, os trabalhos foram novamente ativados visando o estabelecimento de normas para a classificação e tipificação de carcaças no país. O MA, nos anos de 1968 a 1970, enviou alguns de seus técnicos à Europa, a fim de recolher os subsídios necessários, o que resultou na aceitação da metodologia francesa. Ficou-se, porém, apenas na aceitação, nunca chegando a ser praticada.

Durante o I Encontro das Associações de Pecuária de Corte, realizado em São Paulo (Pardi, 1971), foi levantado o problema referente à classificação e tipificação de carcaças, sem, no entanto, definir quais seriam as avaliações, tanto quantitativas como qualitativas, no país.

Nos últimos dez anos, inúmeros trabalhos de avaliação foram realizados por diversos técnicos e instituições de pesquisa: Pereira et alii (1972), Silva (1972b), Tundisi et alii (1973), Mattos et alii (1974), Velloso et alii (1975), Tundisi et alii (1976), Barbosa et alii (1978), Mattos et alii (1978), Mattos et alii (1979), Biondi et alii (1980), Mattos et alii (1980), Alcega et alii (1981), Mattos et alii (1981) e Silva et alii (1981) — Instituto de Zootecnia da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de

São Paulo, Nova Odessa-SP; Villares (1973) — Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Botucatu-SP; Felício (1977/78), Felício et alii (1978), Felício et alii (1979) e Corte et alii (1980) — Centro de Tecnologia da Carne, Campinas-SP; Becker (1978) — Instituto de Pesquisas Zootécnicas "Francisco Osório", Uruguaiana-RS; Lauzer et alii (1979), Muller et alii (1980), Absid et alii (1981), Muller e Robaina (1981) e Muller et alii (1981) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-RS; Del Duca et alii (1979a, b, c) — Unidade Experimental de Pesquisa de Ambiente Estadual — Bagé-RS; Macedo et alii (1979) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS; Zanotta Júnior et alii (1980) — Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS; Lourenço Júnior et alii (1980) — Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Úmido, Belém-PA; Salomoni et alii (1980) — Escola Superior de Agricultura de Lavras, Lavras-MG; e Martinez et alii (1981) e Salvador et alii (1981 a, b, c) — Universidade Federal de Viçosa, Viçosa-MG; e muitos outros trabalhos, os quais têm contribuído para a solução do problema.

Existem na literatura diversos relatos quanto às características que devem ser avaliadas na carcaça bovina: Gregory (1970), Alves Neto (1970), Santiago (1976), Silva (1972a), Santiago (1974), Santiago (1975), Proença (1976), Felício

(1978b), Mattos e Luchiani Filho (1978), Proença (1978/84), Brandt (1980) e Silva (1981).

Segundo Felício (1978a) e Felício et alii (1979), as principais características que o Ministério da Agricultura regulamenta são: peso da carcaça quente, musculabilidade e conformação, gordura de cobertura e maturidade.

PECUÁRIA DE CORTE

A pecuária de corte tem como objetivo a exploração de animais produtores de carne, os quais apresentam bom rendimento de carcaça por ocasião do abate. O animal produtor de carne apresenta uma morfologia completamente diferente do animal produtor de leite, ou seja, é um animal com maior desenvolvimento das massas musculares, como pode ser observado na figura 1.

A avaliação da conformação do animal (Lauzer et alii, 1979, e Macedo et alii, 1979) e de algumas medidas "in vivo" (Zanotta Júnior et alii, 1980) pode fornecer uma idéia da composição da carcaça, embora a conformação, segundo Luingh, citado por Felício (1978b), seja mais influenciada pela gordura de cobertura do que pelas massas musculares.

Atualmente, o conceito com relação ao animal produtor de carne (novilho) é completamente diferente do que existia há 40 anos (quadro 1), e o novilho ze-

MORFOLOGIA DO BOVINO DE CORTE

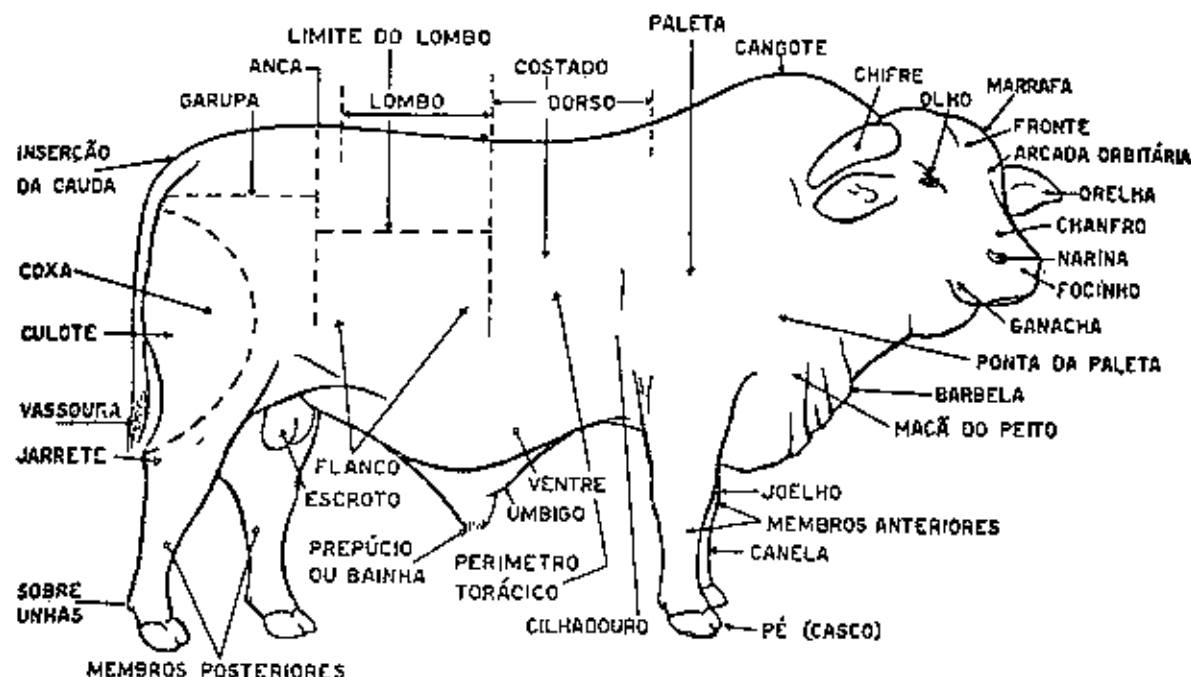


Fig. 1 — Morfologia do bovino de corte e denominações das partes e regiões da carcaça (Santiago, A.A., "Pecuária de Corte no Brasil Control", 1970, p. 148).

PRODUÇÃO DE CARNE DE NOVILHO ZEBU

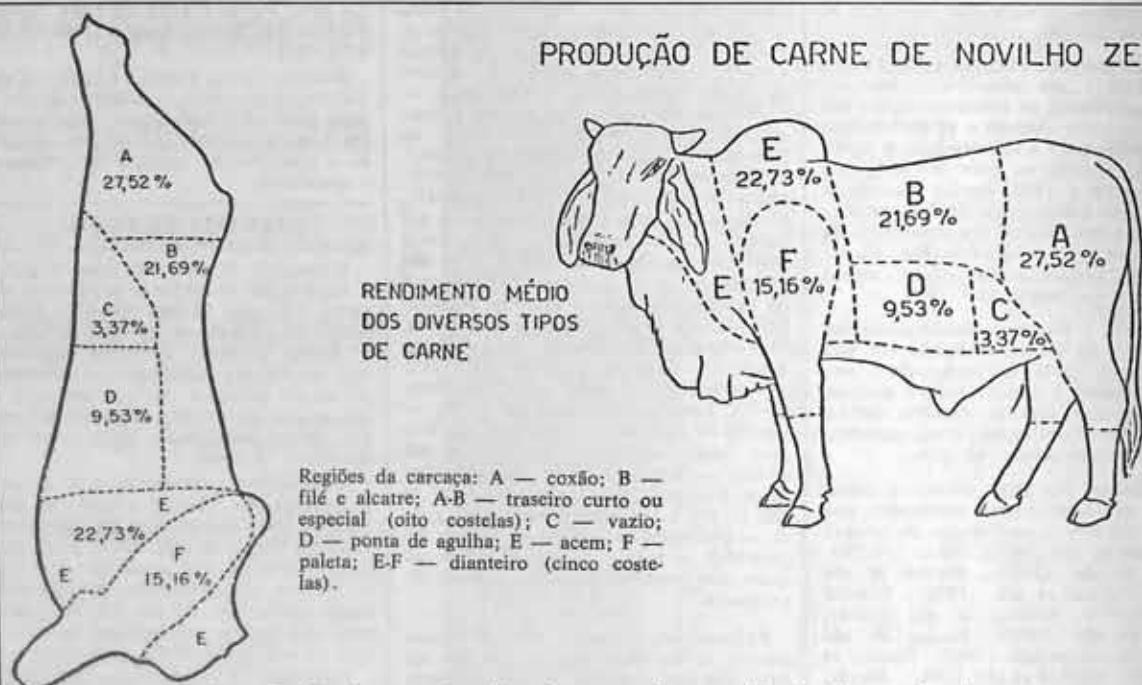


Fig. 2 — Produção de carne do novilho zebu e o rendimento médio dos diversos tipos de carne (Santiago, A.A., "Pecuária de Corte no Brasil Central", 1970, p. 164).

buíno é o que mais se enquadra no conceito moderno. O novilho zebuino (figura 2) é o mais indicado para produção de carne, além de apresentar inúmeras vantagens ao criador, tais como: rusticidade, tolerância ao calor tropical e endo e ectoparasitas etc.

A adoção de um sistema de avaliação — classificação e tipificação de carcaças — poderá contribuir imensamente para a elevação dos índices de produtividade e, de acordo com Silva (1981), teria como principais objetivos:

- estimular a produção e desfrute de animais jovens;
- qualificar, na indústria, a produção atual de novilhos, bois e vacas;
- utilizar o desempenho industrial dos animais abatidos como um dos recursos para dar maior eficiência à produção;
- categorizar a produção, relacionando-a com os interesses da indústria e do consumo.

1 — Relação em percentagem da composição da Carcaça do novilho tradicional, novilho moderno e novilho zebu.

Composição da carcaça	Novilho tradicional (%)	Novilho moderno (%)	Novilho zebu (%)
Carnes	32	45	43
Gordura	36	6	3
Ossos	6	4	12

Fonte: Santiago (1970)

TABAPUÁ

FAZENDA ÁGUA MILAGROSA —
15880 — Tabapuá — SP CP 23 —
Tel.: (0175) 62-1117

"Índice de fertilidade de 91% em 1.760 vacas registradas, em monta natural de 5 meses, média de 40 vacas por touro."

VENDA PERMANENTE DE REPRODUTORES MACHOS E FÊMEAS.



Sedeiro de Tabapuá T-J 278 —
48 meses — 1.056 kg.

ALBERTO ORTENBLAD

Rua da Assembleia, 92, 10.º andar —
20.011 — Rio de Janeiro — RJ —
Telefones: (021) 221-0678 e 242-0297
FILIAL: Mato Grosso do Sul — Granja Ipanema — Rodovia Campo Grande —
Cuiabá a 40 Km de Campo Grande —
Tel.: (067) 624-6138 — Campo Grande, com o Sr. Sylvio.

Segundo Mattos e Luchiar Filho (1978), para que haja a implantação real dos sistemas propostos, é necessário que exista uma diferenciação nos preços pagos às carcaças de melhor qualidade, beneficiando no caso os produtores. Sem que isso ocorra realmente, muito dificilmente os produtores se interessariam em produzir animais de melhor qualidade de carcaça.

Os produtores de animais tipo novilho precoce deveriam receber uma melhor remuneração por arroba comercializada em relação aos produtores de animais com idade superior a 4 anos. O mais importante é que os frigoríficos não têm interesse algum nessa política, a não ser por imposição governamental.

IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO

As características de carcaça são de importância fundamental para o melhoramento do gado de corte (Gregory, 1970), pois são de herdabilidade média a alta (quadro 2). Isto significa que, selecionando os reprodutores através das características de carcaça de seus filhos, o progresso genético será muito mais rápido.

No Brasil, os programas nacionais de melhoramento — Promébo (1976) e Prozebo (1978/84), incluem as características de carcaça na seleção dos animais para a reprodução, mas, até o momento, este item não foi incluído nos Testes de Progenie para gado de corte, que vêm sendo realizados pelo Ministério da Agricultura através das Centrais de Inseminação Artificial.

SHOPPING CENTER DO AGRICULTOR - CONAGRA - O MUNDO MARAVILHOSO DOS FAZENDEIROS

- Adubos simples e compostos
- Arame farpado
- Arame liso
- Artigos para cães
- Defensivos (inseticidas, fungicidas e herbicidas)
- Ferramentas
- Implementos agrícolas
- Lonas e cordas
- Máquinas e acessórios
- Materiais para jardinagem
- Ordenhadeiras
- Produtos veterinários
- Pulverizadores
- Rações para todos os fins
- Sais minerais e suplementos

- Selas e artigos para montaria
- Sementes (cereais, forrageiras e hortaliças)
- Silos aéreos e subterrâneos
- Telas e cercas
- Tubos, mangueiras, conexões
- Uniformes
- Utensílios em geral
- Bolsa de Máquinas Usadas

Exposição Permanente de produtos para a lavoura e pecuária.
Despachamos para todo o Brasil.



R. Clélia, 1517 (esq. R. Aurélio)
CEP 05042 - São Paulo - SP
Tels.: 864-8636 - 864-7205
Estacionamento interno

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A MELHOR E MAIS ÚTIL PUBLICAÇÃO QUE OS NOSSOS
ESPECIALISTAS PRODUZIRAM PARA O PRODUTOR DE LEITE

PUBLICAÇÃO PATROCINADA PELA ANPES
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL

3.ª EDIÇÃO REVISTA



- CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO
- CAPÍTULO 2 — MELHORES PASTOS, CHAVE PARA A PRODUÇÃO MAIS ECONÔMICA DE CARNE E LEITE
- CAPÍTULO 3 — ALGUNS FATORES QUE AFETAM A PRODUÇÃO DE CULTURAS FORRAGEIRAS
- CAPÍTULO 4 — AS FORRAGEIRAS: GRAMINEAS E LEGUMINOSAS
- CAPÍTULO 5 — ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE PASTAGENS
- CAPÍTULO 6 — A MÁQUINA ANIMAL
- CAPÍTULO 7 — SUPLEMENTAÇÃO DAS PASTAGENS
- CAPÍTULO 8 — A ROTAÇÃO PASTAGEM-CULTURA
- CAPÍTULO 9 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedidos à EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo

2 — Estimativas de herdabilidade (h^2) das características de carcaça de bovinos de corte

Características de carcaça	h^2
Categoria	0,40
Área de olho do lombo (12. ^a costela)	0,70
Tenura ou maciez	0,60
Espessura da gordura de cobertura (12. ^a costela)	0,45
Produto retalhável ou cortes principais (kg)	0,65

Fonte: Gregory (1970).

Segundo Silva (1972a), o Serviço Internacional de Registro da Produção desenvolveu um método para identificar o animal produtor de carne para a reprodução, ou seja, através do Certificado de Produtor de Carne, e para que estes animais mereçam este certificado, devem obedecer às seguintes condições:

1) não menos de 10 descendentes podem ser usados para certificar um reprodutor;

2) o peso de carcaça quente deve ser igual ou superior a 567 g por dia de idade para novilhos castrados e 522 g por dia para novilhas;

3) a área de olho do lombo deve ser igual ou superior a 25,8 cm² por 100 kg do peso de carcaça quente;

4) a espessura da gordura sobre a área de olho do lombo não deve exceder a 0,15 cm por 100 kg do peso da carcaça quente;

5) o grau de marmorização deve ser baixo;

6) a metade da descendência deverá satisfazer as exigências em todos os aspectos e a média de todas as 10 descendências deve satisfazê-las também.

O sêmen dos animais portadores deste certificado é amplamente utilizado na inseminação artificial.

MATERIAL E MÉTODOS

O material a ser utilizado refere-se à carcaça bovina comercial (figura 3), ou seja, o corpo de bovino abatido, esfolado e eviscerado, do qual foram removidas as seguintes partes:

— membros torácicos — abaixo da articulação do carpo ou joelho zootécnico;
— membros pélvicos — abaixo da articulação do tarso ou curvilhão;
— pele (couro) — completamente removida;

— cabeça — separada na articulação atlanto-occipital;

— cauda (rabo) — separada na primeira ou na segunda articulação interocígea;

— gordura perirrenal, pélvica (sebo do rim) e inguinal (capadura), e glândula mamária nas fêmeas;

— rins — removido da região lombar;

— diafragma — cortado rente ao gradil torácico;

— sangria — parte dos músculos feridos durante a sangria e a divisão sagital mediana do pescoço.

Os demais materiais a serem utilizados são: balança de frigorífico; serra de aguçue; papel vegetal quadriculado; paquímetro; planilha de avaliação; câmara frigorífica, e carimbo recomendado pelo Serviço de Inspeção Federal.

O peso de carcaça quente (PCQ) será obtido antes da lavagem com água, a temperatura de 40°C e pressão de 3 libras/pol² (Picchi et alii, 1979). A espessura da gordura de cobertura (EG) e área de olho do lombo (AOL) serão medidas na seção transversal do músculo longissimus dorsi, após o resfriamento por 24 horas à temperatura de 2°C (Corte et alii, 1980).

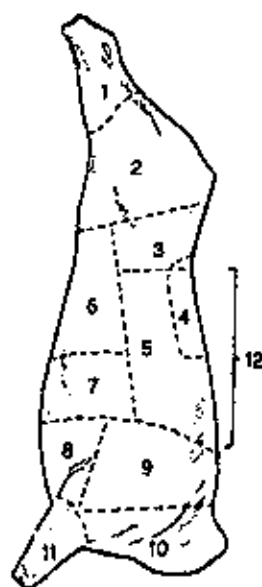
As avaliações de espessura da gordura de cobertura e da área de olho do lombo serão tomadas como referência, para treinamento do tipificador no que diz respeito à gordura de cobertura (GC) e musculosidade (MU), devendo ser anotado o tipo de conformação (CO).

A cada uma das características serão atribuídos valores arbitrários, e a soma total dos pontos obtidos na avaliação determinará a sua classificação e tipificação após o julgamento.

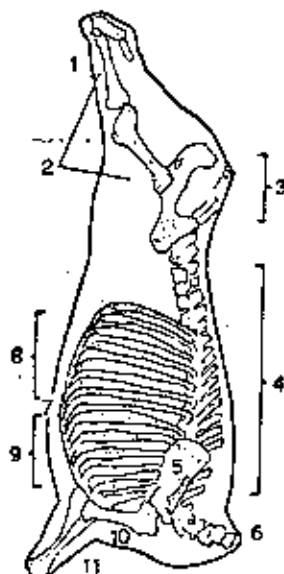
CARACTERÍSTICAS DA CARCAÇA

Gordura de Cobertura (GC) — É desenhável uma camada fina e uniforme sobre a carcaça. A falta prejudica na conservação da peça em câmara frigorífica, mas o excesso a torna indesejável. A avaliação seria feita subjetivamente da seguinte forma:

PRINCIPAIS CORTES DE BOVINOS



- 1 - GARRÃO TRASEIRO
- 2 - COXÕES: DURO E MOLE, PATINHO
- 3 - ALCATRE
- 4 - FILÉ MIGNÓN
- 5 - FILÉ
- 6 - PONTA DE AGULHA
- 7 - MATAMBRE
- 8 - PEITO
- 9 - ACEM
- 10 - PESCOÇO
- 11 - GARRÃO DIANTEIRO
- 12 - CONTRA FILÉ



- 1 - OSSOS DO GARRÃO
- 2 - OSSOS DA COXA
- 3 - OSSOS DA BACIA
- 4 - VÉRTEBRAS (SACRAS, LOMBARES E TORÁXICAS)
- 5 - OMOPLATA
- 6 - VÉRTEBRAS CERVICAIS
- 7 - ESTERNO
- 8 - FALSAS COSTELAS
- 9 - COSTELAS
- 10 - ÚMERO
- 11 - RÁDIO

Fig. 3 — Carcaça bovina comercial com as principais cortes e ossos e as denominações respectivas (Santiago, A.A., "Pecuária do Corte no Brasil Central", 1970, p. 165).

Código	Gordura	Espessura, mm	Valor (pontos)
01	Ausente	< 1	00
02	Escassa	1 a 2	15
03	Mediana	3 a 5	25
04	Uniforme	6 a 9	15
05	Excessiva	≥ 10	00

Espessura da Gordura de Cobertura (EG) — Avaliada quantitativamente. Pode ser medida na seção transversal do músculo *longissimus dorsi*, entre a 12.ª e 13.ª vértebras torácicas (figura 4).

Musculosidade (MU) — Será feita uma avaliação subjetiva, quando houver impossibilidade de se cortar a coluna vertebral no sentido transversal. A massa muscular deverá ter uma correspondência com a área de olho do lombo, da seguinte forma:

Código	Musculosidade	Área de olho do lombo, cm²	Valor (pontos)
B	Ótima	> 78	16
R	Boa	71 a 77	14
A	Regular	63 a 70	10
S	Média	55 a 62	06
I	Inferior	47 a 54	04
L	Deficiente	≤ 46	00

Área de Olho do Lombo (AOL) — Avaliada quantitativamente. Pode ser feita na seção transversal do músculo *longissimus dorsi*, entre a 12.ª e 13.ª vértebras torácicas (figura 4).

Conformação (CO) — É dada pelo maior ou menor desenvolvimento das massas musculares da região do coxão, região dorso-lombar e da paleta. É a maneira mais prática de se avaliar a mus-

culosidade da carcaça. Avaliada subjetivamente através do perfil das regiões mencionadas, podendo variar do hiperconvexo a côncavo, segundo o padrão inglês adotado no Brasil e os códigos modificados pelo Ministério da Agricultura¹ (Felicio et alii, 1979):

Código	Perfil	Musculatura
B	Hiperconvexo	hiper desenvolvida
R	Convexo	bem desenvolvida
A	Subconvexo	espessa
S	Retilíneo	medianamente desenvolvida
I	Subcôncavo	pouco desenvolvida
L	Côncavo	pobre

1/ Tipificação de carcaças de bovinos, Divisão de Padronização e Classificação do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal, 1978 (não publicado).

Peso de Carcaça Quente (PCQ) — É o indicador do tamanho da carcaça, não deve ser pequeno e nem excessivamente grande. O tamanho adequado facilita a manipulação e a comercialização. A avaliação quantitativa deverá ser feita com base em cinco faixas de peso, da seguinte maneira:

Código	Arrobas	Peso, kg	Valor (pontos)
01	< 15	< 195	00
02	13 a 14	195 a 209	16
03	14 a 15	210 a 224	25
04	15 a 16	225 a 239	33
05	≥ 16	> 240	43

Maturidade da Carcaça (MA) — Pode ser avaliada pela dentição ou ossificação das cartilagens da coluna vertebral. A maturidade da carcaça será considerada como indicadora de produtividade e da eficiência da pecuária de corte no país. Avaliada subjetivamente, da seguinte forma:

Código	Dentes incisivos permanentes	Ossificação das cartilagens	Valor (pontos)
I	0	Baixa	16
II	2	Ligeira	12
III	4	Média	06
IV	> 4	Alta	00

JULGAMENTO

O julgamento da carcaça será efetuado após a contagem total dos pontos obtidos na avaliação, o que permite classificar o animal em diversos tipos e categorias de acordo com a pontuação, que são as seguintes:

Tipo	Grau de qualidade	Categoria	Soma dos pontos
A	Superior	Novilho precoce	> 80
B	Bom	Novilho	60 a 79
C	Regular	Boi	40 a 59
D	Médio	Vaca especial	20 a 39
E	Inferior	Vaca	< 20

As categorias, são consideradas determinadas pela idade e condição sexual do animal: **Novilho precoce** — animal castrado com idade máxima de 30 meses; **Novilho** — animal castrado com idade compreendida entre 36 e 42 meses; **Boi** — animal castrado com idade superior a 42 meses; **Vaca especial** — animal com peso de carcaça quente igual ou superior a 180 kg; e **Vaca** — animal com peso de carcaça quente inferior a 180 kg.

CONCLUSÕES

Para concluir este assunto, convém repetir as palavras do zootecnista Luciano Ricardo Marcondes da Silva, que esclarecem tudo aquilo que foi dito anteriormente encorajam ao profissional de Zootecnia.

"A seleção baseada puramente em características raciais compromete, como já pudemos observar em algumas raças criadas em nosso meio, o desenvolvimento econômico de nossa pecuária de corte e impede o exercício profissional do zootecnista, na acepção exata da palavra. Empregando, porém, métodos que permitam avaliar objetivamente a produtividade de nossos rebanhos, estaremos caminhando para a verdadeira Zootecnia, ou seja, para a criação racional e econômica de animais domésticos. Só assim, poderemos vir a ter o maior rebanho bovino do mundo, com os maiores índices de destreite e de produção de carne por animal abatido."

ESQUELETO DO BOVINO DE CORTE

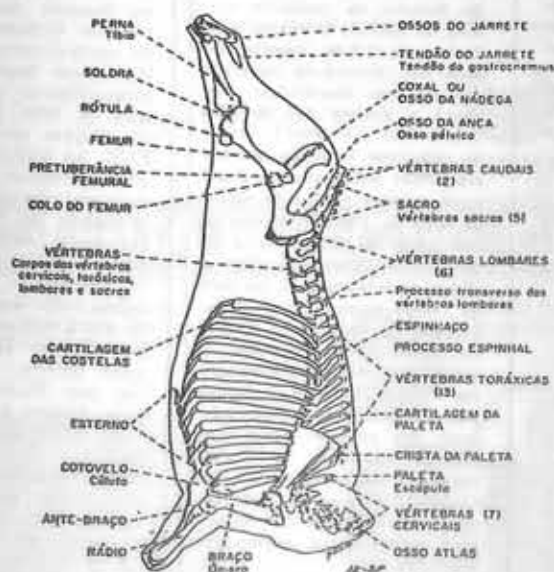


Figura 4 — Esqueleto do bovino de corte e nomenclatura respectiva (Santiago, A.A., "A Raça Santa Gertrudes", 1974, p. 277).



Sérgio Cardoso de Almeida, combativo deputado federal por São Paulo, esteve, em meados de abril último, em Nova York, como observador à reunião sobre os direitos do mar, mas deu um jeito de ver como andavam por lá as coisas do café. Voltou estarelecido com o que descobriu em matéria de escândalos e negociações, segundo mandou dizer ao jornal "O Estado de São Paulo". Por isso, o parlamentar afirma que convocará os representantes das principais firmas exportadoras de café para explicar uma série de aberrações quanto às cotas de exportação. É tamanha a marotagem, revela Cardoso de Almeida, que, embora homem da livre iniciativa e defensor da economia aberta, ele até se dispõe a sugerir que o Governo e IBC atuem com exclusividade na comercialização externa do café. Segundo o deputado, um americano ligado ao setor lhe confidenciou que "o melhor negócio do mundo não é possuir poços de petróleo, mas cotas do governo brasileiro para exportar café".

Jan C. Bonsma, especialista sul-africano em genética animal, criador da raça Bonsmara (Shorthorn-Herford e Afrikaner) e professor visitante por 47 vezes em 15 países, principalmente nos EUA, esteve pela quinta vez no Brasil, em abril último, a convite da Manah, como parte das comemorações do 35.º aniversário da empresa. Além de palestras a pecuaristas, em São Paulo e em Brotas, na fazenda da Manah, Bonsma dirigiu um seminário de dois dias, de que participaram 9 professores universitários, 8 pesquisadores, 5



técnicos de associações de criadores, 3 melhoristas de gado e 6 juizes de gado de corte. Em entrevista na sede da Manah, em São Paulo, o especialista sul-africano considerou "ridículos" os critérios de premiação de animais em expo-

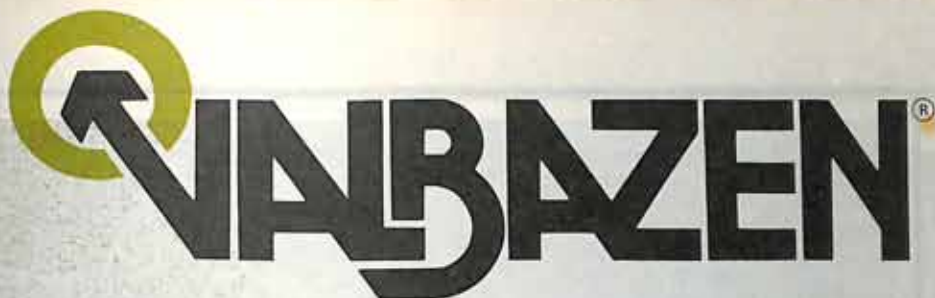
sições, por não levarem em conta sua eficiência funcional e capacidade de transmitir suas características. Disse que, por dez anos, estudou a vida de vacas premiadas em mostras oficiais e verificou, por exemplo, intervalos de 450 a 752 dias entre-partos; para touros, vários não conseguiam procriar. Bonsma deixou curiosos os presentes, ao afirmar que, se fosse para cruzar o Nelore com alguma outra raça, ele preferiria trabalhar com o Caracu. E chegou a sugerir que algum técnico brasileiro estudasse as possibilidades de ambas as raças.

Leovigildo Pacheco Jordão, que os leitores da Revista dos Criadores se habituaram a encontrar mensalmente em suas edições, através da seção "Revista das Revistas Zootécnicas", foi homenageado, em 25 de março último, pelo Conselho Federal de Medicina Veterinária. Em reunião plenária do órgão, foi outorgado a Leovigildo o Certificado de Inscrição Remida. O ato foi presidido pelo prof. José Cesar Panetta, do CRMV, tendo comparecido, além dos membros da diretoria, vários convidados especiais, entre os quais a profa. dra. Virginia Buff D'Apice, presidente da Sociedade das Senhoras dos Médicos Veterinários do Estado de São Paulo, e o dr. Osvaldo Domingues Soldado, presidente da Sociedade Paulista de Medicina Veterinária. Em quase cinquenta anos de atividade públicas e profissionais, Leovigildo Pacheco Jordão exerceu, entre outros, os seguintes cargos e

funções: presidente da Sociedade Paulista de Medicina Veterinária (1944); secretário geral e membro de comissões científicas dessa entidade (vários anos); chefe da Seção de Genética Animal e Reprodução, diretor da Divisão de Zootecnia e Nutrição Animal, diretor geral do Departamento da Produção Animal de São Paulo; membro de bancas examinadoras em concursos públicos para provimento de cargos ou funções de professor catedrático, livre docente ou assistente de várias escolas de Medicina Veterinária e Agronomia; de professores e mestres do Ensino Agrícola de São Paulo; de fiscais visitantes do Banco do Brasil; de veterinários e zootecnistas da Secretaria da Agricultura de São Paulo; cargos de redator-chefe do Boletim de Indústria Animal, da Revista Zootecnia e da Revista da S.P.M. Veterinária; idem das revistas de vulgarização Seleções Zootécnicas (14 anos) e Revista das Revistas Zootécnicas (6 anos); autor de trabalhos originais técnico-científicos publicados no Brasil e no exterior (cerca de 52) e de mais de 1 000 trabalhos de divulgação da Zootecnia e da Veterinária publicados em revistas especializadas e na antiga "Folha Agropecuária"; colaborador da Revista dos Criadores desde 1955; membro de sociedades científicas estrangeiras (Itália, Espanha e latino-americanas); um dos introdutores dos estudos sobre inseminação artificial no Brasil; membro "ad perpetuum" do Colégio Brasileiro de Reprodução Animal; aposentado do serviço público como pesquisador científico.



José Luís do Amaral Filho, médico veterinário pela Universidade de São Paulo e que testa na prática, na fazenda da família, em Vargem Grande do Sul, SP, os conhecimentos adquiridos, já fez sua opção: vai mesmo especializar-se em bovinocultura de leite. José Luís está de viagem marcada para os EUA, no início de junho próximo. Primeiro segue para a Georgia, depois, a partir de setembro, na Montana State University, de Bozeman, inicia seu curso de pós-graduação. O veterinário, que tem sido colaborador assíduo da Revista dos Criadores, pretende especializar-se em nutrição de gado leiteiro. Sua permanência nos EUA deverá durar pelo menos um ano, e José Luís pretende aproveitar feriados e fins-de-semana para conhecer outras regiões norte-americanas de criação, além das que já constam de seu programa de estudos no Estado de Montana.



o vermífugo que não escolhe vermes: acaba com todos.

AÇÃO TOTAL

A ação dos vermífugos injetáveis e orais até agora existentes não permitia a eliminação total dos vermes, apesar de alguns deles serem chamados de amplo ou largo espectro. Surge então o VALBAZEN, que não é apenas mais um produto de largo espectro; VALBAZEN é um vermífugo que mata todos os vermes, não deixando nenhum para contar a história.



FÁCIL APLICAÇÃO

VALBAZEN é um vermífugo oral, fácil de aplicar. O próprio botijão/embalagem é colocado às costas e ligado à pistola dosificadora com ou sem cânula-gancho.

RAPIDEZ E SEGURANÇA

VALBAZEN tem ação rápida, eliminando vermes adultos, larvas e ovos logo após a aplicação. Além disso, é totalmente seguro.



SmithKline

OFERTA ESPECIAL DE LANÇAMENTO

GRÁTIS

Robusta caixa metálica para inúmeros usos, como porta-ferramentas para a Pick-up.

GRÁTIS

Pistola dosificadora e cânula-gancho.

GRÁTIS

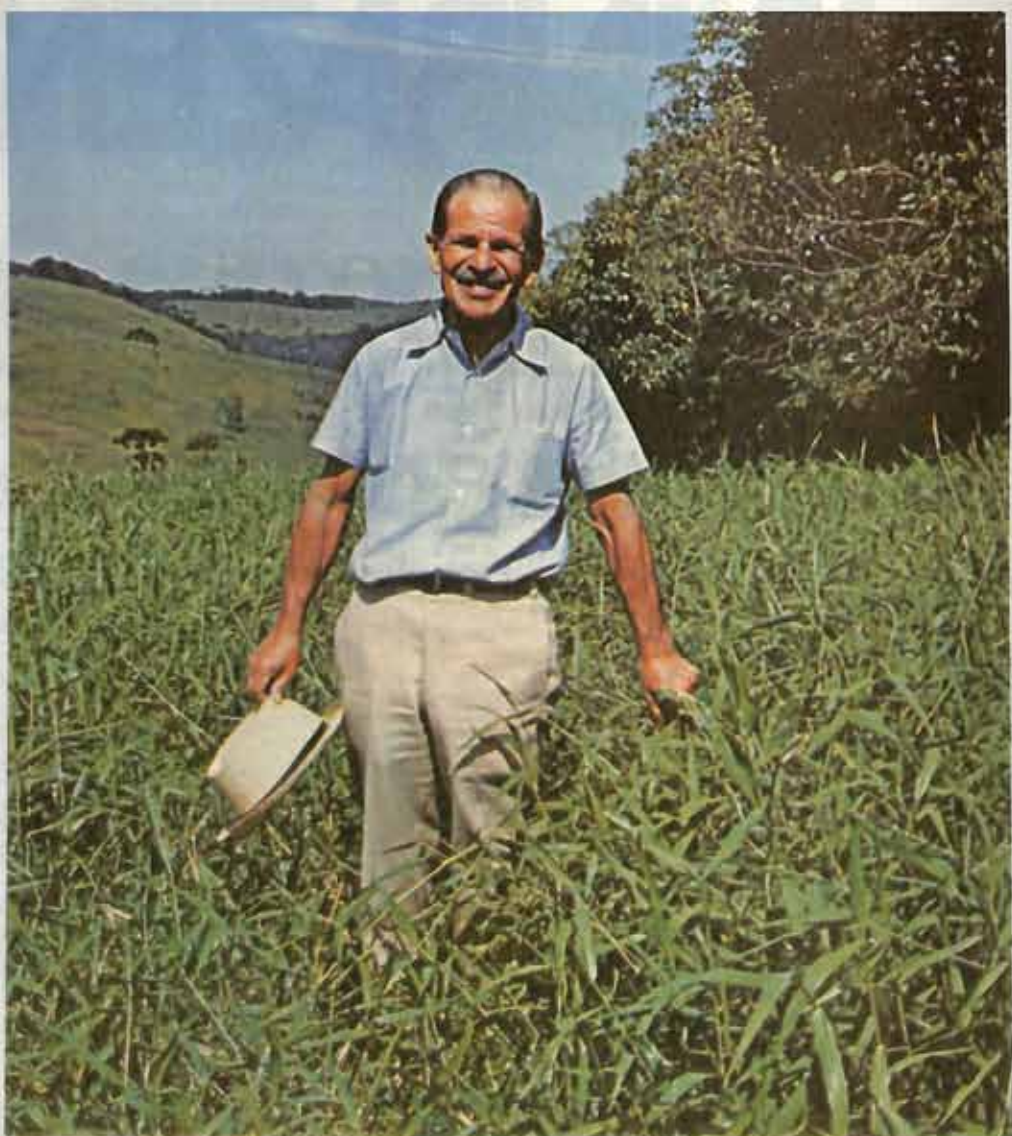
Maleta plástica, a grande moda do momento.



Você ganha tudo isto na compra de 5 botijões de 5 litros.

Na compra de 6 botijões de 1 litro.

O FAZENDEIRO DO MÊS

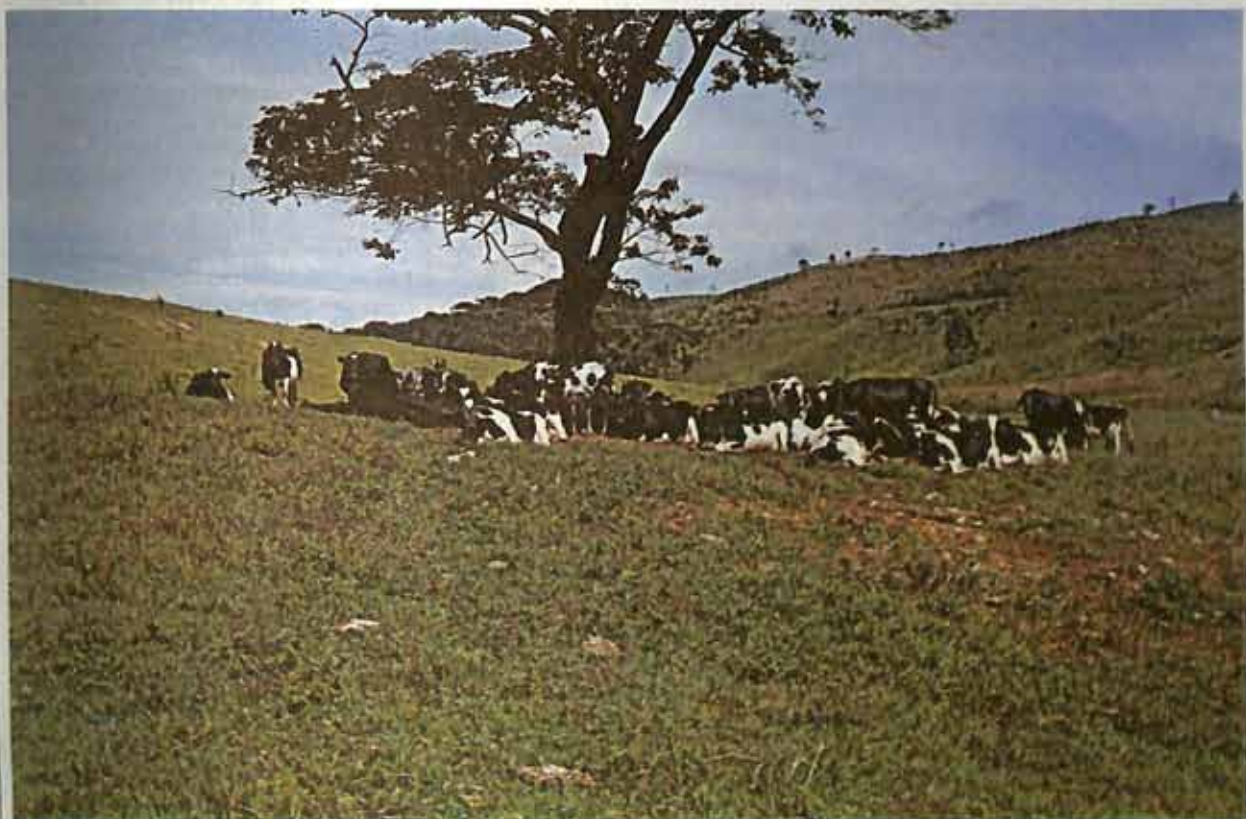


Tamanho é a preocupação de Paulo em relação a seus pastos que, se falta tempo, ele não vê o gado, mas as pastagens nunca deixa de ir.

Paulo Moreira Rodrigues é fazendeiro por decisão própria, tomada amadurecidamente, embora aos 21 anos de idade. Ninguém pense, contudo, que foi porque não desse para os estudos ou os seus possuísem terras para distribuir em vida. Até ao contrário: ele acabara de ingressar na Escola Politécnica de São Paulo, para cursar Engenharia; o pai era professor secundário, lecionando Geografia em Guaratinguetá; a mãe, dava aulas de Matemática. Ter fazenda foi, sim, a forma que Paulo encon-

trou para ser dono de seu futuro, desde cedo.

Fassados 38 anos daquele começo duro, Paulo lembra como tudo aconteceu e não se arrepende: a Fazenda Córrego Frio, no município de Lorena, SP, já tem as feições que ele deseja; a Benvinda, a 12 quilômetros de distância, está posta no mesmo trilho de melhora progressiva, e a Cooperativa de Laticínios de Guaratinguetá, de que é o presidente, mantém sua posição destacada dentro do sistema cooperativista no Estado. Casado e pai de dois fi-



O gado de produção da fazenda é mestiço Holandês-zebu, e o programa de cruzamentos busca manter sempre a rusticidade nos animais.

lhos que prometem seguir-lhe os passos, a mulher também vivamente interessada no negócio, ele não tem por que se queixar.

O INÍCIO

Atualmente dono das Fazendas Córrego Frio e Benvinda, respectivamente com 180 e 110 alqueires paulistas, no Vale do Paraíba, a "vida de fazendeiro" de Paulo começou com um sítio de 30 alqueires, de nome Retiro Velho, agora zona urbana de Guaratinguetá. A área foi comprada por Paulo ao próprio pai, em 1943, para pagamento em três anos. Vencido o prazo, a conta estava líquida, graças à venda de mórões de candeias, existente nos matos do sítio, e "algum gadinho mascateado", como recorda. Por sinal que os primeiros 16 animais, en-

gordados por ano e meio em pasto alugado, fizeram uma amizade que dura até hoje: o prof. João Rodrigues Alckmin cedeu os pastos e se esqueceu de cobrar...

No entanto, foi uma sociedade formada com Dario Rodrigues Leite que permitiu a Paulo desenvolver os negócios rurais e ganhar experiência no setor. Ambos passaram a explorar a Fazenda Santo Antônio do Pinhal, com 200 alqueires, Paulo permanentemente à testa do negócio, formando pastos, comprando e vendendo animais, enquanto se aprontava a infraestrutura para produção local de leite. O acerto durou até 1964, quando a sociedade se desfz e Dario faleceu. A entrega de leite já andava, porém, na casa dos 1.000 litros por dia.

Paulo admite que foi esse o período fundamental para sua vida, pois,

juntamente com aquisições de terras para a sociedade, também as fazia em seu próprio nome. A Córrego Frio de hoje se formou, assim, em compras sucessivas desde 1953, completando-se a área atual de 180 alqueires em 1964. As terras eram baratas e Paulo se lembra de que, certa feita, chegou a alquilar 60 alqueires em Lorena com o valor de 50 vacas vendidas. Os 110 alqueires da Benvinda vieram em 1965, com os recursos obtidos da alienação de vários sítios dispersos pela região.

O LEITE

Paulo acredita na vocação do Vale do Paraíba para o leite, em suas áreas montanhosas, especialmente porque dista apenas 180 quilômetros de São Paulo. E, quando toca

no assunto, chega a demonstrar impaciência ante a insensibilidade oficial, que assiste, sem reação, ao abandono progressivo da região ou a transformação de suas terras em chácaras de lazer.

Que é possível produzir leite bom e barato nos morros do Vale, Paulo prova com seu próprio exemplo. Em 130 alqueires de pastos, formados em sua quase totalidade em morros, ele mantém um rebanho de 200 vacas, 180 novilhas e 70 bezerros, com um consumo mínimo de suplementos comprados, para uso exclusivo do gado em lactação, no período da seca. E a propriedade tem garantida uma produção diária de 1.064 litros (média de 1981), afora mais 120 litros para consumo interno, também diariamente.

É exatamente do alto de um desses morros da Córrego Frio que Paulo, olhando a imensidão de terras esgotadas ao seu redor, representando milhares de vezes a área de sua fazenda, nota, desolado: a Cooperativa recolhe, ali, no "alto" Vale, 20.000 litros diários de leite; só a

Fazenda Córrego Frio produz, no entanto, 1.000 litros/dia.

SISTEMA

A experiência de Paulo garante que um sistema já testado de produção de leite no pasto é capaz de conferir boa rentabilidade à exploração leiteira, com um mínimo de ração comprada. O sistema se baseia no aproveitamento intensivo de pastagens formadas, entrando o uso de concentrados apenas a partir de



Aqui se vê bem como Paulo cuida do que é seu: além da cerca, muda bem a paisagem.

meados de abril, quando decai a produção natural dos pastos. No caso de Paulo, para 150 vacas em lactação, o consumo médio de farelo de algodão é de 300 sacos/mês, no período mais crítico (julho e agosto), e apenas a metade desse gasto no início e final da seca. Com a silagem de milho (600 toneladas anuais), mais o plantio de aveia forrageira (7 alqueires, com dois cortes e um pastoreio direto), a produção se mantém entre 7,5 e 8 litros/vaca/dia.

O gado é mestiço Holandês-zebu, com preferência de Paulo pelo 3/4 de sangue europeu. Mas se chega até os 7/8, quando novamente se cruzam as fêmeas com reprodutor Gir; são raras as vacas com 15/16 de sangue Holandês, mantidas apenas quando se revelem rústicas e produtivas.

Embora se viesse preocupando, desde 1960, com a reforma de seus pastos, foi a partir de 1974 que Paulo descobriu o caminho certo do sistema, graças a um convênio firmado entre a Cooperativa e o Pla-



Marcus (à direita, na foto) é o agrônomo que dá assistência à Cooperativa.

**Acabaram-se as dificuldades de dar ração
no campo!
Acabou-se a perda de peso do gado na seca!**

CHEGOU PASTURINA, O NUTRIMENTO IDEAL PARA A SUPLEMENTAÇÃO DE PASTAGENS!



- Pasturina é para ser dada no chão, diretamente no pasto, sem a necessidade de cochos! Não precisando de cochos, o Sr. faz uma economia enorme! Para dar Pasturina ao gado, basta jogar o produto no pasto, numa linha reta.
- Pasturina é apresentada em forma de "cubos" grandes (veja a foto maior, com a Pasturina em tamanho natural). A palatabilidade da Pasturina é ótima! O gado vai comer apetitosamente, como se vê na foto menor, na Fazenda Matinha, em Uberaba, MG.
- Alimentar o gado no pasto (sem precisar investir em cochos) e mantê-los ganhando peso na seca é bom negócio, é mais lucratividade!

Visite o Revendedor Purina mais próximo à sua fazenda. Ele terá Pasturina à venda, e, à sua disposição, muitas informações sobre este novo produto Purina de alta qualidade.

Purina
Alimentos Ltda.



O FAZENDEIRO DO MÊS

nam — Plano de Melhoramento da Alimentação e Manejo do Gado Leiteiro. Marcus Mário Silva Ferreira, o agrônomo destacado para trabalhar em Guaratinguetá, introduziu na Córrego Frio várias gramíneas que se adaptaram excepcionalmente, contrariando até expectativas de muitos técnicos.

Basicamente, como explica Paulo, o sistema de produção de leite no pasto consiste em formar pastagens, diversificando as gramíneas, e garantindo suplementação de volumosos para a seca, através da silagem e do plantio de aveia. Os pastos nascem em lavouras de milho, a partir de canteiros de mudas formados ao lado da área a ser implantada. É essencial, porém, corrigir previamente a acidez e toxidez de alumínio do solo, bem como proceder a adubações de formação e recuperação. No caso da Córrego Frio, usaram-se 8 toneladas de calcário e 4 de fosfato de Araxá por alqueire, como correção, mais 250 kg de potássio por alqueire, em cobertura. A cada dois anos, repetem-se adubações de recuperação, com 250 kg de sulfato de amônio por alqueire, sempre após análise de solo.

Para o preparo do solo, adubação e qualquer trato, usam-se os meios disponíveis e aconselhados, da mecanização à tração animal e trabalho braçal. O importante, diz Paulo, é não deixar terreno sem cobertura vegetal seja para dar-lhe uso produtivo, seja para protegê-lo contra a erosão.

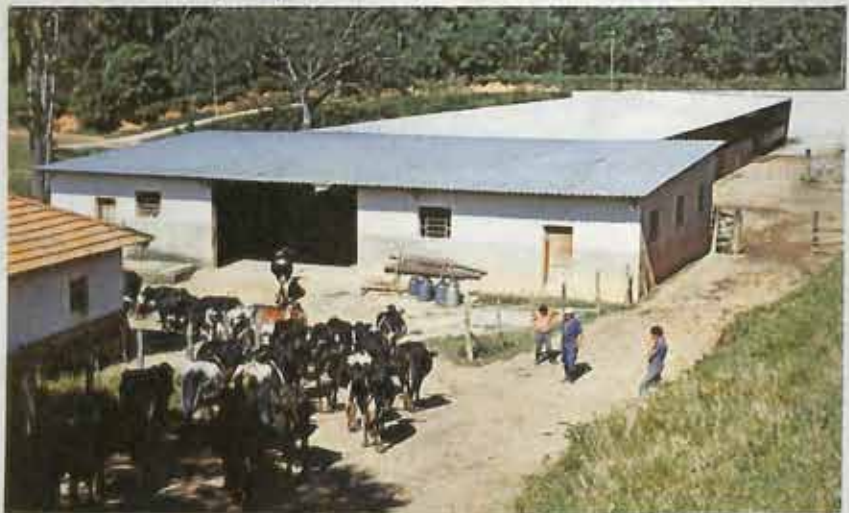
AS GRAMÍNEAS

Na Córrego Frio, as leguminosas não se deram bem, mas há pastos excelentes formados com tango, braquiárias ruzienses e dictyoneura e capim napier, em maior escala, além de áreas com braquiárias decumbens e humidicola e capim quicúio. Em alguns piquetes se ensaiam outras introduções, enquanto se abandonam a coast cross, estrela africana, estrela de Porto Rico e as digitárias de modo geral, por darem baixo volume de matéria verde e serem exigentes.

O sistema já está implantado e permite que não mais haja neces-



Aqui se prepara o solo para o plantio de aveia.



Instalações são sem luxo e funcionais.



Quicúio sofreu com o ataque da cigarrinha e ainda mostra uma ninfa viva.

sidade de manter capineiras, pois até o napier, antes utilizado como reserva, passou a ser pastoreado com melhor aproveitamento. A diversidade de capins e a diferença de seu comportamento durante o ano permite à fazenda utilizar as áreas em rodízio, aproveitando o melhor dos pastos para as vacas em lactação. "Leite sai da ponta do capim" — costuma dizer Paulo. É por isso que, na Córrego Frio, só faltam 40 alqueires para serem formados em pastagens, e a cada dia aumenta o número de fazendeiros que visitam a Córrego Rico para ver de perto o trabalho que ali se desenvolve. ●



Ordenha é a mais delicada operação na exploração leiteira

LUCIANO RICARDO MARCONDES DA SILVA

Nesta terceira e última parte de seu trabalho, sobre o manejo da produção de leite, Luciano Ricardo Marcondes da Silva, pesquisador científico da Estação Experimental de Zootecnia de Pindamonhangaba, SP, dedica especial atenção aos fatores que interferem na ordenha. Os textos anteriores foram publicados nas edições de março e abril últimos.

Com relação às instalações para o rebanho leiteiro, o criador deve observar que elas atendam a pelo menos quatro requisitos básicos:

- possuam uma boa sala de ordenha;
- permitam boa distribuição dos alimentos;
- propiciem conforto e boa ventilação aos animais, no verão;
- ofereçam condições para a retirada e tratamento do estrume.

Quanto à ordenha mecânica, pode-se dizer que esta é uma prática insubstituível. As causas de insucesso, nas propriedades que as possuem, geralmente se devem, de acordo com Grignani (1970), a dois fatores básicos: por ser realizada indiscriminadamente em vacas de todas as idades, hábitos à ordenha manual, ou por ser confiada a pessoal não suficientemente preparado.

Alguns criadores, mesmo entre os experientes, acreditam que a ordenha mecânica promove uma diminuição na produção, em comparação com a manual. O que ocorre, na verdade, é o inverso: feito devidamente o cortejo, a ordenha mecânica reduz os gastos, apresentando, ainda, vantagens de natureza higiênica e social.

O mesmo Grignani (1970) estabelece as seguintes regras básicas para se realizar a ordenha mecânica:

- evitar qualquer preocupação ao animal;
- estimular a secreção do leite um minuto antes da ordenha;
- utilizar a ordenhadeira, seguindo atentamente as instruções da firma fabricante;
- não realizar a estimulação da vaca com a máquina;
- desligar o equipamento tão logo cesse o fluxo de leite.

Uma boa ordenha deve ser realizada nos primeiros 4 a 5 minutos após início do fluxo de leite.

A PRODUÇÃO

A ordenha é a operação mais delicada, sem dúvida, de todas as efetuadas no manejo das explorações vacúas. A vaca ordenhada incompletamente oferece condições para o surgimento de mastites no rebanho, sobretudo se o estado higiênico ambiental já deixa a desejar.

A necessidade de se selecionar animais aptos para a ordenha mecânica é determinada pelo fato de que a mão do homem pode adaptar-se aos diversos tipos de peitos e tetas, mas a máquina de ordenhar não, pois esta foi concebida para um tipo-padrão de úbere e tetas.

Nesse sentido, segundo Curto, os aspectos mais importantes, tendo em vista a seleção de animais apropriados à ordenha mecânica, são os seguintes: a) características morfológicas do peito e das tetas;

- b) produção láctea de cada quarto mamário;
- c) duração da lactação;
- d) duração da ordenha;
- e) intervalo de tempo decorrido entre a lavagem e a mensagem do úbere e o início da emissão do leite;
- f) duração da emissão do leite;
- g) possibilidade de realizar a ordenha total e parcial à máquina;



11 Congresso Mundial
de Genética Aplicada
à Produção Pecuária.

MADRI — ESPANHA
4 a 8 de Outubro de 1982

h) velocidade da ordenha, expressa em quilos de leite emitidos no primeiro minuto;

i) quantidade de leite obtida na ordenha;

j) comportamento durante a ordenha.

A seleção morfológica da vaca, pela conformação específica do peito e das tetas, e, em particular, a concavidade da parte média dos músculos da face interna do cossão, apto para corte, para preservação de traumatismos, representa uma característica a que os zootecnistas atribuem um notável valor.

A quantidade de leite produzida nos quatro quartos deve tender a ser a mais parecida possível. Com isso, se procura impedir que os que têm menos leite sejam ordenhados mais rapidamente e, dessa forma, sejam submetidos à chamada ordenha em vazio. A ordenha em vazio determina alterações dos tecidos mamários íntimos, com possibilidade de hemorragias ou mesmo um excessivo fluxo de sangue sobre a extremidade distal da teta.

Politick (1961) verificou, em 1.058 controles efetuados em primíparas Friesas, que os quartos anteriores produziram 44,5% de todo o leite obtido. Wilks (1950) encontrou, para os quartos anteriores, 40,8%; outros autores estrangeiros, 40,1%. Keestra (1963) anotou 43,5% na raça Holandesa.

Como média, é possível afirmar que a quantidade de leite produzido pelos quartos anteriores é aproximadamente de 42,7% da obtida. A diferença de produção entre os quartos da esquerda e os da direita, mencionada por alguns autores, não tem sido confirmada por outros. Pode-se, assim, dizer que a produção de ambos é aproximadamente idêntica.

Todos os criadores estão conscientes da importância que tem o aumento da duração da lactação, já que esta é condição essencial para elevar a produção por cabeça. Para alcançar, porém, esse objetivo fundamental, é necessário conservar em perfeita higiene o aparato mamário. Isso é possível, controlando-se:

— a execução da ordenha, para detectar oportunamente as vacas que apresentam lesão no aparelho mamário;

— as máquinas ordenhadeiras, particularmente os tubos e as partes de borracha, sujeitos a fácil deterioração, tendo o cuidado de manter o vazão constante, sobretudo o nível das intemas;



Colocação da teteira no momento preciso é de importância fundamental.

— a seleção pelos caracteres leiteiros das fêmeas nos rebanhos.

O TEMPO

A duração da ordenha tem importância econômica, levando-se em conta o valor da mão-de-obra especializada, como são os ordenhadores, e tem importância higiênica, já que a maior ou menor duração da operação é proporcional, respectivamente, aos maiores ou menores percentuais de afecções no peito e também nas tetas.

A redução do tempo de ordenha está relacionada com as características individuais da vaca, a capacidade do ordenhador e o bom funcionamento da instalação. Esse tempo varia, dentro das raças e mesmo entre animais da mesma raça. A Frísia italiana, por exemplo, tem um tempo médio de ordenha de 3 minutos e 30 segundos; a Frísia holandesa, de 4 minutos e 40 segundos.

Em geral, os animais de elevada produção têm tempo mínimo de ordenha; em contrapartida, os de baixa produção têm tempos máximos. Este tempo varia na mesma vaca e tende a aumentar o período de sua lactação.

A função do retirador consiste em aplicar a teteira no momento preciso, porque,

se a operação é iniciada antecipadamente, a ordenha se realiza no vazio, com todas as consequências negativas sobre os tecidos íntimos do peito e das tetas. Se a aplicação das teteiras se realiza com atraso, não se obtém o máximo proveito do breve período (4 a 6 minutos), durante o qual o animal pode dar o leite, por estar sob a ação da oxitocina. Pesquisadores de diferentes países que vêm trabalhando nesse assunto têm encontrado um tempo médio de um minuto e seis segundos para esse período. Na prática, considera-se que a aplicação das teteiras deve

ocorrer num tempo não inferior a um minuto.

O tempo transcorrido entre o começo da emissão do leite e o começo do esgoto tem a duração média de 5 minutos. Em animais que, sob ordenha mecânica, emitam o leite lentamente, pode ocorrer que, ao final deste breve período, não estejam completamente ordenhados. Isto é causa de notáveis danos, pela aparição de mamite, e, também, de uma diminuição progressiva da produção láctea. A duração da lactação, nesses casos, pode reduzir-se a menos de 200 dias.

Os motivos que aconselham a realização do esgoto à máquina são os seguintes:

- conduz diretamente o leite residual aos baldes de recolhimento;
- evita dispersão de leite no chão, o que sempre eleva a carga bacteriana;
- reduz o tempo necessário ao esgoto, quando comparado à ação manual.

Diversos autores têm estabelecido o tempo médio de 20 segundos para o esgoto.

A VELOCIDADE

Por velocidade de ordenha se entende a quantidade de leite, expressa em quilos ou litros, obtida de uma vaca submetida



**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
CRIADORES DE CAVALOS
DA RAÇA MANGALARGA**

(Fundada em 1934)

QUEM SABE O QUE VALE
UM CAVALO É O CAVALheiro
MONTE UM MANGALARGA
E VERIFIQUE O SEU VALOR
Av. Francisco Matarazzo, 455
(Parque Fernando Costa)
05001 — São Paulo — SP
Tel.: 62.6269 (DDD 011)

a ordenha mecânica, durante um minuto. Essa característica é denominada de grau de ordenhabilidade.

A velocidade da ordenha depende de:
a) intensidade da descarga de oxitocina;
b) elasticidade do esfíncter da teta, que não deve deixar sair o leite antes da ordenha e, em contrapartida, deve deixá-lo sair com facilidade durante a operação;
c) características individuais, que promovem diferenças nos tempos de um animal para outro. Numa mesma vaca, a ordenhabilidade se mantém pouco variável ao princípio, meio e final do período de lactação.

Em geral, as primíparas possuem um elevado grau de ordenhabilidade e são esgotadas quase completamente à máquina, reduzindo-se a quantidade do leite de esgoto a valores mínimos. Alguns autores estabeleceram os seguintes valores médios para o grau de ordenhabilidade: Politiek (1960), de 2,01 kg/minuto, em 1.058 primíparas; Keetra (1963), de 2,05 kg/minuto, na vaca Frisia holandesa; Desvignes e Poutons (1963), de 2,01 kg/minuto, na raça Parda Alpina.

A quantidade de leite obtida com o esgoto varia entre valores notavelmente amplos de um animal a outro, em decorrência da característica da individualidade. Os animais jovens apresentam valores mais baixos que os velhos. Politiek (1961), com 1.050 Frísias holandesas, obteve um valor médio de 0,5 litros (com variações de zero a 2 litros). Keetra (1963), na mesma raça, encontrou um valor médio de 0,369 litros.

A vaca, durante a ordenha, tem necessidade de quietude, distensão, isolamento e quase relaxamento.

ADAPTAÇÃO

Nos rebanhos leiteiros, se tem podido estabelecer que filhas de diferentes reprodutores possuem adaptabilidade à ordenha mecânica também diferentes. Observa-se que os tempos de ordenha são, igualmente, bastante variáveis de rebanho para rebanho.

Em muitos casos, vacas que se adaptavam mal à ordenha mecânica têm reduzido progressivamente a duração do período de lactação, tanto que se torna necessário eliminá-las do rebanho, por se transformarem em unidades antieconômicas de produção. Tem-se reconhecido, também, a grande importância da seleção genotípica dos caracteres de ordenhabilidade e, assim como os de adaptação à ordenha mecânica.

A inadaptabilidade à ordenha mecânica pode ser transitória ou permanente: no primeiro caso, é geralmente adquirida; no segundo, é exclusivamente congênita. Em ambas as situações, a inadaptabilidade pode depender de defeitos de ordem anatômica e patológica, em relação às tetas e ao peito, e de defeitos de ordem fisiológica e, enfim, de defeitos de natureza psíquica, relativamente ao comportamento do animal, isto é, a vícios.

Os defeitos de ordem anatômica em relação às tetas, e que comprometem a ordenha, são os seguintes:

tetas pequenas e curtas — a ordenha manual torna-se cansativa, lenta e difícil. Pode ser realizada somente com o polegar. O grau de ordenhabilidade é baixo, com um valor médio de menos de 0,8 kg no primeiro minuto. As tetas com esta conformação prestam muito bem à ordenha mecânica. O grau de ordenhabilidade é elevado, com valores superiores a 2,5/3,0 litros no primeiro minuto;

tetas gordas e curtas — idem ao caso anterior;

tetas compridas — a ordenha manual é facilitada, sendo bom o grau de ordenhabilidade. No caso de ordenha mecânica, deve-se tomar cuidado para que as teteiras não avancem demasiado, obstruindo a saída do leite da cisterna mamária. Neste caso, também é bom o grau de ordenhabilidade. A ordenha manual pode ser alta, promovendo o abalamento na parte distal das tetas, ou baixa, abalando a base das tetas. Na ordenha mecânica, não existe esse problema.

tetas em forma de pera — a ordenha manual permite corrigir o defeito, se a empunhadura é baixa. A ordenha mecânica corrige o defeito. O grau de ordenhabilidade, nos dois casos, pode ser bom;

tetas em forma de funil — a ordenha manual pode corrigir o defeito, se a empunhadura é alta. A ordenha mecânica corrige o defeito. O grau de ordenhabilidade pode ser bom nos dois casos.

Os defeitos relacionados com a posição das tetas são os seguintes:

tetas em posição atípica — a ordenha manual é possível, e a ordenha mecânica limita-se à posição típica;

tetas muito próximas — a ordenha manual é possível, sendo o grau de ordenhabilidade diretamente proporcional à habilidade do ordenhador. A ordenha mecânica é possível com a condição de que cada teta entre na teteira;

tetas juntas — a ordenha manual é possível, o grau de ordenhabilidade ficando na dependência da habilidade do ordenhador. A ordenha mecânica, geralmente, é impossível.

OUTROS FATORES

Além desses fatores, expostos em trabalho de Grignani (1970), se poderia, ainda, considerar os aspectos higiênicos e profiláticos com relação à ordenha e que, direta ou indiretamente, influem sobre a produção de leite.

A limpeza diária do estábulo, o combate às moscas, a higiene dos baldes e demais equipamentos de ordenha, o asseio pessoal e as roupas limpas dos homens do estábulo representam defesas do produtor contra o grau elevado de contaminação que o leite pode adquirir.

O ordenhador, após lavar as tetas das vacas, com água aquecida, e promover a massagem de estímulo, deve realizar, com os primeiros jatos de leite de cada teta, prova da caneca de fundo preto, que permite detectar a mamite, caso o leite apresente flocos ou grumos. Após esse teste, são colocadas as ordenhadeiras, que devem trabalhar de 4 a 6 minutos. É importante que se observe sempre a pressão do vácuo, pois, abaixo ou acima do nível, produzem-se resultados inconvenientes para as tetas. Logo após a retirada das ordenhadeiras, deve-se proceder ao esgoto manual, para evitar-se o acúmulo de leite residual no úbere, o que produz uma redução acentuada dos níveis de produção e, conseqüentemente, da produção total de uma lactação. As tetas devem ser desinfetadas logo após o esgoto manual.

Periodicamente, deve-se submeter os animais a um teste de mastite subclínica (CMT ou Whiteside), a fim de detectar o problema em seu início e proceder ao tratamento recomendado pelo médico veterinário. A mastite, como se sabe, é um dos principais problemas na produção de leite.

Considerando que o leite é um dos principais produtos da alimentação humana, por sua alta qualidade em nutrientes, é responsabilidade intransferível dos criadores para com a sociedade aumentar a possibilidade de seu consumo pela população, bem como a qualidade do produto. ®

SEMENTES SEMEAGRO



Sementes controladas
de gramíneas e
leguminosas.

2.500 ha de canteiros próprios
em Andradina — SP

Humidicola - Setária -
Decumbens - Ruziziensis -
Rhodes - Colômbio - Siratro -
Lab-Lab - Mucuna - Soja Pe-
rene - Milho - Arroz.

SEMEAGRO — Produ-
tores de Sementes Ltda.

FAZENDA GUANABARA
Rodovia Gal. Euclides Figueiredo —
Km 209 — Andradina — SP —
Fone: (0187) 22-2533 — Telex 11
— 32583 — Mour — BR

Nível baixo de açúcar no sangue pode causar cetose

JOSÉ LUIS DO AMARAL FILHO

A cetose, também chamada de acetona ou febre de leite atípica, é um distúrbio no metabolismo de carboidratos, associado a uma infiltração gordurosa do fígado. A cetose geralmente ocorre em vacas de alta produção leiteira, de 10 a 60 dias após o parto. O pico da ocorrência é, geralmente, ao redor de 3 a 4 semanas após o parto.

O primeiro sintoma da doença é a abrupta ou gradual perda do apetite. Se os alimentos forem administrados separadamente, o concentrado é o primeiro a ser recusado, depois a silagem e, por fim, o feno. O rúmen, geralmente, está inativo, e a vaca começa a apresentar sinais de constipação. A perda do apetite é acompanhada por uma queda acentuada da produção de leite, uma rápida perda da condição orgânica e uma aparência emaciada. Pode-se, também, detectar um odor característico (cheiro de acetona) no ar expirado da vaca ou em seu leite. Na maioria dos casos de cetose, a vaca mostra-se em depressão, desanimada e apática, mas aproximadamente 10% dos casos de acetona são do tipo "nervoso", no qual a vaca é altamente excitável.

Cerca de 1/3 de todos os casos de cetose são chamados "cetose secundária", pois eles estão frequentemente associados com retenção de placenta, metrite puerperal e outros distúrbios. Nestes casos, os problemas que estão causando complicações devem ser resolvidos antes que a vaca responda ao tratamento da cetose. A elevação da temperatura corporal sugere cetose secundária, pois a temperatura não se mostra elevada quando a cetose aparece sozinha.

As causas exatas da cetose ainda não são conhecidas. Provavelmente, existe uma deficiência no controle endócrino do metabolismo de carboidratos. A maioria dos pesquisadores concorda em que as causas da cetose estão relacionadas a um excesso escapamento do açúcar sanguíneo para a produção do açúcar do leite (lactose).

Uma vaca produzindo 20 quilos de leite por dia necessita de uma quantidade suficiente de açúcar para produzir um quilo de lactose. Se a vaca não for capaz de encontrar esta quantidade de carboidratos — o que acontece muito frequentemente com as vacas altas produtoras perto do seu pico de produção —, os níveis sanguíneos de açúcar são tremendamente reduzidos. Essa queda do nível de açu-

car do sangue é, muitas vezes, acompanhada por uma diminuição do apetite, o que acarreta ainda uma menor disponibilidade de açúcar.

O consumo de alimentos pode não ser adequado por duas razões. Primeiro porque, na maioria das vezes, as vacas diminuem o apetite após o parto, especialmente as vacas gordas, e, segundo, as vacas estão no pico da produção e das exigências de hidratos de carbono 4 a 6 semanas depois do parto, mas não estão no pico do consumo de alimentos (o que acontece mais tarde).

Níveis baixos de açúcar sanguíneo causam a mobilização de gordura corporal para suprir as necessidades de energia. Esta gordura mobilizada é processada no fígado, e tende a ser acumulada neste órgão. A acetona raramente causa mortes, mas, na maioria dos casos mortais, os achados "post-mortem", mostram um fígado gorduroso. Durante a mobilização de gordura, os corpos cetônicos (um deles é a acetona) são produzidos e lançados na corrente circulatória, daí o nome cetose ou acetona. Não se sabe com certeza se esses corpos cetônicos são realmente tóxicos para a vaca, mas muitos pesquisadores acreditam que eles não sejam, pois a maioria das regiões do corpo animal pode utilizar cetonas como fonte de energia. Ainda, a presença de cetonas na corrente circulatória serve para medir o grau de acetona.

A maioria das vacas altas produtoras apresenta uma cetose branda no início da lactação, quando a energia que é liberada no leite excede a energia consumida. Isto se faz necessário para que a gordura corporal seja mobilizada. Felizmente, grande parte das vacas são capazes de passar este período sem desenvolver cetose clínica.

Como foi dito anteriormente, duas grandes mudanças ocorrem no sangue durante a cetose — uma queda do açúcar sanguíneo e uma elevação em cetonas. Níveis altos de cetona no sangue são refletidos por uma elevação dos níveis de cetona na urina e no leite. O nível no leite é cerca de metade do que no sangue, enquanto que o nível na urina excede o nível sanguíneo, aproximadamente, em 4 vezes (acetonúria). Existem testes químicos capazes de detectar corpos cetônicos, tanto no leite como na urina.

TRATAMENTO

O tratamento consiste essencialmente de um esforço para elevar o nível sanguíneo de açúcar. A injeção intravenosa de uma solução de glicose a 25% é a maneira mais rápida de prover açúcar ao organismo. Outra medida que pode ser tomada no tratamento da cetose é a administração de glicocorticóides ou ACTH (Hormônio Adreno-Córtico-Trópico). A cortisona pode ser usada na dosagem de 0,25 a 1,5 g, enquanto que o ACTH, de 200 a 600 UJ (Unidade Internacional).

Os tratamentos por via oral também são comuns. O açúcar ou o melado, ingeridos naturalmente ou administrados à força, não são muito satisfatórios, porque não são absorvidos para dentro da corrente sanguínea como glicose, mas convertidos em ácidos graxos dentro do rúmen.

Os mais efetivos tratamentos orais são aqueles à base de propionato de sódio ou propileno glicol, administrados de 250 a 500 gramas por dia. Nenhum dos dois é destruído significativamente no interior do rúmen, e ambos são convertidos em glicose e, conseqüentemente, absorvidos para dentro da corrente circulatória. A administração do propionato de sódio ou do propileno glicol no início da doença, enquanto a vaca ainda esteja comendo, muitas vezes elimina a necessidade de um tratamento posterior mais drástico. As vacas suscetíveis à cetose devem receber, diariamente, de 125 a 225 gramas de propileno glicol.

Embora não se conheçam medidas que previnam o aparecimento da cetose, algumas medidas práticas de alimentação parecem auxiliar, como por exemplo:

- alimentar as vacas com alguma quantidade de grãos — não mais que 1% do peso vivo da vaca — os últimos 10 a 15 dias antes do dia previsto do parto;
- a quantidade de grãos deve ser aumentada rapidamente após o parto;
- é também importante: alimentar as vacas com forragens de alta qualidade — pelo menos 1/3 do total de matéria seca consumida;
- não fazer mudanças bruscas na ração depois do parto, particularmente nas rações com ingredientes de baixa qualidade;
- evitar o consumo de silagem que apresente altas quantidades de ácido butírico, o qual é convertido em cetonas no interior do rúmen. ®



Prolificidade das marrãs não é sinônimo de fertilidade na espécie

LUCIANO ROPPA

O manejo dos reprodutores e da reprodução inclui todas as práticas necessárias para conseguir o máximo de leitões sadios e vigorosos, pelo menor custo de produção. Os suínos são a espécie mais prolífica dentre os animais domésticos, embora não sejam necessariamente os mais férteis. A fertilidade depende da capacidade reprodutiva do macho e da fêmea, sendo que os fatores ambientais são mais importantes que os genéticos na determinação do tamanho da leitedade (herdabilidade de 0 a 20%).

Por este motivo, o manejo do criador é muito importante, pois, através dos seus conhecimentos, pode proporcionar condições ambientais para a obtenção de leitedades fortes e numerosas. A herdabilidade (ou influência genética) de 20% não pode ser desconsiderada; por isso, o criador deve partir de um plantel de bons animais, selecionando sempre as melhores matrizes e adquirindo cachos de boas linhagens.

ESCOLHA DOS REPRODUTORES

O nível de uma criação só pode ser melhorado quando os reprodutores escolhidos possuem qualidades superiores à média de rebanho. Os critérios usados na escolha dos reprodutores são vários, e dependem muitas vezes das necessidades do criador. Por exemplo, um criador que possui um plantel de fêmeas pouco compridas, o que dificulta o aleitamento dos leitões, em virtude do espaço mamário reduzido, procurará um cacho comprido para corrigir esse defeito nas filhas.

A par destes casos particulares, existem critérios fundamentais na escolha dos reprodutores: o macho tem que apresentar características de boa carcaça, velocidade de ganho de peso e conversão alimentar; a fêmea tem que ser prolífica, rústica, de boa capacidade leiteira, e possuir habilidade maternal.

O macho — A importância do macho é muito grande, pois ele servirá a muitas fêmeas, e suas características serão transmitidas a todos os leitões nascidos desses cruzamentos. Para exemplificar: um cacho que cobre 180 porcas por ano (15 porcas/mês) terá suas características transmitidas para 1200 leitões, se admitido um retorno de cio em 30 porcas e 8 leitões desmamados por fêmea.

As características que devem ser levadas em consideração na escolha de um cacho são as seguintes:

— de exterior: cabeça curta e leve, sem papada, pescoço curto e acompanhando a curvatura dorsal; corpo comprido (os lombos serão mais compridos), profundo e largo; linha ventral reta; perímetro torácico grande; pernil alto, largo, cheio e descido até o jarrete; testículos salientes, soltos e parelhos; osatura firme e forte; apêndices perfeitos;

— de produção: ganho de peso médio dos 60 aos 180 dias igual ou superior a 720 gramas por dia; conversão alimentar máxima de 1:3,4; ser proveniente de leitedades numerosas (mínimo de 8 leitões) e uniformes; espessura da tocinha máxima de 3,5 cm, na média das medidas aos 90 kg de peso.

As fêmeas — Enquanto a escolha do macho é feita aos cinco/sex meses de idade, a das fêmeas obedece a duas fases distintas: a primeira seleção é realizada aos cinco/sex meses de idade e se baseia nas características de exterior (aparência) e dados de reprodução da mãe; a segunda ocorre após o primeiro parto, levando-se em conta os dados de produção e habilidade maternal conseguidos.

Quanto às características de exterior (aparência), de modo geral são as mesmas que as mencionadas para os machos, excluindo-se apenas os órgãos genitais. Neste particular, deve-se ter cuidado com a conformação externa do genital feminino, não selecionando fêmeas com vulva infantil (por dificultar a monta e provocar partos difíceis) ou com a borda inferior voltada para cima (dificulta a monta).

Outra característica externa muito importante das fêmeas é o aparelho mamário. As raças Duroc e Hampshire devem possuir o mínimo de seis pares de tetas perfeitas, enquanto as Landrace e Large White devem contar com sete pares perfeitos, no mínimo.

Deve-se rejeitar fêmeas com tetas cegas e invertidas, e manter em observação fêmeas com tetas aneladas. As tetas aneladas, rudimentares ou atrofiadas não devem ser levadas em consideração quando se contam os pares de tetas, pois os mesmos devem apresentar boa conformação, obrigatoriamente. Além do número de tetas, é muito importante observar o espaço e a simetria entre as mesmas, pois a

FASES DO CIO DE ACORDO COM A ATITUDE DA PORCA

Fêmeas alertas Monta outras fêmeas Não se deixa montar pelo macho Vulva inchada e avermelhada Não tem reflexo de moan Muco líquido	Diminui o inchado e o vermelhidão da vulva. Deixa-se montar Reflexo de monta positiva Orelhas erectas Urina frequentemente Muco menos líquido	Reflexo da monta negativo Volto de comportamento normal Regressão dos sinais anteriores
-60 -40 -20 0	+20 +40 +60	+80
	10 20	horas
		atenuação
		melhor período para a cobertura

sua falta pode ser prejudicial à formação do tecido glandular mamário e tornar afuncionais tetas perfeitas.

As características das mães (procedência) também devem ser avaliadas: as mães devem ser provenientes de leitoadas numerosas (mais de 8 leitões desmamados), vigorosas e uniformes. As mães devem ser de reconhecida capacidade leiteira e habilidade maternal; não devem ter apresentado problemas de parto ou de falta de leite após o mesmo.

No tocante às características de produção (no primeiro parto), verificar se as mães apresentam um primeiro parto normal, sem problemas posteriores de falta de leite. Devem criar no mínimo 8 leitões com peso médio de cinco a seis kg aos 21 dias, e 20 a 23 kg aos 65 dias. A leitoadada deve ser uniforme, sem qualquer anormalidade maternal e desmamar mais de 80% dos leitões paridos.

REPRODUÇÃO

Os suínos tipo carne atingem a idade adequada para se iniciarem na reprodução aproximadamente aos sete/oitos meses de idade. Não é aconselhável, porém, o uso somente deste índice, já que animais deficientes no crescimento podem não estar em condições físicas ideais nesta data. Por isso é aconselhável associar a data de sete/oitos meses ao peso mínimo de 110 kg.

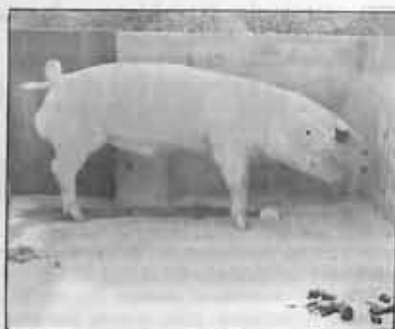
Todo criador deve conhecer bem as particularidades da espécie, como o intervalo entreaios, de 21 dias; a duração do cio, de 48/72 horas; a duração da cobertura, de 5 a 15 minutos; a duração da gestação, de 115 a 115 dias; o número de leitões por parto, de 10 (bom); a mortalidade embrionária, de 5 a 30%; a mortalidade até desmama, de 10 a 15%; a duração do parto, de 2 a 6 horas e o número de leitões desmamados, de 8 (bom).

No manejo da reprodução atentar para características reprodutivas dos cachaaos:

a) **puberdade** — a maturidade sexual é um processo gradual no qual a produção de espermatozoides e o ardor sexual aumentam de intensidade a partir dos quatro meses de idade. No entanto, como já mencionado, os cachaaos só devem ser iniciados na reprodução a partir do 7.^o/8.^o mês, quando estiverem pesando mais de 110 kg de peso;

b) **sêmen** — a porcentagem de espermatozoides no sêmen do cachaaio é crescente até 12/15 meses de idade, período em que eles atingem o tamanho de adultos. Cachaaos de um ano de idade produzem aproximadamente 180 ml de sêmen, por ejaculação. O período de vida de um espermatozoide é de aproximadamente 24 horas;

c) **ejaculação** — a ejaculação do cachaaio durante a monta é composta por três diferentes secreções. A primeira é líquida, de odor forte, e com contaminação de bactérias. A segunda fração, de maior volume, é a que contém os espermatozoides. A terceira fração é composta do material gelatinoso, que tem a finalidade de atuar como um tampão, para evitar a saída da segunda fração;



Características de exterior e de produção devem ser atendidas quando se escolhe um macho.

Os cachaaos podem ser mantidos em reprodução por um período de cinco a seis anos. Contudo, em virtude dos avanços genéticos na seleção das linhagens, é indicada a troca num período menor, ou seja, de aproximadamente três ou quatro anos.

Em relação às características reprodutivas das porcas e mães, observar:

a) as mães, como já se disse, só podem entrar em reprodução aos sete/oitos meses de idade, ou quando atingirem o peso de 110 kg.

b) o ciclo estral compreende os fenômenos reprodutivos que ocorrem entre doisaios consecutivos. Portanto, sua duração média é de 21 dias, e pode ser dividido em quatro fases: proestro, estro, diestro e metaestro. A fase que interessa particularmente é o estro, mais conhecido por cio.

c) o cio tem uma duração de três dias nas porcas e 2 a 2,5 dias nas mães. A fêmea não é fértil durante todo o período do cio, pois a liberação do óvulo só ocorre após 15/20 horas do seu início. O esquema a parte mostra detalhadamente as fases do cio, relacionando-as com as atitudes das porcas.

d) reflexo da monta se caracteriza por imobilidade total, com orelhas em posição erecta, que as fêmeas apresentam durante o período fértil do cio, quando montadas ou pressionadas na região lombar. Ele é positivo quando a porca permanece imóvel à pressão.

e) a liberação de óvulos ocorre no período fértil do cio (20 a 40 horas após o seu início), e ela não é feita de uma só vez: os óvulos são eliminados com certos intervalos de tempo. Por este motivo, uma só cobertura não é suficiente, pois não haveria tempo de atingir todos os óvulos de uma só vez.

O número de óvulos liberados durante o cio é crescente durante os primeiros cincoaios. Isto quer dizer que fêmeas cobertas no primeiro ou segundo cio terão leitoadas menores do que fêmeas cobertas no quarto ou quintoaios. Da mesma forma, as mães parem menos leitões no primeiro parto do que parirão nos partos seguintes.

Segundo um experimento de Pomeory, mães que pariram com menos de 12 meses (cobertas nos primeirosaios) produziram durante sua vida três leitoadas de 9,9 leitões, enquanto que outras que pariram com 14/15 meses produziram 4,3 leitoadas com 10,6 leitões cada.

O número de leitões que nascem representam apenas 60 a 70% do número de óvulos liberados. Porcas adultas liberam em média 18 óvulos, enquanto as mães liberam 14. O período de vida de um óvulo varia de 8 a 12 horas.

A ovulação não ocorre durante a lactação. Após o desmame dos leitões, o cio e a ovulação voltam após quatro a sete dias, período em que as fêmeas deverão ser cobertas, se estiverem em boas condições físicas.

MANEJO DA COBERTURA

A presença do macho estimula a atividade sexual das fêmeas; por isso, ele deve ser levado periodicamente à baía das mães, ou ficar alojado em local próximo.

O macho não deve ficar permanentemente com as fêmeas para não se desgastar fisicamente; ele só deve ter contacto com a fêmea durante o período da cobertura, sendo retirado da baía, após.

As fêmeas devem ser levadas à baía do macho, preferencialmente.

A cobertura deve ser realizada nas horas mais frescas do dia. O melhor é realizá-la entre seis/sete horas da manhã, evitando-se as coberturas no período da tarde, pois cachaaio ficou exposto ao calor do dia durante muito tempo.

O melhor período do cio para a cobertura está mostrado no esquema (20 a 40 horas após o início do cio). Devem ser realizadas sempre duas coberturas nesse período; a diferença entre uma ou duas coberturas é de um leitão a mais no nascimento, no sistema de duas montas. Cada cobertura tem uma duração média de cinco a 20 minutos.

Se o cachaaio demorar para completar a cobertura, deve-se auxiliá-lo manualmente, para evitar o desperdício de sêmen.

Recomenda-se fazer as duas coberturas sempre com o mesmo macho, pois dessa maneira se poderá avaliar as características do reprodutor através dos filhos. Se dois machos diferentes fizerem a cobertura, não se saberá ao certo quem é o pai dos melhores e piores leitões.

Convém anotar sempre a data da cobertura para saber com exatidão a data do parto. Anotar também o nome do pai e da mãe.

As mães podem ser cobertas no primeiro cio após os sete meses de idade, se já estiverem pesando mais de 110 kg de peso. As porcas podem ser cobertas no primeiro cio após o desmame (quatro a sete dias), se estiverem em boas condições físicas.

O retorno de cio pode ser considerado em até 20% das fêmeas. Acima desse valor, deve estar ocorrendo algum problema de reprodução, para o qual deve ser consultado um médico veterinário. ●



MECANIZAÇÃO

Equipamentos ajudam a ter alimento reservado para a seca

GASTÃO MORAES DA SILVEIRA

Principalmente na época seca e fria do ano, são utilizados diversos equipamentos, para o seu preparo e distribuição dos alimentos requeridos pelo gado. Dentre estes, destacam-se os produtos concentrados, tendo os grãos lugar de destaque, e os produtos verdes, fornecidos picados na hora ou armazenados em silos, além da forragem verde dessecada pelo processo de fenação.

PARA GRÃOS

Terminada a colheita, depois de secos, os grãos podem ser guardados junto com a palha nos paiois ou a granel. As trilhadoras ou debulhadoras fazem a separação dos grãos da palha e hastes ou ramos dos cereais, assim como a limpeza do produto de suas impurezas, como ervas daninhas e outras. Nestas máquinas, a trilha propriamente dita se faz entre o côncavo e o cilindro ou rotor. Além disto, estes equipamentos possuem ventiladores para a retirada da palha, peneiras e mecanismos para o transporte de grãos debulhados.

A alimentação destas máquinas pode ser feita diretamente na moega ou por meio de cilindro alimentador dotado de pinos retráteis. Neste caso, ele junta o material arremessado na moega e o conduz para rotor, proporcionando uma alimentação ritmada, melhorando a produtividade e permitindo condições de trabalho muito seguras para o operador.

Da moega o material vai até o mecanismo de debulha. Aí um cilindro ou rotor longitudinal com dentes em sua periferia impulsiona o produto ao mesmo tempo que o debulha ou bate contra o côncavo. A palha é impulsionada por um ventilador e sai pela boca de saída.

O ventilador tem velocidades reguláveis, sendo a seleção realizada por meio de um sistema de polias e correias. O ventilador, além de impulsionar a palha e outras impurezas que saem do sistema rotor-côncavo, é responsável pela sucção de pequenas impurezas na boca de saída.

Depois de debulhados, os grãos caem sobre um sistema oscilante de peneiramento, onde podem ser montadas uma ou mais peneiras. Daí, vão para o sistema de ensaque com bicas e registros.

A maioria destas máquinas é acoplada ao sistema hidráulico de levantamento por três pontos do trator, acionada pela tomada de força por meio de um eixo-cardã. Há equipamentos que também podem ser montados sobre uma carreta de duas rodas, e acionados pela tomada de força do trator, por meio de um eixo-cardã prolongado. Este conjunto é indicado para trabalhos em regiões muito acidentadas. Outra opção é o acionamento por motor estacionário elétrico, diesel ou a gasolina. Este último conjunto pode ser montado em um chassis com varal para tração animal, ou em um chassis convencional suportado por quatro rodas.

Estas máquinas podem ser usadas para feijão, soja, milho etc., porém os dentes dos rotores para feijão e soja diferem dos de milho, quanto ao número e formato.



Este é um modelo de cilindro alimentador com pinos retráteis.

Estas máquinas para o acoplamento aos três pontos do hidráulico exigem mais de 44 cv, com uma produção de 80 a 100 sacos de milho por hora.

TRILHADORAS CONVENCIONAIS

A trilha propriamente dita é feita entre o cilindro e o côncavo. As trilhadeiras convencionais possuem também ventiladores e mecanismo de retirada da palha e transporte dos grãos debulhados.

São montadas em um chassis suportado por quatro rodas. Seu acionamento é feito por meio de um motor diesel, gasolina ou a álcool. Trabalham com os mais variados produtos: trigo, arroz, soja, cevada, aveia, girassol, lentilha, milho, feijão, centeio, alfafa e outros. A capacidade de trabalho



Aqui, debulhadora acoplada ao engate de três pontos do trator.

depende das dimensões do equipamento e cultura. Para o trigo, por exemplo, pode ir de 25 a 45 sacos de 60 kg/hora.

A qualidade do trabalho vai depender do tipo de cultura, velocidade periférica do cilindro e distância ou espaço entre o cilindro e o côncavo. Nos cereais, a velocidade varia de 29 a 35 cm por segundo. Nos materiais mais sensíveis, como as oleaginosas e leguminosas, esta velocidade é de 20 a 50% menor.

A distância entre o cilindro e o côncavo também é em função do material. Para cereais, varia entre 20 a 30 mm na parte da frente, e 2 a 3 mm na traseira.

Regulagens mal feitas podem produzir quebras de grãos ou a sua saída sem descascar. As perdas, neste caso, devem variar entre 0,1 a 0,2%, distribuindo-se aproximadamente em partes iguais de grãos com casca e grãos danificados.

MOINHOS

Os moinhos trabalham basicamente com produtos secos, moendo, triturando ou desintegrando milho em espiga ou em grãos, cereais, sementes, mandioca seca, palha de arroz e feijão. Produzem milho com palha ou rolão, milho sem palha, fubá grosso, quíters, fubá fino, e mimoso.

Constam de um rotor com várias flanges, onde vão presos os órgãos ativos, isto é, os martelos. O rotor gira em uma caixa fechada ou câmara de trituração, com abertura para alimentação, e saída para o que foi moído. O material a ser triturado é colocado na câmara de desintegração através da abertura de alimentação. Os martelos, girando, golpeiam os grãos com uma força muito violenta, desintegrando-os. A metade inferior da câmara de desintegração é fechada por uma peça denominada de peneira, que o material deve ultrapassar. A peneira é de aço, possuindo uma série de orifícios. Dependendo da finura do moído desejado, são usadas diversas dimensões de orifícios, que variam de 7 a 10 mm a 0,7-0,8 mm, de acordo com os fabricantes.

Os moinhos são muito utilizados para desintegração de cereais em granjas, avicultura, suinocultura, agropecuária, fábricas de ração e de farinhas em geral. Este tipo de equipamento trabalha basicamente com produtos secos. Entretanto, poderá também cortar verde, como cana, capins, milho verde, ramos de mandioca e outras variedades de produtos verdes utilizados na alimentação dos animais.

Para atingir este objetivo, uma peneira cega ou lisa é colocada na parte inferior da câmara de desintegração, e o produto picado sairá por uma abertura apropriada, localizada na parte inferior ou superior da respectiva câmara. Nestas condições, o moinho irá funcionar também como um picador de forragens. Quando isto ocorre, o equipamento possui duas bicas: uma para verdes e outra para secos.

Normalmente nos moinhos, quando se opera com grãos secos, pode-se adaptar ao eixo do rotor um exaustor, também denominado de ventilador ou ciclone aspirador, que impede a flutuação do pó no ar, protegendo o operador.



Há equipamentos que permitem a debulha do milho em bandeiras.



Esta trilhadora opera ao lado de uma carreta e economiza tempo.



ESTÂNCIA BELA VISTA
DR. KEMAL LABAKI

Rodovia Tatuí - Itapetininga, KM 137

GADO LEITEIRO HPB E
JERSEY

Escritório em São Paulo: Rua Marconi, 124
- 12.º andar - Fones: 255-6239 e 255-6241

Os equipamentos dotados de ciclone e ventilador facilitam a ensacagem e podem ser operados em ambiente fechado, pois evitam a aspersão da poeira. Devido à sucção do ventilador, aumentam também a produção de moído em cerca de 30%.

MISTURADORES

Os misturadores são equipamentos complementares à ação dos moinhos, já que um tritura e o outro prepara a ração. Portanto, devem ser usados em conjunto, visando a obtenção de um alimento de melhor qualidade.

São máquinas de construção robusta e resistente, sendo projetadas para oferecer o máximo de rendimento com o mínimo de desgaste. Possuem um sistema de rosca-sem-fim, acionado por motor elétrico, diesel ou a gasolina, fazendo a mistura dos vários ingredientes que entram na composição da ração, como farelo de trigo, antibióticos, sal mineral, sal comum, farinha de carne, farinha de osso etc. Os produtos são pesados e colocados no equipamento, que faz uma mistura homogênea em poucos minutos.

Estas máquinas são utilizadas no preparo de rações em granjas para avicultura, suinocultura e agropecuária, fábrica de rações e de farinhas em geral.

Ao conjunto triturador-misturador pode-se acoplar alguns equipamentos, obtendo-se assim uma pequena fábrica de rações. Esta pode ser composta de: moega receptora de milho, elevador de canecas, peneira de limpeza oscilante, triturador de milho, moega receptora de milho em palha, condutor para propulsão do produto triturado, ciclone, silo para armazenamento, balança com caçamba de pesagem, misturador de ração, e boca para descarga de ração.

O milho é colocado na moega receptora, sendo suspenso até as peneiras de limpeza, por um elevador de canecas. Depois de limpo, é direcionado para o triturador, onde se faz a fragmentação. Ao lado existe um ciclone que faz a limpeza, sendo o produto armazenado em um silo. Daí é pesado na balança e dirigido ao misturador de rações. Todo o circuito é automático, eliminando completamente a mão-de-obra.

PICADORAS E ENSILADORAS

Podendo cortar cana, capins, milho verde, ramas de mandioca e outros produtos verdes utilizados na alimentação dos animais, as picadeiras e ensiladeiras preparam a forragem fresca para o trato diário ou para ensilagem e consumo na seca.

Têm um funcionamento semelhante aos moinhos de martelo. São dotadas de um rotor provido de facas fixas, que giram no interior da câmara de trituração, tendo uma única saída. Em determinados modelos, no local de entrada do material, existe uma contra-faca.

Estas máquinas, além de picar, jogam o produto nos silos e recebem também a denominação de forrageiras. Podem ser estacionárias ou acopladas a tratores universais.

Nas ensiladoras, a alimentação é facilitada por uma bica longa. Na extremidade da bica, existe um alimentador automático regulável, com dois roletes, que, girando em sentido oposto, puxam o material para dentro da máquina, onde as facas o cortam. Variando-se a velocidade do motor, pode-se conseguir produtos de vários tamanhos, isto é, forragem grossa, para silagem, ou fina, de consumo diário. Obtem-se a variação de rotação, colocando-se

de-se correias em polias diferentes ou mudando-se os tamanhos de engrenagens, que irão acionar o rotor.

Dependendo do tipo de silo existente na propriedade, a bica de saída pode ser colocada em várias posições. Os modelos com saída inferior regulável permitem lançar a forragem horizontalmente desde alguns metros de distância, até junto à máquina. São utilizados em silos tipo trincheira. Outros modelos têm uma bica de saída superior, empregada em quatro posições diferentes, dependendo do silo (de encosta, cisterna ou poço). Com o acoplamento de uma tubulação condutora, consegue-se carregar silos aéreos de até 10 metros de altura.

As máquinas estacionárias podem ser acionadas por motor a gasolina, álcool, elétrico ou diesel. Certos modelos podem ser acionadas por tratores universais, sendo acopladas ao sistema de levante hidráulico por três pontos, recebendo o movimento do eixo-cardã ligado a tomada de potência. São acionadas a partir de 35 cv, com uma produção ao redor de 8.000 kg/hora.

Nos modelos menores, a produção varia de 1.000 a 3.000 kg/hora, usando-se motores a gasolina ou diesel. Os motores elétricos podem ter cerca de 3 cv. Já os modelos médios dão uma produção de 4.000 a 8.000 kg/hora, acionados por motores a partir de 7,5 cv de potência.

No mercado, há também as ensiladoras móveis, isto é, que se deslocam ao lado do trator, colhendo e picando a cultura, que é jogada numa carreta. Quando estiver cheia, é levada por outro trator ao silo. Devido à colocação ao lado do trator, muitas destas máquinas, têm uma roda de apoio, também empregada na regulação da altura de corte.

Duas guias orientam os caules das plantas diretamente contra a máquina e ajudam a levantar as que estiverem acamadas, permitindo um maior rendimento de massa verde. Estes equipamentos cortam a forragem reduzindo-a a pequenos pedaços, de 3 a 12 cm, conforme a rotação e regulação.

Quanto ao princípio de funcionamento, existem dois tipos básicos: com órgão de corte tipo disco, dotado de facas; e, com órgão de corte tipo tambor, com facas na periferia. No primeiro tipo, o disco pode ser horizontal ou vertical.

As facas destas máquinas são auto-afiáveis, dispensando a desmontagem. Os equipamentos já dispõem no seu corpo de um afiador de fácil manejo. Pode-se colher até 100 t/dia, dependendo do material a ser ensilado, estado de maturação e número de carretas disponíveis, além da distância do campo ao silo.

MÁQUINA DUPLA

Há um tipo de equipamento, chamado máquina dupla, que permite o corte das forragens verdes e a desintegração de



Este moinho tem duas bicas: uma para verdes, outra para secos.

grãos ao mesmo tempo e de uma só vez. Possui duas câmaras de trituração independentes, separadas por uma divisão interna. Um mesmo eixo aciona o rotor com facas do moinho, assim com o outro rotor com as flanges da picadora.

Cortando o verde e o seco separadamente, oferece a vantagem de não se precisar parar o motor, abrir a máquina para trocar peneira e fazer a limpeza, pois os conjuntos para corte e trituração são separados. Evitando-se estas operações, há uma grande economia de tempo e mão-de-obra. Com conjuntos independentes, o verde não é desfibrado, mas sim cortado.

Quando se faz esta operação em máquinas convencionais, estas devem ser limpas com muito cuidado. Certas aves não podem receber alimentação misturada com fiapos de capins. Os conjuntos, sendo independentes na máquina dupla, evitam esse problema.

No mercado, há vários modelos visando atender os pequenos, médios e grandes criadores. A produção de verde varia de 1.500 a 3.500 kg/h, e a de seco, de 60 a 1.500 kg/h.

A este tipo de equipamento pode-se também acoplar ciclone e ventilador, da mesma maneira que os modelos convencionais. O acionamento é por meio de motores elétricos, álcool, gasolina ou diesel.

Tupã fará sua 13ª exposição

Tupã promete para o período de 19 a 27 de junho próximo realizar a melhor de sua já tradicional EXAPIT — Exposição Agropecuária e Industrial de Tupã, a décima-terceira da série. As taxas para as inscrições de animais foram fixadas em Cr\$ 3 mil para equinos (por cabeça), Cr\$ 1 mil para bovinos (por cabeça) e Cr\$ 500 por animal de curral. Rau de Melo Senra Filho, presidente da Comissão Executiva da XIII EXAPIT, garante que o recinto "Otávio Barros Castanheira" tem condições para bem receber os expositores.

Jaboticabal quer leilão que ensine

A Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da Universidade Estadual Paulista, em Jaboticabal, SP, promoverá, no próximo dia 3 de junho (primeiro sábado do mês), um leilão de equinos para hipismo, bovinos de leite e de corte, ovinos e suínos.

Primeiro evento desse tipo a se efetivar na Escola, sua direção pretende que o leilão também sirva a objetivos didáticos e o considere mesmo como atividade extra-curricular, possibilitando a todos os participantes (estudantes, técnicos, compradores e pecuaristas em geral) uma melhor avaliação dos objetivos alcançados e das alterações necessárias. De qualquer modo, para quem compra haverá animais de bom pedigree, incluindo-se as raças Ideal e Destanada nos ovinos e reprodutores de alta seleção nos suínos.

O programa do primeiro leilão inclui uma visita às instalações da Faculdade, a partir das 8 horas, leilão de ovinos e

O leiloeiro vê os negócios

Parceiro que, decididamente, os hotéis entraram no ramo dos leilões. Em 1980 foi aceso esse estopim, com a realização do primeiro, em Marília, SP, pela Lance (Arnaldo Assumpção). A coisa disparou realmente quando do "Marcas Famosas QM", no Maksoud Plaza. Uma idéia arrojada que, graças à produção cronométrica de Paulo Pimentel, funcionou.

Hoje, já não se contam nos dedos os leilões realizados e a realizar. Destaco, no entanto, o Super Mangalarga que, no próximo dia 7 de junho no Maksoud Plaza, venderá somente animais premiados. Concorrem para o grande sucesso deste leilão: a seleção dos animais, a experiência adquirida no anterior e a grande animação característica dos mangalarguistas.

A propósito de leilão em hotel, participei como leiloeiro do Holiday Inn, em Campinas, SP, dia 1.º de maio. Vendas de Cr\$ 15 milhões por 59 animais. Um Árabe da Cia. Agrícola Sertãozinho foi o "top": João Gonçalves Foz Júnior, o comprador, pagou Cr\$ 750 mil por ele. Maiores vendedores: Horse Shop (Ribeirão Preto) e Eros Fernandes (São Carlos) vendendo, na maioria, Mangalarga.

Dos que vêm pela frente, um destaque muito especial para a 1.ª Venda Anual do Sítio 33, de Benedito Pati. Comparado aos melhores do mundo em produtividade, fertilidade e longevidade, o plantel por certo motivará um leilão muito concorrido. Afinal, a média de produção de leite das mães dos 34 produtos que serão vendidos é de quase 11.000 kg!

Falando em gado de leite, digno de nota realmente foi a liquidação do plantel da Fazenda Sorana, de Luiz Viscardi. 225 animais foram vendidos por Cr\$ 50,3 milhões. Tudo Holandês, metade vermelho, metade preto. O recorde de preço em leilão foi batido várias vezes: primeiro, pela compra de José Escobar Ben-Hur Feitosa (Santa Rita do Passa Quatro), que pagou Cr\$ 900 mil por uma novilha PO-HPB, nascida em junho/79, devendo parir pela segunda vez em maio/82, filha de "Jurumea Thor Monje Pucu" e mãe crioula da Sorana, com mais de 8.100 kg de leite. Pela famosa "Mar Hucha" (PO-HVB-Exc. 90), João Raposo Reis (Paraibuna, SP) pagou Cr\$ 940 mil. Essas marcas, em seguida, foram batidas por "Brookbun Donta Jasper Red" (HVB-POI-EUA, 6 e meio anos, produção de mais de 7.500 kg) e "Myerose Jupiter Debbie-Red" (HVB-POI-EUA, 5 e meio anos, para parir em final de abril), adquiridas por Cr\$ 1 milhão cada, pela Fazenda Morro Alto (Amparo, SP) e Oswaldo Silva Mendes (Brazília, DF). Com os recordes, 225 animais obtiveram a média de Cr\$ 223,555 mil. Tirando, no entanto, esses quatro animais, obtém-se uma média mais sensata, para que o mercado a tome como parâmetro: Cr\$ 171,5 mil — o que ainda é excelente, considerando o grande número de PC, de animais bem jovens (inclusive machos PC) ou mesmo de animais de era avançada.

Alguns compradores das vacas recordistas pretendem utilizá-las para transplante de embriões, e um deles, José Ben-Hur, por certo vai apresentar a sua novilha na exposição de Santa Rita do Passa Quatro, SP. Há promessa de participação de um grupo forte do leite. No que diz respeito à comercialização, promete-se apresentar somente bons produtos e, segundo os organizadores, tem sido feito um trabalho muito grande junto a compradores de vários Estados. O leilão será conduzido pelos companheiros Odemar e Daniel Costa, com o escritório da Remate.

Fecho com Mangalarga novamente: a Fazenda Bentosa saiu da data tradicional e foi para a terceira sexta-feira (dia 16) de julho, por causa da Copa do Mundo. Vai vender Mangalarga e fêmeas cruzadas Gírx Flamingo, juntando a qualidade habitual a uma vitória do Brasil, os ânimos deverão esquentar a reunião tradicional em Jardinópolis.

DJALMA BARBOSA DE LIMA

suínos, às 10 horas, nos locais de criação, pausa para almoço (12 horas) e leilão de equinos e bovinos, às 13 horas.

Bela Vista oferece sua qualidade

Dia 5 de junho próximo, na própria Fazenda São Francisco da Bela Vista, em Pindamonhangaba, SP, os sucessores de Fernando Alencar Pinto (prefixo [angada]) licitarão 180 fêmeas Holandesas pretas e brancas, puras de origem, das quais 170 novilhas com prenhez positiva e 70 vacas de primeira e/ou segunda crias.

A organização do leilão está confiada à Remate, que informa haver disposição dos vendedores de facilitar as condições de compra e garantir que será esta uma das excelentes oportunidades do ano para adquirir qualidade em HPB.

A Fazenda São Francisco da Bela Vista fica no km 96 da rodovia Presidente Dutra (sentida à direita da estrada, na direção São Paulo-Rio).

Remate mostra números para boa análise

A Remate Comércio, Importação e Exportação Ltda. não acredita em meus ventos para os leilões e aponta os números referentes às suas vendas, nos meses de março e abril últimos, para comprovar.

Segundo José Eduardo Frates Carvalho, diretor da empresa, a Remate leiloou, nos dois meses, 1.110 animais, com um faturamento global de Cr\$ 161,2 milhões, o que representaria a média de Cr\$ 145,225 mil por cabeça. Para permitir um cotejo mais conveniente, José Eduardo especifica como se decomponham os negócios, por raça:

Nelore, 432 machos, Cr\$ 59,415 milhões (média de Cr\$ 137,534 mil), 238 fêmeas, Cr\$ 18,675 milhões (Cr\$ 78,466 mil); Santa Gertrudes, 13 ranchos, Cr\$ 3,440 milhões (Cr\$

264.615 mil), 27 fêmeas, Cr\$ 6,9 milhões (Cr\$ 255.555 mil), 54 fêmeas cruzadas, Cr\$ 3.855 milhões (Cr\$ 71.388 mil); búfalos, 110 fêmeas, 3,85 milhões (Cr\$ 35 mil); Jersey, 3 machos, Cr\$ 250 mil (Cr\$ 83.333 mil), 20 fêmeas, Cr\$ 2.650 milhões (Cr\$ 132,5 mil); Holandês, 6 machos, Cr\$ 810 mil (Cr\$ 135 mil), 39 fêmeas, Cr\$ 7.985 milhões (Cr\$ 204.743 mil); Quarto-de-Milha, 8 machos, Cr\$ 3.510 milhões (Cr\$ 438.750 mil), 22 fêmeas, Cr\$ 9.690 milhões (Cr\$ 440.454 mil); Mangalarga, 21 machos, Cr\$ 5.220 milhões (Cr\$ 248.571 mil), 34 fêmeas, Cr\$ 14.670 milhões (Cr\$ 431.470 mil); Mangalarga Marchador, Cr\$ 120 mil por um macho, Cr\$ 1.700 milhões por 11 fêmeas (Cr\$ 154.545 mil); Árabs, 4 machos puros, Cr\$ 5.570 milhões (Cr\$ 1.392 milhões), 16 machos mestiços, Cr\$ 2.540 milhões (Cr\$ 158.750 mil), 37 fêmeas mestiças Cr\$ 7.420 milhões (Cr\$ 200.540 mil); Apallosa, 3 machos, Cr\$ 780 mil (Cr\$ 260 mil); Crioulos, 2 machos, Cr\$ 400 mil (Cr\$ 200 mil) e 3 fêmeas, Cr\$ 600 mil (Cr\$ 200 mil); 3 machos de lida, Cr\$ 530 mil (Cr\$ 176.666 mil) e 3 fêmeas de lida, Cr\$ 620 mil (Cr\$ 206.666 mil).

A figura do Árabe nestes campeonatos

Com a realização, em Avare, SP, de sua segunda etapa (a primeira aconteceu em Campos do Jordão, SP), o

Campeonato Bayer de Hipismo Rural está sendo vencido por Ricardo Lenz Cesar, montando um puro-sangue Árabe, "Hadi", com 12 pontos ganhos. Em segundo lugar, empatados com 9 pontos, estão Cid Guadaluza Filho, com "Sidharta", meio-sangue Árabe, e Ademir de Oliveira, com "Barbara", um meio-Puro-Sangue Inglês. Em terceiro lugar, novo empate, com 6 pontos, entre Fernando Paim Nogueira ("Aluali", meio-sangue Árabe) e Adolfo Cilento ("Colossal", meio-Puro-Sangue Inglês). As demais colocações do campeonato são de Ricardo Lenz Cesar (com "Lau Pino", meio-sangue Árabe), 4 pontos; Nicolau Lunardelli ("Elisa Cheval", meio-Quarto-de-Milha), 3 pontos, e Luciano Benevento ("Babidu", Anglo-Árabe) e J. Henrique Castejon ("Tibaji", meio-Puro-Sangue Inglês), empatados com 2 pontos.

O Campeonato Brasileiro do Cavalo Árabe, que se efetiva paralelamente ao Campeonato Bayer de Hipismo Rural, além da repetição dos três primeiros colocados (com os mesmos animais e número de pontos), também tem Eliana Carrano, com "Gaiteiro", em terceiro lugar, com 6 pontos, empatada com Fernando Paim Nogueira; Fábio Parente, com "Abijal", Luciano Benevento, com "Babidu", e Ricardo Cesar, com "Lau Pino", empatados em quarto lugar, com 4 pontos; Flávio Garcia, com "Jad Pati", com 3 pontos; e Gilberto Rossetti, com "Linde do Buracão", e Ricardo Cesar, com "Lambari", com um ponto.

Ambos os campeonatos prosseguem dias 21 e 22 deste mês, em Goiânia, GO.



Paraguai vai registrar seus animais aqui

Por falar em Árabe, a grande notícia de interesse da raça é que o Stud Book Brasileiro do Cavalo Árabe também tem uma "seção paraguaia", para registrar os animais criados no país vizinho, que ainda não possui sua própria entidade nacional. O primeiro haras do Paraguai a registrar seus animais no Stud Book Brasileiro foi o "La Paz", localizado a poucos quilômetros de Assunção, de propriedade do conde Frederico A. Zichy.

O Haras La Paz tem um plantel de excelente qualidade, composto de 38 animais, sendo 19 éguas em produção, todas da linha egípcia. O principal padreador é "Hossny", filho de "Ansata Ibn Halima" e "Sanaa".

A autorização da Associação Mundial do Cavalo Árabe e concordância do Ministério da Agricultura do Brasil para que a Associação Brasileira de Criadores do Cavalo Árabe se responsabilize pelo controle e inspeção dos criatórios paraguaios da raça se devem ao destaque obtido pela entidade, por representar o terceiro maior criador de cavalos Árabes do mundo e pelo rigor no controle da raça, imposto pelo Stud Book da ABCCA.

Os leilões e seus números

Mangalarga, 4 recordes em 20 dias — O recorde de preço da raça (em 12/81, 1,3 mil) foi superado 2 vezes no Seleto, dia 21/4: por 1,32 milhão, Eurides M. de Mendonça vendeu a Edgard Colombo Jr. uma fêmea de 4 anos (Pureza da Coletina, por Encanto de Sta. Ernestina e Caçula da S. Luis); por 2,5 milhões, Celso Ribeiro passou à Org. Alô Brasil, Belona OJC de 4 anos (por Atleta JO e Delta da S. Luis, cheia de Nobre CR). Em seguida, no Leilão Híppus, dia 8/5, o Espólio de Oswaldo R. Junqueira passou a Zelindo Olive, por 1,55 milhão, Eldorado OR, de 34 meses (por Pai-Cuê da B. Vista e Nádia (recorde p/machos); e, por fim, Roberto D. Junqueira vendeu a Marcelo Malzone, Suelly da B. Vista, de 3 e 1/2 anos (por Felício e Jaci, prenhe de Resgate JO) por 2,5 milhões! (Note-se: o penúltimo lance era da Org. Alô Brasil!).

2.º Leilão Híppus — 100 produtos por 60 milhões — Público paulista predominou, mas, no entremelo, gente de vários Estados. Eis as médias: Árabe, 1,4 milhão; Anglo-Árabe, 1,36; Mangalarga, 783 mil; Andalus, 702; Apallosa, 641; GM, 636; Hipismo, 508; PSI, 437; Crioulo, 363; M. Marchador, 300 e Campolina, 295. Os chamados "Avulsos" tiveram média de 477 mil e os de pequeno porte, 163 mil. Conosco, ao martelo, P. Machado e Odemar Costa.

Leilão do Outono vendeu 72 HPB por 21 milhões — Vários Estados comprando dentro das seguintes médias: fêmeas POI, 395 mil; PO, 329 mil; GHB, 303 mil e PC, 232 mil. Machos PO, por 200 mil. As Fazendas Pau D'Alho, Panorama, S. Quirino, S. José e Sta. Maria da Posse vão, desde já, anunciando o próximo para outubro.

PERSPECTIVAS

Fazenda Bonança, de Claudio V. Roberti, comemora 10 anos dia 31/7, com leilão — 10 convidados vão vender e ajudar a assoprar velinhas: Lázaro de M. Brandão, Luiz H. U. C. Mallo, Carlos E. B. Farla, Sergio Saadi e José Saadi, Perri Camargo, J. Pastarelli, Espólio de A. J. Meirelles, Antonino La Motta, Pedro F. Faus e Marcio E. de Freitas. Eles vão vender 85 HPB e 35 HVB, dos quais 30 POI, 60 PO e 30 GHB. Excelentes indícios: comprador não paga taxa, amplo financiamento bancário e particular (este, em até 180 dias!).



Búfalo bem comportado em Rondônia

Os técnicos da Unidade de Execução de Pesquisa de Ambiente Territorial de Porto Velho, em Rondônia, mostram-se satisfeitos com o resultado de trabalho que ali vem sendo conduzido visando explorar a capacidade de adaptação do búfalo às condições do trópico úmido e seu potencial leiteiro. Num plantel básico de 33 fêmeas mestiças Murrah-Mediterrâneo, com idade média de 54 meses, e um reprodutor Murrah, de 8 anos, em regime exclusivo de pasto (num sistema rotativo), acesso direto a águas e mineralização permanente, foram obtidos os seguintes dados: produção em duas ordenhas/vaca/dia de 6,12 kg com 7,4% de gordura; taxas de natalidade e mortalidade de 81,8 e 0%, respectivamente; peso médio das crias, ao nascer, de 32,19 kg (32,7 para as fêmeas e 31,5 para os machos).

Os técnicos da Embrapa (José Reinaldo Campello Brito) é quem está dirigindo a pesquisa) entendem que os resultados obtidos até o momento demonstram boas perspectivas para a criação do búfalo para leite na região de Porto Velho, cujas temperaturas médias, máximas e mínimas, são de 31,2 e 20,8°C, respectivamente. O regime pluviométrico oscila entre 2.200 e 2.500 mm anuais e a umidade relativa do ar, a uma altitude não superior a 100

metros, atinge médias em torno de 89%.

Para a pesquisa, está sendo utilizada uma área de aproximadamente 36 hectares, de fertilidade natural baixa, onde foram implantadas pastagens de braquiária humidicola, com seis divisões, todas convergindo para a água de uma represa.

Coelho vai bem com as cabras

A Associação Brasileira dos Criadores de Cabras Leiteiras — Caprileite sugere que é um bom negócio desenvolver uma criação de coelhos Angorás simultaneamente com o criatório de caprinos leiteiros. E justifica: a lã dos coelhos é bom negócio (US\$ 60 por kg, hoje) e suas fezes, desidratadas, poderão servir de alimento para as cabras, porquanto têm cerca de 14,2% de proteína bruta.

Frisa a Caprileite que o criatório de coelhos Angorás não está sujeito, como por vezes ocorre com o coelho para carne, a pressões baixistas de açougues e casas de carne. A lã poderá ser conservada sem problemas, para venda nas ocasiões mais propícias.

A entidade se dispõe a fornecer indicações para a criação, desde que solicitadas, e recomenda que a exploração deve ser preferencialmente localizada em regiões de clima ameno ou temperado.

Languiru tem usina de leite extra

No início de abril último, a Cooperativa Central Gaúcha de Leite, de Languiru, RS, inaugurou a que está sendo considerada a mais moderna usina de processamento de leite do país, com capacidade inicial para 600 mil litros diários. A CCGL (presidente é Frederico Dürr) congrega 33 cooperativas, que reúnem 46 mil produtores de leite no Estado (de um total de 73 mil) e detém 51% do recebimento de leite no RS. Com a unidade fabril, a matéria-prima, anteriormente utilizada praticamente apenas para distribuição final como leite pasteurizado, passa a ser empregada na fabricação, também, de leite longa-vida, manteiga, sorvete, doces, ração e leite e soro em pó.

Para secagem de leite, a usina processará diariamente 380 mil litros de leite, utilizando 10 mil litros para produzir ração substitutiva para terneiros, dentro de um programa estadual para criação e abate precoce de machos leiteiros.

Turismo organizado para aprender

Considerando que esse tipo de viagem não constitui apenas turismo, mas, igualmente, excelente recurso para aprimorar conhecimentos e desenvolver atividades e negócios na área rural, a Agritours, empresa especializada na organização de roteiros de interesse agropecuário, está convidando fazendeiros para participar do Royal Agricultural Show, em julho deste ano, e, em seguida, de uma visita técnica à Holanda. Embora a viagem, programada para o período de 2 a 16 de julho próximo tenha um campo de interesse bastante diversificado, os fazendeiros terão maiores oportuni-

dades em relação a raças leiteiras e ao setor de laticínios. Para esse fim estão previstas, por exemplo, além das visitas programadas ao Royal Show, visitas a criações de Jersey, em Windsor (plantel da rainha), Holandês, em Somerset, de bezerras, em Glastownbury, e Devon, no condado do mesmo nome, na Inglaterra.

A permanência na Grã-Bretanha será até o dia 12, quando se inicia a viagem técnica à Holanda, iniciando-se por Amsterdam e Leeuwarden, mas há previsão para as datas em que o Brasil tem jogos marcados na Copa do Mundo, de modo a permitir que os jogos sejam assistidos pela TV. A Agritours tem seu escritório em São Paulo (praça Dom José Gaspar, 134, conj. 142, fone 255-0211) e, para este ano, entre outras, também está promovendo roteiros especiais para a Exposição Mundial de Laticínios, em Madison, EUA, em setembro; Exposição Pan-Americana de Gado, em Dallas, Texas, em outubro; e Zebu e Búfalo, na Índia, ambas em novembro deste ano.

A produção recorde da vaca cubana

O nome da vaca é "Ubre Blanca" e foi saudada por Fidel Castro, em 4 de janeiro deste ano, como "um benefício especial para o mundo, principalmente para os países tropicais do terceiro mundo, os quais perseguem um tipo racial com maiores possibilidades de produção". Tudo porque essa vaca cubana, mestiça Holandês-zebu, produziu 109 litros de leite em 24 horas, tornando-se a recordista mundial de produção leiteira. Arabel Elias, diretor do Instituto Cubano de Ciência Animal, disse que "Ubre Blanca" é uma maravilhosa e eficiente fábrica de leite. Merelo Curbelo, diretor do Departamento de Genética de Gado, declarou que "Ubre Blanca" foi a realização dos sonhos de seu departamento, que procura uma Holstein tropical há mais de 20 anos.

Biogás - recuperação de energia dos excrementos de origem animal

Por que biogás?

O termo biogás refere-se aos tanques construídos para produzir gás metano, mediante digestão anaeróbia dos refugos da fazenda ou outros tipos de biomassa, tais como esterco, fezes humanas, resíduos das colheitas etc. As instalações de biogás nas fábricas de tratamento de águas de esgoto urbanas chama-se "digestores de lodo". Entre outros nomes aplicados ao biogás figuram: "bihugas", na República Federal Alemã; "gobar gas",¹ na Índia; "gás dos pântanos" na China e em outras regiões. A recuperação da energia gasosa a partir da decomposição das matérias orgânicas em um meio líquido, mas isento de oxigênio, teve sua origem no descobrimento, há 200 anos, de que os gases emitidos pelos pântanos eram combustíveis.

No último decênio, houve uma vertiginosa e incontrolável ascensão do custo da energia, criando dúvidas sobre a possibilidade de contar com um fornecimento ininterrupto por suas fontes tradicionais. Este fato, acompanhado da maior consciência pública das possibilidades que encerram os processos biológicos para transformar biomassa em energia, desaguou em uma era de incessante busca científica de fontes insólitas de energia, em particular, e de conservação de recursos, em geral. O biogás obtido de excrementos conquistou a imaginação popular e, em consequência, há quem, colocando no mesmo plano as estatísticas sobre o "potencial" do método e a "tecnologia imediatamente disponível", se sente tranquilo, já que está convencido de que a única coisa restante é lançar uma campanha para popularizar as fábricas de

biogás, não só para resolver o problema do fornecimento de energia nas fazendas, como também o dos próprios excrementos animais.

BIOGÁS E SEUS MITOS

Antes de prosseguir, é necessário destruir alguns mitos que existem acerca do biogás.

Primeiramente, que uma instalação produtora de biogás é a panacéia que necessitávamos para resolver nosso problema com os excrementos animais.

Falso. Nem a produção de biogás, nem qualquer outro método de tratamento podem ser uma panacéia. Isto devido à infinita diversidade de condições existentes nas explorações pecuárias e seus diferentes requisitos. A recuperação da energia só é aplicável às explorações onde pode ser facilmente utilizada a energia gasosa e naquelas onde se dispõe da perícia empresarial ou da tradição necessária ao funcionamento das instalações de biogás. As necessidades de energia gasosa têm que ser expressas não só em termos quantitativos, como também em termos de sua variação sazonal. A melhor situação é aquela que exige uma demanda constante de energia, o que permite que uma instalação funcione com um mínimo de meios de armazenamento de gás. O biogás não pode competir com a existência fácil de combustível fornecido por encanamento ou botijão, mesmo quando este gás é muito mais caro que o biogás.

Em segundo lugar, que o biogás diminui muitíssimo o volume de resíduos a serem manejados.

Falso. Somente a matéria orgânica de excrementos sólidos se reduz de 30 a 70%. Como o conteúdo orgânico representa 2 a 5% dos excrementos totais, uma redução de 70% não influi muito no volume total de excrementos. O que diminui é a repulsividade dos excrementos frescos, devido à estabilização da matéria orgânica biodegradável, e isto também faz com que diminua o potencial de contaminação dos excrementos. Além do mais, quase todas as bactérias patogênicas são eliminadas quando o tempo de permanência do digestor é suficientemente prolongado. Outra importante vantagem, especialmente em se tratando do excremento de animais alimentados com ervas, é que, durante a digestão, são destruídas as sementes das ervas más.

Em terceiro lugar, que se trata de um processo simples de fermentação, pelo qual as bactérias produtoras de metano transformam os excrementos em biogás combustível.

Falso. Trata-se de uma série de reações sumamente complexas, provocadas pela cultura de uma mistura de bactérias. Existem dois grupos essenciais de bactérias: o primeiro grupo liquidifica e converte os compostos orgânicos macromoleculares em compostos ácidos micromoleculares; o segundo grupo fermenta os ácidos, convertendo-os em metano. Em todo o mundo, ambos os grupos são encontrados na natureza, especialmente no esterco, de forma que não há necessidade de culturas puras para iniciar o processo. A única coisa requerida é um manejo adequado do meio ambiente, ou seja, uma temperatura estável (35°C); uma atmosfe-

fera livre de oxigênio; uma alimentação constante da ordem de 1 a 6 kg de sólidos voláteis (TSV) por m³ de volume do digestor; um tempo de retenção de 8 a 60 dias (poucos dias quando se misturam os conteúdos do digestor); e baixas concentrações de metais pesados.

Uma vez estabelecidas as condições apropriadas de cultura, as bactérias podem ser ativadas em grau bem grande, o que pode durar indefinidamente, sempre que o meio ambiente se mantenha favorável. Toda alteração súbita nos fa-

tores do ambiente se traduz por grave interrupção do processo e mesmo a "morte" do digestor. Isto quer dizer que a velocidade da produção de ácidos é muito superior à da transformação em metano, com o que o digestor "sofre" ou "morre". Neste caso, são emitidos odores desagradáveis, e pode acontecer que transcorram várias semanas ou meses até que o digestor volte a funcionar normalmente. Este é o motivo pelo qual, mesmo em se tratando de digestores pequenos, é indispensável dispor de peritos para um bom manejo.

Em quarto lugar, que se produz biogás, mas se perdem nutrientes.

Falso, visto que é justamente o contrário: a digestão aumenta o valor dos excrementos como fonte de nutrientes de plantas. O biogás nada mais é que carbono e hidrogênio. Consequentemente, todo o nitrogênio, fósforo, potássio e outros minerais permanecem nos excrementos. Ademais, como se produz certa mineralização, o valor fertilizante dos sólidos residuais é maior que no excremento fresco. Os produtos finais, afora o biogás, não têm odor repulsivo, são de textura densa, fluem bem, desprendem mais facilmente a água que os excrementos frescos, e por isso podem ser dessecados mais facilmente que estes.

Em quinto lugar, que a produção de biogás se justifica pela recente ascensão dos gastos com energia.

Falso. A digestão é mais um processo de conservação que de inversão econômica. A energia e os nutrientes se conservam ao invés de se perderem. Portanto, a digestão não faz gastar dinheiro, pois produz renda com os excrementos.

Desfeitos os citados mitos, esperamos que o leitor tenha compreendido que as instalações produtoras de biogás exigem perícia de seu manejo, manipulação das bactérias e projeto do sistema, pelo que o restante deste artigo tratará do processo anaeróbico; a forma de controlar e obter o funcionamento ótimo de um digestor; como devem ser projetadas as instalações de biogás e, por último, os sistemas atuais de digestão que funcionam há cerca de dez anos na República Federal Alemã, China, Estados Unidos e Índia.

Não é possível citar todas as publicações, trabalhos de investigação e muitos artigos de divulgação escritos sobre os benefícios potenciais do processo de digestão anaeróbica e sobre os demais sistemas que estão sendo experimentados em muitas partes do mundo. Bastará dizer que todos esses trabalhos publicados podem ser obtidos através das vias nacionais e internacionais ou figuram em muitas bibliotecas.

A medida que os custos e o consumo de energia se tornam maiores, cresce paralelamente o interesse do público e dos cientistas pela produção de biogás a partir de resíduos orgânicos. Como quase todos esses refugos, entre os quais uma importante proporção dos excrementos animais, consistem de celulose ou materiais celulósicos, será dedicada uma considerável atividade científica à fermentação desse tipo de materiais cujo potencial é mesmo maior que o dos excrementos animais. Há 200 anos estão sendo efetuados estudos científicos sobre fermentação de matéria orgânica, mas só há 50 anos se estuda o projeto e funcionamento de digestores produtores de metano (Tietjen, 1975). Até o decênio passado não se havia organizado o inter-



Já vem misturado

**CAVALO "RAÇUDO"
É TRATADO COM
SAL BOIADEIRO-FOS
RICO EM
FÓSFORO E
CÁLCIO**



Um produto com a qualidade



COMPANHIA INDUSTRIAL DO RIO GRANDE DO NORTE

empresa do Grupo Akzo Zout Chemie-Holanda

Administração Central: Rua Secadura Cabral, 164/166 — Rio de Janeiro.
Matriz: Ilha do Alagamar, Macau — RN — Tels.: 521-1156 e 521-1336 (DDD 084)
São Paulo — SP: Av. Jabaquara, 99 - 4.º andar - Conj. 41 - Tels.: 578-9565 e 578-9742
Filiais: Santos — Goiânia — Campo Grande — Natal

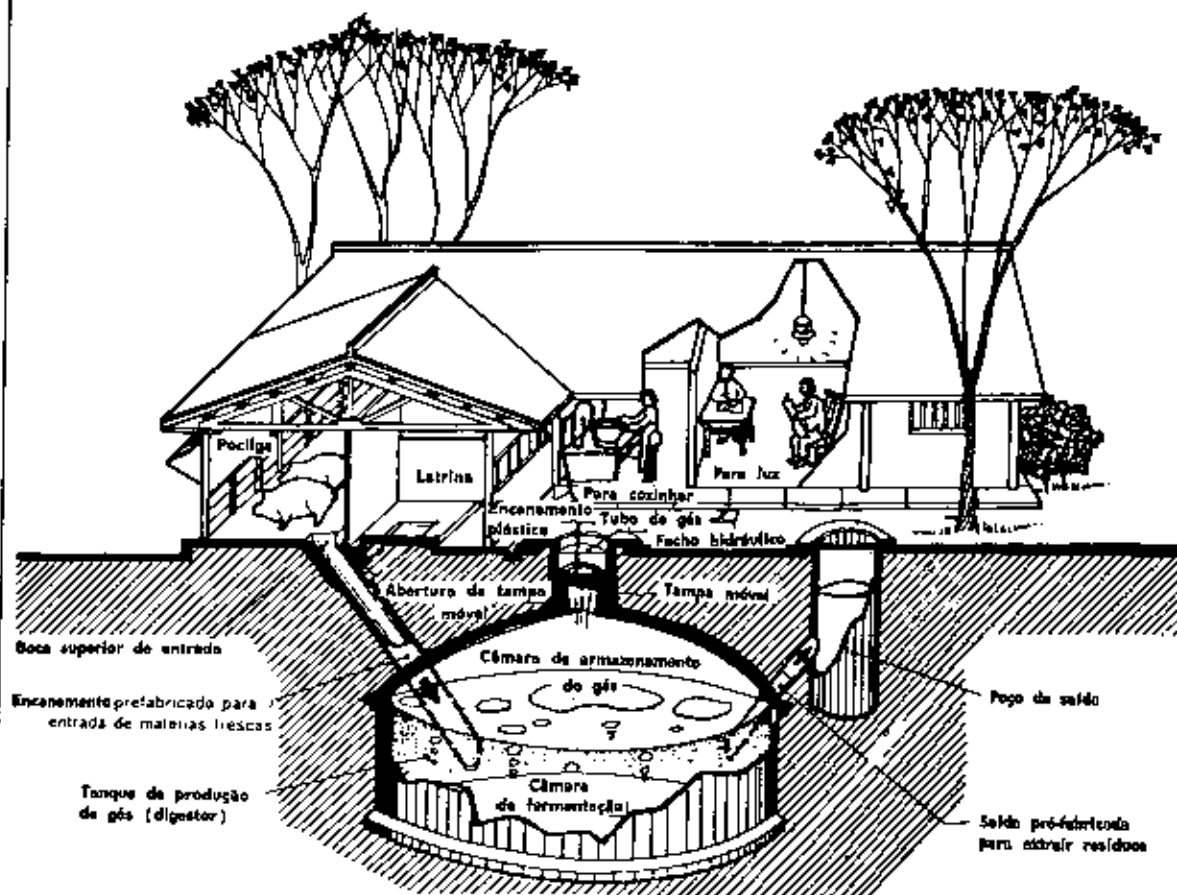


Gráfico 1. Um sistema simples de biogás.

câmbio de informações sobre o projeto e a construção de instalações produtoras de biogás. Prevê-se que, graças a este intercâmbio de conhecimentos e aos progressos obtidos na tecnologia e em sua transferência, se produzirão notáveis melhoramentos na produção do biogás.

O PROCESSO DE DIGESTÃO

Processos anaeróbicos — Os tratamentos que atuam sem oxigênio são denominados processos anaeróbicos. Destes, a digestão anaeróbica é o tratamento que tem por objetivo decompor matérias orgânicas e/ou inorgânicas em um digestor hermético, sem oxigênio molecular, continuando o processo até que se produza gás metano e dióxido de carbono. O processo de digestão anaeróbica abrange toda uma série sumamente complexa de reações bioquímicas, provocadas pelas culturas de uma mistura de bactérias. Durante a digestão, produzem-se duas fases de decomposição: a fase de separação ou liquificação, seguida da fase de gaseifi-

cação (figura 1). A primeira fase é produzida principalmente por bactérias saprófitas, a maioria das quais são facultativas, capazes de se reproduzirem rapidamente e não são tão sensíveis às alterações das condições ambientais, como as bactérias responsáveis pela fase de gaseificação. Como se pode ver na figura 1, as bactérias que formam ácidos, com o auxílio de enzimas extracelulares, transformam quase toda a matéria carbonácea em ácidos voláteis e água. As bactérias que formam metano, com o auxílio de enzimas intracelulares, transformam estes ácidos em metano e dióxido de carbono. As bactérias formadoras de metano são estritamente anaeróbicas, têm baixa porcentagem de reprodução e são extremamente sensíveis às alterações do pH e da temperatura.

Na ausência de bactérias metanógenas, com o processo de digestão, somente se consegue a liquidação dos excrementos, o que, com frequência, os faz mais repulsivos que em seu estado original. Em troca, se em certas condições a liqui-

dificação se produz mais rapidamente que a gaseificação, o acúmulo de gases resultante inibe mais as bactérias metanógenas, e o processo de digestão funciona mal. Consequentemente, os dois tipos de bactérias têm que estar devidamente equilibrados. No entanto, as condições dadas para as bactérias gaseificantes também são satisfatórias para as bactérias liquificantes.

Os excrementos líquidos no digestor chama-se sobrenadantes, enquanto os sólidos estabilizados chamam-se lodos digeridos. Ambos os materiais têm que ser extraídos a intervalos regulares do digestor, com o fim de evitar a inibição do processo anaeróbico.

O processo de digestão anaeróbica é efetuado em um tanque hermético, dentro do qual se regulam os fatores ambientais e se dispõe do espaço necessário para os sólidos e líquidos, assim como para os gases gerados. Todo digestor bem projetado deve ter tubulação de amostragem de, pelo menos, 75 mm de diâmetro, tanto para o sobrenadante como para os lodos.

Devem ser providos de mecanismos de extração de lodos e sobrenadantes, a acumulação e expulsão de gases e a eliminação dos sólidos e de dispositivos de segurança contra a explosão e para limpeza do digestor.

Fatores ambientais — Entre os fatores ambientais de vital importância para o funcionamento dos digestores figuram: a temperatura, a concentração de sólidos, a formação de espuma, a concentração de nutrientes essenciais, as substâncias tóxicas e o pH.

Temperatura — A gama de temperaturas para digestão anaeróbica varia entre 10 e 60°C. Não obstante, as duas temperaturas ótimas são a mesófila (30-40°C, e a termófila (45-60°C)². Quase todos os digestores funcionam dentro dos limites de temperatura mesófilas, e a digestão ótima é obtida com cerca de 35°C. A velocidade de digestão a temperatura superiores a 45°C é maior que a temperaturas mais baixas. Dentro desta gama de temperaturas, porém, as bactérias são sumamente sensíveis às alterações do ambiente; a quantidade de licor sobrenadante é má, e a manutenção dessas temperaturas elevadas torna-se custosa e difícil. A digestão não sofre com um aumento da temperatura de alguns graus, mas uma diminuição repentina de somente poucos graus pode deter a produção de metano, sem afetar materialmente as bactérias produtoras de ácidos, e isto conduziria a um acúmulo excessivo de ácidos e possivelmente a uma falha do digestor.

Ácidos voláteis — Normalmente, a concentração de ácidos voláteis não deve superar 2 000-3 000 mg/l, expressos em ácido acético. Se este nível é ultrapassado, a formação de metano pode diminuir, e

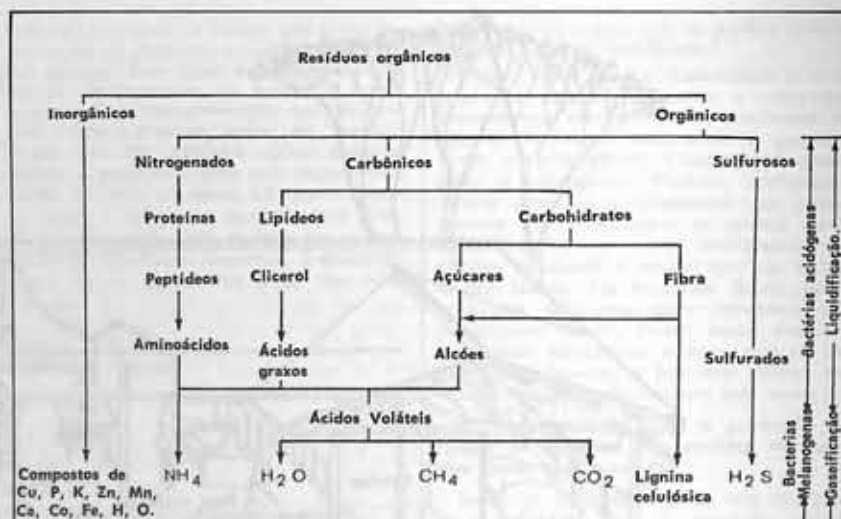


Figura 1. Vias principais do processo de digestão anaeróbica

os ácidos voláteis aumentam rapidamente, devido a que as bactérias produtoras de metano não podem utilizá-los com a mesma velocidade com que são produzidos, e a digestão cessará ao cabo de dois ou três dias.

As principais causas de uma produção excessiva de ácidos voláteis são a elevada velocidade de carga, uma baixa de temperatura e a formação de espuma. A formação de espuma e o acúmulo de matérias fibrosas devem ser evitados, misturando-se os conteúdos do digestor, o que também contribui para o processo,

já que estabelece condições uniformes. A espuma constitui uma zona de acumulação de substrato, na qual se desenvolve uma forte concentração de ácidos voláteis.

Minerais — Consegue-se uma digestão satisfatória com concentrações de sólidos de 15% ou mais. Sem embargo, uma faixa mais prática de concentração de sólidos é a de 3-10%. A presença de quantidades excessivas de substâncias tóxicas torna-se prejudicial, porque impede o desenvolvimento bacteriano.



GIGLIO DA N. DELHI

Grande Campeão da Raça na 1.ª Exposição Internacional da Água Fria, São Paulo - 1979 (Doador de Sêmen).

MAIS CARNE EM MENOS TEMPO COM O CRUZAMENTO

Marchigiana x Nelore

FAZENDA CERRADO DE CIMA

Itapeva — SP — Km 266 da Rodovia SP-258

Seleção de Marchigiana PO e Cruzamentos com Nelore
Venda de tourinhos e novilhas 1/2 sangue e
3/4 Marchigiana/Nelore

Informações: Em S. Paulo: (011) 247-8995 e 521-2706
Em Itapeva: (0155) 22-1423

Os antibióticos empregados nas explorações de produção animal encontram-se nos excrementos, mas seus efeitos para a digestão não puderam ser confirmados. Não se crê que sejam importantes, em emprego normal. O cobre, em pequenas quantidades, estimula a atividade enzimática das bactérias, mas é pouco tóxico em concentrações elevadas. O amoníaco é um diminuidor importante da digestão e, em concentrações fortes, impede o processo. As concentrações de $\text{NH}_3\text{-N}$ devem ser inferiores a 2 000 mg/l.

Para uma digestão ótima, todos os elementos essenciais para o metabolismo bacteriano têm que estar presentes e assimilar-se facilmente. Estes elementos encontram-se nos produtos de limpeza dos currais de engorda. Não obstante, a relação entre alguns destes elementos tem que ser equilibrada. Uma relação C:N (carbono: nitrogênio) de aproximadamente 16:1 é considerada ótima para uma boa produção de gás e para uma fermentação estável dos excrementos animais.

pH — O pH ótimo para a digestão situa-se entre 7 e 8. A digestão é inibida a menos de 6,5 e cessa com pH inferior a 4,5. Uma vez que a digestão se estabelece, o pH chega a cerca de 7, e o lodo fica bem amortecido, vale dizer, que a concentração de íons de hidrogênio permanece invariável, mesmo quando se juntam quantidades relativamente grandes de ácido ou alcali. Se a capacidade de amortecimento do lodo é destruída, o pH diminui e o digestor cessa de funcionar devidamente e, em alguns casos, se altera, despreendendo odores desagradáveis; a qualidade do sobrenadante e dos sólidos do lodo torna-se má e não produz gás metano. Há necessidade de muitos dias ou mesmo meses para que um digestor alterado volte a poder funcionar.

PROJETO E CONDIÇÕES

As condições ótimas de funcionamento dependem do objetivo principal da digestão. Quando o essencial é ter-se uma recuperação de gás e um tratamento a fundo dos sólidos, tem-se que regular a temperatura do digestor, a velocidade da carga, a duração da retenção e o grau da mistura. Nas instalações produtoras de biogás menores, nas quais é importante a conservação dos nutrientes, não é tão importante o controle de todos esses fatores. Em ambos os casos, o processo de digestão se auto-inicia logo que se tenham estabelecido as condições de anaerobiose.

O processo de digestão do biogás difere em muitos aspectos de outros tipos de fermentação. A diferença mais saliente consiste em que não é necessário utilizar uma cultura pura de bactérias, nem conservar essa cultura para inoculação e re-inoculação. As bactérias capazes de decompor as substâncias orgânicas e de produzir gás metano são encontradas em toda a parte em condições naturais, na matéria em putrefação e abundam especialmente nos excrementos animais e humanos. Em condições apropriadas, estas bactérias podem ser ativadas em elevado grau e manter esta atividade indefinidamente, com um manejo adequado. Consequentemente, a produção de biogás ninguém inventou ou descobriu; ela se produziu naturalmente e vem sendo empregada em diferentes regiões do mundo, mas, até há pouco, o intercâmbio de informações sobre o tema era escasso.

Elementos do digestor — Os digestores podem ser de desenho normal ou de desenho para grande velocidade. A diferença consiste no grau de regulação dos

fatores do ambiente e especialmente da mistura.

Como se observa na **figura 2**, ambos os projetos podem corresponder a um sistema monofásico ou bifásico. No digestor normal, os tanques ordinários não estão providos de mecanismo de mistura e se formam camadas de materiais. O biogás sobe até a parte de cima, de onde é extraído para emprego direto (menos caro e menos difícil) ou para armazenamento temporário e/ou limpeza. A matéria fluente forma uma camada de espuma que se eleva até a superfície do líquido com as borbulhas do gás. A menos que esta camada de espuma seja removida periodicamente, poderão surgir sérios problemas para o funcionamento dos tanques digestores de excrementos animais. Debaixo da camada de espuma há um líquido sobrenadante relativamente claro, que contém principalmente elementos sólidos dissolvidos e materiais coloidais. Quase todos os sólidos suspensos, inclusive as bactérias, são encontrados na camada inferior, onde se produz a digestão ativa. Os sólidos, cuja matéria orgânica foi digerida, sedimentam-se no fundo do depósito. Como se vê na **figura 2a**, os excrementos devem ser introduzidos mediante bombeamento em diversas alturas, para se obter certa mistura nos tanques digestores. Os licores sobrenadantes são extraídos pela parte superior do tanque, enquanto os lodos digeridos são retirados pelo fundo do depósito.

Nos digestores bifásicos de grande velocidade (e completa mistura dos conteúdos do tanque), o segundo tanque funciona mais como um armazém e estabilizador de sólidos, ao passo que o primeiro tem por finalidade estabelecer condições ótimas para a gaseificação. A **figura 2** mostra todos os elementos de um diges-

IRRIGAÇÃO

Bombas hidráulicas para irrigação, montadas com motores diesel, gasolina, álcool ou elétrico.

Oferecemos uma infinita gama de vazões e pressões, para qualquer tipo de cultivo e topografia do solo.

Irrigação por aspersão ou inundação.



BOMBAS ALBRIZZI-PETRY LTDA.

Fábrica: Av. Pres. Café Filho, 474
Tel.: 445-4400 - PABX - CEP 09900 - Diadema - SP
CP 178 - Telex: (011) 4410 - BALP

Depósito de Vendas: Diadema — Tel.: 445-4400 - PABX
São Paulo: Av. Prestes Maia, 575 - Tel.: 227-5907 • 228-0047 • 228-3498
Telex (011) 20652 - BALP - BR
Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 156 - Sala 1603 - Tel.: 262-1966
Telex (021) 31580 - BALP - BR

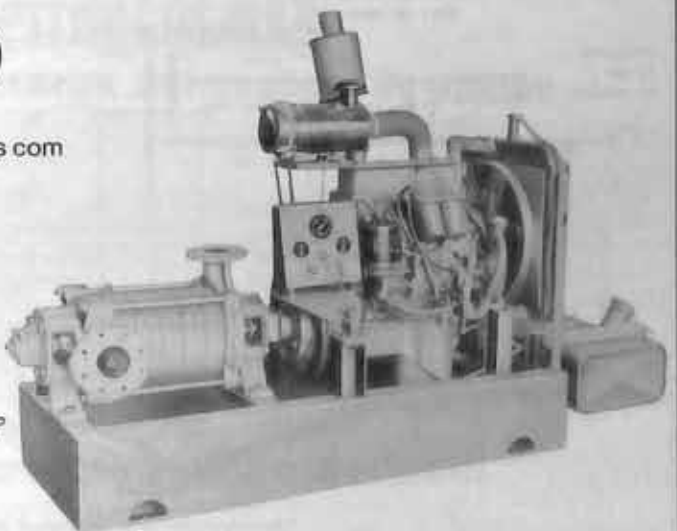
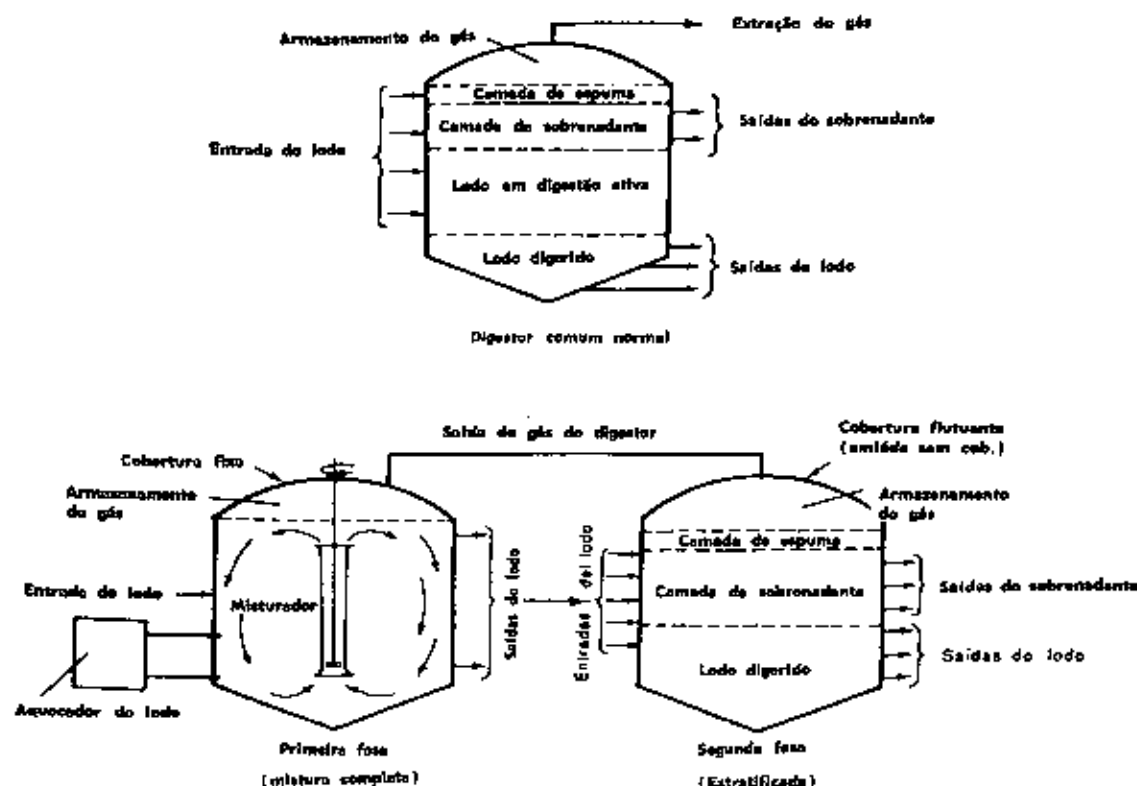
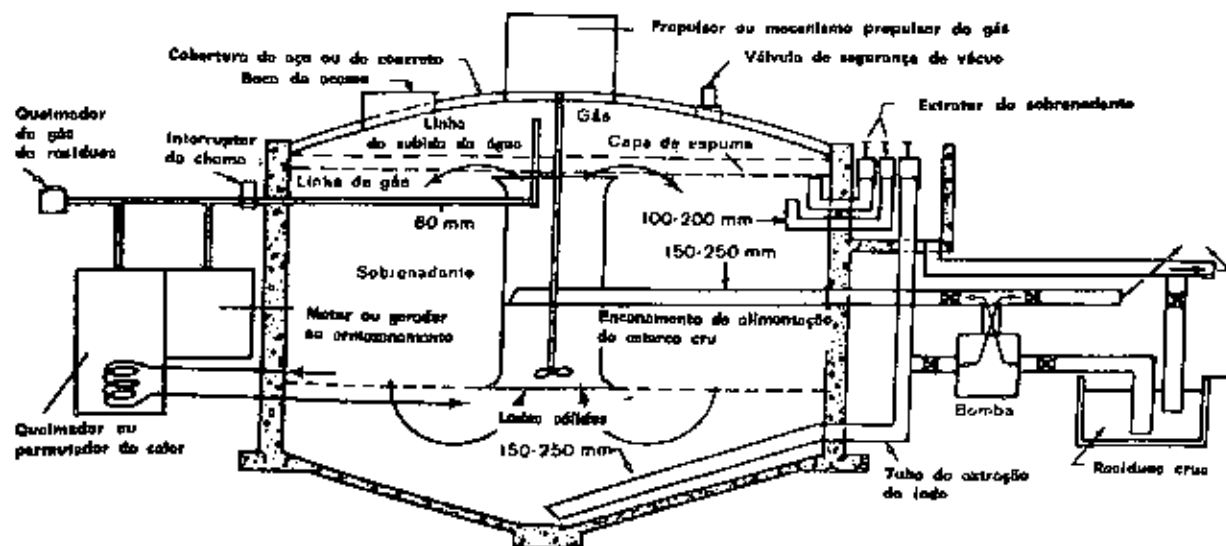


Figura 2. Esquemas de digestores grandes



Digestor bifásico de grande velocidade.



Princípios construtivos de um digestor completo.

tor monofásico de grande velocidade. A digestão de grande velocidade é realizada em grandes tanques, o que implica o emprego de misturadores para que o substrato fique em constante contacto com os microrganismos, além da otimização de todos os fatores ambientais e de velocidade de carga.

Normalmente, os pequenos tanques digestores de biogás não se movimentam de todo, nem incluem todos os elementos de um digestor de grande velocidade, como, por exemplo, termopermutadores, dispositivos de extração de sobrenadantes e lodos, válvulas de segurança de vácuo etc.

Na figura 3, são mostrados três desenhos típicos de pequenas instalações de biogás que funcionam na Ásia. O desenho dos pequenos tanques de biogás para residências ou pequenas fazendas varia segundo a região e o país. Além de produzirem energia de biogás, estes tanques constituem um método higiênico para armazenar excrementos, com o que melhora o nível sanitário em torno das fazendas.

Funcionamento — Não é necessário juntar qualquer mistura especial de bactérias para que se inicie o processo em um digestor anaeróbico. Não obstante, para acelerar o processo, de início, comumente semeia-se o depósito com lodo em digestão ativa, procedente de uma instalação de tratamento de águas de esgoto ou de uma fossa de esterco bem digerido. Em se tratando de grandes digestores pode dar bom resultado misturar os excrementos frescos que entram com lodo digerido durante as primeiras duas semanas, mais ou menos, até que se obtenha uma produção de gás uniforme. Este tipo de contaminação com organismos vivos também pode ser utilizado para se colo-

car de novo em funcionamento um digestor que se tenha "cansado" (por excesso de acúmulo de ácidos voláteis, pH baixo, baixa relação entre CH_4 e CO_2).

Regulação da temperatura — A regulação da temperatura é obtida mediante termopermutadores, que podem aquecer o lodo do tanque, ou fazendo circular água quente através dos conteúdos do tanque. Calcula-se que a temperatura média específica para todos os lodos equivale a 1,0 para as concentrações de sólidos inferiores a 10%. A regulação da temperatura nos grandes digestores por meio de termopermutadores exige um equipamento bom e seguro, além de contínua manutenção. Nos climas quentes, onde não há temperaturas de congelamento, os digestores podem funcionar sem adição de calor, mas, em contraposição, é necessário aumentar o tempo de retenção. Na produção de gás influi, sem dúvida, a temperatura de funcionamento.

Na figura 4 vêem-se as relações típicas existentes entre a produção de gás e a temperatura de funcionamento com diferentes durações de retenção. Com 12 dias de retenção, a produção de gás por unidade de matéria orgânica (TSV) adicionada diariamente ao digestor é 20% maior a 45°C que a 35°C (1,20 ao invés de 1,0 de volume de gás relativo). A mesma figura indica que a uma temperatura de funcionamento de 25°C, o volume de gás produzido seria 25% menor que a 35°C. A 55°C, a produção de gás é de 50 a 60% maior que a 35°C. A produção de gás diminui rapidamente quando as temperaturas ultrapassam os 60°C, motivo pelo qual, a temperaturas tão altas, a mortalidade das bactérias é também elevada. A temperatura baixa, digamos 15°C, a produção de gás é a metade que a 35°C e uma quarta parte que a 55°C.

Conquanto o nível de temperatura seja importante, as alterações de temperatura do digestor são mais importantes. As bactérias produtoras de metano são sensíveis às modificações repentinas de temperaturas. Uma diminuição de somente poucos graus da temperatura, sob a qual a cultura de bactérias produtoras de metano vem trabalhando, pode interromper a produção de gás, sem afetar em absoluto a produção de ácidos. Isto pode provocar um acúmulo perigoso de ácidos.

Consequentemente, a temperatura tem que ser regulada dentro de uma margem estreita (de 2 a 5°C), e, para proteger o processo contra o mau funcionamento do sistema regulador de temperatura e reduzir também os gastos de energia, convém isolar o tanque o mais possível. Um meio para isolar o digestor é amontoar terra em torno dele.

Tempo de retenção — Chama-se tempo de retenção o número de dias que os excrementos permanecem no digestor, antes de retirá-los como fluido sobrenadante ou como lodo digerido. Em um digestor de mistura completa, o tempo de retenção hidráulica (TH) equivale ao volume do digestor dividido pelo volume de excrementos retirados. Por exemplo: se o fluxo de resíduos é de 10 m³/dia e o digestor tem um volume líquido de 100 m³, o TRH é de 10 dias. Como as águas residuais contêm sólidos que se sedimentam fora do líquido (figura 2a), o tempo de retenção para sólidos e para líquidos pode ser diverso. Em um reator de mistura completa, o tempo de retenção para sólidos (TRS) e o tempo de retenção hidráulica (TRH) são iguais, mas, em um digestor sem mistura, podem ser diferentes, a não ser que a extração do líquido sobrenadante e dos sólidos do lodo digerido seja tal que a con-

RAÇA PITANGUEIRAS

Produção de leite e carne em regime de campo



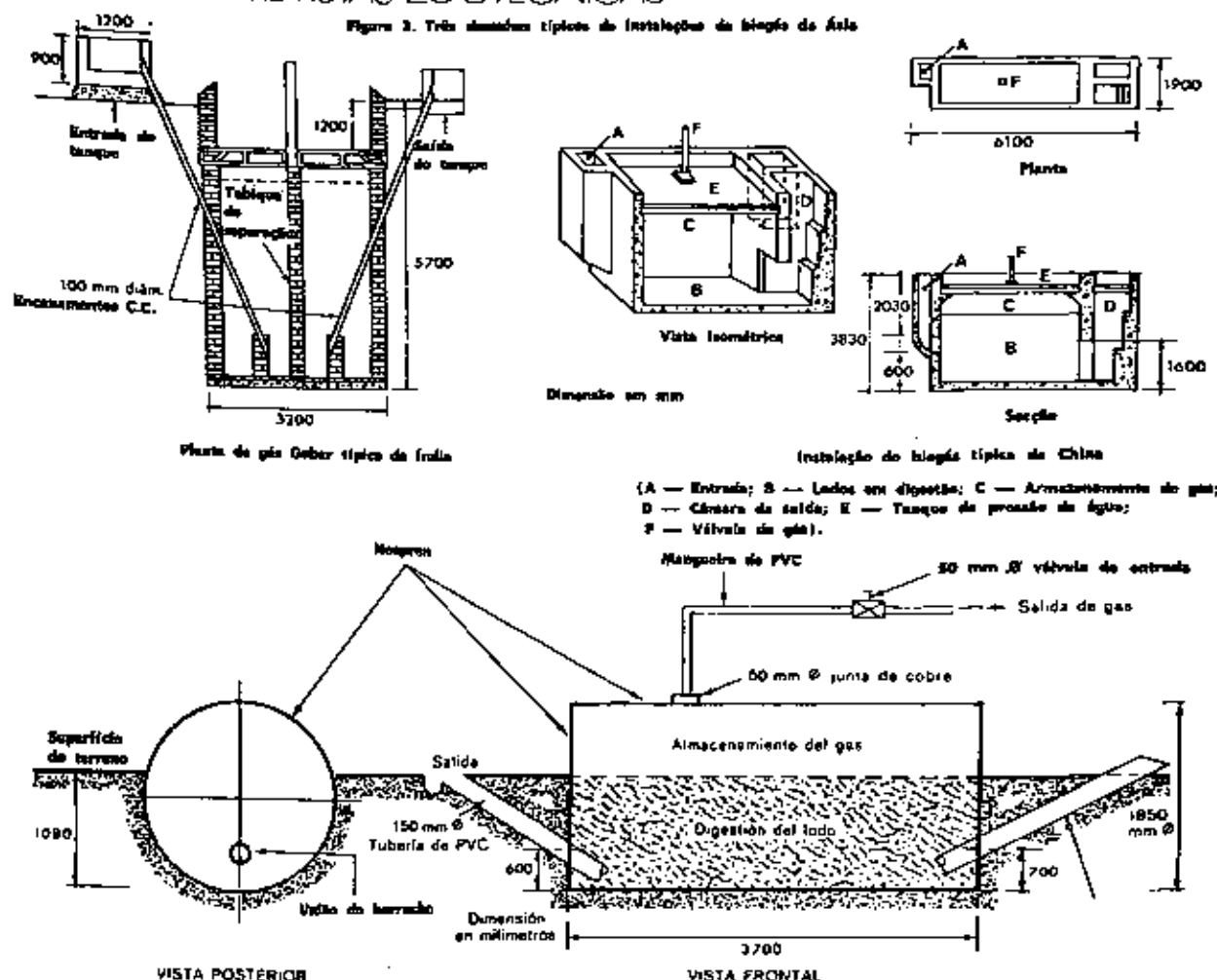
Lote de novilhas Pitangueiras.

Agropastoril Nazareth - Chácara Nazareth

Prop.: JOÃO PACHECO CHAVES

End.: Rua do Rosário, 2202 — Fone: 22-7138 — Piracicaba - SP

Figura 2. Três exemplos típicos de instalação de biogás de ácido



Digestor típico de Saco Mospon.

centração de sólidos dos resíduos extraídos seja igual à dos que ingressaram no digestor. Normalmente, o emprego do termo "tempo de retenção" se refere ao TRH, a não ser que se especifique que se trata do TRS.

O tempo de retenção deverá ser decidido pelo projetista depois de experimentar e/ou considerar outros parâmetros com os quais o TRH se relaciona matematicamente. Como ilustra a figura 4, o volume de gás produzido por unidade de resíduos aumenta rapidamente, à medida que aumenta o tempo de retenção (TRH), de 4 cerca de 10 dias em um digestor de grande velocidade, e vai diminuindo com o aumento do TRH. A retenção ótima dependerá dos resíduos a serem digeridos; da temperatura de funcionamento, do tipo de digestão (grande velocidade ou comum) e da economia. Um tempo de retenção maior significa tanque de maior tamanho, que custa mais que os tanques pequenos. Portanto, os custos de construção de digestores de

grande porte têm que ser sopesados com o valor do gás adicional produzido e com o valor da capacidade de armazenamento para resíduos. No entanto, se a digestão tem que ser levada ao ponto ótimo, o tempo de retenção terá que ser terminado experimentalmente, utilizando o próprio resíduo. Como se pode ver na figura 5, a concentração de sólidos do resíduo influi no TRH e dele trataremos logo mais.

O tempo mínimo de retenção tem que ser maior que o de geração de bactérias metanógenas, posto que, do contrário, os microrganismos serão eliminados com mais rapidez do que produzidos. Para fins práticos, o TRH não deve ser menor que 5 dias. A uma temperatura de funcionamento termófila de 50 a 60°C, é preferível empregar tempos de retenção de 8 a 12 dias nos digestores de grande velocidade. Sob temperaturas criófilas, de 10 a 20°C, seriam empregados tempos de retenção de cerca de 30 dias. Com temperaturas mesófilas (25 a 45°C) pode ser utilizado um TRH de 10 a 25 dias, sem-

pre que se leve devidamente em conta o tipo de resíduo. Os excrementos porcinos, que são ricos em sólidos voláteis facilmente degradáveis, necessitarão de um TRH de cerca de 10 ou 12 dias, ao passo que os excrementos bovinos, ricos de matérias celulósicas e fibras de difícil decomposição, requererão um TRH de cerca de 20 dias (Bousfield, Hobson e Summers, 1979).

Velocidade de carga — A velocidade de alimentação do digestor é vital. A velocidade da mistura e de carga volumétrica (VCV) determinam o tipo de digestão, ou seja, ordinária ou de grande velocidade.

Teoricamente, o critério determinante da velocidade de carga seria a relação alimento: bactéria (A:M). Na prática, a velocidade de carga é expressa em termos de peso de sólidos voláteis (TSV) juntados diariamente por unidade de volume do digestor (kg de TSV/m³.dia do volume do digestor) ou em peso de TSV

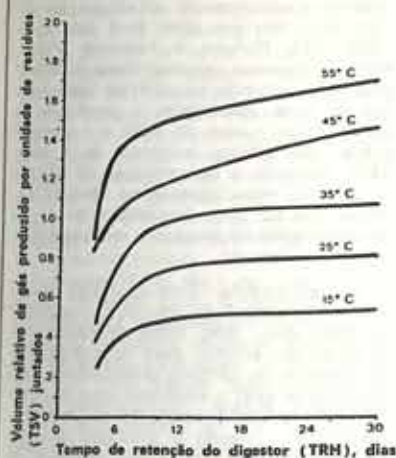


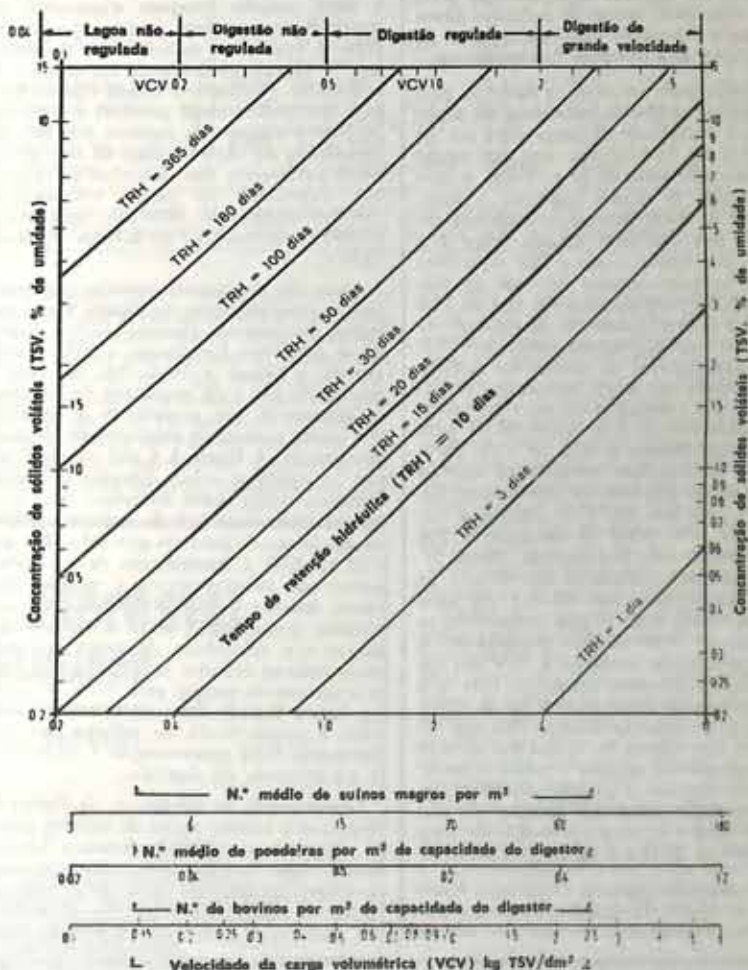
Figura 4. Produção de gás a diferentes temperaturas de funcionamento e tempos de retenção.

juntados por dia por unidade de peso de TSV do digestor. Para fins de projeto, emprega-se o primeiro critério, mas convém usar o último para o controle do funcionamento de um digestor.

Para facilidade de consulta, como se vê na figura 5, a digestão é classificada segundo a velocidade de carga. Para velocidades de carga inferiores a 0,2 kg de TSV/m³-dia, o sistema é classificado como aquele que, embora possa funcionar como contínuo, é, na verdade, um sistema descontínuo. O gás metano é gerado em lagoas anaeróbicas. Nos climas tropicais e semi-tropicais, é possível recolher o gás produzido nessas lagoas, mas a velocidade de produção de gás é pequena. Além disso, é difícil recolher os gases de grandes superfícies, como comprovaram Nordstedt e cols. (1976). Estes autores instalaram sobre as lagoas lençóis de plásticos e em seguida analisaram o gás recolhido. O produto obtido tinha em média 60% de CH₄, 7% de CO₂ e 31% de ar. A produção de gás variava de 6 a 400 l/dia por m² de superfície da lagoa, com média de mais ou menos 401/m²-dia.

Os tanques digestores carregados à razão de 0,2 a 0,5 kg de TSV/m³-dia constituem um sistema de digestão não regulada sem agitação do conteúdo do tanque. As pequenas instalações de biogás para granjas (figura 3) entram principalmente nesta categoria. Quanto ao número de animais que devem ser considerados por m³ de volume do digestor, a figura 5 fornece limites de 0,4-1,0 para suínos de carne; 6-15 para poedeiras e 0,4-0,1 para bovinos. Esta relação entre a velocidade de carga e o número de animais baseia-se

Figura 5. Capacidade do digestor de biogás necessária para os diversos animais, em diferentes níveis de funcionamento do digestor. (Hipótese: 70% de coleta do TSV a peso vivo médio (PVT) 60 kg suínos, 2 kg galinhas, 500 kg bovinos).



na velocidade da excreção de matéria orgânica por animal de 100 kg de peso vivo total (PVT). Para a digestão não regulada, o tamanho médio do digestor é de 10 m³ por vaca leiteira de 500 kg de PVT. O volume do digestor pode ser reduzido, se a digestão for regulada ou à grande velocidade.

A digestão regulada é obtida quando a velocidade de carga situa-se entre 0,5 e 2 kg de TSV/m³-dia. Estes sistemas requerem, pelo menos, uma mistura intermitente e uma supervisão e manejo diários bem maiores que os digestores carregados a menor velocidade. Os sistemas

de digestão regulada funcionam normalmente em institutos científicos ou em lugares onde há peritos especializados. Os digestores de tamanho de instalação-piloto, como os citados em artigos de divulgação, situam-se principalmente nesta categoria, mas o potencial do processo é extrapolado dos digestores de tamanho de laboratório que funcionam a grande velocidade.

Os digestores de grande velocidade são carregados a razão de 2 ou 6 kg de TSV/m³-dia; agitam-se perfeitamente e se alimentam continuamente uma vez ao dia, mas, preferentemente, duas vezes ao dia.

Exigem uma supervisão diária, manutenção e vigilância constantes para manter uma elevada velocidade de digestão e de produção de gás. Quase todos os grandes digestores que tratam os lodos de águas de esgotos urbanos são de grande velocidade. As estatísticas sobre produção de gás citadas na maioria dos trabalhos refere-se aos sistemas de digestão de grande velocidade, apesar de incluírem dados sobre a velocidade de carga, o tempo de retenção ou a forma de funcionamento.

Como pode ser visto na figura 5, para funcionar a grande velocidade de digestão, a velocidade de carga deve ser de 2 a 6 kg TSV/m³-dia, com um tempo de retenção ótimo de 10 a 15 dias. A concentração de sólidos orgânicos (porcentagem de TSV) nos excrementos que entram tem que estar situada entre 2 e 5%, base úmida. Como o TSV representa 80% aproximadamente do total de sólidos (TTS), isto significa um teor de TTS de 2,5 a 11% (conteúdo de umidade — TCU — de 97,5%, diminuído a 91%). O conteúdo total de sólidos dos esterco de animais ao serem excretados (inclusive urina e fezes) oscila entre aproximadamente 9% de TTS (91% TCU) para o bovino leiteiro e 30% de TTS (60% TCU) para ovinos. Portanto, os esterco de animais precisam ser ligeiramente ferveridos para que seu TTS diminua a menos de 15% (85% de umidade) a fim de permitir uma boa digestão (figura 5). Normalmente, mesmo os excrementos de bovinos leiteiros são diluídos em água antes da digestão, já que unicamente se recolhem fezes sólidas, perdendo-se a maior parte da urina. Se o TSV dos excrementos efluentes representa 10% e a velocidade de carga é de 2 kg de TSV/m³-dia, o tempo de retenção terá que ser de 50 dias (figura 5). Como um período de retenção de 50 dias é muito dilatado para a digestão a grande velocidade, os excrementos têm de ser diluídos por um fator igual a 5, para que diminuam para 10 dias de TRH e 2 kg de TSV/m³-dia.

Na digestão a grande velocidade, é menor o volume do digestor necessário por animal. Podem ser digeridos por m³ de

volume de digestor os excrementos de 4 a 12 suínos, de 60 a 180 galinhas e de 0,4 a 1,2 bovinos leiteiros. Consequentemente e comparativamente, a digestão de lagoa e a digestão de grande velocidade, os requisitos de espaço por animal são 60 vezes menores.

Os engenheiros podem utilizar a figura 5 para projetar tanques digestores, e outras pessoas também podem para comparar e avaliar os dados sobre os sistemas de digestores descritos em trabalhos publicados. Mediante a citada figura, torna-se matematicamente possível e fácil relacionar o número de animais por m³ de capacidade do digestor com os três principais parâmetros dos desenhos de digestor: velocidade de carga volumétrica (VCV); tempo de retenção hidráulica (THR); concentração de sólidos voláteis (TSV).

Antes de prosseguir, convém observar que as relações dadas na figura 5 são relações matemáticas físicas, válidas quando os digestores funcionam a 25°C como quando o fazem a 55°C. São os rendimentos de gás e os requisitos de manejo os elementos que aumentam à medida que cresce o nível de temperatura de funcionamento. A figura 5 é útil por indicar que os trabalhos sobre digestão que não fornecem dados sobre ao menos dois dos três parâmetros críticos do desenho (VCV ou o número de animais por m³, TSV ou TTS e TRH) e temperatura de funcionamento não são completos e podem tornar-se, mesmo, inúteis. Quando em um trabalho publicado, é dado o volume do tanque e a velocidade de carga volumétrica, pode-se calcular o THR dividindo-se o volume do tanque pelo VCV. A mesma figura 5 pode ser utilizada para calcular a concentração de sólidos nos excrementos. Essa concentração é importante no processo de digestão.

Concentração de sólidos — Na figura 5, vê-se que a concentração de sólidos guarda relação com outros parâmetros importantes, como já foi demonstrado. Convém observar, no entanto, que uma concentração de sólidos de 3 a 10% é preferível, tanto para a digestão a grande velo-

cidade, como para a digestão regulada. A produção de gás aumenta para 40% quando a concentração de sólidos dos excrementos bovinos sobe de 5 para 10% (Bousfield, Hobson e Summers, 1979). Mas os mesmos investigadores descobriram que, quando se utilizam excrementos de aves domésticas, a produção de gás diminui quase de 60% e a concentração de sólidos aumenta de 5 para 12%. Quando a concentração de sólidos é elevada, especialmente no caso de excrementos de aves domésticas, as fortes concentrações de amoníaco imedem o processo de digestão.

A concentração ótima de sólidos no digestor dependerá do tipo de excrementos. É vital, pois, que, antes de determinar o nível de sólidos para funcionamento do digestor, se efetuem experimentos para estabelecer qual o nível que permite obter os melhores rendimentos de gás, isto, naturalmente, quando o principal objetivo é a produção de gás. Como se deduz da figura 5, quando a concentração de sólidos é muito baixa, não se pode obter elevadas velocidades de carga dentro de tempos ótimos de retenção. Também, se o digestor precisa ser aquecido, os requisitos de aquecimento serão demasiadamente elevados. Em troca, quando a concentração de sólidos é excessivamente elevada, quer dizer superior a 15% de TSV, a digestão tem de ser realizada com tempos de TRH prolongados. Além disso, se todos os sólidos forem mantidos em suspensão, poderão surgir problemas na digestão a grande velocidade. Por outro lado, em concentrações muito fortes, os sólidos tendem a aumentar os ácidos voláteis e o conteúdo de CO₂ do gás. É preferível que o digestor funcione com a maior concentração de sólidos possível, sem criar efeitos prejudiciais sobre a produção de ácidos voláteis. Neste caso, também se deve ter em conta os requisitos de energia para a mistura dos conteúdos do digestor.

Mistura — Os dois principais métodos de conservar em suspensão os conteúdos do digestor são os misturadores mecânicos e a recirculação do gás.

**Para
assinar a
REVISTA DOS
CRIADORES**

**basta telefonar
263-8434**

**Lucre mais... preparando a
alimentação da sua criação.**

FOSFATO BICÁLCICO
PARA BOVINOS, SUÍNOS E AVES

Pedidos à: NUTRIQUÍMICA COMÉRCIO E IMPORTAÇÃO LTDA.
Avenida Guilherme, 608 - Vila Guilherme - São Paulo - SP
CEP 02053 - Fone: (011) 92-7151

O método de recirculação do gás é considerado o melhor, mas há necessidade de mais desenhos de engenharia e supervisão que para a mistura mecânica. Para que a mistura se torne eficiente, todos os conteúdos do digestor precisam ser mantidos em suspensão, o que permite que os microrganismos fiquem permanentemente em contato com o alimento. Ademais, uma mistura completa evita a formação de camadas de espuma na parte superior e de uma camada de lodo no fundo do digestor. Mesmo assim, a concentração de agentes inibidores (tais como os metais tóxicos e produtos inibidores intermediários etc.) se mantém em níveis mínimos. Com os digestores cujo conteúdo está perfeitamente misturado em qualquer momento, obtém-se uma digestão de grande velocidade, o que dá em resultado uma melhor redução das matérias voláteis (TSV), grande rendimento de gás por unidade de TSV e um elevado conteúdo de energia no gás (70% de CH₄).

Propriedades dos excrementos — Os animais produzem excrementos em proporção a seu peso vivo. No quadro 1 são dados os valores que, a título de orientação, são sugeridos quanto às propriedades dos excrementos que têm importância para o projeto de uma instalação de biogás

1 — Propriedades dos excrementos animais							
Propriedade	Símbolo	Unidade	Suínos	Pedreiras	Bovinos de corte	Ovinos de corte	Bovinos leiteiros
Excrementos úmidos excretados	EUE	kg/d de UPA ¹	5,1	6,6	4,6	3,6	9,4
Urina	U	% de EUE	45	0	29	50	31
Total de sólidos	TTS	% de EUE	15,5	25,3	17,2	29,7	9,3
		kg/d de UPA	0,69	1,67	0,70	0,07	0,89
Conteúdo de Umidade	TCU	% de EUE	86,5	74,7	82,8	70,5	90,7
Total de sólidos voláteis	TSV	% de TTS	82,4	72,8	82,8	84,7	80,3
		kg/d de UPA	0,57	1,22	0,65	0,91	0,72
Total de nitrogênio Kjeldahl	TNK	% de TTS	5,6	5,9	7,8	4,0	4,0
		kg/d de UPA	0,039	0,099	0,055	0,043	0,036

¹ UPA = unidade de população animal, que equivale a 100 kg de peso vivo total (PVT) do animal (ou seja, 50 frangos de 2 kg cada um representarão uma UPA).

(Taiganides, 1977). Na citada referência também são dados os valores e explicações detalhadas sobre outros parâmetros, tais como metais contaminadores, potencial de contaminação etc. dos excrementos animais. A propriedade mais importante para o desenho é o conteúdo de matéria orgânica (TSV) do excremento e sua concentração no excremento diluído. O volume de TSV guarda, naturalmente, rela-

ção com o total de excremento úmido, TCU, TTS, etc., como já foi demonstrado e pode ser visto no quadro 1. Também é dada a quantidade de TSV excretada por unidade de população animal (UPA) por dia; a UPA é definida como um animal de peso vivo total (PVT) de 100 kg. A expressão UPA permite determinar os excrementos equivalentes de animais de tamanho diverso, posto que não tem sentido dizer "suínos" ou mesmo "porco de tamanho médio", sem especificar seu PVT. A UPA facilita o cálculo dos valores de propriedade do excremento e a comparação com os de outras espécies animais.

Utilizando o quadro 1 e as figuras 4 e 5, um engenheiro pode elaborar um projeto provisório de um digestor. Com estes projetos provisórios torna-se possível determinar a viabilidade econômica básica do projeto, assim como a de outros projetos possíveis, em termos de níveis de temperatura, tempo de retenção, diluição ou concentração de sólidos no excremento etc. Depois destes projetos provisórios, é importante que, quando se trata de projetos de instalações de grande porte, se proceda a experimentações reais, para obter parâmetros ótimos, como foi indicado, tendo-se em conta a disponibilidade de materiais e pericia administrativa.

MÉTODOS PARA CONTROLE

Construído o digestor, a questão seguinte é determinar se ele funciona bem ou se o faz com êxito. Ver-se-á que o êxito do sistema está na dependência dos objetivos do projeto e da prioridade atribuída a cada um desses objetivos.

Segundo conforme se tem assinalado, os objetivos podem ser muitos: recuperação da energia gasosa, estabilização de sólidos, higiene/controle de patógenos, formação de especialistas em manejo de bactérias etc. Supondo-se que a principal prioridade corresponda à recuperação da energia, os parâmetros a serem controlados são: os ácidos voláteis, o pH, a alcalinidade do bicarbonato, a produção de gás e a qualidade deste.

Prosdócimo Florestal FAZENDA CALDEIRÃO

Km 110 — Estrada Guaraqueçaba — PR
Curitiba — 041 — 222-8925



criação e seleção DE BÚFALOS JAFARABADI

2 — Calor de combustão do biogás e de outros combustíveis competitivos

Materia energética	em calorías (kcal)	Equivalente em eletricidade (kWh)	de 1 m ³ de biogás
Combustíveis sólidos, p/kg			
Linhita	7 270	8,46	0,72
Antracita	7 050	8,20	0,74
Carvão de coque	7 220	8,39	0,72
Briquetes	6 380	7,42	0,82
Bagaço (12% de H ₂ O)	4 040	4,70	1,29
Bambu (10,5%)	4 110	4,78	1,27
Lã (12% de H ₂ O)	4 300	5,00	1,21
Combustíveis líquidos (p/l)			
Petróleo cru	9 680	11,26	0,54
Querosene	8 992	10,46	0,58
Gasolina	8 400	9,88	0,61
Combustíveis gasosos (p/m³)			
Gás natural	9 340	10,87	0,56
Gás fabricado	4 900	5,69	1,06
GLP — Gás de petróleo liquefeito	6,6 x 10 ⁴	7 701	0,8 x 10 ³
Biogás (p/m³)			
65 CH ₄ , 35% CO ₂	5 200	6,00	0,1
Purificado (100% CH ₄)	8 010	9,31	0,65
Energia elétrica (por kWh)	860	—	6,0

instrumentos para análise química, devem proceder à análise de rotina para determinar a alcalinidade do bicarbonato e os ácidos voláteis. Para o bom funcionamento do digestor, os ácidos voláteis devem ser menos de 500 mg/l, na forma de ácido acético. Quando os referidos ácidos superam os 2 000 mg/l produz-se uma grande inibição na produção de metano. A alcalinidade do bicarbonato deve ser da ordem de 1 500 a 5 000 mg/l, na forma de carbonato de cálcio (Ca CO₃). No APHA (Standard methods for the examination of water and wastewater, p. 1193, 1975) são dados os processos normais para estas análises e para as de todas as outras dos excrementos, por exemplo TSV, TTS, TNK (quadro 1) e, sempre que possível, serão utilizados exclusivamente métodos normalizados de análises. Outra forma de comprovar a estabilidade do processo, sem utilizar equipamento, consiste em controlar a qualidade do lodo digerido. O lodo não estabilizado cheira pior que o digerido e não é tão negro. Um operador experimentado verá facilmente a diferença.

Produção de gás — A produção de gás é o melhor indicador para impedir o mau funcionamento do processo. Na digestão de excrementos animais, a produção gasosa deve ser, em média, de cerca de 0,53 m³/kg de TSV, juntado ao digestor quando está funcionando a aproximadamente 35 °C. A esta temperatura, em se tratando de um digestor de grande velocidade, a produção máxima de gás deve ser de 1 m³/kg de TSV juntado. Sob temperaturas inferiores, ou seja, a uma 25 °C, a produção máxima de gás não será superior a 75% daquela a 35 °C e inferior a 50% a 15 °C (figura 4).

Outra forma usual de expressar a produção gasosa é em termos de m³ de gás

3 — Quantidades aproximadas e valor calórico do biogás obtido dos excrementos animais

Excremento	PVT (kg)	Produção de gás		Metano (%)	Valor calórico (kcal/dia)
		(l/kg de TSV)	(l/dia/animal)		
Humano	50	490	37	70	225
Podeiras	2	450	11	70	62
Suínos de engorda	50	630	180	65	900
Vacas leiteiras	500	330	1 200	70	6 850

Como o pH é de fácil mensuração, seu controle deve ser uma atividade rotineira. Se o pH desce a menos de 6,5, é um indicio de que o processo de digestão enfrenta dificuldades. Se o pH se eleva aci-

ma de 7,6, é necessário verificar a concentração de amoníaco. O amoníaco pode alcançar níveis capazes de impedir a produção de metano. Se o digestor funciona em um instituto de pesquisa dotado de

Preços de publicações da EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

I — ASSINATURAS NOVAS

INFORMATIVO RURAL TRABALHISTA E FISCAL

79	Cr\$ 8.500,00
80	Cr\$ 10.500,00
81	Cr\$ 13.850,00
82	Cr\$ 18.850,00 (*)

REVISTA DOS CRIADORES

82	Cr\$ 9.000,00 (*)
Anos anteriores	Cr\$ 9.000,00

II — EDIÇÕES

1 — Anuário dos Criadores 77/78	Cr\$ 3.000,00
2 — Anuário dos Criadores 79/80	Cr\$ 3.000,00
3 — Anuário dos Criadores 81/82	Cr\$ 3.000,00
4 — Agenda dos Criadores 80	Cr\$ 3.000,00
5 — Agenda dos Criadores 81	esgotada
6 — Agenda dos Criadores 82	Cr\$ 3.000,00
7 — Exploração Leiteira	Cr\$ 1.000,00
8 — Caderno de Contabilidade	Cr\$ 3.000,00
9 — O Mangalarga e o Cavalo de Sela	Cr\$ 2.000,00
10 — Guia Agropecuário	Cr\$ 2.000,00

(*) Com direito a um exemplar grátis da AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES.

REVISTA
DOS
CRIADORES

EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Rua Venâncio Aires, 31 — Tel.: 62-3316 - 65-0116 - 262-8434 — São Paulo
Brasil — CEP 03024 — C.B.C. 61.189.406/0001-41 — Inscrição N.º 108.063.280

ANUÁRIO
DOS
CRIADORES

por kg de TSV destruído. Em um digestor bem manejado, cerca de 50% de TSV que se utilizam devem ser destruídos; consequentemente, a produção de gás será, em média e aproximadamente, de 1 m³/kg de TSV destruído. A produção máxima será de cerca de 2 m³/kg de TSV destruído. Trata-se de cifras gerais, que podem ser utilizadas como orientação do que se pode esperar quando se controla um digestor ou se avaliam os resultados mencionados nos trabalhos publicados.

Quando não se pode estimar com exatidão a quantidade de TSV juntado ao digestor por dia, tem-se que medir a produção de gás em m³, por m³ de volume do digestor, o que não é senão uma relação de volumes, ou seja, volume de gás: volume do digestor. Esta relação será de 1:1 aproximadamente, com limites entre 4:1 nos digestores de grande velocidade e de 10:1 nos pequenos digestores experimentais que funcionam sob temperaturas termofílicas.

Qualidade do gás — Dispondo-se de um equipamento (ALPHA, 1975), a determinação do teor de CO₂ do gás (ou a relação CH₄: CO₂) será outro indicador da estabilidade do processo. Quando o barrar em dificuldades.

Em uma instalação de biogás bem manejada, a composição de gás é de 60 a 75% de CH₄; de 40 a 25% de CO₂; e mais quantidades vestigiais de H₂S, N₂ e NH₃, além de gases voláteis. A energia provém principalmente do metano CH₄, do gás, ao passo que o odor característico de ovos podres procede das quantidades vestigiais de água oxigenada de sulfeto de hidrogênio, H₂S. No quadro 2 são propiciados os valores calóricos do biogás e de outros materiais utilizados como fontes de energia. A eliminação do CO₂ do biogás aumentará seu valor calorífico ao equivalente do metano, ou seja, a 1 000 kcal/m³. O biogás produzido em um digestor que funcione bem terá, em média, cerca de 65% de CH₄ e um valor de combustão técnica de 5 200 kcal m³, aproximadamente. Como se pode apreciar no quadro 2, isto equivale, em termos de energia elétrica, a uns 6 kWh; é dado o conteúdo

térmico de quase todos os combustíveis correntemente empregados como fonte de energia nas zonas rurais e também, na última coluna, o equivalente de energia térmica de outros combustíveis para um m³ de biogás com 65% de CH₄.

Convém notar que o biogás compete com todas as outras fontes de energia, especialmente com o gás engarrafado. A competitividade econômica do biogás dependerá dos preços locais dos outros combustíveis, do custo do biogás e da dispo-

nibilidade e viabilidade de cada fonte de energia. O desflorestamento para obter energia para cozinhar é inaceitável, quaisquer que sejam os custos a curto prazo. Em outras palavras, o preço de outras fontes de energia pode ser inferior ao do biogás, mas como sua disponibilidade não pode ser garantida, de fato o biogás se torna competitivo, embora possa ser mais caro.

Rendimento de gás — A questão que se apresenta é: que quantidade de gás seria esperada da digestão anaeróbica de excrementos animais?

Como já foi sublinhado, o rendimento de gás depende de muitos fatores, tendo os principais a temperatura, a velocidade de digestão, o tipo de excremento utilizado etc. No quadro 3 são dados os rendimentos em gás com valores de orientação e a título comparativo, quando se controla o funcionamento de um digestor ou para cotejo com dados emprestados de trabalhos publicados. Os valores citados correspondem ao volume líquido de gás e aos valores calóricos líquidos, uma vez subtraída a média de 30% de gás produzido para manter uma temperatura mesófila (35°C) no digestor (Taiganides e cols., 1963). Estes valores são superiores ao que se pode esperar de uma digestão não regulada, mas que se baseiam na digestão a grande velocidade.

— Taiganides, E. P. Biogás, recuperação de energia de los excrementos animales. Parte I. R. Mundial Zootec., Roma (35): 2-12, 1980, 7 refs.

N. da R.: 1) ver a proposta do trabalho "Fábrica de gás gobar: por que e como?" in R. R. Zootec. (43): 58-62, 1979; 2) ver "Transformação do esterco de curral em gás e alimento para bovinos" in R. R. Zootec. (76), 1982 e "Biogás", R. Criadores (616): 9, 1981; 3) E. P. Taiganides é diretor do Projeto PNUD/FAO, Projeto SIN/74/006, do Departamento de Produção Primária, 17 km Sembawang Road, Singapura 2776. É professor de Engenharia Agrícola (Ambiental). O Governo de Singapura autorizou a publicação deste trabalho; 4) A II Parte será publicada no n.º 78, junho de 1982 de R. R. Zootec.

HOJE É VOMM TECNOLOGIA

PASTONIZADOR
VOMM TM-600TECNOLOGIA PARA ARRAÇOAMENTO
ANIMAL

Meu patrão, me alimentando com o PASTONE VOMM, você gasta 1/3 do que gastaria com as rações secas e paga o investimento em poucos meses.

Mandioca, batata-doce, abóbora, banana, inhame, abacate, descartes de abatedouro e muitos outros produtos hidratados podem ser servidos em substituição às rações secas. Cozido e pasteurizado, o PASTONE VOMM tem melhor digestibilidade com maior ganho de peso e evita diarreia. Visite uma fazenda onde o PASTONIZADOR VOMM TM-600 dá lucro.

VOMM Equipamentos e
Processos Ltda.

DIVISÃO ZOOTÉCNICA
R. Manoel Pinto de Carvalho, 161
Bairro do Limão - S. Paulo - Brasil
Tel.: PABX (011) 266-9888
Telex: (011) 30555 VOMM BR

Tecnologia dos Alimentos Alternativos

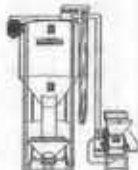
MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA FABRICAÇÃO DE RAÇÕES



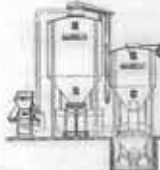
Trituradores



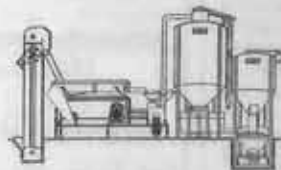
Misturadores de Rações



Conjuntos para Moagem e Mistura



Conjuntos para Fabricação de Rações



Mini Fábrica de Rações

MÁQUINAS
BENEDETTI

MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA AVICULTURA, SUINOCULTURA E AGROPECUÁRIA.

Revendedores no Brasil e Exterior

Prça. Vicente F. Guimarães, 36
Cruz Postal, 35
Tels.: (000 080) 51-184 e 51-187
Espírito Santo do Pinhal - S.P.

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA HIBRIDAÇÃO BISÃO-BOVINO

Segundo Cleerot, L.-P. (Contribution à l'étude de l'hybridation bison-bovin, Tese para Doutorado de Veterinária, Escola Nacional Veterinária D'Alfort, França, n.º 84, 1978, 76 pp.), existem, em outros países, vastas regiões que podem produzir grandes quantidades de forragem de boa qualidade, mas as baixas temperaturas e as infestações maciças de moscas no verão tornam difícil a produção de carne pelas raças domésticas inadaptadas a tais condições. O bisão, com sua pele espessa, seu pelo basto e seu instinto que o faz enfrentar as temperaturas, mais que as evitar, pode suportar esses climas rudes. Daí, o interesse da hibridação bisão-bovino, que tem por fim criar um animal que associa ao máximo a robustez do bisão e as qualidades de carne dos bovinos domésticos.

Este tipo de híbrido foi recentemente objeto de muita informação em periódicos agrícolas, onde são proclamadas as numerosas vantagens desse animal, ao lado da oposição que muitos técnicos em criação, que consideram exagerados os desempenhos anunciados.

O autor estuda amplamente o assunto, em que se destacam os seguintes tópicos:

1) os animais participantes da hibridação: bisões e bovinos (origens geográficas, dados físicos, comportamento e deslocamentos, hábitos alimentares, reprodução e dominantes patológicos);

2) os híbridos (na América do Norte e no Leste Europeu). Tipos de hibridação. Morfologia, anatomia, reprodução, aptidão zootécnica (produção de vitelos e de carne), rusticidade, comercialização e venda.

No tocante à produção de vitelos, são examinados os seguintes itens: número de bezerros nascidos e sobreviventes ao desmame; peso ao nascer; ganho diário e peso ao desmame; produtividade total de bezerros; razão sexual. Os animais com 50% de bisão são denominados híbridos e os com 25% ou menos de bisão de *cattalos* (palavra de origem inglesa: *cattle* + *buffalo*).

No tocante à produção de carne, são tratados os seguintes aspectos: velocidade de crescimento dos animais F₁, com 1/4 e menos de 1/4 de bisão; peso ao abate; rendimento total de carcaça e dos diferentes quartos; qualidade da carcaça; riqueza em tecido adiposo intermuscular; qualidades organolépticas e aptidão culinária. Sob este ponto, o autor conclui que os híbridos obtêm classificação inferior à das raças bovinas (mestiços Brahman e Hereford) no que toca à velocidade de crescimento, peso ao abate e conformação das carcaças. Os únicos resultados

satisfatórios são os de rendimento em carne. Entretanto, deve-se evitar tirar conclusões definitivas sobre os híbridos, porque eles ainda não foram beneficiados por uma seleção com vistas ao melhoramento da aptidão do crescimento; esta seleção parece possível por que há grande variação entre os híbridos.

No que tange à rusticidade, trata o autor especificamente da resistência às doenças, ao clima, etc., considerando os fatores de resistência (tegumento e fórmula sanguínea).

Na parte relativa à comercialização, tece considerações sobre o "beefalo", termo usado nas publicações norte-americanas (de "beef, carne bovina + buffalo), que tratam da venda de sêmen dos híbridos de bisão-bovino. Conclui, porém, que a reprodução desses animais parece ser um problema de difícil solução.

DESEMPENHO REPRODUTIVO DE ÉGUAS P.S. INGLÊS

Badi, A.M.; O'Byrne; Cunningham, E. P. (Irish Vet. J. 35 (1): 1,4-12, 1981) analisaram dados sobre 2.466 acasalamentos de 639 fêmeas P.S.I. (1.528 éguas-ano). O período médio de gestação foi

de 340,7 ± 0,24 dias, e a duração dos ciclos estrais normais, de 21,4 ± 0,1 dias. Não houve correlação significativa entre a duração de ciclos estrais sucessivos na mesma fêmea. A taxa geral de parição de potros vivos por acasalamento foi 39,8%. A incidência de falha na fertilização e de morte embrionária precoce foi de 31,7%; a taxa de abortos foi de 2,3% e a incidência de morte tardia do embrião, aparente, de 26,5%. A proporção de falhas na fertilização, somada à morte precoce do embrião, diminuiu, ao passo que a perda de embrião aparentemente tardia aumentou do primeiro para o terceiro serviço. Para éguas cobertas primeiramente antes e depois de 15 do mês de maio, as taxas de nascimento para primeiro serviço foram, respectivamente, 39,3 e 44,4% (P < 0,05). Para serviços ocorridos no denominado "cio do potro", dentro de 16 dias após o parto, ou primeiros serviços no cio seguinte, as taxas de nascimento foram de 29,0 e 48,8, respectivamente. A porcentagem de parições por acasalamento diminuiu de 56,6% em éguas novas para 25,4% nas com quatro ou mais anos de idade.

COR DA PELAGEM E DURAÇÃO DA GESTAÇÃO EM ÉGUAS P.S. INGLÊS

Dring, L.A. e cols. (J. Heredity 72 (1): 65-6, 1981), do Departamento de Zootecnia da Universidade de Cornell, EUA, compararam médias dos períodos de gestação de éguas P.S.I., castanhas, baias, alazãs, tordilhas e negras, utilizando 1.369 períodos diferentes de gestação. A análise foi efetuada segundo um modelo linear no qual foram ainda considerados fatores tais como a idade da égua, o sexo do potro, o mês e o ano da cobertura, além do garanhão. A combinação de cores das pelagens de mães e pais também foi investigada de maneira semelhante. Nenhuma diferença no período de gestação pôde ser atribuída à cor da pelagem da égua ou à combinação de cores da mãe com as do pai do produto. A herdabilidade do período de gestação foi estimada em 0,38.

PROVAS IMUNOLÓGICAS DE PRENHEZ EM ÉGUAS PORTANDO FETO DE MULO

Segundo Equine Practice 2 (3): 25-8, 1980, foram testados no Colégio de Medicina Veterinária da Universidade do Texas, EUA, amostras de soro sanguíneo de 10 éguas cobertas por jumentos, para determinação do nível de gonadotrofina (PMSG) em uma ou mais ocasiões, entre 37 e 100 dias, após a ovulação. Em 16 provas efetuadas, 13 deram resultado negativo, 1 duvidoso e 2 positivos. Todavia, 10 éguas foram subsequentemente diagnosticadas como prenhes, através de apalpação retal. Os autores sugerem que os

Moura Andrade S/A. Pastoril e Agrícola



- Sêmen importado —
- Pronta entrega —
- Touros testados —

RAÇAS:

Blonde D'Aquitainé - Norman-
de - Limousine - Montbeliarde -
Charoles - Maine Anjou.

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
SERSIA — PARIS

Animais PO importados

Alam. Santos, 2224 — São Paulo — SP

Fones: (011) 885-2188

Telex: (11) 32585 — MOUR - BR.

resultados falso-negativos resultam de baixa produção de FMSG e da destruição precoce de "calices" do endométrio.

USO DE SÊMEN CONGELADO DE GARANHÕES DE ELITE

Ponnina, E.L., do Instituto Konevodstva, URSS (res. An. Br. Abs. 49 (11): 740, 1981), relata os resultados de experimentos com diluição e congelamento de sêmen de garanhão, realizados no Instituto de Pesquisas sobre Criação de Equinos. Comparação feita com vários diluentes resultaram na recomendação de que o composto de lactose-queleto-gema-citrato deve ser usado como diluente-padrão. O número de espermatozoides móveis em uma dose de 8 ml para inseminação deve ser ajustado a 300-400 milhões. Desde que a concentração de espermatozoides varie de 100 a 500 milhões/ml, a diluição ou concentração de sêmen é por vezes necessária. Após a centrifugação do sêmen com concentração baixa de espermatozoides, para dar uma riqueza de 600×10^6 /ml, seguida de diluição a 1:2 de gema-citrato, o material foi usado para inseminar 22 éguas. A taxa de concepção resultante foi de 59%. Os efeitos da congelamento e de crioprotetores sobre a síntese de fosfolípidos e a atividade de várias enzimas no sêmen também foram estudados.

EFEITOS DO EXERCÍCIO EM NOVIHAS DE RAÇA LEITEIRA

Nota in Mod. Vet. Pract. 61 (12): 968, 1980), informa que 49 novilhas Holstein caminharam 1,6 km/dia a uma velocidade de 5,46 km/h, durante 4 semanas, ou 3,54 km/h por 6 semanas, antes da parição, nos 24-26 meses de idade. Com esse exercício aumentou a facilidade do parto, a placenta resultante foi expelida 1,7 h antes, e a involução uterina completou-se em 63 dias vs. 84 dias em 32 novilhas-testemunhas que não foram induzidas a caminhar. Não foi afetada a severidade do edema do úbere, mas a inchaço das mamas ocorreu mais tarde, entre as que tiveram exercício. O exercício pré-parto durante 6 semanas aumentou a ingestão de energia, a produção de leite, a eficiência alimentar nos primeiros 50 dias da lactação e a produção láctea de toda a lactação; porém, a ingestão de energia e a produção de leite foram diminuídas nos primeiros 50 dias em 12 novilhas exercitadas durante 10 dias após o parto.

A composição do leite, o peso do corpo e a ingestão de alimentos antes do parto não foram afetados. Houve tendência para menor número de coberturas por concepção entre as novilhas exercitadas. As novilhas foram mantidas a pasto durante o verão, mas ficaram sob estabulação livre com comedouros individuais no inverno e durante pelo menos 3 meses antes do parto. Em outro estudo, regimes se-

melhantes do exercício não tiveram efeitos benéficos sobre vacas mais idosas. A nota é baseada em trabalho de Lamb, R.C. (J. Dairy Sci. 62: 1761-97, 1979).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A SÍNDROME MMA EM SUÍNOS

Robertson, H.H. (Mod. Vet. Pract. 61 (12): 1000, 1980), relata que a síndrome de mastite, mastite e agalactia (MMA) em suínos é caracterizada por depressão, febre, aumento das frequências respiratória e cardíaca, anorexia, hipogalactia ou agalactia, tumefação da glândula mamária e descargas vulvares. Embora as glândulas mamárias possam estar quentes e sensíveis ao toque, endurecidas ou descoloradas, o agente infeccioso provocador de mastite verdadeira pode ou não estar presente. De modo semelhante, a presença de um corrimento vulvar purulento não indica necessariamente a presença de mastite.

A síndrome MMA tem castigado a suinocultura há mais de 25 anos, e muitos esforços têm sido feitos para relacionar a anomalia com a infecção por algum vírus ou bactéria obscuros. Contudo, após muita pesquisa, pouco se sabe acerca da causa dessa síndrome, tal como há 25 anos.

Ao invés de se atribuir a síndrome MMA a uma infecção por gérme, devemos observar mais cuidadosamente as práticas alimentares e de manejo que causam distúrbio metabólico em porcas gestantes. Por exemplo, os níveis sanguíneos de fósforo parecem ter um efeito regulador sobre os níveis de glicose no sangue, os quais, por outro lado, têm efeito regulador sobre o apetite.

Com um nível de fósforo de 4 mg/dl ou menos, podemos esperar por um baixo nível de glicose, frequentemente de 40 mg/dl ou ainda menos. As porcas têm uma reserva de glicogênio baixa no fígado, e ela usualmente se esgota com o consumo de energia pelas contrações uterinas normais durante a parição. Algumas porcas que se rebelam contra o confinamento utilizam muito de suas reservas de glicogênio em sua luta na baia ou gaiola de parição. Com suas reservas de glicogênio esgotadas, a porca se aproxima das condições de choque, e isto certamente não favorece uma boa produção de leite.

O desequilíbrio de aminoácidos na ração também pode provocar agalactia. Ao usar uma dieta de 15% de milho-farelo de soja, que é empregada comumente para suprir as quantidades mínimas necessárias de aminoácidos, são ministrados excessos no extremo desses elementos. Nessas rações, os aminoácidos leucina, fenilalanina e arginina são fornecidos em excesso (cerca de 300%). Naturalmente esse excesso é desaminado e usado como energia; contudo, o excesso de amônia produzida pode resultar em agalactia.

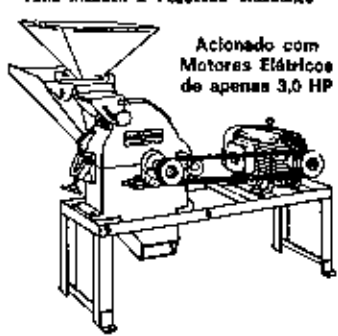
Segundo o autor, a síndrome MMA é induzida pelo manejo inadequado da porca e não se trata de doença infecciosa. Veterinários e encarregados das parições de porcas devem trabalhar de comum acordo a fim de diminuir a incidência da síndrome, mediante o fornecimento de uma ração e condições ambientais adequadas para um desempenho reprodutivo e metabolismo ótimos.

UTILIDADE DOS PERFIS METABÓLICOS NA CRIAÇÃO DE BOVINOS

Conforme Collins, J.D. (Irish Vet. J. 33: 26-31, 1979), o teste de perfil metabólico em um rebanho foi usado a fim de elucidar a natureza de doenças clínicas existentes e para detectar desequilíbrios capazes de afetar a eficiência produtiva. Os fatores registrados englobavam a ingestão de energia metabolizável, de proteína bruta digestível, de alimentos grosseiros, de minerais e água; a produção de leite, de gordura láctea e de sólidos não gordurosos; o peso vivo; os bezerras nascidos; vários valores sanguíneos; a avaliação clínica do desempenho. Um padrão de perfil sanguíneo do rebanho foi baseado em 7 vacas secas, 7 com produção média no meio da lactação e 7 com altas produções, no pico da lac-

TRITURADOR FORRAGEIRO

DESINTEGRADOR DE FORRAGEM
MODELO 180
PARO ATENÇÃO A PEQUENOS CRIADORES



Accionado com
Motores Elétricos
de apenas 3,0 HP

TRITURA, CORTA E PRODUZ RAÇÕES
VERDES E SECAS, UTILIZADAS NA
ALIMENTAÇÃO DE ANIMAIS.

Produção { Ração Seca : 650 kg./hora
Forragem Verde : 1.000 kg./hora

MAQUINAS
BENEDETTI
ESPÍRITO SANTO DO PIRATÁ - SP

Praça Vicente de Freitas Guimarães, 88
Tel.: (000-0155) 51-1184 e 51-1871 - C.F., 36
11950 - Espírito Santo do Pinhal - S.P.

Estamos montando revendedores
em todo o Brasil

tação. Em relação a certos problemas, como a infertilidade, é aconselhável amostrar maior número de vacas.

O perfil do sangue padrão engloba: glicose, uréia, albumina, globulina, hemoglobina, VCP, Ca, fósforo inorgânico, magnésio, sódio, potássio e cobre; outros elementos podem ser adicionados, caso indicado. Estes e outros dados, se possível em computador, são usados para interpretar os desvios individuais ou do rebanho das normas estabelecidas, tendo-se na devida consideração as variações fisiológicas (prenhez, estágio da lactação, excitação do animal etc.) no momento em que as amostras são colhidas. Um mini-perfil sanguíneo, determinado mensalmente em 6 vacas a começar de 4-10 semanas depois do parto, tem sido sugerido, como monitor da ingestão de energia e proteína. Ele é baseado em três valores sanguíneos, com a média normal proposta e o desvio significativo da forma seguinte: glicose 60 ± 8 mg/dl; uréia 25 ± 8 mg/dl e albumina $3,0 \pm 0,25$ g/dl.

O teste do perfil metabólico não substitui uma avaliação clínica cuidadosa da saúde e do desempenho, que requer a consideração de fatores tais como o nível de manejo do rebanho, estação do ano, composição etária do rebanho, "status" da moléstia etc. Os valores sanguíneos menores que dois desvios-padrão da média estabelecida garantem possivelmente uma ação remediável, ao passo que valores maiores ou iguais a esses desvios devem ser considerados anormais. Nos rebanhos em que muitos valores individuais estão fora dos limites-padrões deve-se suspeitar de desordem metabólica; para isto é útil o mini-perfil mensal para verificar que alterações são necessárias para manter eficiente a produção.

QUANTO DE GRÃOS E DE FARELO DE SOJA É CONSUMIDO PELA NOVILHA DE CORTE NOS EUA PARA A OBTENÇÃO DE UMA LIBRA (454 g) DE CARNE COMESTÍVEL?

Lappé, F.M., em seu livro "Diet for a small planet", Ballantine Books, N.Y., 1979, fornece as seguintes informações:

a) a forragem total (feno, silagem, capim) consumida é de 12 000 lb (10 000 no período de pré-confinamento, mais 2 000 em confinamento). O total de grãos e concentrados (soja) consumido é de cerca de 2 850 lb (500 lb de grãos, 50 lb de soja, antes do confinamento e mais 2 200 lb de grãos e 300 lb de soja em confinamento). Portanto, a porcentagem real de unidades de alimento total dos grãos e soja é de cerca de 25%;

b) não obstante, os peritos estimam que os grãos e a soja contribuem mais para o ganho de peso (e portanto, para a carne produzida) do que sua proporção efetiva na dieta. Eles calculam que os grãos e

a soja contribuem (ao invés de 25%) com cerca de 40% do peso realizado durante a vida do novilho;

c) para estimar que porcentagem de carne comestível é devida aos grãos e à soja consumidos, multiplicam-se os 40% (peso devido à soja e grãos) pela carne comestível produzida ao abate, ou sejam, 432 lb ($0,40 \times 432 = 172,9$ lb de porção comestível proporcionada pelos grãos e soja). Para fixar uma relação de 7:1 usam-se as 432 lb de carne comestível na computação;

d) a fim de determinar quantas lb de grãos e soja são usadas para se obterem essas 172,9 lb de carne comestível, divide-se o total de grãos e soja consumidos ou 2 850 lb por 172,9 lb de carne comestível ($2 850/172,9 = 16,47$ lb). Tomamos o valor mais baixo porquanto a quantidade de grãos ministrada pode ser menor.

Estas estimativas são baseadas em várias consultas feitas ao USDA Economic Research Service e USDA Agricultural Research Service Northeastern Division e artigos sobre a utilização de grãos e soja. Assim: (1) cada um dos 100 000 bovinos em confinamento consome cerca de 2 500 lb de grãos e soja e (2) uma pessoa necessita apenas de cerca de 500 lb de grãos/ano para seu sustento.

ESTRUTURA GENÉTICA DE UM REBANHO DE SUÍNOS LANDRACE NO BRASIL

Saralegui, W.H.; Irgang, R.; Fávero, J.A. (Pesq. agropec. bras., Brasília, 16 (2): 281-95, 1981) analisaram a estrutura e a história genética de suínos Landrace de pedigree no Estado de Santa Catarina, pelo método de amostragem dos pedigris e obtiveram os seguintes resultados: I. O desenvolvimento da raça, desde 1958, originou-se de animais importados de países europeus e do Canadá. O número de rebanhos passou de 4, em 1958, para 126, em 1977, enquanto o número atual de registros expedidos variou de 40 para 15 677. Somente um rebanho (0,34%) permaneceu 20 anos em atividade e 262 (51,02%) o fizeram até dois anos. II. Os rebanhos que mais se destacaram pela sua contribuição genética à raça foram o grupo de animais "importados", além dos animais das granjas "Sadia", "Papsnpsa" e "Bagdá". Pela contribuição progressiva nas gerações mais recentes, destacaram-se também as granjas "Ideal" e "Viwan". Em conjunto, esses seis rebanhos contribuíram com 84,5% dos genes para a população Landrace catarinense de 1977. III. O animal com maior relacionamento com a raça foi o macho PBB 4523 (importado da Alemanha), nascido em 1966, que apresentou um relacionamento direto de 8,50% e 2,91% para as amostras de 1968 e 1977, respectivamente. IV. O grau de consanguinidade foi calculado com base no ano de 1958. A consanguinidade total em 1977 foi de 1,09% e compreende 0,48% de consanguinidade corrente e 0,61% de consanguinidade não corrente. V. O intervalo efetivo entre gerações foi calculado em 25,2 meses. Na amostra de 1977, 65% dos animais eram descendentes de pais mais idosos do que dois anos, enquanto 59% correspondem a mães de mesma idade. VI. A reposição média de machos do próprio plantel foi de 20,4%, variando de 24,4% a 31,6% no estrato de granjas de elite e de 12,6% nas granjas multiplicadoras. Os autores esclarecem que a consanguinidade corrente foi determinada pelo número de acasalamentos entre irmãos ou progenitor-progenie, nas gerações de pais e avós; e que a consanguinidade não corrente é devida ao relacionamento de animais importados a partir da terceira geração (bisavós) até ancestrais importados. A consanguinidade não corrente pode ser subdividida em consanguinidade a longo prazo e consanguinidade devida à separação da raça em estirpes ou linhagens. Em sua discussão geral, informam também que o presente estudo revela que os requisitos fundamentais para que uma raça possa apresentar progresso genético não foram plenamente atingidos no rebanho suíno Landrace de Santa Catarina.

AGROPECUARIA TROPICAL



ÓRGÃO OFICIAL
dos agropecuários nordestinos e
Para-Voz autorizada dos Estados:

- BAHIA - Assoc. Agropecuária Brasileira do Nordeste
- ALAGOAS - Associação dos Criadores de Alagoas
- PERNAMBUCO - Associação dos Engenheiros Agropecuários do Nordeste
- PARAIBA - APCE - Assoc. Paraibana dos Criadores de Zebu
- RIO GRANDE DO NORTE - Assoc. Agropecuária do Nordeste
- CEARA - Assoc. Centro-Nordestina dos Criadores
- PIAUI - Assoc. dos Criadores do Piauí

A revista com a
CORAGEM
do Homem do Campo

EDITORA TROPICAL LTDA

RECIFE, PE - R. Samuel Farfã, 61, casa forte,
CEP 50032, Tel. (081) 1704.
Fones: (081) 269-0903/1434
SALVADOR, BA - Caixa Postal: 2073.
Fones: (071) 248-2579/8468

Assinatura: 2 anos: Cr\$ 2.000 - 1 ano: Cr\$ 1.100,00

noticiário TORTUGA

28 ANOS DE TRABALHO PELO PROGRESSO DA PRODUÇÃO ANIMAL

PROGRAMA TRÍPLICE TORTUGA MAIS RALGRO

**MAIS QUE UM
PROGRAMA.
UM CONCEITO !**



28.º Ano

Maio de 1982

N.º 322

MAIS QUE UM PROGRAMA. UM CONCEITO !

O Programa Tríplice Tortuga mais Ralgro, consolidou-se na prática em um verdadeiro conceito de exploração pastoril moderna e econômica. O programa disseminou entre os pecuaristas que a administração correta de suplemento mineral, vermífugo, vitamina e Ralgro, é o caminho certo para o aumento da produtividade.

Leia o texto da página ao lado e entenda porque.





DESVERMINIZAÇÃO

segura significa administrar aos animais vermífugos para combater os vermes, que causam enormes prejuízos à pecuária, sugando o sangue e se nutrendo dos alimentos digeridos pelos animais. O uso do vermífugo injetável é a maneira prática e ideal para erradicação dos vermes gastrointestinais e pulmonares, nas formas adultas e larvárias. Uma simples injeção subcutânea elimina esses indesejáveis companheiros da dieta dos bovinos, garantindo melhor aproveitamento dos alimentos. Além de roubar dos animais elevadas taxas de nutrientes, os vermes provocam lesões nos intestinos, que resultam em enterites graves, com diarreias violentas. Os vermes pulmonares, pelo dano que provocam nos tecidos do pulmão, abrem as portas para as pneumonias, freqüentemente causadoras de mortes.



MINERALIZAÇÃO

correta significa fornecer aos animais elementos reconhecidamente deficientes nas pastagens, especialmente fósforo, para eliminar ou evitar os sintomas de carência mineral. O bovino em crescimento e criado a campo é o mais exigente em fósforo e, por isso, é importante que o sal mineral seja fornecido durante 365 dias do ano nos cochos. A suplementação mineral deve ser realizada com suplementos cientificamente

formulados de acordo com o tipo de exploração e as necessidades do rebanho. As misturas fabricadas empiricamente não corrigem as deficiências do organismo animal. São bastante freqüentes os casos de carência agravados pela suplementação inadequada, com intoxicações e desequilíbrios fisiológicos.



VITAMINIZAÇÃO

maciça significa administrar aos animais injeções de vitaminas, substâncias que desempenham papel fundamental, regulando as funções vitais, estimulando o crescimento e a engorda e mantendo a boa saúde. As vitaminas mais importantes são a A, D e E. A vitamina A, também chamada vitamina do crescimento, aumenta a resistência contra as doenças, garante boa fertilidade e é básica para melhor aproveitamento dos alimentos. A vitamina D é indispensável à formação do esqueleto, boa dentição e à assimilação e fixação do cálcio e do fósforo. A vitamina E desempenha uma série de funções no metabolismo e age como antioxidante, protegendo a vitamina A. Uma única dose de vitamina A, D e E, protege os animais durante três a quatro meses.



RALGRAR

significa aplicar nos animais o agente anabólico Ralgro, internacionalmente consagrado. Destinado aos animais de abate, Ralgro é um anabolizante não hormonal, que garante melhor aproveitamento dos nutrientes pelo organismo,

retendo mais oxigênio protético e promovendo assim o crescimento e engorda rápida. Ralgro antecipa o abate, melhora o estado geral dos animais, favorece maior resistência às doenças e reduz a perda de peso no transporte do gado da fazenda para o frigorífico. Ralgro não substitui o alimento; sua missão específica é fazer com que o organismo assimile melhor o capim, resultando no aumento do volume da massa muscular, sem acúmulo de gorduras.



Todo o conjunto dessas medidas, cuja ação simultânea

reverte em benefício e lucros para os pecuaristas chama-se Programa Tríplici Tortuga mais Ralgro. Ele soluciona quatro problemas que mais afetam os rebanhos: carências minerais, verminoses, insuficiência de vitaminas e o ganho de peso lento. Assim, com Fosbovi-sal 20, Tretramisol, Adethor e Ralgro, que garantem, respectivamente, mineralização correta, desverminização segura, vitaminização maciça e rápida engorda, os fazendeiros terão a sua disposição uma rotina já incorporada ao manejo de inúmeras criações. O Programa Tríplici Tortuga mais Ralgro é o resultado de mais de um quarto de século de experiências, pesquisa e comprovação prática, de quem trabalha ao lado dos pecuaristas para o aumento da produtividade dos seus rebanhos.

O anabolizante não hormonal.



A chave do maior ganho de peso.

PROGRAMA TRÍPLICE + RALGRO

Vermífugo de dupla ação.



Dose certa contra os vermes
gastrointestinais e pulmonares.

O ADE de verdade contém o que
declara.



Uma aplicação,
três a quatro meses de proteção.

Propulsor da produtividade.



Mineralização
correta, prática e econômica.



Com esta terceira e última parte, encerra-se a publicação do texto do prof. Sérgio Lima Beck sobre as origens e o passado, o presente e o porvir do cavalo Crioulo. As matérias anteriores foram publicadas nas edições de março e abril últimos.



Crioulo a raça que é chama-símbolo e tradição viva no Sul do país.

SÉRGIO LIMA BECK



"Do alto de um
Crioulo, as
distâncias sociais se reduzem".

Para o futuro são promissoras as perspectivas que se apresentam para o Crioulo. O recente fenômeno do retorno à raça Crioula não se deve apenas ao fato de ter um preço mais acessível, mas decorre principalmente da crise energética mundial. Como animal de serviço, verdadeira força motriz, capaz de produzir trabalho ao mais baixo custo, o Crioulo é o cavalo ideal.

SUGESTÕES

Não obstante isso e no intuito de contribuir, alinhavo aqui algumas críticas e sugestões que, no meu modesto entender, podem aumentar o progresso da raça Crioula.

1) Vejo com muito receio o atual interesse na importação do Crioulo do Chile para padrear nossas éguas puras. Produtos destes acasalamentos têm-se destacado nas exposições e provas de rédeas. Creio, contudo, que, no tocante às provas de rédeas, isso se deve ao fato de que, junto com esses animais foram também importadas muitas técnicas mais aprimoradas na maneira de montar, pois o Chile é sabidamente um país onde a equitação é bem mais desenvolvida do que entre nós.

Não fosse pelo reduzido número que ainda temos destes animais, diria que, geralmente, resultados destes acasalamentos pecam quanto à docilidade, embora muito bem conformados. O tipo chileno é, sem dúvida, mais bonito, apresentando-se mais longilíneo, de andamentos elegantes, cabeça pequena e delicada, perfil retilíneo, garupa horizontal e inserção de cauda alta. Lembra um pouco o Árabe. Foge, portanto, ao clássico modelo do Crioulo, animal mais robusto e mediano. Trata-se de uma variedade, quase uma raça à parte. Tanto isso é verdade que os chilenos não aceitam para registro os nossos animais. Além de ser uma incógnita, uma espécie de nota promissória para o futuro, o tipo chileno apresenta o inconveniente da pequena estatura, o que só vem a agravar o já criticado pequeno tamanho do Crioulo.

2) Entendo que, na seleção da raça Crioula, constitui-se uma grande falha o fato de não ser exigido que os animais estejam domados por ocasião da confirmação ou registro definitivo. Como cavalo de sela, para serviço, é indispensável que se avalie sua parte dinâmica quando montado. A agilidade, comodidade, temperamento e brilho só podem ser analisados com o animal montado. Pouco ou nada vale um Crioulo bem conformado e registrado, mas que não se deixa montar.

A não observância desta prática permite que entrem para a reprodução animais excessivamente nervosos, bravios ou, ao contrário, lerdos e apáticos.

3) O próprio ato de registro dos animais deve, a bem da raça, ser o mais severo possível. Não basta que um animal seja filho de pais registrados para que ele automaticamente mereça também o registro.

4) Os animais apresentados nas principais exposições são, muitas vezes, gordos. Além de dificultarem o julgamento, demonstram uma preparação errada, pois a busca de gordura já foi abandonada até para bovinos ou suínos e com mais razão deve ser evitada para eqüinos. Músculos só se consegue com exercícios e alimentação adequada e nunca com sedentarismo e excesso de carboidratos. Um juiz capacitado deve saber distinguir entre formas arredondadas, decorrentes de gordura, e formas arredondadas decorrentes de boa conformação. Infelizmente, isso nem sempre acontece nos julgamentos de admissão, onde bons animais, embora magros têm sido rejeitados em favor dos gordos. Tal situação resulta de um conceito equivocado, o qual implica em que os cavalos, para participarem de exposições, devem ser recolhidos muito cedo às cocheiras para receberem o devido trato. Permanecem praticamente inativos, recebendo uma grande quantidade de concentrados energéticos. Ora, sendo o Crioulo um animal extremamente rústico e sóbrio, submetido a esse desnecessário tratamento, rapidamente engorda. Como espécie criada essencialmente para produzir trabalho, antes apresentá-los um pouco magros do que gordos.

5) O alto preço pago atualmente por qualquer cavalo está a exigir uma melhor habilitação das pessoas que com estes animais labutam. Por isso, a criação de cursos para peões seria uma medida muito salutar a ser tomada pela Associação de Criadores. Sem desprezar ou fugir às tradições do nosso homem do campo, muito se pode progredir e melhorar em termos de manejo, alimentação e principalmente equitação.

6) Outro ponto de importância capital é o julgamento em exposições. Jurado único, duplo com árbitro ou triplo, o mais importante é que o julgamento seja dinâmico, funcional, objetivo e atrativo e não apenas um monótono concurso de conformação. Embora os animais adultos sejam apresentados também montados, é preciso muito mais que isso. É preciso que se analise detidamente a movimentação do cavalo montado em todos os seus andamentos, isto é, no passo, no trote e no galope. O cavalo deve ser ágil e obediência ao evoluir; do contrário não merece o título de campeão.

7) A medida adotada para a 44.ª Exposição Estadual de Animais, Esteio 1981, a qual exige que os animais, a partir de dois anos de idade, sejam apresentados montados, tanto para julgamento como para remate, sem dúvida facilita a comercialização, mas zootecnicamente é uma de-

cisão desaconselhada. Nenhum tratado de Hipologia indica que, com dois anos, os cavalos já terminaram totalmente seu desenvolvimento ósseo e muscular, principalmente quando se trata de uma raça criada a campo e sem artificialismos, como deve ser a raça Crioula. Ao invés de cobrarmos mais funcionalidade no julgamento dos adultos, estamos exigindo de mais do indivíduo jovem. A longo prazo isso poderá, entre outras coisas, resultar numa maior incidência de sobreosso ou exostose.

8) As exposições, sem dúvida, têm seu mérito, mas urge que sejam criadas provas funcionais oficializadas e controladas pela própria Associação de Criadores de Crioulo. Estas provas devem ser as mais completas possíveis e não apenas testar resistências. Da mesma maneira, devem objetivar testar principalmente ganhões, pois estes são os grandes responsáveis pela reprodução, em número de descendentes, é claro. Os animais aprovados seriam inscritos num livro de mérito, também controlado pela associação, o que corresponderia a maior garantia da qualidade de um cavalo. No mundo de hoje, provas funcionais devem constituir-se na principal bandeira de seleção, o que aliás já vem sendo feito por outras raças. Com isso despertaremos maior interesse pela criação do cavalo Crioulo, valorizaremos mais a profissão do bom domador e aperfeiçoaremos a equitação de nossos cava-

leiros, que, na maioria das vezes, tem deixado a desejar. Futuramente os resultados obtidos nestas provas serão utilizados para realização de verdadeiros testes ou campeonatos de prole. Só assim entendendo a seleção, no seu sentido mais amplo, como parte da ciência Zootécnica aplicada a eqüinos.

9) Outro ponto que parece não estar merecendo a devida atenção, por parte dos crioulistas, é a valorização e divulgação dos "pedigrees". Poucos são os que conhecem as ascendências, mesmo que relativamente próximas, dos principais animais. São freqüentes as vendas ou publicações que fazem referência somente ao nome do animal e, quando não, apenas ao número de "box" no qual o mesmo se encontrava alojado. Prova disso é o fato de que praticamente inexistem linhagens destacadas e famosas dentro da criação nacional do cavalo Crioulo. Geralmente o que se conhece é o nome de alguns poucos criadores ou de seus estabelecimentos de criação.

10) A venda de coberturas dos melhores ganhões é outra prática que deve ser incentivada. Além de economicamente interessante, é muito saudável para um aprimoramento mais rápido do patrimônio genético da raça.

11) É dever da Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Crioulo e suas congêneres zelar pela pureza genética da raça. Cabe, entretanto, a estas associações, como uma das mais relevantes funções, cuidar e orientar para que a criação do cavalo Crioulo seja sempre rústica e natural, a fim de que a raça não perca jamais os seus principais apanágios.

A TRADIÇÃO

Guardião da cultura campeira sul-americana, o Crioulo é, assim, uma espécie de chama simbólica e tradição viva. Alegria que se renova a cada nascimento de um potrilho e orgulho que se revigora de geração em geração. Do alto de um Crioulo as distâncias sociais se reduzem. Sobre seu dorso, peões e patrões falam a mesma linguagem e emparelham valores. Sobre o mundo, o Crioulo será sempre um animal com o qual ricos e pobres sentem-se irmanados. Por isso, foi, e é sempre será o pequeno grande cavalo. ●

BIBLIOGRAFIA

- Solanet, E., 1943, Tratado de Hipotecnia, Ed. Mirate, Buenos Aires.
Solanet, E., 1946, El Caballo Criollo, Buenos Aires.
Albator, Editorial, 1976, El Caballo Criollo, Buenos Aires.
Beltrán, J. M., 1954, Ganado Caballar, Salvat Editores S/A, Barcelona.
Cabrera, Angel, 1945, História del Caballo en América, Ed. Americana, Buenos Aires.
Diez, Alvaro Doméccq, 1979 — O Cavalo na Espanha, Rev. Eqüinos no Brasil, Ed. Rotal, Uberaba.

Quanto Choveu?

A resposta correta é dada por um Pluviômetro.



Aparelho simples, de fácil leitura e utilíssimo para meteorologia e agricultura.

Atacado - Varejo - Reembolso.

Casa Fretin

Desde 1895

MATRIZ: Rua São Bento, 176 - (Praça do Patriarcal) - Fone: 32-7150 - Caixa Postal 1273.
FILIAL: Alameda das Arapazes, 1.100 (Indiano) - Fone: 241-1857 - São Paulo - SP



Gaúcho o homem cavaleiro das Américas

AL NETO

O notável escritor norteamericano Edward Larocque Tinker, em seu famoso livro "Los finetes de las Américas" (Editorial Guillermo Kraft, Buenos Aires), escreve textualmente: "El temor y asombro inspirados por los caballos de los conquistadores permitieron a um puñado de heroicos españoles conquistar todo un continente; y más tarde, fué el gaucho del Río de la Plata y Brasil, el guaso de Chile, el llanero de Venezuela, el vaquero de México e el cowboy de los Estados Unidos quienes, cabalgando sobre los descendientes de estos primeros caballos hispanicos, ensancharon las fronteras e hicieron posible el grande desarrollo agrario e industrial que siguió las huellas de sus cascos".

Aí está, implícita, a definição de gaúcho. O gaúcho não é simplesmente o indivíduo natural do Estado do Rio Grande do Sul; esse é o rio-grandense do sul. O gaúcho é o homem cavaleiro das Américas, que recebe na Argentina e no Uruguai o nome de gaúcho, no Brasil gaúcho, no Chile guaso, na Venezuela llanero, no México charro, e nos Estados Unidos "cowboy".

Outro autor de destaque, John A. Crow, oferece a seguinte definição do gaúcho em seu livro "Epic of Latin America" (Doubleday and Co. Inc., New York):

"Gaúcho é o campesino do Rio da Prata e do Sul do Brasil, muito destre no domínio do cavalo e treinado e eficiente nos trabalhos da pecuária".

O escritor francês Godofredo Daireaux, em seu livro "Tipos e Paisagens Crioulos" (P. Hermanos Moetzely Co., Buenos Aires), define o gaúcho da seguinte maneira: "Gaúcho é o homem cavaleiro da América do Sul. Ele pode ser considerado como o centauro dos pampas, e sua vida está intimamente ligada ao cavalo e ao campo."

Um oficial da Marinha norte-americana, Thomas S. Page, que dirigiu uma expedição enviada para explorar o rio da Prata e seus tributários em 1850, escreveu um livro intitulado "La Plata, the Argentine Confederation, Paraguay and Southern Brazil" (Doubleday and Co. Inc., New York), em que define o gaúcho nos seguintes termos: "O gaúcho é o homem do campo por excelência, que não se acostuma a viver nas cidades, cuja existência está limitada pelos horizontes imensos do pampa, pelo cavalo, pelo chimarrão e pela consciência da liberdade".

Esse aspecto do amor do gaúcho pela liberdade, aliás, se encontra numa velha copla que diz:

"Gauchos no llevan calzones
Pero usan su chiripa;
Com un lettero que dice:
Libertad, libertad, libertad!"

Alexandre Dumas (pai) escreveu um livro intitulado "Montevideo ou a Nova Tróia" (Kraft, Buenos Aires), no qual define o gaúcho em forma novelística. Diz ele: "Em todas as aventuras dos campos da América do Sul se encontra a figura inconfundível do homem cavaleiro, daquele que enfrenta a vida sem temores e sem hesitações: o gaúcho."

No livro "El Charro Mexicano" (Librería de Carlos Rincón Gallardo (Librería de Porrua Hermanos, Mexico City), escreve textualmente: "O charro mexicano, como o "cowboy" dos Estados Unidos e o gaúcho, é o vaqueiro, é o homem ligado ao campo e ao gado, o homem que existe para enfrentar a intempérie, o vento, a chuva, o trovão, e tomar conta dos animais. Ele, que inicialmente era simplesmente um caçador de reses, tornou-se um verdadeiro protetor da ecologia."

Bertha Muzzi Singer escreveu um livro notável, chamado "Cow Country" (Little Brown and Co. Boston). Nesse livro, ela fala do gaúcho, dizendo que o encontrou na América do Sul e que jamais havia visto nenhum tão amigo da independência.



cia, da liberdade e da vida ao ar livre. "O gaúcho — escreve ele — não pode viver dentro de casa. Para ele, a única forma de viver é no campo e ao ar livre, no lombo do cavalo."

Walker D. Wyman, em "The Wild Horse of the West" (The Caxton Printers, Caldwell, Idaho), descreve o gaúcho como um complemento do cavalo, e vice-versa. Diz ele: "Nas planícies da América do Sul, o cavalo nada significa se não fosse o homem. Mas o homem tampouco valeria quase nada se não fosse o cavalo. Pois o cavalo é o elemento que o homem usa para dominar o ambiente."

Em idioma português, talvez a obra definitiva sobre o gaúcho seja o grande livro de Madeline Wallis Nichols, escrito sob o patrocínio da Duke University Press, de Durham, na Carolina do Norte, Estados Unidos. Para realizar esta obra magnífica, a sra. Nichols não apenas passou vários anos na América do Sul, como também compulso e estudou uma bibliografia de nada menos que 1.431 obras, segundo explica no prefácio do livro, na edição brasileira, publicada por Zélio Valverde SA, o escritor Castilhos Coyococha.

Castilhos Coyococha diz também que "foi a autora de "The Gaucho" quem encontrou a incógnita por tantos buscada. Americana, mas de outro hemisfério, não se deixou empolgar em qualquer sentido, quer para glorificar o já legendário cavaleiro sul-americano, quer para denegá-lo."

Um dos pontos mais interessantes da obra da sra. Nichols está em afirmar que o gaúcho não existe em todo o Rio Grande do Sul. Ela afirma que nas regiões coloniais não existem gaúchos. Ela acentua, e muito bem, o fato de que o gaúcho não é uma designação de nacionalidade, ou de origem territorial, mas simplesmente a designação de uma estirpe, de um ser humano que existiu e existe em vários locais, não limitados por fronteiras políticas nem idiomas.

Confirmando o fato de que o gaúcho não tem uma pátria definitiva, já Felipe de Haedo, em 1778, em sua monografia "Descripción de la Colonia y Puertos del Rio de la Plata al Norte y Sud de Buenos Aires" (Revista Del Rio de la Plata n.º 3), faz referência a uma classe de homens que não possuíam bens imóveis nem verdadeiras condições para se fixar em qualquer lugar. Estes homens vagavam de província em província, cruzando da Argentina para o Brasil e do Brasil para o Uruguai e daí também de volta à Argentina, sempre levados pelo seu amor ao jogo, ao cavalo e ao campo.

Em 1780, o vice-rei Juan José de Vertiz, como conta em seu livro "Memória" (Arquivo General de Buenos Aires, n.º 462), relata que os gaudérios (como se chamavam então os gaúchos) lhe estavam causando muitas perturbações, pois passavam para o Uruguai e para o Brasil, sendo espertos contrabandistas.

A sra. Nichols, que é professora de história e de espanhol no Gaoucher College, de Maryland, nos Estados Unidos, leva o seu estudo até os dias atuais, para concluir que o gaúcho é o "cowboy" da América do Sul com uma diferença: pouco respeito pela lei.

De fato, o gaúcho nunca se desligou por ser um respeitador da lei. E isso é assim porque seu principal apadrinhado foi sempre o amor à liberdade. Sempre desconfiado do Governo, certo de que era um injustificado, ele tinha pouco respeito pelos representantes dos poderes públicos. Neste sentido, nenhuma obra é mais relevante do que Martin Fierro, que nos conta as andanças de um gaúcho perseguido pela lei.

Quando se fala em gaúcho, o essencial é recordar que não se trata de um toponímico. É um termo que designa certo tipo humano, bem diferenciado dos demais por suas características étnicas, por seus costumes e por sua filosofia de vida.

Dentro deste ponto de vista, o natural do Rio Grande do Sul é um gaúcho se, de fato, ele viver como um gaúcho e suas origens justificarem o nome. Assim, um peão de estância, cujo pai e avô já foram peões de estância, e cujas raízes estão ligadas ao campo, que toma chimarrão, que monta bem a cavalo, que só se sente à vontade nos grandes espaços abertos das fazendas e que é um emérito trabalhador com bovinos, esse rio-grandense é um gaúcho. Mas, aquele que está conversando à porta de um café na rua da Praia, em Porto Alegre, que não sabe cevar um chimarrão e cujas mãos nunca bolearam um laço; que não sabe montar a cavalo nem castrar um terneiro — esse certamente não é um gaúcho.

Diante destas premissas, compreende-se que, quando se fala de um movimento de Tradição Gaúcha, não se está falando de um movimento restrito ao Rio Grande do Sul. Para ser absolutamente justo, é mesmo preciso dizer que o Rio Grande do Sul é uma área gaúcha minoritária, pois a maior parte dos gaúchos vive nos dois países do rio da Prata, na Argentina e no Uruguai. Mas há uma outra área minoritária, menor, bem menor do que a do Rio Grande do Sul, mas nem por isso menos autêntica: a área do Planalto Catarinense.

É fácil nos remontarmos às origens históricas da colonização do Planalto Catarinense. Os primeiros brancos que aqui chegaram foram precisamente os gaúchos, que vieram junto com jesuítas espanhóis. Eram gaúchos, não simplesmente rio-grandenses. Aqui estabeleceram as primeiras vacarias por volta do ano de 1635. Somente 100 anos depois é que o Morgado de Mateus, premido pela necessidade de tomar conta deste território em nome do rei de Portugal, para aqui mandou Correia Pinto, a fim de fundar a cidade de Lages.

Nos arquivos da Província dos Jesuítas, em Buenos Aires, existem trechos

reveladores da tentativa de colonização espanhola no território de São Pedro. Isso foi nos tempos dos Sete Povos. Quando Correia Pinto chegou a Lages, aqui achou um punhado de gaúchos, que o foram encontrar. Mas estes gaúchos não falavam português e sim espanhol. Correia Pinto mandou cercá-los, a homens, mulheres e crianças, e passá-los pelas armas. E disse a frase histórica: "que as caveiras fiquem ao sol para secamento do castelhano!"

O rio das Caveiras, que delimita o perímetro urbano da cidade de Lages, conserva esse nome como memória àquelas palavras de Correia Pinto.

É conveniente lembrar que Lages e boa parte do Planalto Catarinense estavam no lado castelhano na linha das Tordesilhas, que passava por Laguna. Assim não era de surpreender que os espanhóis viessem até aqui. Mas Portugal nunca reconheceu a linha das Tordesilhas, e por isso os bandeirantes sempre procuraram empurrá-la mais para o Sul. Posteriormente, através da mediação do Papa, Portugal e Espanha firmaram o Tratado de Santo Ildefonso, que dirimiu a questão. Por esse tratado, no ano de 1790, Portugal entregava à Espanha a Colônia de Sacramento, o Uruguai de hoje, e recebia em troca estas terras que haviam sido colonizadas no Brasil pelos espanhóis. A barganha foi completa e definitiva, e o Planalto Catarinense integrou-se tanto de fato como "de jure" ao território brasileiro.

Mas Lages, como outras partes do Planalto de Santa Catarina, possui uma origem bem nítida. Repetimos que a expressão gaúcha aqui não se refere ao Rio Grande do Sul e sim aos primeiros povoadores desta terra, que foram legítimos gaúchos de origem espanhola, liderados pelos jesuítas.

Existe toda uma filosofia de vida embutida na expressão gaúcho. Já dissemos anteriormente que o gaúcho é, até certo ponto, refratário à lei. Isto é perfeitamente explicável se se considera os desmandos dos poderes imperialistas nas origens da América do Sul. O gaúcho foi talvez aquele que mais lutou contra o imperialismo, levado sempre pelo seu desejo de liberdade, pelo seu ideal de manter-se longe dos grilhões do Estado.

Não é por acaso que o maior clássico da literatura gaúcha (e note-se que não dizemos meramente Argentina) é Martin Fierro, de José Hernández. Martin Fierro nada mais é do que a epopeia de um homem livre que lutava contra as imposições de um Governo de tendências ditatoriais.

Quem fala em tradição gaúcha fala também em tradição de liberdade. Por isso um Movimento Tradicionalista Gaúcho tem tamanha importância, já que ele acentua verdadeiramente os princípios de liberdade em toda esta parcela da América do Sul. ■

Conheça estes heróis do dia a dia

O outro dia, começamos um vôo sobre o rio São Francisco, em frente ao morro Itacarambi, na Fazenda Cauê, centro de seleção de gado Chianina. O pessoal da Cauê vem fazendo um cruzamento de Chianina com Nelore, através de inseminação artificial, com resultados excelentes. Hoje, é uma das fazendas mais bonitas e bem administradas do Norte de Minas. As pastagens de braquiárias substituíram as de colono, que se tentou implantar nos anos difíceis. O Grupo Cauê também tem uma criação em Pedro Leopoldo, e está iniciando outra em Funilândia. Vale a pena você ver as cava Chianina em Pedro Leopoldo: são lindas. A Cauê vem conquistando os maiores prêmios da raça no país. Eu conheço o Gerson e o Edson. O Edson é o mais novo. É bom administrador e está sempre à frente dos trabalhos de campo. Você sabia?

Sobrevoamos depois os dois pivôs centrais da Agrivale, onde o Pulim é o coordenador. A Agrivale é uma firma produtora de feijão, alho e outros alimentos, além do carvão. Merece nossa consideração. São pioneiros na região, tem uma turma que só trabalha.

No Norte de Minas, o problema de tecnologia é grande, existem poucos experimentos. É necessário inovar, e os técnicos da Agrivale são inovadores, conduzindo pesquisas importantes para toda a região.

Os agricultores formam uma legião de anônimos que produzem alimentos para nós, aqui das cidades, e não nos cabe somente apertar as suas mãos, mas também dar a eles cobertura e tranquilidade para o seu trabalho.

Sobrevoamos Itacarambi — onde Gabriel Andrade está iniciando agora mais um projeto de irrigação. Serão 410 hectares irrigados com quatro pivôs centrais. Ele vai fazer duas ou três colheitas na mesma área irrigada. Quero lembrar a você que uma área irrigada por pivô central produz pelo menos seis vezes mais que a mesma área sem irrigação, e é uma produção garantida. Além destes 410 hectares, ele vai plantar, em outubro, mais 200 hectares de arroz inundado. Só no lado esquerdo do rio São Francisco, estamos produzindo este ano em 610 hectares irrigados. Não quero contar aqui o que o Gabriel vem fazendo em Janaúba e Porteirinha, que já perfazem 300 hectares irrigados.

Você conhece a turma dele? Provavelmente você já ouviu falar no prof. Joaquim Mattoso, mas no Ivone, Dequinho, Arcendido, Manoel Costa, Luciano e Elgimar — nestes você nunca ouviu falar. É a nossa equipe que trabalha de "camisa amarrada" e com entusiasmo. Produzir alimentos e produzir bem é a nossa meta.

FRANCISCO TEATINI

O Manoel Costa, por exemplo, você nunca ouviu falar dele. É o nosso coordenador de agricultura irrigada.

Em Itacarambi, você vai encontrar o empreendedor e hoje barranqueiro José de Paula, que tem mais de 3.000 cabeças de gado. Só de pensar no trabalho do José de Paula, dá vontade de correr de lá.

Ele tira por dia só 100 litros de leite, dos quais 50 ele distribui pessoalmente para os meninos da merenda escolar de Itacarambi, para o vigário e outras pessoas pobres. O José de Paula é uma das pessoas mais queridas da cidade. Trabalham com ele, diariamente, de 50 a 100 pessoas, às vezes até mais de 200. É um inovador na formação de pastagens naquela região. Além disto, é produtor de arroz, feijão, milho, e agora está plantando cana. Se você passar por Itacarambi, cumprimente o Zé, um companheiro parelha.

Você já ouviu falar na turma da Plantarsete? Conheça o pessoal? São reflorestadores que plantam uma quantidade enorme de eucaliptos todos os anos. Tem o Reinaldo, tem o Afonso — são tradicionais pecuaristas, descendem do dr. Bernardo. Hoje são os netos do dr. Bernardo que atuam na agricultura.

O Márcio, filho do dr. Bernardo, irmão do Múcio, é grande produtor de leite. Foi o primeiro cooperado de Sete Lagoas que produziu mais de 1.000 litros de leite por dia. Isto em 1958, há mais de 20 anos, portanto, com vacas indubrasil. Mantém até hoje grande produção.

O Múcio foi um dos grandes agropecuaristas que conheci. Eu nunca conheci alguém em minha vida melhor que o Múcio. Era um apaixonado pela agricultura. A família seleciona Indubrasil puro há mais de 40 anos.

Você já ouviu falar no Amarelinho, um baiano que mora em Janaúba? Grande produtor de arroz, feijão, criador de gado, empreendedor naquela Norte de Minas. Melhora sua fazenda diariamente. O nome dele é Amaro Ribeiro Sobrinho.

Já ouviu falar em Joaquim Meurício? Um grandão que mora em Janaúba? Bom agricultor, bom irrigador, grande produtor de arroz, feijão, algodão, criador de gado, engordador de boi. É presidente da Cooperativa dos Agricultores. Tem máquina de beneficiar arroz, dá serviço diariamente para 200 pessoas, muitas vezes até mais. É um homem que empurra Janaúba.

Você já ouviu falar em Arnaldo Figueiredo? É médico famoso aqui no São Lucas, mas, na verdade, é um grande engordador de boi. Fornece nos frigoríficos de 1.500 a 2.000 bois gordos, todos os anos, na entressafra, ou seja, 30 mil arrobas de carne que são entregues aqui em Belo

Horizonte, quando o mercado está em falta.

Todos os fins-de-semana, dr. Arnaldo vai à fazenda. Às vezes eu o levo à Janaúba, para comprar garrotes de engorda. E você acha que isso é fácil. Há mais de 30 anos que ele engorda boi. É um fazendeiro autêntico. A fazenda dele é uma das mais bem administradas que eu conheço.

Provavelmente você não sabe o que essas caras fazem, porque elas não contam, está cada um mais enfiado que o outro no seu setor. Infelizmente, os agricultores não são muito unidos, mas são produtores de alimentos, e apertar as mãos deles é um dever, pois são nobres agricultores, porque são eles que produzem os alimentos que você consome.

Tem um agrônomo em Montes Claros, chamado João Carlos Moreira, é um dos grandes selecionadores de Nelore do Brasil. Tem um filho veterinário e outro zootecnista, que já vêm seguindo os passos do pai. O pai do João é o nosso velho Mauro Moreira. São também excelentes e tradicionais criadores de Mangalarga Marchador e Guzerá. O João produz e espalha por este Brasil agora 500 touros por ano. É um serviço de valor que presta à pátria e é pouco analisado. Famílias de selecionadores tradicionais devem ser incentivadas e enaltecidas, famílias como a do João são preciosas para o nosso amanhã.

Para encerrar, eu lhe pergunto: Você já ouviu falar no Air Vieira, um fazendeiro perto de Manga? O Air formou as mais lindas pastagens e organizou uma das melhores fazendas do Norte de Minas. Ele tem hoje um rebanho Nelore excelente, umas 5.000 cabeças de gado.

Para levar a fazenda a esse ponto, o trabalho foi intenso. Você, que mora na cidade, não sabe o trabalho que dá a formação de um hectare de pastagem bem feita, do jeito que o Air faz: destoca, aproveitamento de madeira, gradagem, plantio, instalação de água, divisão e construção de cerca... Isto não se faz de um dia para outro. É barra pesada. E a batelada de manga? E o mané?

Para fazer uma fazenda como a do Air, o capital tem que ser investido firmemente. Mais que o capital, exige-se capacidade administrativa, presença e, muito mais, conhecimento. Não são muitos os que conseguem formar uma fazenda a ponto de suportar 5.000 cabeças de gado. O Air entrega por ano 30 mil arrobas de carne para os frigoríficos.

Tem mais: é pai do Iniro, presidente da cooperativa e um dos líderes rurais mais atuantes de Montes Claros (isto é muito importante). Ele participa pessoalmente do desenvolvimento rural do Norte de Minas.

Você, por exemplo, sabia disso?

Embalagem nova facilita o emprego



Para facilitar o seu emprego, a Fatec está lançando uma nova embalagem de seu Polimix AD+E, suplemento vitamínico para rações, que contém, por kg, as seguintes vitaminas: A, 30 milhões U.I., D₃, 3 milhões U.I. e E, 30 mil U.I. Como o gado não sintetiza essas vitaminas, informa a empresa, é necessário fornecê-las no alimento, especialmente nos períodos em que a pastagem verde diminui. A dosagem recomendada do Polimix é de uma colher de sobremesa por bezerro e de uma colher de sopa por vaca leiteira. A nova embalagem contém 2 kg do produto e facilita o uso do produto por pequenos criadores. Fatec Química e Industrial S.A., praça da Liberdade, 130 — conj. 1.003, São Paulo, SP.

Monte Belo fatura bem no exterior

A Monte Belo S.A., do Grupo Moura Andrade, produtora de doces em conserva, re-

gistou, no ano passado, um faturamento total da ordem de Cr\$ 700 milhões, contra Cr\$ 200 milhões obtidos em 1980, segundo revelaram fontes da empresa. Para este ano, a previsão de faturamento é de Cr\$ 3 bilhões, o que representará um aumento superior a 400%. Além de aumentar sua participação no mercado interno de geleias e doces em conserva, a Monte Belo vem investindo, nos últimos meses, no mercado externo e já exporta para países como EUA, Chile, Argentina, Paraguai e Espanha, para onde prevê, no futuro, destinar pelo menos 50% de sua produção. Monte Belo S.A., al. Santos, 2.224, São Paulo, SP.

Manah festeja 35 anos com bela campanha

Marcando a data com expressiva participação em campanhas de caráter educativo e comunitário visando a população rural, a Manah está comemorando seus 35 anos de atividades no setor de adubos. Genuinamente nacional, a empresa nasceu em Descalvado, SP, com a firma F. Cardoso & Cia. Ltda., misturando cinza moída, torta de algodão e farinha de ossos, na forma de resíduos de matadouros. Hoje possui dois complexos industriais de porte, 13 unidades fabris, 74 centros administrativos de vendas e 3.000 representantes, coordenados e supervisionados por cem engenheiros agrônomos, que tornam a organização presente em todo o país. O capital de Cr\$ 2,475 bilhões é repartido entre 3 mil acionistas. O Grupo Manah também inclui as Fazendas Mundo Novo (Brotas, SP) e Suçupara (Santana do Araguaia, PA), e suas explorações pecuárias envolvem a seleção de Nelore da linhagem Lemgruber, de equinos da raça Marchador do

Tennessee e produção de bovinos para recriadores, também da raça Nelore, que põe periodicamente à venda em leilão com lances escritos. Manah S.A., av. do Anastácio, 740, São Paulo, SP.

Herbicida acaba com os arbustos do pasto

Peletizado e de absorção pela raiz, translocado para as folhas, o Graslan é um herbicida que causa a inibição da fotossíntese, levando à morte os arbustos lenhosos e herbáceos indesejáveis das pastagens. Segundo a empresa fabricante, duas de suas mais notáveis vantagens são a facilidade de aplicação e o longo período de ação, que permitem melhor utilizar a mão-de-obra disponível, evitando-se a necessidade de cortar os arbustos que se quer combater. O produto é recomendado especialmente contra tarumã, capa-bode, cega-jumento, espinho-agulha, mamica-de-porca, esporão-de-galo, limãozinho, lacre, arranha-gato, assa-peixe, leiteiro, roseta e cruzeta. Sua ação é efetiva por um período mínimo de três anos, segundo os fabricantes. Elanco Química Ltda., av. Morumbi, 8.264, São Paulo, SP.

Purina mostra como bezerro se cria bem

A Purina promoveu, em 30 de março último, o encerramento da demonstração pública de seu Plano Purina de Desmama Precoc, realizado conjuntamente com a Cooperativa de Laticínios de Teófilo Otoni, MG. O plano se iniciou em 30 de novembro do ano passado, com a participa-

ção de cinco fazendeiros, que forneceram os animais para o teste. Ao final, positivou-se que houve um gasto de 336 kg de ração Terneirinha e de 100 litros de leite até a desmama, processada quando se atingiu esse volume de leite consumido. Os pesos finais obtidos nas cinco bezerras deram a média de 153,8 kg/cabeça, variando de 136 a 187 kg. As cinco fêmeas entraram, concluído o teste, num novo plano Purina (para novilhas), que deverá permitir sejam cobertas aos 12 meses de idade. O teste de Teófilo Otoni foi realizado sob a supervisão do zootecnista Delmer Pereira Guida, gerente de território da empresa, e cooperação da firma Gouvêa, Agostini & Cia. Ltda., revendedor Purina na região. Purina Alimentos Ltda., av. Nações Unidas, 13.797, São Paulo, SP.

Melaço em pó outra vez no mercado

Já voltou a operar a fábrica de melaço em pó da Indumel, no km 42 da BR-120, em Viçosa, MG. O produto continua, como sempre, sendo apresentado em embalagem de plástico e, por ser pó, tem facilitado o seu transporte, manuseio e armazenagem. O melaço é enriquecido com cálcio, fósforo e microelementos e, segundo seus fabricantes, revela a seguinte composição: energia bruta, 3.400 Kcal/kg; matéria seca, 97%; açúcares, mínimo de 32%; proteína bruta, mínimo de 2%; cálcio, máximo de 4,5%; fósforo, mínimo de 0,14%; ferro, 0,45%; enxofre, 0,64%; magnésio, 0,81%; sódio, 0,30%; potássio, 0,60% e mais cobalto, cobre, manganês, zinco e iodo. O produto também é recomendado para cabras leiteiras. Indumel, km 42 da BR-120, Viçosa, MG, e rua Alvarenga Peixoto, 265, loja 112, Belo Horizonte, MG.

UM PLANTEL SOB CONTROLE



Um campeoníssimo em HVB

também quer mostrar tudo o que sabe na seleção de Holandês preto e branco: é Hugo Buno, colecionador de prêmios de Cruzeiro.

Em apenas dez anos como selecionador da raça Holandesa vermelha e branca, Hugo Reinaldo Bueno (Fazendas Lagoa Dourada, Três Remansos e Cachoeira, em Cruzeiro, SP, e Santa Rita, em Cocos, BA) já conseguiu uma premiação de fazer inveja a muito velho criador: tem oito medalhas de

ouro na categoria de melhor expositor (em Guaratinguetá, todos os anos desde 1975, só faltando a de 1979; em Batatais e na Expande, em 1981, quando abischoitou a Medalha Governador do Estado), mais os títulos de "pecuarista do ano — 1979", conferido pela Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Cruzeiro, e de "criador emé-

rito", outorgado pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento de São Paulo, nesse mesmo ano, quando da re-inauguração do Parque de Exposições Sálvio Pacheco de Almeida Prado, na Água Funda, na capital paulista.

Com modéstia, Hugo diz que teve sorte quando se iniciou na ativida-

de, em 1972. Seus parentes já lidavam com gado de leite, preferindo criar animais mestiços, para produção comercial. Hugo, porém, decidiu-se pela seleção de puros e pendeu para o Holandês vermelho e branco por ver na raça melhor possibilidade de adaptação às condições de clima, topografia e arraçoamento no Vale do Paraíba, permitindo maior produção de leite por cabeça. O gado vermelho e branco é mais rústico, na opinião do criador, do que muitas outras raças européias, especialmente no cotejo com o Holandês preto e branco.

A base do seu rebanho tem origem na seleção de José Teófilo Fernandes da Silva, do Rio de Janeiro, e na conhecida Fazenda Pica Pau Amarelo, de onde vieram os primeiros animais, em meados de 1972. Dois anos depois, houve uma importação direta dos Estados Unidos da América, conjuntamente com outros criadores, cabendo-lhe um lote de 12 fêmeas e um macho.

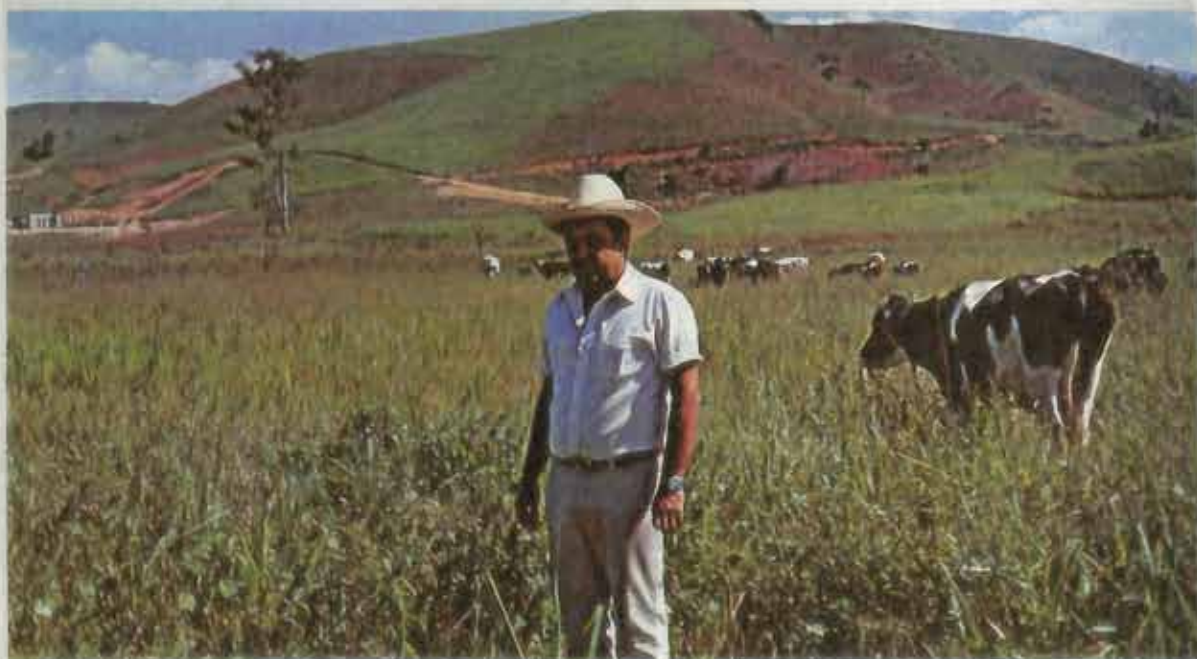
No entanto, a marca registrada do plantel leva o nome de "Galv's Barroso", campeão nacional da raça em 1975, que Hugo considera efetiva-

mente o "pai do rebanho". "Barroso" também foi reservado grande campeão na exposição nacional de Holandês, em 1976, e amealhou outros dez campeonatos de expressão, trazendo prestígio para a seleção com o prefixo Cruzeiro. Outro animal, entre os machos, que Hugo considera destacado em seu plantel foi "Herrvales Esther Roy Red", importado, único filho de "Romandale Royal Red" a vir para o Brasil, adquirido por Hugo, em 1977. "Herrvales" sagrou-se campeão sênior da raça, em 1978, e foi grande campeão em várias mostras de categoria (Cruzeiro, Guaratinguetá e outras), servindo por bom tempo em central de coleta de sêmen. Um seu filho, produto de "Cruzeiro Bárbara" (por sua vez, descendente de "Galv's Barroso"), crioulo da Lagoa Dourada, foi reservado campeão na Nacional de Gado Holandês, em 1980.

Ao revelar esses dados, Hugo diz que esses animais (ou seu sêmen) lhe têm permitido obter descendências com excelente qualificação dentro da raça, no país, constituindo famílias habitualmente premiadas. Do lado materno, também tem havido sucesso na seleção empreendida

pelo criador. Assim, "Joy Sovereng da Marambaia", campeã nacional e úbere campeão da raça, em 1977, é mãe de "Estância Roy Red de Cruzeiro", campeã em Guaratinguetá e segundo melhor úbere nacional, em 1981, e de "Garota", outra campeã na mesma cidade. A neta de "Joy", com oito meses de idade, iria debutar este mês na pista de Santa Rita do Passa Quatro, SP, com muita expectativa de todos na Lagoa Dourada.

Ostentar essas marcas é algo importante para quem se dedica à seleção, admite Hugo, pois, além da produção leiteira comercializável, a criação objetiva expandir-se no rumo da venda de machos e fêmeas. Contudo, ele não se descuida também de apontar a produção obtida no rebanho, sob controle oficial da ABC. Aí sempre há nomes de destaque nos controles mensalmente publicados, como, por exemplo, a atual recordista nacional de leite, na categoria de 3 anos e meio. Ele é "SJT Toro Nova 353", que, em duas ordenhas e 305 dias, produziu 6.746 kg de leite; em sua última lactação, "Toro Nova" produziu 10.708 kg, em duas ordenhas e 365 dias.



Na Três Ramansos, Hugo está iniciando também a seleção do HPB.



"Norma Jasper Red"
foi campeã bezerra em
Curitiba-79.



Aqui, uma família
de campeãs: avó, mãe
e neta que vai estreitar.

OS SEGREDOS

O Holandês da Cruzeiro é mantido nos 38 hectares da Fazenda Lagoa Dourada, propriedade cada vez mais assediada pela cidade. A pressão é tanta que Hugo já está loteando parte das terras e começando a transferir gado para a Fazenda Três Remansos (78 hectares), também no município de Cruzeiro. Seu objetivo é ficar com apenas 3 a 4 alqueires no local, como residência e mostruário de algum gado, transformando-se então a Três Remansos no centro principal da criação, já que a Fazenda Cachoeira se destina exclusivamente para mestiços.

Por enquanto, o gado dispõe de toda a infraestrutura bem montada da Lagoa Dourada e especialmente de trato apurado, através de capineiras de napier, silagem de milho e aveia forrageira no período de seca. Os pastos são divididos em piquetes, para utilização em rodízio, formados especialmente em napier, angola e braquiárias (decumbens, ruzienses e humidicola, esta de introdução mais recente). Para economizar nos custos do arraçãoamento, Hugo está modificando seu esquema de alimentação do rebanho, e incluindo no trato mais milho, soja moída e mandioca. Uma ração está começando a ser preparada na



Esta é "SJT Toro Nova",
recordista nacional de
leite — 3,6 anos.

própria fazenda, com 22% de proteína, utilizando milho (rolão), soja moída e premix adquirido no comércio. Rações especiais também são dadas, naturalmente, para bezerras, para os quais só se fornece leite natural, nunca substitutos, no programa de desmama precoce.

O ponto é considerado importante por Hugo, para atender a um duplo objetivo: manter adequadamente os animais e garantir-lhes desenvolvimento e sanidade e, ao mesmo tempo, tornar a atividade economicamente viável. Ele acredita que,

com as alterações previstas para o arraçãoamento dos animais adultos, conseguirá obter uma ração pronta a um custo médio de Cr\$ 20,00/21,00, contra Cr\$ 33,00 quando adquirida no mercado. Para os bezerrinhos, os feno de Rhodes e alfafa, hoje comprados fora, devem ser substituídos por produção local, na Três Remansos, provavelmente a partir de soja perena.

Atualmente somando 120 animais (30% puro de origem importado, 50% puro de origem e 20% GHB quase todo, umas poucas reses puras por cruza), o plantel de Hugo lhe tem permitido uma safra vendida de 30-40 cabeças, todos os anos, entre machos e fêmeas. Geralmente, a comercialização é feita na Lagoa Dourada, a participação em leilões ficando restrita a eventos regionais apenas. Mas não tem havido problema de mercado, os animais se distribuindo por vários Estados, principalmente Santa Catarina, Minas Gerais, Ceará, Goiás, Mato Grosso e Bahia. A venda dos machos acontece a partir dos 6 meses, e a de fêmeas quando já em lactação.

TRANSFERÊNCIA

Com a necessidade de se desativar a Lagoa Dourada, o gado começa a ser transferido, aos poucos, para a Fazenda Três Remansos, cujos pas-

tos estão formados e divididos, faltando apenas completar as instalações de ordenha mecânica (espinha de peixe, para 16 cabeças por vez) e currais de distribuição.

Ali também estão as 50 cabeças de gado Holandês preto e branco, que Hugo passou a criar em 1980, exclusivamente puras de origem. O rebanho é formado de animais adquiridos nas criações de Fernando de Alencar Pinto e Vitorio Cassiano, o que dá ao prefixo Cruzeiro a vantagem de começar com uma retaguarda de 20 anos de seleção apurada. A ascendência dos animais é basicamente "Paclamar Astronaut" (Hugo tem dez filhas dele no seu plantel), "Bootmaker", "Apache Citation", "Paclamar Capsule", "Emperor", "Penstate Ivanhoé Star" e "Gay Ideal". Em novilhas de primeira cria, ele já tem obtido produções de 7.500 kg de leite.

A decisão de também criar o preto e branco é justificada por Hugo pela dificuldade de "melhorar" e ampliar o seu vermelho e branco, bem como pela necessidade de aproveitar instalações e disponibilidades da Três Remansos. A paixão, de qualquer modo, continua sendo para o vermelho e branco, embora se garanta que também no preto o nome Cruzeiro vai dar o que falar. Para o HPB, Hugo só emprega a inseminação artificial, preferindo sêmen de "Jet Star" e "Madavasca", touros heterozigotos, com chance de produzir filhos de pelagem vermelha.

OS AUXILIARES

Uma seleção se faz à base de bons animais, acasalados dentro de um programa bem definido quanto a seus objetivos — admite Hugo. Mas há um fator essencial para que um prefixo se firme: é o cuidado com que ele é manejado. E isso depende em muito das pessoas. Para Hugo, em seu caso particular, também nesse aspecto ele tem sido favorecido. O pessoal de trabalho está com ele há bom tempo e aprecia o trabalho, merecendo mesmo destaques nas exposições de que os animais da Lagoa Dourada participam.



Todo cuidado é pouco com o gado de seleção.



Nos piquetes e em gaiolas, bezerros de várias idades.

Mas Hugo enfatiza que conta principalmente com o apoio da família, a esposa e os filhos também se envolvendo de corpo e alma. Ruthe, a mulher, "é praticamente quem administra hoje a Lagoa Dourada", diz ele, pois participa de exposições, vai a leilões, enfim se mostra incansável para suprir as ausências do marido. As filhas Andrea, Adriana e até Alessandra, a mais nova, entendem cada vez mais do riscado, e

Hugo Júnior promete ser o sucessor do pai, já anda repartindo com ele algumas atividades de gestão dos negócios e é capaz de providenciar muita coisa, nas fazendas. Às vezes, até com certo empenho extra, tentando driblar alguma aula ou compromisso escolar — o que deixa Hugo cheio de dúvidas sobre como agir dali para a frente, o orgulho de criador e a preocupação natural do pai se misturando em boa dose.

Associação Brasileira de Criadores

Taxas e emolumentos Serviços de Assistência Veterinária e Agronômica

Vigência: 1.º de NOVEMBRO de 1981

A — SERVIÇO DE REGISTRO GENEALÓGICO

1 — REGISTRO PROVISÓRIO OU DE NASCIMENTO	TAXAS
Puro de Origem e Puro por Cruzamento	Cr\$ 950,00
Mestiço	Cr\$ 630,00

2 — REGISTRO DEFINITIVO	TAXAS
Puro de Origem e Puro por Cruzamento	Cr\$ 1.250,00
Mestiço	Cr\$ 940,00

3 — TRANSFERÊNCIA	TAXAS
Por Certificado	Cr\$ 430,00

4 — SEGUNDA VIA	TAXAS
Por Certificado	Cr\$ 1.000,00

5 — DIÁRIA DE INSPEÇÃO	TAXAS
	Cr\$ 2.500,00

B — SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

N.º de Animais	TAXAS
01 a 10	Cr\$ 3.800,00
11 a 20	Cr\$ 5.800,00
21 a 30	Cr\$ 6.800,00
31 a 40	Cr\$ 7.700,00
41 a 50	Cr\$ 8.600,00
De 51 em diante, por animal	Cr\$ 170,00

C — SERVIÇO DE CONTROLE DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL

N.º de Animais	TAXAS
01 a 20	Cr\$ 4.700,00
21 a 30	Cr\$ 5.000,00
31 a 40	Cr\$ 7.000,00
41 a 50	Cr\$ 8.000,00
51 a 100, por animal	Cr\$ 155,00
101 a 200, por animal	Cr\$ 130,00
201 a 300, por animal	Cr\$ 94,00
301 em diante, por animal	Cr\$ 70,00
Certificado emitido por animal	Cr\$ 500,00

Obs.: As despesas de viagem e estadia do Inspetor e Controlador correm por conta do Criador, havendo rateio quando couber.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA VETERINÁRIA

Vigência: 1.º de NOVEMBRO de 1981

A — EXAME DE IMUNO-DIFUSÃO EM GEL PARA DIAGNÓSTICO DE ANEMIA INFECCIOSA EQUINA

Exame por amostra ou animal	Cr\$ 550,00
Com urgência	Cr\$ 700,00

B — EXAMES DE SORO-AGLUTINAÇÃO PARA BRUCELOSE

Número de animais	TAXAS
01 a 10, por animal	Cr\$ 200,00
11 a 20, por animal	Cr\$ 155,00
21 a 50, por animal	Cr\$ 105,00
De 51 em diante, por animal	Cr\$ 90,00

C — EXAMES HEMATOLÓGICOS

Hemograma completo	Cr\$ 1.150,00
Hemossedimentação	Cr\$ 630,00
Pesquisa de Hematoxídeos (Babésias, Filárias)	Cr\$ 840,00
Cálcio e Fósforo	Cr\$ 840,00
Enzimas (TGO, TGP — para cada uma)	Cr\$ 1.250,00
CPK — para cada uma	Cr\$ 840,00

D — EXAMES DE URINA

Exame de Urina completo (tipo II)	Cr\$ 1.000,00
(Caractéres físicos, químicos e sedimentação quantitativa)	
Exames parciais (Glicose, Corpos Cetônicos)	Cr\$ 520,00
Exames parciais (Bilirrubina, Proteínas, Urobilinogênio)	Cr\$ 520,00

E — EXAMES DE FEZES

De bovinos, eqüinos, suínos, caprinos e ovinos (Método de MAC MASTER E WILLIS)	Cr\$ 520,00
Por amostra	Cr\$ 520,00
Exame de Fezes de Caninos e Felinos, por animal	Cr\$ 630,00
Diagnóstico de Mastite (Cult-fórmula Mastitis Test) por amostra	Cr\$ 200,00

SERVIÇOS DIVERSOS

Vigência: 1.º de NOVEMBRO de 1981

A — CONSULTAS

Caninos e Felinos, por animal	Cr\$ 1.000,00
-------------------------------	---------------

B — VACINAÇÕES

Anti-rábica, por animal	Cr\$ 850,00
Tríplice (Cinomose, Hapatite, Leptospirose)	Cr\$ 1.000,00

C — APLICAÇÕES DE INJEÇÕES E CURATIVOS	Cr\$ 320,00
--	-------------

D — ATESTADOS E PARECERES	Cr\$ 850,00
---------------------------	-------------

E — LAUDOS TÉCNICOS, (de acordo com a complexidade) ... de Cr\$ 1.000,00 a 5.250,00	
---	--

F — PARECERES PARA A IMPORTAÇÃO DE SEMEN E REPRODUTORES

Até 500 doses, por unidade	Cr\$ 30,00
De 501 a 1.000 doses, por unidade	Cr\$ 20,00
De 1.001 doses, em diante, por unidade	Cr\$ 10,00

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Atendimento em propriedade agrícola, por Agrônomo ou Veterinário, até o limite de 8 (oito) horas	Cr\$ 5.000,00
Por hora adicional, contada desde a viagem e estadia, por conta do Criador.	Cr\$ 520,00

OBSERVAÇÃO: — Os NÃO ASSOCIADOS estarão sujeitos ao pagamento da Taxa em dobro.

LABORATÓRIO DE SEMENTES

Associados da ABC

1 — Sementes de gramíneas forrageiras (Cenopias, Brachiarias, Gramas, etc.):	
--	--

1 — Análise completa (puroza, silvestres nativas, germinação e valor cultural)	Cr\$ 500,00
2 — Germinação	Cr\$ 250,00
3 — Puroza	Cr\$ 150,00
4 — Silvestres nativas	Cr\$ 150,00

11 — Sementes de leguminosas forrageiras e florestais (Siratro, Contorno, Soja, Pano, Pluma, etc.):	
---	--

1 — Análise completa (puroza, silvestres nativas, germinação e valor cultural)	Cr\$ 360,00
2 — Germinação	Cr\$ 200,00
3 — Puroza	Cr\$ 120,00
4 — Silvestres nativas	Cr\$ 120,00

III — Sementes de diversas espécies (Trigo, Feijão, Soja, Sorgo, Centeio, Aveia, etc.):

1 — Análise completa	Cr\$ 240,00
2 — Germinação	Cr\$ 120,00
3 — Pureza	Cr\$ 100,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 100,00

IV — Sementes de Arroz e Milho

1 — Análise completa	Cr\$ 360,00
2 — Germinação	Cr\$ 200,00
3 — Pureza	Cr\$ 120,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 120,00

V — Outras determinações (Umidade, Sementes infestadas, peso de mil Sementes e peso volumétrico) para qualquer espécie:

1 — Cada determinação	Cr\$ 100,00
----------------------------	-------------

VI — Pureza e Teste de Te-
trazólio

VII — Não realizamos análise de PUREZA de sementes tratadas com defensivos.

LABORATÓRIO DE SEMENTES

Para não Associados da ABC

Em vigência: 1.º de AGOSTO de 1981

I — Sementes de gramíneas forrageiras (Capins, Brachiarias, Gramas, etc.):

1 — Análise completa (pureza, silvestres nocivas, germinação e valor cultural)	Cr\$ 1.000,00
2 — Germinação	Cr\$ 500,00
3 — Pureza	Cr\$ 300,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 300,00

II — Sementes de leguminosas, forrageiras e florestais (Siratro, Centrosema, Soja peregrina, Pinus, etc.):

1 — Análise completa (pureza, silvestres nocivas, germinação e valor cultural)	Cr\$ 720,00
2 — Germinação	Cr\$ 400,00
3 — Pureza	Cr\$ 240,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 240,00

III — Sementes de diversas espécies (Trigo, Feijão, Soja, Sorgo, Centeio, Aveia, etc.):

1 — Análise completa	Cr\$ 480,00
2 — Germinação	Cr\$ 240,00
3 — Pureza	Cr\$ 200,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 200,00

IV — Sementes de Arroz e Milho

1 — Análise completa	Cr\$ 720,00
2 — Germinação	Cr\$ 400,00
3 — Pureza	Cr\$ 240,00
4 — Silvestres nocivas	Cr\$ 240,00

V — Outras determinações (Umidade, Sementes infestadas, peso de mil Sementes e peso volumétrico) para qualquer espécie:

1 — Cada determinação	Cr\$ 200,00
----------------------------	-------------

VI — Pureza e Teste de Te-
trazólio

VII — Não realizamos análise de PUREZA de sementes tratadas com defensivos.

Peculiaristas ligados a Entidades que mantêm convênio com a ABC, gozam de descontos de 40% sobre os valores da presente Tabela.

ENDEREÇOS: SEDE: Rua Jaguaribe, 634 — Fone: 826-3033 — São Paulo.

FILIAIS: Av. José César de Oliveira, 175, perto do CEAGESP. Aberto até às 22 horas. Fone: 831-7966 — São Paulo.

E em São João da Boa Vista, (SP), Rua Benjamin Constant, 25 — Fone: DDD (0196) 22-3904.

ABC-JAGUARÉ

A nova loja ABC no Jaguaré, ao lado do CEAGESP, fica próxima a praticamente todas as entradas e saídas da cidade de São Paulo. Basta seguir qualquer caminho que dê no CEAGESP que se chega, facilmente, à ABC.

Exposição permanente de máquinas, implementos e motores.

Para compras maiores é o local ideal, pois a loja fica na frente do armazém, portanto, é só encoetar o caminhão na plataforma e carregar.

Aberta até as 22 horas.

Agora mais perto
da sua fazenda.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE CRIADORES

São Paulo: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033.

Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) -

Tel.: 831-7966 — Jaguaré — São Paulo

S.J. Boa Vista: Rua Benjamin Constant, 25

fone: (0196) 22-3904.



Associação Brasileira de Criadores

Registrada no Ministério da Agricultura sob o n.º 35, como Entidade Nacional.

RESULTADOS DOS CONTROLES DE PRODUÇÃO LEITEIRA E DE DESENVOLVIMENTO PONDERAL.

Toda a melhoria genética que possa resultar no aprimoramento qualitativo do rebanho nacional, é consequência direta dos serviços técnicos de:

- Controle Leiteiro
- Controle de Desenvolvimento Ponderal.

É de grande valia para a Pecuária Brasileira que o maior número de criadores se utilize desses serviços.

Animal controlado é sempre uma garantia para quem compra e para quem vende. Vale mais nos leilões. Alcança faixas de financiamento muito maiores nos estabelecimentos bancários oficiais.

Valorize o seu rebanho. Inscreva-o no Serviço de Controle Leiteiro ou no Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal.



**ASSOCIAÇÃO
BRASILEIRA
DE CRIADORES**

Rua Jaguaribe, 634
Fone: 826-3033
Caixa Postal, 9194
São Paulo - SP.





Associação Brasileira de Criadores

Fundada em 1926.

Reconhecida de Utilidade Pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811 de 20/10/58.
Registrada no Ministério da Agricultura sob o n.º 35, como Entidade Nacional.

A Associação Brasileira de Criadores, pelo seu Departamento Técnico, realiza em todo o País, em caráter oficial, por delegação do Ministério da Agricultura, os seguintes serviços:

- Serviço de Controle Leiteiro
- Serviço de Controle de Desenvolvimento Ponderal
- PROCRUZA (Programa de Cruzamentos Dirigidos)
- Registro Genealógico
- Provas Zootécnicas.

A Associação Brasileira de Criadores executa serviços técnicos, mediante Convênios ou Termos de Ajuste, para as seguintes entidades pecuárias:

- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa
- Associação Brasileira de Gado Pardo Suíço
- Associação dos Criadores de Gado Jersey

- Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey
- Associação Brasileira de Santa Gertrudis
- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos Pitangueiras
- Associação Paulista de Criadores de Charolês
- Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Canchim
- Associação Brasileira dos Criadores de Marchigiano
- Associação Nacional de Criadores (Pelotas, RS): Registro Genealógico e Provas Zootécnicas das raças:
Ayrshire
Flamenga
Normanda
Red Poll
Vermelha Dinamarquesa.

Associação Nacional de Criadores

("Hard Book Collares")
Rua Anchieta, 2043 - Tel: 22-4576
98100 - Pelotas - RS
Presidente: Luiz Sábios Lopes

Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Canchim

Av. Francisco Matarazzo, 455
Tel: 62-4619
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Francisco Jacintho da Silveira

Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa

Rua Monte Alegre, 1718
Tels: 262-0060 - 62-2011
05014 - São Paulo - SP
Presidente: Joaquim Peixoto Rocha

Associação Brasileira de Criadores de Bovinos Pitangueiras

Av. Francisco Matarazzo, 455
Tel: 884-8140
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Joseph Purgly

Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey

Av. Presidente Vargas, 417 - sala 402
Tel: 221-2085
20000 - Rio de Janeiro - RJ
Presidente: Custódio Almeida Cabral

Associação Brasileira de Criadores de Marchigiano

Av. Francisco Matarazzo, 455
Tels: 262-0098 - 263-1738
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Israel Sverner

Associação dos Criadores de Gado Jersey

Av. Francisco Matarazzo, 455
Tels: 262-0098 - 884-0040
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Aldo Antonio Rafael Rala

Associação Brasileira de Gado Pardo Suíço

Av. Francisco Matarazzo, 455
Tel: 884-0691
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Carlos Cardoso de A. Amorim

Associação Brasileira de Santa Gertrudis

Av. Francisco Matarazzo, 455
Tel: 263-1825
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Alberto Emmanuel Whitaker

Associação Paulista de Criadores de Charolês

Av. Francisco Matarazzo, 455
Tel: 62-4619
05001 - São Paulo - SP
Presidente: Sérgio Augusto de Camargo

Serviço de controle leiteiro

DESTAQUES

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca

ARAPOTI BARONESA LIXA 5, Rg. APCB/29.152, PCOC GC-2, Pai/ LIMPACK SENSATION, Rg. HBB/A-11.293, Mãe/ ARAPOTI BARONESA LIXA 4, Rg. APCB/21.646, obteve "LE" aos:

3a9m	-	2x	-	6.177	-	260,0	-	4,20%
4a9m	-	2x	-	6.321	-	256,4	-	4,05%
5a10m	-	2x	-	7.286	-	262,8	-	3,60%

Prop: FREDERIK KOK (27) - Arapoti

NICO'S GARDENIA KENTUCKY, Rg. HBB/B-46.566, P.O., Pai/ NICO'S KENTUCKY KENGOR, Mãe/ NICO'S FIEL UNITY, obteve "LE" aos:

3a2m	-	2x	-	4.449	-	173,5	-	3,90%
4a1m	-	2x	-	5.114	-	196,8	-	3,84%
5a2m	-	2x	-	5.813	-	184,0	-	3,16%

Prop: YAKULT S/A. Indústria e Comércio

LACTAÇÕES TERMINADAS

1 DIVISÃO - ATÉ 305 DIAS (COM NOVA PARICAO DENTRO DE 14 MESES)

NOME DO ANIMAL	Grav. da sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg	Gord. kg	PROPRIETÁRIO
Raça Holandesa - variedade preta e branca							
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.							
Isabel Ullricha Jerry - B/59467	PO	2-5	66.141	305	7.140	207,0	Volmar Spinelli de O. e. (P.O.)
A.P. Portaleza Sulcama - B/57432 - LE	PO	2-1	60.238	305	7.056	242,8	Fazenda Portaleza Ltda.
SW. Anabela Smaira - B/53490	PO	2-3	62.448	294	5.196	189,7	Paul Wirth
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos.							
C.R. Finney Collier Gay Ideal - B/57894 - LE	PO	2-7	66.059	305	7.486	247,4	Claudio V. Roberti
A.P. Portaleza Saphia - B/57416 - LH	PO	2-9	67.473	305	7.422	249,4	Fazenda Portaleza Ltda.
A.P. Portaleza Sampa - LH	PO	2-9	66.461	305	6.978	265,1	Fazenda Portaleza Ltda.
Sao Martinho Baldy Star Apollo - B/59969	PO	2-10	67.320	305	6.886	234,9	Miguel Portico Neto
Capela Dila Reflection Ada - B/56258	PO	2-7	67.027	305	5.968	177,7	Volmar Spinelli de O. e. (P.O.)
C.R. Fabiana Anastasia Fury Ltd - B/56761	PO	2-6	67.206	305	5.764	184,6	Volmar Spinelli de O. e. (P.O.)
A.P. Portaleza Sagitario - B/57995	PO	2-11	63.405	295	5.676	189,0	Fazenda Portaleza Ltda.
Rosely S. S. - B/5643	PCOC	2-8	67.491	305	5.570	205,2	Provençao D. M. Junqueira
C.R. Françoise Nati R. Mapto - B/57960	PO	2-9	66.799	305	5.497	190,1	Claudio V. Roberti
Sor. Charmo Roland Ideal - B/56971	PO	2-9	66.643	305	5.124	171,8	Paul Wirth
Melys's Jodyco Rayelstar - B/36488	PO	2-6	67.321	305	5.118	187,6	Miguel Portico Neto
Bentley Novada Eden Amity - B/57874 - LE	PO	2-6	65.062	305	5.070	177,6	Roberto Carlos de Salvo
Jodi Tridin Master Bonobour - B/57709	PO	2-7	67.026	278	3.576	134,2	Volmar Spinelli de O. e. (P.O.)
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.							
Serg. Teobocina A. Chastation - B/51491-LH	PO	3-5	61.575	305	7.896	264,9	Adhemar Ribeiro Avila
C.R. São Mateus Adonis - B/52884	PO	3-5	61.917	305	6.214	208,3	Claudio V. Roberti
Remondale Champeo Marui - B/57261	PO	3-8	67.288	305	5.070	175,8	Interagro S/A.
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.							
Clinton-Camp Astro Astoria Twin - B/58704-LE	PO	3-11	60.113	305	10.001	280,1	Volmar Spinelli de O. e. (P.O.)

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	PROPRIETÁRIO
Jang. Tatiapê 6150 Astronaut - B/50277	PO	3-6	61187	305	6.086	223,7	3,67 Adherbal Ribeiro Avila
Kinrow Ultimate Roadster - B/57255	PO	3-7	60979	305	5.783	192,1	3,32 Interagro S/A.
Dr. Antônia Prinston - B/49378	PO	3-10	67235	305	5.747	204,1	3,55 Emil Wirth
Jangada Tupinimha M. Cruz - B/50214	PO	3-10	61313	305	5.461	191,0	3,37 Interagro S/A.
A. Rider Jewel Pan - B/57245	PO	3-8	67284	305	4.792	163,9	3,42 Interagro S/A.
J.F.R. Jumbo - B/47175	PO	3-7	57263	216	3.832	153,3	3,99 Elge Agropecuária Ltda.
CLASSE C2 - de 4 a 4 1/2 anos.							
Br. Antônia Washington - B/47515	PO	4-4	57300	305	6.472	224,3	3,46 Emil Wirth
Provale Magnet Reina - B/48100	PO	4-1	58230	259	5.840	214,2	3,66 Joaquim Peisoto Rocha
Nellor Margus Leona - B/46557	PO	4-1	55867	302	5.158	189,8	3,66 Valmir Spinelli de O.e Imãos
Br. Antônia Lisboa - B/47503	PO	4-2	57303	285	4.439	156,5	3,52 Emil Wirth
CLASSE C3 - de 4 1/2 a 5 anos.							
Provale Magnet Leza - B/49282 - IE	PO	4-6	56902	305	9.790	300,8	3,07 Claudio V. Roberti
J.P.R. Justiça - B/46027	PO	4-6	55286	305	8.640	280,1	3,48 Joaquim Peisoto Rocha
A. Poverty-Hollow Citation Joy - B/48306-IE	PO	4-8	58232	277	7.482	252,8	3,36 Joaquim Peisoto Rocha
Imet Elise Double Trium - B/45386 - IM	PO	4-11	57085	291	7.419	253,8	3,42 Emil Wirth
Pan Elevation Telstar Marlene - B/45276	PO	4-9	53452	305	6.828	226,2	3,31 Valmir Spinelli de O.e Imãos
Luckyhill Ginger Kemp - B/46595	PO	4-6	57643	305	5.405	189,7	3,38 Valmir Spinelli de O.e Imãos
Walnutcrest Margus Carol - B/44398	PO	4-11	54082	267	4.675	173,5	3,71 Interagro S/A.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
San Pletius VII Pat. Bootscher - B/41273-IM	PO	6-2	54864	305	11.075	317,2	2,86 Valmir Spinelli de O.e Imãos
Platina do Burty - SP/46139 - IM	POCO	8-9	43841	305	9.292	320,7	3,45 Arnaldo Mendes de Oliveira
J.P.R. Madala - B/38422 - IM	PO	6-8	45860	305	9.174	302,4	3,29 Joaquim Peisoto Rocha
Nion Meabon Fernus - B/43721 - IM	PO	5-9	55170	305	8.776	321,3	3,66 Emil Wirth
A.F.Portaleza Padola - B/46287	PO	5-1	53246	305	8.241	262,3	3,18 Fazenda Portaleza Ltda.
Noland 2514 Glenne Nacoppe - B/40335	PO	7-8	54472	305	8.198	266,4	3,25 Luiz Viscardi
Insula Bela Cruz - IM	NR	5-11	53121	303	8.157	323,7	3,96 Francisco D. M. Junqueira
J.P.R. Pacil - B/50198	PO	8-8	41054	305	8.137	276,5	3,39 Joaquim Peisoto Rocha
J.P.R. Maralinda - B/38424	PO	6-8	45537	305	7.998	274,8	3,43 Joaquim Peisoto Rocha
Gaeta do Burty - SP/4849 - IE	OC1	5-11	48089	293	7.483	284,2	3,69 Arnaldo Mendes de Oliveira
Spiral Belle Transit Greta - B/43695-IM	PO	5-8	59929	304	7.557	275,2	3,64 Emil Wirth
North Eli Milestone Pan Plety-B/46245-IE	PO	5-2	55117	305	7.326	256,4	3,50 Emil Wirth
Woodley Del Via Lorenza - B/45440 - IM	PO	5-4	63845	294	7.150	261,1	3,65 Emil Wirth
Wilber Trione Neal Lotie - B/45401 - IM	PO	5-0	58502	305	7.027	272,3	3,87 Emil Wirth
A.F.Portaleza Olinda - B/48064 - IE	PO	5-2	51132	305	6.842	227,3	3,27 Interagro S/A.
Grove Villa Astro King Basha - B/46205 - IM	PO	5-1	69844	305	6.917	245,2	3,54 Emil Wirth
Doru Speedlink Astro - B/46192	PO	6-1	59621	305	6.838	237,4	3,47 Emil Wirth
Holly Hill Bukator Celeste - B/45378	PO	5-3	56304	288	6.682	226,1	3,38 Emil Wirth
Avon Sorana - B/5355 - IE	31/32	8-7	50677	305	6.643	232,2	3,49 Luiz Viscardi
Junco Dorian P. Maria - B/43638	PO	5-11	66921	294	6.145	216,6	3,52 Emil Wirth
Cresland Honey Ella Trium - B/43598	PO	6-0	55127	305	6.143	210,9	3,43 Emil Wirth
Freme Citation Lillie - B/43639	PO	6-3	60566	253	6.141	213,6	3,47 Emil Wirth
Varrida da São Sebastião - IM/SP-143800	31/32	6-2	46476	305	6.118	198,4	3,24 Guilherme Monteiro Junqueira
Knoll Rodana Elaine - B/38428	PO	7-11	44619	217	6.051	199,7	3,28 Valmir Spinelli de O.e Imãos
Aura 136 Maple - B/51308	PO	5-8	58599	300	6.045	205,8	3,40 Emil Wirth
Hebeborn Tri-Vel T. Ivory - B/45410	PO	5-4	62439	305	5.808	199,5	3,43 Emil Wirth
C.R. Belle Mar-O-War - B/37752	PO	6-11	47225	305	5.670	182,7	3,22 Claudio V. Roberti
Milky-Way-Maver Tippy Spot - B/45404	PO	5-2	55477	262	5.463	188,6	3,45 Emil Wirth
C.R. Cristy Hagen - B/38445	PO	5-11	50495	305	5.408	195,3	3,61 Antonio Carlos de Salvo
Jarvis Milken Andrea - B/44392	PO	5-1	56280	280	4.959	178,4	3,59 Interagro S/A.
Southstone B-After Twin - B/42171	PO	5-7	52382	242	4.536	153,1	3,36 Fazenda Portaleza Ltda.
Outras Ordenhas (2a)							
CLASSE A1 - até 2 1/2 anos.							
Estrelaço Hilare Proci do P. - B/31635-IM	OCB	2-3	66915	305	7.186	220,3	3,06 Faz.Sta.M.da Posse Ag.P.Ltda.
L. Rudge Joy Rich - B/56089 - IM	PO	2-5	67021	305	6.866	229,2	3,33 Guilherme W. S. Caldas
P. Omega Lolita Tippy - B/39873	PO	2-5	66916	305	6.850	181,7	2,65 Faz.Sta.M.da Posse Ag.P.Ltda.
P. Peteca Ilipiana Erin - B/59731 - IM	PO	2-2	67236	305	6.565	197,2	3,00 Faz.Sta.M.da Posse Ag.P.Ltda.
P.D.A. Hocomperma M. Primavera-B/49747-IM	PO	2-1	66537	305	6.326	216,6	3,42 Jacob Reiser Dutill
Marlene Lark Primavera - SP/132168 - IE	OC2	2-1	66324	294	6.213	196,5	3,16 Donald Graber
A.B.Rap. Boty B. Astronaut - B/38428	OC4	2-1	66966	305	5.587	221,7	3,96 Gerrit Verburg - Arapoti
Georje II de Holanda - SP/139445	OC1	2-5	66797	305	5.517	173,9	3,15 Simon Groot - Holanda
Aratops Aurora 3 Red - B/45588	PO	1-9	65587	305	5.296	160,8	3,01 Emilio C. Kluppel - Arapoti
Isolda Barbarella Cal - B/33411	PO	2-5	66322	305	5.249	160,8	3,06 Faz.Sta.M.da Posse Ag.P.Ltda.
Lacti Penstallner Primavera-IM/SP-132166-IE	OC1	2-3	64945	305	5.124	167,8	3,27 Donald Graber
Aratops Gassomera 2 Jackson - B/57755	PO	2-3	66562	305	4.959	155,9	3,14 Emilio C. Kluppel - Arapoti
A.B.Rap. Cor 671 B. Astronaut - B/38428 - IM	OC2	2-4	66564	305	4.898	200,9	4,10 Gerrit Verburg - Arapoti
Rosa Primavera Juliana 40 - B/5884	OC3	2-5	66582	305	4.819	196,4	4,07 Jan Kok - Arapoti
B.Q. Belgica Apollo Universal - B/58423-IE	PO	2-5	66771	305	4.805	165,9	3,45 Pecuária Anzinas Ltda.
Jany, Opi Guitana Hent - B/53004	PO	2-4	66654	305	4.755	145,7	3,06 Fernando Alencar Pinto S/A.
B.Q. Black Marcus Talanta - B/57737	PO	2-5	66944	305	4.740	171,5	3,61 Pecuária Anzinas Ltda.
Boy, 5187 Calman Althaus Pachi - B/54981	PO	2-3	65921	305	4.714	141,9	3,01 Lail Antonio de Souza
A.B.Rap. Cor 678 Royalstar - B/52572	OC4	2-4	66602	305	4.633	171,4	3,76 Gerrit Verburg - Arapoti
Marico Ousturion Sadie - B/317653	PO	2-4	58798	305	4.602	150,9	3,27 Jan Kok - Arapoti
Laila Lark Primavera - IM/132161	OC1	2-4	66328	305	4.564	162,6	3,56 Donald Graber
Nil, I.G. Brigitte Star - B/57702	PO	2-5	67014	305	4.541	163,2	3,59 Willemsdord Groot - Holanda
Orgia Vioçoa T. da Posse - B/41096	OCB	2-3	64794	191	4.511	141,1	3,12 Faz.Sta.M.da Posse Ag.P.Ltda.
A. Orelha Elise 21 - B/56934 - IE	PO	2-0	66594	248	3.897	147,8	3,79 Leendert Noordgraaf - Arap.
B.Q. Marozza P. Vencosa - B/57538	PO	2-5	66948	305	3.800	144,5	3,80 Pecuária Anzinas Ltda.
C.A.B. Ventania Minder Nuv. - B/59358	PO	2-2	67023	305	3.605	139,6	3,87 Col Adventista Brasileiro
Botatula Barcelos A. Rose - SP/133710	31/32	2-0	67637	279	3.438	118,2	4,84 Nemé Ferreira Telles
C.A.B. Virgilia Thelma Telstar - B/52564	PO	2-5	67024	305	3.388	115,0	3,39 Col Adventista Brasileiro
Regina Maple Pedrosão - SP/127809	OC1	2-5	64302	291	3.303	115,0	3,49 Alexandre Bismarck da Silva
Jany, Umlia Lilla Bootscher - B/58077	PO	2-5	64357	305	3.264	109,8	3,38 Lail Antonio de Souza
J.P.R. Marpes - B/54825	PO	2-3	64908	195	3.165	116,2	3,67 Joaquim Peisoto Rocha
Andréia E.S. - SP/8045	POCO	2-5	67488	260	3.164	116,6	3,68 Francisco D. M. Junqueira
Rosa do Porto Oca - SP/13440	OC2	2-4	69730	200	3.108	101,3	3,27 Olavo Anzins Silveira
B.C. Norte Chief E. Maple - B/56947	PO	2-2	65331	305	3.088	117,0	3,79 Roberto Cordeiro
Baronessa C. R. Rose - IM/SP-27048	31/32	1-8	62745	305	2.955	106,8	3,81 Nemé Ferreira Telles
Dado Sagittaria Star - B/58438	PO	2-2	67152	305	2.940	109,7	3,73 Sac.Sap.de Ag.Luz de Quissas
Barbela Two Star Lark - B/16448	OCB	2-2	69328	175	2.887	105,2	3,64 Olavo Anzins Silveira
Barbara Rose Dorian Pan D'Almeida - B/13288	OCB	2-2	65868	145	2.719	99,3	3,65 Jacob Reiser Dutill
A.C. Melina Perenna Maple - B/53694	PO	2-2	64111	277	2.707	117,5	4,34 Roberto Cordeiro
Step Two Star Lark - B/15170	OCB	2-0	69327	200	2.588	90,9	3,51 Olavo Anzins Silveira
B.C. Melina Dorian Rose - B/55695	PO	2-5	65333	292	2.325	86,1	3,72 Roberto Cordeiro
B.C. Melina Dorian Rose - B/44179	PO	2-3	66635	198	1.701	62,9	3,70 Roberto Cordeiro

NOME DO ANIMAL	Grav. de sangue	Idade em anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Prod. kg	Prod. %	PROPRIETÁRIO
C.R. Cordeiro Dona Pêde M. Betty - B/59181	PO	2-5	69334	104	1.391	44,9	3,21	Olavo Amorim Silveira
Dabolia Celebrity Macdon	PO	2-3	69488	140	1.372	46,6	3,39	Renée Perreira Talles
Clotucha Travessa Macdon Rene - SP/136648	CC1	2-3	69487	131	1.007	31,6	3,33	Renée Perreira Talles
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.								
R.B. Martho Anna & Mover Pear - B/57750 - LE	PO	2-7	66507	305	7.387	251,3	3,40	Correia J. de Jango - Arap.
Wila M. - B/57750 - LE	CC1	2-9	66422	304	7.047	230,0	3,26	Secretaria Agostinho S/A.
Arckina Anna 2 F. Star - B/47843 - LM	PO	2-7	66586	305	6.969	218,4	3,11	Reid C. Klippel - Arapoti
Arckina Boyce Duff - B/59111 - LE	PO	2-8	67480	305	6.893	212,2	3,38	Plínio C. de Albuquerque
Arckina Chieftain Liana - B/59080 - LM	PO	2-11	67527	305	6.578	249,1	1,78	Sérgio Vicente de Araújo
Arckina Jolly Royalstar Macdon - B/51321-LM	PO	2-7	67525	305	6.540	246,3	3,76	Sérgio Vicente de Araújo
Arckina Mero Agnes Angela - B/56090 - LM	PO	2-8	67019	305	6.457	244,4	3,32	Carlismo W. S. Galvão
Arckina São Quirino - SP/51679 - LE	PO	2-8	66276	305	6.073	286,8	3,18	Secretaria Agostinho S/A.
Arckina Dore Picta 17 - B/25894 - LM	PO	2-6	66598	301	6.005	225,7	3,74	Leandert Macdonal - Arap.
Arckina Obsolete Opole Macdon - B/37126 - LM	PO	2-7	6584	305	5.703	193,0	4,96	Fernando Almeida Pinto S/A.
Arckina Picta 17 - B/25894 - LM	PO	2-9	67720	290	5.696	193,5	3,52	Plínio C. de Albuquerque
Arckina Bela Martho Gerdunio 1 Pick - 43744	CC1	2-9	67115	305	5.555	195,2	2,45	Chamela J. de Jango - Arap.
Arckina de Holanda - SP/111090 - LE	PO	2-7	67277	305	5.608	198,6	1,54	Ramon Geste - Malacra
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-8	66571	305	5.581	177,1	3,17	Faz. São M. de Souza Ag. P. Ltda.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-8	66823	305	5.478	199,4	3,64	Carlismo W. S. Galvão
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	67499	287	5.236	153,0	2,92	Fernando Almeida Pinto S/A.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-9	66954	305	5.215	185,8	3,56	Plínio C. de Albuquerque
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-6	66874	295	5.151	170,4	3,30	Secretaria Agostinho S/A.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	66838	271	5.146	178,1	3,86	Plínio C. de Albuquerque
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-9	66125	284	5.076	182,8	3,60	Plínio C. de Albuquerque
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-8	66581	305	5.008	152,2	3,03	Wilmara A. Macdonal - Arap.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-8	67114	305	4.899	164,7	3,29	Georgio A. V. Agostinho - Arapoti
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-7	66596	305	4.888	184,6	3,76	San R. Agostinho
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	67787	305	4.888	172,9	3,53	Secretaria Agostinho S/A.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-6	66567	305	4.852	170,8	3,52	Donald Gruber
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-10	66651	305	4.804	158,6	3,30	Fernando Almeida Pinto S/A.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	66549	305	4.734	163,3	3,44	Leandert Macdonal - Arap.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-9	66612	305	4.691	154,5	3,29	Carlos Eduardo C. Geste
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-6	66840	208	4.677	154,4	3,30	Plínio C. de Albuquerque
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-6	66124	287	4.643	165,2	3,55	Plínio C. de Albuquerque
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	66670	305	4.636	157,2	3,39	Carlos Alberto J. Agostinho
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-10	66552	305	4.569	161,1	3,15	Fernando Almeida Pinto S/A.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-9	67184	305	4.504	182,8	3,60	Alfonso Henrique de Freitas
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-7	66592	295	4.378	128,1	2,93	Willebrandt Gruber - Malacra
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-9	65977	273	4.219	154,6	3,66	Carlos Eduardo C. Geste
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-11	66363	260	3.949	138,3	3,50	Maria Agostinho F. Macdon
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-8	65847	305	3.934	133,4	3,38	Willebrandt Gruber
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	67158	305	3.928	129,6	3,30	Col. Agostinho Perceiro
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	67259	305	3.917	143,3	3,65	Fernando Almeida Pinto S/A.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-8	67399	305	3.820	146,6	3,31	Willebrandt Gruber
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-8	66615	277	3.656	137,6	3,11	Renée Perreira Talles
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-8	66698	305	3.514	143,8	4,08	Willebrandt Gruber
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-9	66629	284	3.493	129,9	3,71	Secretaria Agostinho S/A.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-9	70303	135	3.489	107,7	3,12	Plínio C. de Albuquerque
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-8	66844	204	3.462	126,9	3,64	Plínio C. de Albuquerque
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-6	67037	287	3.411	115,9	3,39	Clotucha Travessa Macdon Rene
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	66462	287	3.277	125,1	3,81	S/A. Fernando Almeida Pinto S/A.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-6	69129	180	3.215	109,8	3,42	Olavo Amorim Silveira
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	66674	282	3.127	104,6	3,34	Carlos Eduardo C. Geste
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	67157	305	3.072	111,4	3,70	Col. Agostinho Perceiro
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-9	67914	218	2.799	99,9	3,21	Renée Perreira Talles
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-8	70304	127	2.534	86,3	3,39	Plínio C. de Albuquerque
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-10	66023	270	2.478	86,9	3,50	Secretaria Agostinho S/A.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-9	66653	276	2.286	87,3	3,59	Willebrandt Gruber
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	CC1	2-7	67941	305	2.186	76,4	3,49	Carlos Eduardo C. Geste
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-8	65049	279	2.182	76,3	3,49	Renée Perreira Talles
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-8	65973	249	2.095	75,3	3,59	Secretaria Agostinho S/A.
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-11	65741	214	1.990	60,7	4,05	Roberto Geste
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-6	66634	183	1.987	70,4	3,54	Roberto Geste
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-9	66127	138	1.923	68,1	3,54	Willebrandt Gruber
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-6	67636	270	1.734	63,2	3,42	Renée Perreira Talles
Arckina Macdonal Perceiro P. - B/51117	PO	2-7	67913	224	1.721	60,3	3,50	Renée Perreira Talles
CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.								
A.R. Jorge Cordeiro 5 1. Star - 42532 - LM	CC1	3-0	66578	292	7.294	229,9	3,15	Secretaria Agostinho S/A.
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-4	61327	305	7.001	267,5	3,62	Carlismo W. S. Galvão
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-4	61326	305	6.710	229,7	3,40	Secretaria Agostinho S/A.
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-4	66491	305	6.695	243,2	3,63	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-4	67528	305	6.453	242,9	3,75	Sérgio Vicente de Araújo
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-5	66018	305	6.422	175,4	3,13	San R. Agostinho
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-5	66666	305	6.368	195,3	3,11	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-4	61495	287	6.046	210,2	3,47	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-1	67077	295	5.508	198,9	2,76	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-3	63409	385	5.374	184,5	3,43	Secretaria Agostinho S/A.
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	CC1	3-5	61397	305	5.319	165,1	3,10	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-1	67083	305	5.078	158,4	3,11	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-4	61762	305	4.971	164,4	3,31	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-5	61329	301	4.932	164,2	3,31	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-2	65845	266	4.828	153,2	3,17	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-2	67059	305	4.819	156,6	3,11	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-2	65926	134	4.511	140,8	2,05	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-6	61247	285	4.516	132,1	3,15	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-1	66649	305	4.349	143,4	3,31	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-2	69381	180	4.306	149,8	3,65	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	CC1	3-3	67125	266	4.189	161,6	3,30	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-2	61457	278	4.099	151,6	3,76	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	CC1	3-0	66749	305	4.013	149,4	3,53	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	CC1	3-0	66971	290	3.952	151,1	3,87	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-2	61832	366	3.107	129,5	2,63	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-6	70306	122	3.144	103,0	3,60	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-4	66294	181	3.121	130,0	3,31	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-1	66711	305	3.111	111,7	3,12	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-3	65960	285	3.220	104,0	4,29	Arckina Anna 2 F. Star
Arckina Anna 2 F. Star - 9638310 - LM	PO	3-2	69662	124	1.164	100,3	3,40	Arckina Anna 2 F. Star

NOME DO ANIMAL	Grav. de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	PROPRIETÁRIO
Palstra Pastor Yakult	POCC	3-3	60777	261	2.830	88,6	3,13 Yakult S/A. Ind. e Comércio
New's Merculandia - SP/114209	31/32	3-1	65181	273	2.825	104,5	3,69 Osvaldo Soler
Jung, Uiana Mariana Filho - B/53543	PO	3-4	62852	278	2.773	109,6	3,95 Fernando Alencar Pinto S/A.
Goleada Astronaut Beata - SP/103837	OC1	3-5	66336	209	2.581	97,6	3,78 Roberto Calmon de S. Barreto
Jung, Uirubá Rosa Milord - B/58062	PO	3-1	69865	130	2.561	68,7	2,68 Fernando Alencar Pinto S/A.
De Bone Blastaia Odeab, Aet. - B/54074	PO	3-3	64835	137	2.295	67,9	2,95 Renée Ferreira Telles
Embaçada J.O.M. - SP/120140	31/32	3-5	69416	135	2.157	74,6	3,46 Olavo Amorim Silveira
Sad's Bernabé M. Económica - B/50216	PO	3-2	60458	196	2.097	76,7	3,65 José Sadi e Sérgio Sadi
R.O. Gabrielle R. Maple - B/39563	PO	3-4	65334	180	1.797	67,0	3,72 Roberto Cordeiro
Quaranta Don Juan Corli - B/SP-111437	OC1	3-2	66411	187	1.630	53,7	3,29 Carlos Osvaldo Rosa Lima
S.O. Wilton Madcap Abolicion - B/60605	PO	3-5	69920	97	1.335	48,6	3,63 Roberto Cordeiro
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.							
J.J. Randal Barreira - B/49744 - IM	PO	3-11	61902	305	7.405	259,5	3,50 José Vieira Pereira
Joana Victor Pimentas - B/1091	OCB	3-8	61494	305	6.991	228,9	3,27 Donald Graber
Quarã Sonente - B/50796	PO	3-8	65982	305	6.911	216,8	3,13 Antonio Coelho Guimarães
A.B. Imp. Juan JHT - 45442 - LE	OC1	3-7	61917	282	6.686	236,9	3,54 Gerrit Verburg - Arapoti
Macdonalds Becky Hansen - B/49613 - IM	PO	3-7	59685	305	6.625	248,5	3,75 Harmanus Deen - Arapoti
Knoxville Royalstar Charris - B/48033	PO	3-10	60798	305	6.561	223,7	3,41 Frederik Kok - Arapoti
T.H.L. Valdez Charles Macdonalds-4/50925-LE	PO	3-8	66057	305	6.545	241,5	3,68 Arnaldo Mendes de Oliveira
A.de Jonge Anna 5 Victor - B/53252 - IM	PO	3-7	60386	305	6.358	244,8	3,85 Cornelius J.de Jonge - Arap.
Grinalda Astronaut Beata - SP/101815-IM	OC1	3-11	66991	305	6.246	233,7	3,74 Roberto Calmon de S. Barreto
S.M. Patricia Patsy Boot. - B/57397	PO	3-9	60648	305	6.164	201,7	3,27 Calçoas Paragon S/A.
Cherry Grove Tippy - B/49557	PO	3-7	59660	305	6.140	189,1	3,08 Frederik Kok - Arapoti
Verelise Bonnie Tradend - B/48081 - IM	PO	3-10	58800	305	6.035	212,9	3,52 Hilbert Kok - Arapoti
Chiguita Iv. Star de Caldas - B/1326	OCB	3-8	61674	305	5.908	218,2	3,69 Guilherme W. S. Caldas
Vereza Preta de Holambra - SP/113088	31/32	3-6	66396	305	5.751	185,4	3,22 Simon Groot - Holambra
Pajuar Charisma - B/54248 - IM	PO	3-7	66075	305	5.929	175,3	3,55 Antonio La Motta
Quarã Turmalina - B/54506	PO	3-8	67033	305	5.880	168,7	3,45 Antonio Coelho Guimarães
La-ra-bo Pat. Cit. Moti D. - B/51762	PO	3-6	62071	305	5.856	168,4	3,46 Antonio La Motta
Jung, Theodora Regalia Maple - B/50809	PO	3-9	60633	305	5.801	177,0	3,70 Fernando Alencar Pinto S/A.
Jung, Tallma Garia Elev. - B/50880	PO	3-9	60635	305	5.767	165,9	3,48 Fernando Alencar Pinto S/A.
Concentrated Hilli Ave. - B/49230	PO	3-9	58841	285	5.663	153,5	3,29 Carlos Alberto J.Lohmann
R.M. Carol Suzanne Elev. 74 - B/53370	PO	3-6	67082	305	5.645	153,6	3,30 José Mario Junqueira Netto
Iris Rancho M. L. - 101989	31/32	3-9	46309	223	4.538	186,9	4,11 Maria Lucia F. Silva Dias
Glen-Cove Rachell Halo - B/49182	PO	3-8	60659	299	4.508	140,8	3,12 Lair Antonio de Souza
La-ra-bo Agua 1 Cit. 79 Jova B-4/51756	3-11	60918	279	4.265	167,6	3,92 Antonio La Motta	
Dolores Gardin - 46092	OC1	3-8	66970	294	4.171	156,7	3,75 Cia.Baptista Scarpa Ind.Com.
Capote Bela Cruz - B/MS-50414	POCC	3-7	66986	305	4.125	166,3	4,03 Francisco D. M. Junqueira
Arap. Boelma Sandra 2 - 45462	OC1	3-7	66594	305	3.846	145,7	3,78 Harmanus Deen - Arap.
Baraca de Francis - 97132	POCC	3-7	60506	295	3.558	110,7	3,11 Carlos Alberto J.Lohmann
Rece 022 Abolicion Odeab. Imp. - B/52471	PO	3-7	59464	236	3.550	110,7	3,11 Renée Ferreira Telles
Regata S.M. de Francis - SP/97131	OC1	3-11	60966	288	3.533	114,5	3,24 Carlos Alberto J.Lohmann
Burgaria Rose - SP/97327	31/32	3-8	61306	230	3.476	117,8	3,38 Renée Ferreira Telles
Jogo Ande Odeab. Ivy - B/49192	PO	3-11	64964	300	3.467	125,2	3,61 Lair Antonio de Souza
Jung, Tânia Mônica Imperor - B/51492	PO	3-9	64560	177	3.462	95,5	2,75 Fernando Alencar Pinto S/A.
Aguardante Lili Christmas S.M. - B/4192	OCB	3-9	61401	305	3.389	122,3	3,60 Cia.Ada.Tec. e Agric. Atagui
Par. Decalque Bonif. Jr. - B/55703	PO	3-9	67264	305	3.305	117,4	3,46 S/A.Pastorais Paraiso Agro.Pec.
Canar 4 J. - SP/120481	31/32	3-9	67314	296	3.241	121,9	3,76 Cent.Paulista Ag. e Com.Ltda.
Dora Vinoccos - SP/49558	31/32	3-10	61341	269	2.953	107,0	3,62 Haysa Neutendjian
Mérol Geresse Valley New Air Ann-4/49180	PO	3-11	58497	174	2.952	106,4	3,60 Lair Antonio de Souza
Jung, Technia Jacarta Milord-5/50176	PO	3-6	65232	177	2.673	87,2	3,26 Fernando Alencar Pinto S/A.
Rip. Acotasker de S.M. - SP/122608	POCC	3-8	70305	123	2.533	81,7	3,22 Plínio C. de Albuquerque
Jorgene Teorinha L. Milord - B/50195	PO	3-9	66267	305	1.937	84,2	4,34 Lair Augusto Sacchi
Don-Vlata C. Elev. Odeab - B/49164	PO	3-7	59703	123	1.628	56,6	3,47 Lair Antonio de Souza
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.							
Funda Star Metalia P. D'Alho-BA/1048-IM	OCB	4-2	56505	305	8.059	268,1	3,32 Jacob Romier Dutillh
Quilata Star Oliveira P. D'Alho-BA/1036-IM	OCB	4-2	58611	283	7.584	242,9	3,20 Jacob Romier Dutillh
S.O. Arapoti Gay Odeab - B/49464	PO	4-0	59875	305	7.125	225,3	3,16 Pecuária Arbanus Ltda.
Madrepatria Q. de Vinoccos-49/192259 - IM	OC1	4-1	67831	305	7.106	243,0	3,42 Esp.Ada. e Comércio Anna S/A.
Quilata de V. Linhares - B/28330	PO	4-3	67829	305	7.069	215,1	3,04 Esp.Ada. e Comércio Anna S/A.
Jung, Talanta Milhuda Boot. - B/48391	PO	4-0	57514	305	6.788	212,3	3,12 Fernando Alencar Pinto S/A.
Arap. Linquidada Rebel - B/50181	OC1	4-5	56112	305	6.707	270,8	4,01 Marimar Theunis Hogen - Arap.
Asp. Rob Yank - B/53515	PO	4-3	59104	305	6.567	225,8	3,43 Hilbert Kok - Arapoti
A. João Mendes 200 - B/53243 - IM	PO	4-4	60603	305	6.524	230,5	3,53 Harold Kooten - Arapoti
J. Isabela Solange Pava - B/52580 - IM	PO	4-3	65528	305	6.472	240,7	3,71 Sérgio Vicente de Araújo
Madrigal Q. de Vinoccos - SP/142260	OC1	4-1	67832	305	6.374	196,1	3,07 Esp.Ada. e Comércio Anna S/A.
Joana Imperatriz Joana - B/55651	PO	4-2	67524	305	6.198	236,1	3,80 Sérgio Vicente de Araújo
Almeida Beata - SP/103842 - IM	POCC	4-3	59681	305	6.097	242,4	3,97 Roberto Calmon de S. Barreto
João de Deus 2 - 53645	31/32	4-4	59683	101	5.929	180,5	3,17 Harmanus Deen - Arapoti
Elleandria F.M. Hacia - B/49177	PO	4-3	61080	305	5.876	183,7	3,17 Lair Antonio de Souza
Piãl Tãl Espia Apollio Victor - B/48997	PO	4-0	60923	305	5.837	190,5	3,26 Antonio Joazeiro Nirelles
Letícia do Parity - SP/115874 - IM	OC1	4-0	67173	268	5.722	219,0	3,82 Arnaldo Mendes de Oliveira
Jung, Tajeta Norma Dittman - B/49046	PO	4-0	66448	283	5.641	145,5	2,57 Fernando Alencar Pinto S/A.
Willow Maple Gay la Bita - B/48157	PO	4-5	60739	262	5.560	186,0	3,34 Plínio C. de Albuquerque
S.H. C.F.O. Tólvia 31 Christmas - B/50032	PO	4-2	61401	305	5.423	178,8	3,29 Cia.Ada.Tec. e Agric. Atagui
S.O. Martin M. Veneza - B/48394	PO	4-1	60824	265	5.386	189,6	3,52 Pecuária Arbanus Ltda.
Fernando P. Barca - B/54429	PO	4-5	67467	305	5.203	180,3	3,61 Donald Graber
Lo-ee-ee Tonal 31 Barba Dorado - B/51385	PO	4-5	60008	305	5.179	159,3	3,07 Antonio La Motta
Shy Land del Profit Manita - B/45426 - IM	PO	4-5	57090	294	5.145	212,9	4,13 Neil Wirth
Wynnie Betty Medist - B/48606	PO	4-1	58814	265	5.141	148,6	2,90 Frederik Kok - Arapoti
Fiat Hacia Dittman U. Cham - B/47156-48	PO	4-2	60914	327	5.193	182,6	2,50 Antonio Joazeiro Nirelles
Jung, Tila Liberdade - B/50203	PO	4-2	59663	256	5.061	141,0	2,70 Fernando Alencar Pinto S/A.
Jana Veredira 5344 Bora. - B/49066	PO	4-4	59348	227	5.036	131,6	2,61 Fernando Alencar Pinto S/A.
Almeida Amada B. Harmanus	PO	4-2	61167	293	4.994	186,6	3,73 Wige Agropecuária Ltda.
Jacy, Sorella Odeab 1 Citas - B/49069	PO	4-5	60524	307	4.963	145,0	2,92 Fernando Alencar Pinto S/A.
S.C. Glisara S. Astronaut	PO	4-6	66297	305	4.910	164,7	2,35 Roberto Cordeiro
S.M. Dittia Boot. Chief - B/48448	PO	4-5	56401	305	4.798	158,3	3,30 José Mario Junqueira Netto
Maple: Ultimate Sandy - 115712	PO	4-3	61295	264	4.775	166,9	3,49 Yakult S/A. Ind. e Comércio
S. Art. Real Camer Bora - B/38188	PO	4-3	53325	264	4.636	145,5	3,13 Angenor Osório Ricci
Joana Rosa April - B/48218	PO	4-0	55118	294	4.286	145,3	2,98 Neil Wirth
Blanches II Cita - B/49008	PO	4-1	61252	305	4.104	144,6	3,52 Johannes V.Kampen-Holambra II
Rece's Sorella Hacia - B/47175	PO	4-2	62023	305	4.011	140,8	3,51 José Sadi e Sérgio Sadi
Tilla Imperator de Melito - B/49-98756	OC1	4-2	59468	233	4.002	118,0	2,96 Marcelo Eliazo de Freitas
Rece's Sorella Hacia - B/47175	PO	4-2	60558	252	3.992	117,7	2,94 Lair Antonio de Souza
Rece's Sorella Hacia - B/47175	PO	4-2	59332	194	3.587	123,6	3,44 Olavo Amorim Silveira
Jung, Tila Liberdade - B/50203	PO	4-2	61326	168	3.437	87,8	2,55 Fernando Alencar Pinto S/A.
Rece's Sorella Hacia - B/47175	OC1	4-2	61508	148	3.386	111,6	3,29 Plínio C. de Albuquerque

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
Par. Artibeus Rouffé Jr. - R/40938	PO	6-5	54403	305	6.112	187,1	3,06	S/A.Fazenda Paraíso Agro.Pec.
Pontecista Q. de Viraopos - SP/98005	OC2	7-0	67809	305	6.100	185,1	3,03	Emp.Adm. e Comércio Anna S/A.
Drene Nalike 22 - R/41395	PO	5-6	66511	305	6.072	201,3	3,31	Guarvelo Agro. Pecuária S/A.
Dofoi da Prata - 67570	OC2	6-4	52599	297	6.045	176,1	2,91	H.Horacio Cherkansky
Anna da Silvestra - SP/71193	31/32	5-9	67010	305	6.018	184,8	3,07	Simon Groot - Holanda
Coyne Fama Bookmaker Bully - R/39918	PO	7-4	49781	305	5.941	199,1	3,35	Carlos Alberto J.Lohmann
Versuilen Paclamar Sky Noltje 41 - R/32527	PO	8-4	50593	305	5.941	175,0	2,94	Faz.Sta.M.da Posse Ag.P.Ltda.
Juliana Eliana - R/36310	PO	7-6	66506	305	5.841	205,7	3,52	Antenor da Silva Andrade
Arap. Arraçado Amélie 6 - 32154	OC1	8-8	57117	305	5.816	199,2	3,42	Gerhard A.V.Arraçado - Arap.
Nico's Gardena Kentucky - R/46566 - LE	PO	5-2	55714	305	5.813	183,9	3,16	Yakult S/A.Ind.e Comércio
Par. Acolhedores Rouffé Jr. - R/40994	PO	6-11	51706	305	5.758	185,4	3,21	S/A.Faz. Paraíso Agro. Pec.
Arap. Hens Ailite 5 - 37467	31/32	7-1	59388	305	5.743	194,6	3,38	Harmann Doen - Arapoti
Par. Anta Fama Jr. - R/40885	PO	5-1	47485	298	5.701	190,5	3,34	S/A.Fazenda Paraíso Agro.Pec.
Pluma Opicasta N.L. - 87001 - LE	11/32	6-0	56944	284	5.643	226,9	4,02	Maria Lucia Ferreira S.Olas
Welpo's Lady Cam. Neda - R/37702	PO	7-0	49335	305	5.621	178,5	3,17	João Mario Junqueira Netto
Salomina São Quirino - GIB/844	OCB	5-1	55499	305	5.606	191,9	3,42	Pecuária Anhuas Ltda.
Rosillo Grayner T.Moila - R/46574	PO	5-3	56839	305	5.581	177,3	3,17	Yakult S/A.Ind.e Comércio
G.F.V. Elidia Tidy Deception - R/26711	PO	5-6	55771	305	5.564	176,3	3,16	Quido Fabrocini
Marjan Sara Imperor Star - R/44092	PO	6-0	49778	305	5.557	166,9	3,00	Col.Adventista Brasileiro
Howcroft Gail - R/44388	PO	5-7	55507	283	5.522	204,8	3,70	Roberto Cordeiro
Kingsley IV. Star Vanda - R/39154	PO	7-4	45415	279	5.493	171,5	3,12	Donald Graber
Par. Sobereza Magnifico - R/15748	PO	10-7	36990	305	5.469	195,9	3,58	S/A.Fazenda Paraíso Agro.Pec.
S.M. India Peitor Bookmaker - R/38196	PO	6-6	46497	305	5.414	174,9	3,23	João Mario Junqueira Netto
Jang. Maria Lina Medallist - R/41795	PO	5-4	49611	302	5.409	166,4	3,07	Fernando Alencar Pinto S/A.
Jang. Pinta Fábula Camale - R/38958	PO	5-10	46642	305	5.405	155,2	2,87	Fernando Alencar Pinto S/A.
134 Alim - SP/36811	POCB	6-11	54842	305	5.380	182,3	3,38	Carlos Alberto J.Lohmann
Arap. Kik Black Celebrity - R/47248	PO	5-3	51465	305	5.343	171,5	3,20	Gilbert Kok - Arapoti
C. Pilatin Marquida Comet Soc. - 14950	OC2	10-4	52309	305	5.311	178,9	3,35	Gerrit Verburg - Arapoti
Jang. Pinta Novaena Cit. - R/38308	PO	6-11	47292	305	5.325	181,6	3,41	Fernando Alencar Pinto S/A.
Par. Nalike Fidalgo - R/40972	PO	5-10	45849	305	5.279	178,4	3,37	S/A.Fazenda Paraíso Agro.Pec.
Somestola de Sta. Olívia - SP/81098	31/32	6-9	67096	305	5.226	174,1	3,33	Sta.M.Agro.Pec.Industrial S/A.
Cinzeira de Sta. Olívia - SP/70334	POCB	8-1	57871	305	5.222	173,8	3,32	Sta.M.Agro.Pec.Industrial S/A.
Los Lomas Triunfo Olim - R/45605	PO	7-7	63732	305	5.212	172,7	3,31	Angenor Cesarino Ricci
Quirino de Viana, Eliseu - SP/54821	OC2	7-4	67807	305	5.205	165,6	3,18	Emp.Adm. e Comércio Anna S/A.
Jeirina Pedreira - SP/78875	POCB	9-2	42260	305	5.191	191,0	3,67	Alexandre Huesman da Silva
Stalvina Ilumina - SP/130855	OC1	8-1	67174	305	5.185	198,7	3,83	Arnaldo Mendes de Oliveira
Pavella R.V. - SP/55733	POCB	7-6	50613	305	5.164	181,9	3,52	Hélio Moreira Salles
A. Couda Pictio 14 - R/37233	PO	7-4	45474	305	5.127	222,0	4,33	Leendert Noordergraaf - Arap.
Sibilla da Yakult - 44085	31/32	8-8	47034	275	5.080	160,2	3,15	Yakult S/A.Ind.e Comércio
Nico's Furgot Fraese - R/46565	PO	5-2	56471	305	5.075	150,2	2,95	Yakult S/A.Ind.e Comércio
Arap. Boelmann Klause - 32083	31/32	7-1	46595	305	5.072	186,3	3,67	Harmann K. Boelmann
Par. Huesman Fidalgo - R/11052	PO	11-2	35541	305	5.069	171,3	3,37	S/A.Fazenda Paraíso Agro.Pec.
R.V. Bonaldi - R/42198	PO	8-7	47915	305	5.066	178,1	3,51	Hélio Moreira Salles
Gilene Q. de Viraopos - SP/87123	OC2	6-0	67822	305	5.063	183,6	3,62	Emp.Adm. e Comércio Anna S/A.
Yocco C.S.H.	31/32	7-10	60998	288	5.046	175,2	3,47	Geraldo Junqueira de Andrade
Bandada da Platina	PO	-	67166	305	5.017	164,2	3,27	Vicente Ferreira Dias Jr.
P. Megalia Florinda Moraes - R/46774	PO	5-0	54290	305	5.008	153,9	3,07	Faz.Sta.M.da Posse Ag.P.Ltda.
Witte 9 da Boa Esperança - 18947	31/32	6-9	47471	305	4.965	202,8	4,08	Gerrit Verburg - Arapoti
G.F.V. Rithi Fridelise Doop. - R/39732	PO	6-2	53443	305	4.904	167,5	3,41	Quido Fabrocini
Helelu Pálida Pictolaco - R/46578	PO	5-1	56472	305	4.889	165,0	3,37	Yakult S/A.Ind.e Comércio
Pictolaco - 43416	31/32	9-5	42136	305	4.874	142,5	2,92	Yakult S/A.Ind.e Comércio
Haymann Ideal Karen - R/59110	PO	-	67719	302	4.820	175,6	3,62	Plínio C. de Albuquerque
Epote Sta. Ondine - SP/115901	31/32	7-8	67172	305	4.819	182,8	3,79	Arnaldo Mendes de Oliveira
Garcia Pedreira - SP/94383	POCB	8-0	55527	287	4.806	161,5	3,36	Alexandre Huesman da Silva
G.F.V. Illica Ideal Boon. - R/39733	PO	6-1	51875	305	4.801	158,6	3,30	Quido Fabrocini
Quitarrera 156 Burke K.Nojeatic - R/53669	PO	5-3	62708	254	4.792	178,4	3,72	Gerrit Verburg - Arapoti
Arap. Brookhurst Ines 5 - 27422	31/32	12-8	38637	305	4.764	143,8	3,01	Nicolas A.Bronckhorst - Arap.
Batim Nelo - SP/2135561	15/16	6-5	66950	305	4.749	159,8	3,36	Mario Alexandre Bessler
Avenda da Prata - 67562	OC1	7-1	47948	258	4.729	164,7	3,48	H.Horacio Cherkansky
Jang. Coarina Hilde Boon. - R/38139	PO	6-0	43683	282	4.728	135,1	2,85	Fernando Alencar Pinto S/A.
Jang. Sofia Moreira Camale - R/45709	PO	5-1	50508	258	4.702	128,1	2,72	Fernando Alencar Pinto S/A.
Par. Dorte de Sta. Olívia - SP/90551	POCB	7-8	49904	304	4.700	156,0	3,32	Sta.M.Agro.Pec.Industrial S/A.
Nelou - 43810	31/32	10-2	45995	305	4.666	126,1	2,70	Yakult S/A.Ind.e Comércio
Olga da Yakult - 44089	POCB	6-6	66592	305	4.642	143,9	3,10	Yakult S/A.Ind.e Comércio
Figura de Sta. Olívia - SP/70557	POCB	6-6	55004	288	4.634	156,6	3,37	Sta.M.Agro.Pec.Industrial S/A.
Par. Aventura Tarcio - R/39552	PO	7-1	47158	285	4.621	151,4	3,27	S/A.Fazenda Paraíso Agro.Pec.
Clovesmont Marcano - R/44378	PO	5-11	55819	248	4.609	174,9	3,79	Roberto Cordeiro
Depocrita Nalike Lina - SP/72330	OC1	6-7	49142	305	4.593	160,2	3,48	Waldir Junqueira de Andrade
J.D. Clara - R/59680	PO	7-11	44172	305	4.532	162,7	3,58	Antenor da Silva Andrade
R.V. Alissam - R/1887	PO	7-8	47265	305	4.526	157,9	3,49	Hélio Moreira Salles
Marucha Angila - R/31303	PO	5-4	44703	241	4.500	147,9	3,28	Guarvelo Agro. Pecuária S/A.
Jang. Neutral Ines II And - R/41754	PO	6-0	49810	298	4.481	169,3	3,77	Fernando Alencar Pinto S/A.
Bonessa do Melão - SP/5767884	31/32	5-7	52293	290	4.463	126,9	2,84	Narciso Elísio de Freitas
Jang. Rapadura I Instituto Mar. - R/43521	PO	5-6	51147	272	4.461	135,0	3,02	Fernando Alencar Pinto S/A.
Adradino de Sta. Anália - 93478	31/32	5-3	45635	302	4.448	178,2	4,00	Sylvio Lima Marinho
Boeta de Holanda - SP/56046	POCB	8-8	60189	305	4.419	153,3	3,46	Alexandre Huesman da Silva
Artide Amm de Sta. Mary. - SP/81971	31/32	5-10	49300	189	4.385	138,0	3,16	Plínio C. de Albuquerque
A.M.Antares Viana's Cristiane - 27837	PO	7-8	53279	305	4.377	148,4	3,39	Nicolas A.Bronckhorst - Arap.
J.D. Arlene II de Buitens - SP/14185	PO	-	65726	274	4.346	166,0	3,82	Milaborchus Groot - Holanda
Wald 2012 Luna Impulsa - R/43892	PO	5-10	41555	291	4.336	160,2	3,69	Alexandre Huesman da Silva
Princesa Anna Nalike - R/40888	PO	10-5	41049	305	4.319	143,0	3,31	Carlos Alberto J.Lohmann
Lida Perreira de Sta. Mary. - SP/49994	OC1	9-2	50433	174	4.298	142,5	3,31	Plínio C. de Albuquerque
Quirino Stylomatus de Gamp. SP/62253	OC4	7-0	46300	287	4.295	142,7	3,30	Calçados Paragon S/A.
Par. Balthazar Tarcio Mar. - R/41880	PO	5-2	56121	305	4.261	141,6	3,32	S/A.Fazenda Paraíso Agro.Pec.
S.M. Balthazar Acropolis Mont. II - R/38189	PO	6-6	44442	304	4.201	150,5	3,58	Waldy Colombini
R.A. Berta 100 Linoleo Olib. - R/37886	PO	5-1	56508	275	4.186	137,3	3,28	Waldy Ferreira Telles
Maria Elena 303 Incho Polaco - R/41575	PO	5-10	52296	257	4.186	121,0	2,89	Marcelo Elias de Freitas
R.V. Bockamp - R/42189	PO	6-4	56418	305	4.172	151,0	3,61	Hélio Moreira Salles
Osorio Jucim - 12759	63/64	6-0	36159	297	4.152	162,3	3,90	Cla.Baptista Scarpa Ind.Cem.
R.V. Delisela Arzo - R/38003	PO	9-6	40035	294	4.113	149,2	3,62	Hélio Moreira Salles
Comissário Rodolpho Artide	PO	-	68069	296	4.091	151,7	3,70	Roberto Calves de B.Barreto
Quirino Pedreira - SP/80059	POCB	10-0	62162	305	4.041	144,9	3,58	Alexandre Huesman da Silva
Ilirina Vira Capilino - SP/54961	OC1	7-7	55634	272	4.039	110,4	2,73	Basilio Viana Rodrigues
Jang. Nalike Indopropria Soc. - R/40710	PO	6-8	48434	239	4.008	127,7	3,18	Fernando Alencar Pinto S/A.
Superior Berta - 18449	OC1	7-5	66718	305	4.006	152,5	3,83	Arnaldo Mendes de Oliveira
S.V. Elia Yulma Tarcio - R/33880	PO	8-0	40188	305	3.977	151,0	3,78	Hélio Moreira Salles
G.F.V. Fátima Maria Royal - R/46793	PO	5-0	57017	305	3.971	130,3	3,27	Quido Fabrocini

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Corpo de Sta. Olívia - SP/70359	POCO	8-0	48531	305	3.951	142,7	3,61	Sta.M.Agro-Pec.Industrial S/A.
Carta II de Sta. Antonio - SP/37773	POCO	11-9	61795	305	3.931	145,4	3,69	Sta.M.Agro-Pec.Industrial S/A.
S.C. Elise 75 Marquês - B/41013	PO	7-1	51938	272	3.920	167,8	4,28	Roberto Cordeiro
C.A.B. Classe Centurion - B/47732	PO	5-7	58128	305	3.914	122,7	3,13	Col.Adventista Brasileiro
S.M.P. Jalapa Glória I. Star - B/35894	PO	7-11	42733	305	3.912	135,1	3,45	Faz.Sta.M.da Fozes Ag.F.Ltda.
Robles 1311 Marion Nogueira - 63773	PO	6-1	56832	158	3.884	138,9	3,57	Bertoldo Perri Casagiro
S.A. 082 Celebrity Pabst - B/41825	PO	6-6	53955	228	3.863	131,4	3,40	Renee Ferreira Telles
J.D. Karia - B/34908	PO	6-3	56538	305	3.831	142,9	3,73	Antenor da Silva Andrade
Holand 2099 Reda Ivarhoe - B/36514	PO	9-11	42611	305	3.826	141,9	3,71	Antenor da Silva Andrade
Par. Saborista Magnifico - B/27443	PO	11-2	35686	305	3.823	142,4	3,72	S/A.Pazenda Paraíso Agro.Pec.
Clinton-Camp Standart Carrie - B/39929	PO	7-1	58064	305	3.823	136,5	3,57	Laiz Antonio de Souza
Jorg. Renu Nansine Model - B/33827	PO	9-0	40587	287	3.799	131,5	3,46	Fernando Alencar Pinto S/A.
Zúbia Corli - 75143	POCO	9-8	45213	247	3.767	128,3	3,40	Mario Alexandre Semler
Bullarins Jardim - 24411	POCO	5-9	51203	267	3.741	134,9	3,60	Cia.Baptista Scarpa Ind.Com.
Marta Jack de Sta. Mary. - SP/50007	OC4	9-0	51195	169	3.677	116,7	3,17	Plinio C. de Albuquerque
Amesdon da Cachoeira - SP/149599	31/32	7-1	69333	183	3.664	129,5	3,53	Olavo Amoris Silveira
Elite 761 da Passadilha - SP/78151	POCO	6-5	59131	207	3.634	121,4	3,34	Oswaldo Assa e Outros
Khalq Ocarina - B/43245	PO	5-8	51427	284	3.632	111,8	3,07	Esc.Sep.de Ag.Luiz de Quesiroz
Jorg. Sulta Miras Filio - B/44934	PO	5-6	53322	129	3.625	103,2	2,84	Fernando Alencar Pinto S/A.
Perita Rupi - HB/SP-103202	POCO	5-3	62652	255	3.586	118,3	3,30	Carlos Eduardo C. Campos
Centra de Sta. Olívia - SP/59683	POCO	9-9	52209	305	3.562	137,8	3,86	Sta.M.Agro-Pec.Industrial S/A.
Bona Novo Caribio S.M. - 91544	31/32	7-11	51979	131	3.452	114,2	3,30	Plinio C. de Albuquerque
Cooperativa Anos Sada's - SP/78761	GC1	5-6	55292	268	3.444	114,2	3,30	João Baptista de Sá
Harver 313 Piana 1959 Grandoli-B/46556	PO	5-2	56469	231	3.442	106,8	3,10	Yakult S/A.Ind.e Comércio
Salmeia Leona Maple - B/34622	PO	9-0	40656	286	3.412	107,5	3,14	Marcio Elísio de Freitas
Amagnesa 649 Libra - SP/64172	31/32	7-9	54238	235	3.334	117,0	3,51	Marcio Elísio de Freitas
Jorg. Amiseta I Godiva Filio - B/41785	PO	5-7	50734	248	3.323	105,0	3,16	Fernando Alencar Pinto S/A.
Copequa Reserva III - 31619	GC1	12-5	39341	305	3.315	124,2	3,74	Cia.Baptista Scarpa Ind.Com.
Uruguia Paraíso Rusafo Bos.-SP/66061	POCO	5-9	60077	229	3.255	117,5	3,60	Roberto Calmon de S.Barreto
Floresta Pedraçu - SP/80048	POCO	8-11	55526	258	3.167	115,0	3,63	Alexandre Rasmann da Silva
Gina de São Gaudêncio - SP/108051	31/32	5-6	62074	256	3.152	111,5	3,53	Antônio da Motta
Garra de Sta. Rader - SP/149787	31/32	5-11	69331	183	3.129	99,2	3,17	Olavo Amoris Silveira
Sacita René - HB/SP-87324	NR	6-8	51917	284	3.105	106,6	3,43	Renee Ferreira Telles
Raven - 10686	GC1	6-6	54182	305	3.019	113,8	3,76	Tasso Assunção Costa
Cajeneza	NR	-	46672	305	3.013	108,0	3,58	Renee Ferreira Telles
Jorg. Pelotas Garota Boot. - B/40705	PO	6-3	48430	230	2.957	77,4	2,61	Fernando Alencar Pinto S/A.
Isipua	NR	-	66174	305	2.943	121,3	4,12	Luiz Augusto Saadi
Complexo Medalist C.A.B. - 71146	POCO	12-0	31766	305	2.928	114,6	3,91	Col.Adventista Brasileiro
Oculhiza de Boot. S.M. - SP/65120	POCO	7-6	49389	112	2.901	97,9	3,37	Plinio C. de Albuquerque
31 Cassandra Caxambu Model - B/30527	PO	9-11	37348	227	2.894	89,7	3,10	Marcio Elísio de Freitas
Corista de Morada Nova	NR	11-0	36353	305	2.843	102,5	3,60	Morada Nova Agri.e Pec.Ltda.
Oníria O.A.S. - SP/150014	31/32	7-0	69413	120	2.826	91,5	3,23	Olavo Amoris Silveira
Esadilha II René - SP/87331	POCO	7-4	54227	196	2.799	85,9	3,06	Renee Ferreira Telles
Belina	NR	-	60941	188	2.776	89,7	3,23	Renee Ferreira Telles
Ligia de Morada Nova	NR	7-11	46578	305	2.769	99,9	3,60	Morada Nova Agri.e Pec.Ltda.
Ligia, Fozes Colindrina Capuile - B/49003	PO	6-4	47858	233	2.749	96,3	3,50	Fernando Alencar Pinto S/A.
Wico's Liberta Reflection - B/43291	PO	6-7	52720	305	2.721	87,6	3,22	Yakult S/A.Ind.e Comércio
Tinos J.O.M. - SP/70325	GC1	6-1	69414	110	2.673	96,0	3,59	Olavo Amoris Silveira
Ranola Fomallio - HB/SP-64404	31/32	9-11	53086	230	2.651	87,5	3,30	Renee Ferreira Telles
Rinkor Foundation Loretta - B/44381	PO	6-2	59173	122	2.614	98,3	3,76	Roberto Cordeiro
Metalia da Esperança - 24971	GC1	7-9	58803	305	2.586	90,4	3,49	Harmine K.Boelmann - Arapoti
Prunosa de Francis - 71290	POCO	5-9	52236	193	2.573	93,6	3,63	Carlos Alberto J.Lorenz
Wita Sada's - SP/104625	31/32	6-2	57074	224	2.547	96,6	3,79	João Saad e Sérgio Sadi
Ucha de São Sebastião	31/32	6-11	66472	219	2.500	75,7	4,20	Guilherme Monteiro Junqueira
Opia Corli - HB/SP-78814	31/32	6-3	49484	129	2.420	75,0	3,12	Mario Alexandre Semler
Montalpa J.O.M. - SP/78410	31/32	6-1	69415	124	2.272	75,0	3,30	Olavo Amoris Silveira
Reconada Iolá Italia do P.D'A. - GMB/389	GMB	7-4	44791	200	2.244	71,5	3,14	Renee Ferreira Telles
S.A. 093 Celebrity Primo - B/42495	PO	6-3	55784	156	2.218	69,8	3,39	Gabriel e Sérgio Simão
Clara Tebrasa - SP/113324	31/32	5-8	60348	191	2.200	74,6	3,32	Gabriel e Sérgio Simão
Metallina Tebrasa - SP/117355	15/16	7-6	61184	213	2.198	73,0	3,74	Plinio C. de Albuquerque
A.P. Fortaleza Polçada - B/46296	PO	5-5	54479	114	2.132	79,8	4,06	João Saad e Sérgio Sadi
Sada's Forest Imperial Dinac - B/47376	PO	8-4	61527	224	2.112	85,7	3,66	Bolchior Permonas Batista
Secora Della Dempsey - B/35436	PO	8-1	43843	190	2.052	75,2	3,51	Renee Ferreira Telles
Belina II Rockman René	NR	-	67382	260	1.992	70,1	3,53	Renee Ferreira Telles
Astoria Rockman René - SP/87328	31/32	5-2	57889	212	1.968	69,6	3,28	Oswaldo Assa e Outros
C. 30 do Castelo - HB/SP-66146	POCO	5-11	47872	241	1.774	58,3	3,44	Elge Agropecuária Ltda.
Glória	NR	-	66169	118	1.655	56,9	3,53	Carlos Oswaldo Rosa Lima
Morocha Corli - HB/SP-78818	31/32	6-1	60151	132	1.350	47,9	3,21	Renee Ferreira Telles
S.A. Janelina Severino Primo - B/41849	PO	7-9	55346	147	1.194	38,4	3,60	Morada Nova Agri.Pec.Ltda.
Sinace Moravia Morada Nova	NR	5-0	56986	142	1.008	36,3		

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Três Onças (3m)

CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.								
Quirino P.R. Botina's - HB/SP-28485 - 1M	GC1	2-5	67244	305	8.100	212,9	3,49	Pedro Conde
Martimada Juno G.P.P. - 1E	POCO	2-4	65734	305	5.289	181,7	3,43	Geraldo de Figueiredo Moraes
Saia M.Q. Albertina's - HB/1505	GMB	2-1	67250	305	5.124	178,5	3,48	Pedro Conde
S.S. Berona Silver B.S. - HB/2810	PO	2-1	58982	251	4.461	170,9	3,83	Eduardo Rasmann
G.P.F. Alzamea Jewit - B/6114	PO	2-5	67319	201	2.058	93,9	3,28	Geraldo de Figueiredo Moraes
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.								
Campanha Jobi - SP/122622 - 1M	POCO	3-2	67025	305	7.963	224,7	2,82	Valeir Spinelletti de O. Imães
Albertina's C.M.C. Passagemira-HB/5414	PO	3-5	61934	305	6.092	210,3	3,45	Pedro Conde
Rosa Sultan B.S. E.S. - HB/826 - 1M	GMB	3-3	55219	297	5.328	205,5	3,85	Eduardo Rasmann
Albertina's M.R. Passagemira - HB/5253	PO	3-4	61545	259	4.854	180,4	3,71	Pedro Conde
Beta da Pituca	NR	3-3	60947	175	3.243	93,6	2,87	Geraldo de Figueiredo Moraes
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.								
Albertina's M.R. Petrus - HB/4524 - 1M	PO	3-11	60730	305	8.971	286,9	3,19	Pedro Conde
S.S. Paratiba Royal B.S. - HB/4158 - 1M	PO	3-10	52172	280	7.029	285,2	3,77	Eduardo Rasmann
Albertina's M.R. Palatista - HB/8926 - 1M	PO	3-8	61543	247	6.214	205,1	3,30	Pedro Conde
Paratiba Royal B.S. E.S. - 73067 - 1M	OC4	3-8	52173	285	6.124	230,7	3,76	Eduardo Rasmann
Paratiba Winston 0120 Sorana - SP/100036	GMB	3-8	61278	305	5.456	181,6	3,32	Luiz Visconti
CLASSE CS - de 4 a 4 1/2 anos.								
Albertina's P.R. Ocrida - HB/4080 - 1M	PO	4-5	58294	303	8.742	241,9	3,58	Osira Agapocrita B.Com S/A.
CLASSE D - Adultos de mais de 5 anos.								
S.S. Clara V. Citatino - HB/3717 - 1M	PO	6-8	46221	305	9.122	309,8	3,39	Valeir Spinelletti de O. Imães

NOME DO ANIMAL	Grav. de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg	Cord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Holanda Tingo Cit. Filipa	PC	-	65962	305	7.716	255,9	3,31	Valmir Spirelli de O.e Imãos
Theressa Marguim Ned S.M.P. - 3P-027	QBR	8-3	43196	305	7.442	262,4	3,52	Antonio Carlos R.V.de Almeida
Albertina's C.M.C. Menta - BB/4095	PO	6-6	48547	305	7.281	252,0	3,46	Osina Agostinho S.Cruz S/A.
S.M.P. Red Rose Marguim Ned - BA/165	QBR	7-7	45325	305	6.676	235,5	3,52	Antonio Carlos R.V.de Almeida
Mar (acha) Pegasus Ned - BB/3136	PO	8-9	41518	305	6.564	237,9	3,62	Luiz Viscardi
Osama Royal S.S. E.S. - QBR/548 - 1M	QBR	5-8	46312	291	6.530	252,2	3,86	Eduardo Simoesen
Mina Pioneer S.S. E.S. - QBR/186	QBR	7-1	39326	254	6.317	212,8	3,36	Eduardo Simoesen
Mariana Marguim Ned S.M.P. - QBR/598	QBR	5-11	51778	305	6.260	235,9	3,76	Antonio Carlos R.V.de Almeida
Strindale Lorie Ned-Ned - 128/532	PO	5-1	61537	305	6.180	222,3	3,59	Amilcar Farid Yamin
Ituana King Bet de S.S. E.S. - QBR/164-1M	QBR	9-6	34031	303	5.895	273,8	4,64	Eduardo Simoesen
Poplarivaya Cindy Ned - BB/4868	PO	5-10	66460	305	5.865	209,6	3,57	Gabriel Dias Pereira
Barbara Pegasus Ned S.M. Inis - QBR/534	QBR	5-7	50000	305	5.581	169,5	3,03	Luiz Viscardi
Quattara Noble de Sant'Ana - 9003	QBR	11-1	37253	266	5.250	176,4	3,36	Gabriel Dias Pereira
E.S. Hecura Baby S.S. - BB/3456	PO	3-10	47047	264	5.227	163,2	3,50	Eduardo Simoesen
E.S. Luzana Pioneer S.S. - BB/2811	PO	8-4	45748	295	4.828	197,1	4,08	Eduardo Simoesen
Martilla Hecura Ned S.M.P. - QBR/657	QBR	5-5	52698	178	4.627	144,7	3,59	Antonio Carlos R.V.de Almeida
Henrietta Lillian - BB/3418	PO	7-7	45433	220	3.966	135,4	3,41	Amilcar Farid Yamin
Penny Monarch Ned S.M.P. - QBR/576	QBR	3-6	56661	222	3.962	149,3	3,76	Antonio Carlos R.V.de Almeida
Duas Orelhas (2c)								
CLASSE A) - até 2 1/2 anos.								
Myerone Jasper Dutch Ned - 10036306 - 1M	PO	2-4	67238	305	6.002	182,9	3,04	Far.Sta.M.da Poese Ag.P.Ltda.
Susa da Holstein - SP-09/21804 - 1M	POCC	2-1	66393	305	5.761	197,1	3,42	Albert Sientjes - Holanda
Bibiana Oliveira Romendale II - BB/5995	PO	2-5	66569	266	5.751	113,5	2,32	Laércio V.Nicolau - Arap.
Ulcassu Mendelins S.S. E.S. - BB/2795 - 1M	PO	1-11	67295	276	5.044	188,8	3,74	Eduardo Simoesen
E.S. Taberna Pegasus S.S. - BB/3457 - 1M	PO	2-2	63787	275	4.769	150,1	3,15	Eduardo Simoesen
E.S. Taca Rebel S.S. - BB/6039 - 1M	PO	2-5	66772	305	4.746	183,8	3,67	Eduardo Simoesen
Rosieras Pegasus Clinton - BB/5715 - 1M	PO	2-5	65280	305	4.557	159,8	3,50	Roberto F. Cantuio
Tamara Pegasus S.S. E.S. - BB/22956	QCS	2-2	63786	304	4.484	145,2	3,23	Eduardo Simoesen
Secreta Royal S.S. E.S. - 99081 - 1M	QCS	2-0	58040	282	4.424	167,7	3,79	Eduardo Simoesen
Talia Pegasus S.S. E.S. - BB/23755 - 1M	QCS	2-1	63784	282	4.412	163,4	3,70	Eduardo Simoesen
Salomon T. Basset Ned - BB/5774	QCS	2-0	66376	264	4.156	135,5	3,26	Antonio de Toledo Lara Neto
Talia Myerode S.S. E.S. - BA/445 - 1M	QBR	2-0	63954	361	3.762	145,4	3,92	Eduardo Simoesen
Estor Galy's de Franco - SP/13111	QCS	2-5	65199	285	3.689	139,9	3,79	Welson Brado
Talia Myerode S.S. E.S. - BA/2158	QBR	2-2	62977	282	3.669	129,4	3,52	Eduardo Simoesen
E.S. Tamara Rebel S.S. - BB/3446	PO	2-1	63788	303	3.607	136,2	3,77	Eduardo Simoesen
Nargiva de Franco - SP/15113	IL/32	2-5	64692	294	3.501	133,9	3,62	Welson Brado
E.S. Sigma Myerode S.S. - BB/5492	PO	2-5	62420	243	3.013	123,0	4,08	Eduardo Simoesen
Ramiza's Pintura Pioneer - BB/8113	PO	2-4	66317	305	2.772	94,2	3,39	Luiz Viscardi
Sorosa Clapera Rodolada Pass - BB/48836	PO	2-4	66317	305	2.772	94,2	3,39	Luiz Viscardi
E.S. Tabela Myerode S.S. - BB/6046	PO	2-0	65605	192	2.549	95,4	3,74	Eduardo Simoesen
Talabota Ruy Fu Tapetro - SP/14030	QCS	2-5	66818	172	2.159	81,5	3,77	Paulo Roberto F. Vilela
Siba Myerode S.S. E.S. - BA/404	QBR	2-2	61951	202	1.969	74,1	3,76	Eduardo Simoesen
Tigrao Ruy Fu Tabela - BB/6482	PO	2-5	68899	131	1.680	62,9	3,74	Paulo Roberto F. Vilela
CLASSE B) - de 2 1/2 a 3 anos.								
Lincoln Ruy Rivala Ned - BB/636 - 1M	PO	2-10	65390	282	6.749	218,4	3,23	Laércio V.Nicolau - Arap.
Harizon Japt Ned - BB/605	PO	2-11	65389	305	6.417	174,7	2,72	Laércio V.Nicolau - Arap.
V.D. Fumancia Bourbon Anemom-BB/5910-1M	PO	2-10	67002	305	6.249	208,7	3,34	Cia.Agr.Ind.Faz.da Toca
R.H. Curran Royal Ned - BB/5999 - 1M	PO	2-9	66568	305	6.207	191,0	3,07	Laércio V.Nicolau - Arap.
Myerone Jasper Dutch Ned - 10036301	PO	2-6	67241	305	5.777	176,8	3,06	Far.Sta.M.da Poese Ag.P.Ltda.
D.C. Camara 12 Jasper Negro - BB/5999 - 1M	PO	2-6	66666	305	5.588	164,1	3,29	Peliciano Ribeiro
Falaco Rocky Clada V.D. - SP/123086 - 1M	QCS	2-11	67001	305	5.229	164,1	3,66	Cia.Agr.Ind.Faz.da Toca
Holstein Mafis - BB/5924	PO	2-7	66391	305	5.032	167,3	3,32	Scherez W.M.V.de Groen-Hol.
Wellington Majority Sweet - BB/5445	PO	2-10	66622	305	4.769	177,5	3,72	Amilcar Farid Yamin
Sao Simao Ned - BB/5384 - 1M	PO	2-9	66671	305	4.642	155,7	3,35	Antonio de Toledo Lara Neto
Loyal da Holstein - SP/2446	POCC	2-7	66390	305	4.273	158,8	3,66	Johannes W.M.V.de Groen-Hol.
Putimacret Negro Ned - BB/1206	QBR	2-7	66481	308	3.850	141,6	3,67	Claudio V. Roberti
Melina de São Paulo - BA/1206	QBR	2-10	67032	305	3.791	125,4	3,30	Antonio de Toledo Lara Neto
Trina Fancy Ned Tapetro - BB/140400	QCS	2-11	67638	235	3.737	143,9	3,85	Paulo R.Ferraz Villela
Carina Royal S.S. Ned - SP/24062	QCS	2-6	65344	277	3.702	131,7	3,55	Luiz Sheitman
Carman UT de Franco - SP/92191 - 1M	QCS	2-11	68255	305	3.596	150,4	4,18	Welson Brado
Theresa Fancy Ned Tapetro - SP/140401	QCS	2-10	67299	241	3.552	131,2	3,72	Paulo R.Ferraz Villela
Patricia Ned Tapetro V.D. - SP/123089	QCS	2-7	65947	275	3.107	127,3	4,09	Cia.Agr.Ind.Faz.da Toca
Odivia Ned de Franco - BB/52-111712	QCS	2-10	60588	179	2.327	87,6	3,76	Welson Brado
Tapetro Ruy Fu Tapetro - BB/6481	PO	2-11	68900	194	2.294	86,9	3,78	Welson Brado
CLASSE C) - de 3 a 3 1/2 anos.								
Tapetro Fancy S.S. E.S. - BB/5148 - 1M	QBR	3-1	61274	283	5.831	217,1	3,72	Eduardo Simoesen
E.S. Gentiana Pegasus S.S. - BB/5487 - 1M	PO	3-4	66180	221	5.398	228,3	4,22	Eduardo Simoesen
Arckiria A.J. Standard - 140037	IL/32	3-4	67064	305	4.340	139,2	3,20	Christiano dos R.Mirelles
E.S. Rodolinda Royal S.S. - BB/4955 - 1M	PO	3-4	57565	283	4.270	171,0	4,09	Eduardo Simoesen
Francisco Sampaio de Mirelles - BB/1118	QBR	3-1	67048	305	4.229	147,3	3,48	Antonio Joao Mirelles
Quilva de Sta. Opelia - BB/52-11397	IL/32	3-0	66367	305	4.008	149,1	3,72	Carlos Thomaz Mirelles
E.S. Rodolinda Pegasus S.S. - BB/5481	PO	3-1	68885	258	3.925	138,3	3,53	Eduardo Simoesen
V.D. Paulina Research Alamo - BB/5813	PO	3-2	67000	305	3.809	140,9	3,69	Cia.Agr.Ind.Faz.da Toca
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	PO	3-1	61825	271	3.643	125,2	3,43	Roberto F. Cantuio
E.S. Secreta Francisca S.S. - BB/3807	PO	3-3	58881	241	3.280	119,6	3,64	Eduardo Simoesen
Marisa B. Standard - 111881	IL/32	3-2	67065	305	3.243	108,9	3,35	Christiano dos R.Mirelles
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	PO	3-1	66896	305	3.138	98,6	3,07	Waldir Jorgensen de Andrade
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	POCC	3-2	61138	218	3.132	112,3	3,56	Amilcar Farid Yamin
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	PO	3-5	61086	271	3.095	116,5	3,76	Roberto F. Cantuio
Della 47 - SP/123038	POCC	3-4	61363	270	2.958	121,3	4,10	Cent.Pediatric Ag.e Com.Ltda.
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	PO	3-4	62183	201	2.779	96,2	3,45	Antonio Bassoli
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	QBR	3-4	64572	159	2.741	94,9	3,46	Paulo R.Ferraz Villela
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	QBR	3-0	58894	120	2.697	95,9	3,55	Eduardo Simoesen
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	QCS	3-3	66920	153	2.583	88,3	3,52	Antonio Bassoli
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	PO	3-0	61709	175	2.053	74,2	3,61	Antonio de Toledo Lara Neto
E.S. Rosalina Royal S.S. - BB/4844	QCS	3-5	57563	160	1.668	64,1	3,84	Eduardo Simoesen
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	PO	3-1	58436	132	1.627	65,5	4,02	Eduardo Simoesen
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	QCS	3-3	66931	145	1.618	60,2	2,71	Antonio Bassoli
CLASSE D) - de 3 1/2 a 4 anos.								
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	PO	3-8	62170	277	6.156	197,6	3,21	Laércio V.Nicolau - Arapoti
Wendy's Online Pegasus - BB/5712	PO	3-9	66195	305	6.114	220,2	3,60	Paulo Ferreira Pass

LIVRO PARA CONTABILIDADE

Preparado de acordo com as atuais exigências para se fazer a contabilidade da parte agrícola e pecuária da fazenda. A seguir um resumo das partes de que compõem o livro para Contabilidade.

CAPÍTULO I DESPESAS DO ANO CIVIL

Parte I

Construções e Instalações.
Melhoramentos. Formação de culturas permanentes, essenciais florestais e pastoris.

RESUMO DAS DESPESAS DE FORMAÇÃO

Parte II

Despesas com aquisições.
Equipamentos motorizados.
Equipamentos a tração animal.

Parte III

Despesas com aquisição de animais para: formação e/ou melhoria do plantel, reprodutores, etc.

Parte IV

Despesas com: Insumos de alta produtividade para todas as explorações do imóvel; sementes e mudas; fertilizantes e corretivos, etc.

Parte V

Despesas: Diversas sem coeficiente de custo; sementes e saís; combustível e lubrificantes, etc.

CAPÍTULO II RECEITAS DO ANO CIVIL

Venda de milho, de leite, de vários, etc.

CAPÍTULO III INVENTÁRIO

Controle sobre o desenvolvimento do rebanho durante o ano civil.

I — Terra. Início do ano. Área em hectares, valor unitário, valor total, fim de ano, etc.

— Culturas permanentes.
— Benfeitorias: Construções, instalações e melhoramentos.

— Máquinas, veículos e equipamentos.

— Animais de produção ou criação.



Reprodutores e de trabalho.
De criação ou produção: terras, vacas, novilhos, bezerros ou bezerras, etc.
Área agrícola ou agriculturável.
Culturas horticolas ou flores. Culturas temporárias e permanentes, pastarias.
II — Área florestal.
III — Área edificada.
IV — Área improdutiva.
V — Quantidade, preço médio, unitário e valor total; animais de produção; bovinos, bubalinos, suínos, animais para recria e engorda, etc.
VI — Animais de trabalho.
F — Produtos e materiais.
Investimentos.

CAPÍTULO IV RESULTADOS FINANCEIROS E IMPOSTO DE RENDA

Parte VI

Resultados financeiros apurados na empresa. Despesa e receita.

Parte VII

Imposto de renda.
No livro de CONTABILIDADE

AGROPECUÁRIA há ainda um anexo para **REGISTROS AUXILIARES DE ADMINISTRAÇÃO** para anotações sobre:

Cultura do café, registros diversos por lote ou talhão.

Pastaria, registros diversos por piquetes ou posto.

Controle da movimentação do gado; controle de cobertura, parições; controle de produção e alimentação das vacas em lactação. Registro diário de venda do leite. Datas de vacinações. Eis aí um resumo do Plano que compõe o **LIVRO PARA CONTABILIDADE AGROPECUÁRIA**, Preço do volume: Cr\$ 2.000,00

Pedidos à
EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 —
CEP 05024 — São Paulo - SP

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg	
Myerone Leon Beauty Ned - BB/4915	PO	3-10	67050	305	5.228	169,8	3,24 Antonio Josino Meirelles
Dezvolta Galva do Franco - SP/111722	OC4	3-10	61979	305	4.795	179,9	3,75 Nelson Braid
Rowland Evolution Ned - BB/4889 - 1E	PO	3-9	58785	264	4.775	154,9	3,24 Iacirio V.Nicolau - Arapoti
Corêlia Gelp do Franco - BB/SP-77962 - 1E	OC5	3-9	61370	247	4.662	188,1	4,03 Nelson Braid
Ridge-Wood Royal Maroon Ned - BB/4681	PO	3-9	61141	305	4.525	165,7	3,66 Amílcar Farid Yamin
E.S. Nadella Beauty E.S. - BB/4942	PO	3-9	55099	305	4.232	148,3	3,50 Eduardo Simoesen
Sao Simão Ladrão - BB/4811	PO	3-11	59983	295	4.201	137,6	3,68 Antonio Bassoli
Injuria Ned Mico - SP/95257	OC3	3-10	61819	305	4.026	142,3	3,56 Paulo R.Ferraz Villela
Tapa Tagarvi - SP/99673	11/32	3-11	66974	265	3.990	153,7	4,10 Nelson Braid
Donatela Galv's do Franco - BB/SP-111720	OC6	3-7	60083	276	3.741	153,7	3,76 Luis Shehtman
Bocorra Gelp Ned da Malva - BB/SP-101324	OC2	3-6	39584	284	3.710	139,6	4,35 Nelson Braid
Decima Galv's do Franco - BB/SP-111713 - 1E	OC3	3-9	60592	305	3.672	160,0	3,68 Paulo R.Ferraz Villela
Talita Pancy Ned Tagarvi - SP/140398	OC2	3-6	67640	207	3.550	130,6	3,31 Francisco Lopes Filho
Amnas R.R.P. Garça F.L.P.	POCC	3-10	59643	303	3.372	111,8	3,60 Eduardo Simoesen
Rosalia Napoleão S.S. E.S. - 99074	OC4	3-7	57562	237	3.199	115,3	3,36 Nelson Braid
Capita Royal Franco - SP/111733	OC4	3-6	64696	148	3.194	107,3	3,65 Francisco Lopes Filho
Capita Lúcia F.L.P. - BB/SP-102937	POCC	3-9	57057	305	3.070	112,2	3,80 Paulo R.Ferraz Villela
Tuberia Tagarvi - SP/96671	11/32	3-8	67360	240	3.036	115,6	3,81 Eduardo Simoesen
E.S. Rosalia Royal S.S. - BB/4964	OC4	3-9	56901	168	2.900	110,7	3,83 Nelson Braid
Deia Galv's do Franco - BB/SP-111723	OC3	3-8	62284	86	1.843	65,3	3,38 Francisco Lopes Filho
Belita Royal do Franco - SP/111734	POCC	3-11	64693	170	1.499	59,8	3,58 Paulo R.Ferraz Villela
Jacina Lúcia F.L.P. - BB/SP-102944	PO	3-10	69125	92	1.334	47,8	4,23 Paulo R.Ferraz Villela
Tagarvi Adm. Pancy Ned Tatiara - BB/5546	PO	3-10	69125	92	1.334	47,8	3,67 Luis Viscardi
Tagarvi Monarch Ned Tatiara - BB/5411	PO	3-10	68901	111	1.254	53,1	3,21 Amílcar Farid Yamin
CLASSE CII - de 4 a 4 1/2 anos.							
William Polstar Super Ned	PO	4-5	56877	305	5.551	204,1	4,18 Nelson Braid
Avistada A. Corcoran - GB/193 - 1E	GBB	4-0	57003	305	5.500	178,2	3,13 Antonio de Toledo Lara Neto
Charme Ned do Franco - SP/92180 - 1E	OC2	4-0	58257	298	5.314	222,7	3,72 Antonio Gristi Filho
Nice Naclmar Nellie Ned - GB/716 - 1E	PO	4-1	64072	278	5.056	158,5	3,62 Geraldino Natal Madureira
Myerone Jasper Biscuits Ned - BB/5139	PO	4-5	60836	305	4.705	138,7	3,83 Cla. Agri. e Ind. Par. da Tocca
Rosalia Rosalia Corcoran - BB/SP-111739 - 11/32	PO	4-0	58677	305	4.412	164,4	3,25 Luis Viscardi
Witz-Van Mylie Ned	PO	4-5	56041	305	4.322	156,7	3,50 Nelson Braid
Manilha da Vidente - BB/SP-77644	OC1	4-4	63995	253	3.744	143,9	2,36 Iacirio V.Nicolau - Arapoti
J.P. Galco Paganus Ned Sta. Inês-BB/1907	GBB	4-4	64155	136	3.434	111,6	4,08 Nelson Braid
Dagmar Ned do Franco - SP/92189	OC2	4-4	58846	226	2.890	103,7	3,65 Nelson Braid
S.N. Lara XI Centurion Ned - BB/4461	PO	4-3	55553	116	2.888	68,4	3,26 Nelson Braid
Cipara Ned do Franco - BB/SP-92185	OC2	4-2	60081	214	2.857	116,6	3,65 Nelson Braid
Polina Ned do Franco - BB/SP-111734	OC2	4-3	62975	145	2.520	97,2	3,50 Narda Nova Agri. e Pec. Ltda.
Madureira Orson de Parda Ned	PO	4-5	62502	274	2.356	82,6	3,76 Eduardo Simoesen
Jezequiel Ned S.S. E.S. - 82210	PO	4-5	53142	85	2.094	78,9	3,36 Nelson Braid
Delia Hamilton do Franco - SP/111725	OC2	4-0	62973	182	2.075	69,8	4,20 Eduardo Simoesen
E.S. Rosalia Ned S.S. - BB/2810	PO	4-2	53522	111	1.870	78,6	
CLASSE CE - de 4 1/2 a 5 anos.							
Reverend Ina de Meirelles - SP/79120 - 1E	OC1	4-10	55569	305	5.789	173,9	3,49 Sta. M. Agro. Pec. Industrial S/A.
Lena do Bico Verde	OC1	4-8	57440	305	5.447	190,4	3,31 Antonio Josino Meirelles
Arleia Dra de Meirelles - 79124	OC2	4-11	56729	305	5.307	136,1	3,17 Antonio Josino Meirelles
Princesa Ned de Meirelles-SP/79123	POCC	4-9	53153	304	5.520	183,7	3,64 Luis Shehtman
Donatela Highman da Malva - 101315	OC1	4-9	56276	227	4.316	157,3	3,38 Geraldino Natal Madureira
C.Higashiro J.B. Dolly Ned	PO	4-8	60835	305	4.309	145,7	4,04 Nelson Braid
Carla do Franco - SP/77955	OC2	4-7	58972	245	4.015	162,3	3,68 Mendel e Eliezer Steinbruch
R-369 Br. 17 Bico - SP/82459	11/32	4-8	64785	246	3.945	145,4	3,98 Geraldino Natal Madureira
Ridge-Wood M.C.R. Alcyon Ned	PO	4-9	57653	305	3.931	156,7	3,21 Antonio Bassoli
Tatiana Ned Bico - SP/82604	OC4	4-9	56777	187	3.721	119,5	3,89 Nelson Braid
Neda Molera do Franco - SP/92188	OC2	4-6	63929	204	3.468	135,1	4,42 Christiano dos R. Meirelles
Sara A. Starburt - SP/111847	11/32	4-7	62086	293	3.381	115,9	4,10 Nelson Braid
Cleora Molera do Franco - 92187	OC4	4-7	58969	216	3.314	136,1	3,51 Nelson Braid
Colmeta Molera do Franco - SP/92183	OC2	4-8	58509	224	3.226	113,4	3,87 Nelson Braid
Carpa Molera do Franco - SP/92182	OC2	4-11	58510	192	2.979	115,3	3,54 Nelson Braid
Catagava do Franco - SP/77953	OC4	4-11	61369	171	2.473	87,2	3,72 Nelson Braid
Donatela Galv's do Franco - SP/111715	OC4	4-8	60088	268	2.079	77,4	3,86 Nelson Braid
Nezeta Molera do Franco - SP/77968	POCC	4-6	58256	174	1.853	67,8	3,15 Nelson Braid
Ursula Galv's do Franco - SP/111716	OC5	4-6	58847	79	1.767	55,7	3,14 Paulo R.Ferraz Villela
Tatiana Tagarvi - SP/99672	11/32	4-8	69124	97	1.723	54,1	3,45 Nelson Braid
Charmes Myerone Franco - SP/92186	OC2	4-11	59357	110	1.368	47,2	
CLASSE D - Adultos de mais de 5 anos.							
S.N. Biscuits 4 Biscuits - BB/3703 - 1E	PO	7-4	44558	305	8.892	242,5	2,78 Iacirio V.Nicolau - Arap.
Hermita Ned do S.A. - SP/84711 - 1E	OC2	5-2	54171	305	7.865	276,3	3,51 Cap. Vasco M. H. Arantes
Capita S.N. Alizaga V.D. - SP/71110 - 1E	OC2	5-10	67004	305	7.364	245,8	3,33 Cla. Agri. Ind. Par. da Tocca
Camorrala Citation Bico - SP/60879 - 1E	OC1	7-5	47396	296	7.003	212,9	3,04 Antonio Bassoli
E.S. Inezita Yama, S.S. - BB/2505 - 1E	PO	10-8	34810	298	6.857	229,8	3,35 Eduardo Simoesen
Christina do Biscuits - BB/SP-99651 - 1E	OC2	13-3	58504	305	6.751	223,3	3,30 Johannes W.M. de Groen - Hol.
Jani da Vidente - BB/SP-71240	OC1	5-8	59551	305	6.210	205,2	3,30 Cla. Agri. Ind. Par. da Tocca
S.N. Lara 18 Cent. Hamilton - BB/4190-1E	PO	9-2	53816	295	6.205	171,8	2,76 Iacirio V.Nicolau - Arap.
Obidias Ned - 40851	POCC	9-3	51172	305	6.198	194,2	3,13 Antonio Bassoli
Frederita Cit. R. Meirelles - GB/297	GBB	8-10	39996	305	6.161	181,8	2,95 Antonio Josino Meirelles
Reverend do Franco - SP/77964 - 1E	OC2	9-7	57650	278	5.867	228,0	3,81 Nelson Braid
Ortina do Bico - 75993	11/32	6-0	50871	305	5.874	172,7	2,93 Agro. Pec. Sta. Isidoro Ltda.
Clara Royal S.S. E.S. - BB/392 - 1E	GBB	6-3	48310	271	5.873	208,7	3,55 Eduardo Simoesen
Amazônia Odo de Meirelles - SP/79119	OC2	5-0	55577	305	5.761	177,8	3,08 Eduardo Simoesen
S.N. Claretina S.S. E.S. - BB/2180 - 1E	PO	13-4	35211	285	5.524	180,6	3,28 Eduardo Simoesen
Wera Wera S.S. E.S. - 58461 - 1E	OC5	6-8	44023	270	5.459	192,7	3,50 Eduardo Simoesen
Benedita do Franco - SP/77972	11/32	5-5	61631	249	5.472	183,8	3,36 Nelson Braid
Carpe de Sta. Olívia - SP/81076	POCC	5-8	32616	305	5.354	170,1	3,32 Sta. M. Agro. Pec. Industrial S/A.
Capita Nigam - SP/91396	OC1	7-10	56581	305	5.342	182,3	3,41 Sta. M. Agro. Pec. Industrial S/A.
Nezeta Royal S.S. E.S. - BB/4448 - 1E	GBB	7-4	41669	245	5.337	202,1	3,78 Eduardo Simoesen
Carla do Franco - SP/92197	POCC	5-0	58254	219	5.247	179,2	3,41 Nelson Braid
Colmeta L. Biscuits V.D. - SP/85744	OC1	5-2	66888	305	5.188	182,9	3,52 Cla. Agri. Ind. Par. da Tocca
Isolita Ned do S.A. - SP/85744	GBB	5-9	37830	282	5.113	177,7	3,47 Antonio Carlos R.V. de Almeida
Rosalia's Inezita Ned - BB/4532	PO	6-1	47994	305	5.075	178,3	3,31 Roberto F. Coutinho
Nezeta Primrose do Franco - BB/SP-50572	OC5	7-11	60454	305	4.892	151,9	3,14 Arlen Bueno de Oliveira
Benedita Ned - BB/SP-77115	11/32	6-7	46895	305	4.771	180,8	3,95 Antonio Gristi Filho
Wera Wera S.S. E.S. - BB/4448 - 1E	PO	6-9	41329	305	4.690	172,4	3,67 Henrique A. Aguiar - (Al.)
Frederita Ned do Franco - BB/4448 - 1E	PO	6-5	47925	281	4.677	149,4	3,19 Antonio Josino Meirelles
Nezeta's Inezita Ned - BB/3050	PO	6-5	40720	299	4.589	159,8	3,47 Roberto F. Coutinho
E.S. Claretina Wera S.S. - BB/1871	PO	5-2	48307	245	4.426	170,8	3,86 Eduardo Simoesen
Biscuits Ned do Franco - BB/4448 - 1E	PO	5-0	50730	305	4.401	150,4	3,41 Geraldino Natal Madureira
Carla Highman Ned do Franco - BB/4448 - 1E	GBB	5-9	54237	270	4.360	164,5	3,76 Pedro Ferreira Pass

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Produção		PROPRIETÁRIO
				Dias de lactação	Leite kg	
Alcôate da Franco - SP/70030	POOD	6-4	57663	212	4.343	150,6
Nazaria's Madam Cit. Reflco. - BB/4028	PO	5-11	51136	305	4.313	155,6
Suzana São Rafael - 75985	31/32	5-11	51366	218	4.067	133,4
Silene Nazro - SP/76080	POOD	10-0	54523	305	4.006	143,9
Riju da Franco - SP/77965	OC4	5-10	59358	184	3.947	141,5
Vitoria Chetna - SP/50194	POOD	8-6	39283	285	3.971	141,8
Dorety F.L.F. - SP/65987	POOC	5-10	53437	305	3.867	127,9
Lindora Lakes F.L.F.	PC	-	62394	305	3.762	128,5
Narcisista Sibir - SP/54939	POOD	6-9	55012	283	3.748	125,3
Ciranda de Mouro Verde - IB/SP-79849	OC1	5-5	55515	258	3.747	136,7
Rinco da Franco - SP/70031	POOD	5-8	57658	279	3.655	141,6
Ala Nad Lins - SP/77615	OC2	7-11	53601	305	3.626	137,6
Parabola Lins - SP/54300	POOD	7-11	64635	305	3.431	122,4
Camelia King Bet. S.S. E.S. - GB/181	GBB	10-2	34924	133	3.411	110,1
Pianeta do Gratório - 84594	31/32	6-2	67045	297	3.409	149,1
Lerita Transmitter S.S. E.S. - GB/543	GBB	9-7	37359	173	3.382	112,4
Linda Lins - SP/72332	OC1	6-8	54880	305	3.358	115,9
Ada da Franco - SP/70026	OC1	6-9	48529	249	3.305	134,8
Compass II Pioneer Standard - 66888	OC1	6-11	57659	173	3.278	108,3
Artista Noble de Sant'Ana - IB/SP-9193	OC4	8-1	45331	260	3.253	128,3
Occilia Noble de Sant'Ana - IB/SP-6798	OC1	9-2	55879	267	3.201	89,8
Marcélia de Mouro Verde - IB/SP-51503	31/32	8-0	52510	305	3.169	120,9
Negressa da Bolonha - IB/SP-71161	POOC	5-8	53912	246	3.107	110,3
Nitza de São Paulo - 46996	OC3	9-1	40396	249	2.979	102,2
Nitza de São Paulo - 55180	GBB	9-7	36149	112	2.789	90,4
Chicago View Total Magic - LHO/128	OC1	6-0	45009	254	2.762	93,7
Debra da Franco	PO	9-1	36711	290	2.752	92,6
Camargo Pillar	NR	-	69748	104	2.648	94,8
Clara	NR	-	66192	219	2.640	88,5
Agata da Franco - SP/70025	OC2	5-11	68150	146	2.441	88,6
Alpina da Franco - SP/70024	OC3	7-7	57661	173	2.341	87,3
Clonilda da Franco - SP/92196	OC3	7-7	62974	98	1.996	68,1
Bactira da Franco - IB/SP-70039	31/32	5-1	60593	96	1.904	60,9
Himalaia Coroa - SP/52220	31/32	6-1	61371	102	1.863	62,7
Colombia Molier da Franco - SP/92184	POOD	8-7	57708	124	1.578	50,9
S.A. 074 Ina Pabet - B/41822	OC2	5-0	58511	138	1.490	49,5
Adriana F.L.F. - IB/SP-55371	PO	7-0	51916	108	1.335	48,5
Zio	OC1	9-0	44404	99	1.301	48,9
Deia da Franco - IB/SP-70032	NR	-	64691	86	1.278	51,4
	31/32	5-5	60914	105	1.225	44,4
Raça Jersey						
Tipo Ordenhas (3a)						
CLASSE B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	6-3	57796	305	3.294	144,1
Bent'Ana Moiva 11A Beto - 10318-C	PO	5-10	55105	229	2.604	111,3
Bent'Ana Cartolina SA Melvio - 10284-C						
Tipo Ordenhas (2a)						
CLASSE AII - de 2 a 2 1/2 anos.	PO	2-10	65165	305	2.495	158,4
Berlinda Nice Pepe da N. Quer. - A-21283-1M	PO	2-6	68405	115	1.161	64,0
Jussara Nice Pepe da N. Quer. - 13908-C	PO	2-9	68404	115	1.092	65,8
Camargo Louise - 12458-C	PO	2-7	68406	113	1.062	57,4
Gilda Graciosa Pepe da N. Quer. - 12468-C						
CLASSE AII - de 3 a 3 1/2 anos.	PO	3-4	61296	243	2.444	117,9
Barjo Quartina Forastar - A-20749						
CLASSE BII - de 3 1/2 a 4 anos.	PO	3-10	61167	305	3.261	177,1
Neta Tio Pepe da N. Quer. - 11926-C - 1M						
CLASSE CII - de 4 a 4 1/2 anos.	PO	4-6	61161	305	4.313	254,1
Flapara Tio Pepe da N. Quer. - 11909-C - 1M						
CLASSE CII - de 4 1/2 a 5 anos.	PO	4-7	61153	305	5.603	324,6
Tina Viking Norma - 12144 - 1M	PO	4-6	66529	305	2.996	131,9
Harpieta Relicioso de S.F. - 11973-C	PO	4-8	67506	162	1.058	91,9
Liliana Sibir da Florida - 11918-C						
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.	PO	7-6	61553	278	4.340	266,3
Constancia 44 - 12149-C - 1M	PO	6-5	44018	305	4.006	207,6
S.A. Constancia 99 Relicioso - 1954 - 1E	PO	7-8	61154	302	3.984	231,8
Wendy Wilman de N. Quer. - 11910-C - 1M	PO	7-1	61180	215	3.094	185,4
Constancia 46 - 12156-C - 1M	PO	11-3	50662	305	3.738	185,4
S.A. Nilita 49 Maria - 8037-C - 1M	PO	6-4	49715	305	3.233	153,3
Santa Tecla 1 Gabil Sybil - 10906-C	PO	7-4	43257	218	2.820	136,1
S.A. Expressiva 59 Relicioso - 10049-C	PO	8-3	62291	215	2.440	153,2
Constancia 39 - 12157-C	PO	13-7	30532	114	1.268	67,5
S.A. Ina 29 Relicioso - 7568-C	PO	-	66534	258	1.215	55,2
Maria Estrondo	NR	-				
Raça Parda Suíça (Schwyz)						
Tipo Ordenhas (3a)						
CLASSE B - Adultas de mais de 5 anos.	PO	6-8	54807	259	5.271	184,4
H.C.M. Princess Norma - 5362						
Tipo Ordenhas (2a)						
CLASSE AII - de 2 1/2 a 3 anos.	PO	3-9	64524	304	1.348	130,6
Ortosa Bolesta Harry	PO	3-8	67043	305	2.556	184,3
S.C. Indali Gerson - 206570	PO	2-3	59010	297	7.103	81,3
S.M. Lila Pat Citation - 6152						
CLASSE AII - de 3 a 3 1/2 anos.	PO	3-1	66117	305	3.309	118,6
S.B. Perilla - 6387	PO	3-5	66344	305	3.263	136,1
S.C. Ruchania Tom Jones - 6310						
CLASSE BII - de 3 1/2 a 4 anos.	OC2	5-11	67207	305	3.060	134,1
Introdução de Alanae Fae - 304464	OC2	3-7	67042	305	2.768	113,9
Wendy (tão de S.C. - 4435	POOC	3-10	55725	184	1.564	78,1
Paula Japir Univ. II de S.M. - 4097						
						3,46 Nelson Brailo
						3,60 Roberto P. Cantusio
						3,26 Agro.Pec.Sto. Isidoro Ltda.
						3,59 Sta.M.Agro.Pec.Industrial S/A.
						3,58 Nelson Brailo
						3,57 Sta.M.Agro.Pec.Industrial S/A.
						3,31 Francisco Lopes Filho
						3,41 Francisco Lopes Filho
						3,34 Sta.M.Agro.Pec.Industrial S/A.
						3,64 Fernando de Souza Toledo
						3,87 Nelson Brailo
						3,79 Waldir Jurequeira de Andrade
						3,56 Waldir Jurequeira de Andrade
						3,22 Eduardo Simoesen
						4,37 Nelson Gampietro
						3,32 Eduardo Simoesen
						3,45 Waldir Jurequeira de Andrade
						4,07 Nelson Brailo
						3,30 Christiano dos R.Mirreilles
						3,94 Gabriel das Fereira
						2,40 Geraldino Natal Madureira
						3,81 Fernando de Souza Toledo
						3,54 Henrique A.W. de Groot - Bol.
						3,43 Antonio do Toledo Lata Neto
						3,24 Eduardo Simoesen
						3,39 Francisco Lopes Filho
						3,36 Fernando José Santos
						3,58 Nelson Brailo
						3,35 Christiano dos R.Mirreilles
						3,63 Albert Sileuque - Relicioso
						3,72 Nelson Brailo
						3,41 Nelson Brailo
						3,20 Nelson Brailo
						3,36 Nelson Brailo
						3,22 Cont.Paulista Agro.P.Ord.Ltda.
						3,32 Nelson Brailo
						3,63 Hermes Moreira Teles
						3,75 Francisco Lopes Filho
						4,02 Nelson Brailo
						3,62 Nelson Brailo
						4,37 Mario Lopes Leão
						4,27 Mario Lopes Leão
						6,34 Antonio Carlos P.Machado
						5,55 Antonio Carlos P.Machado
						6,02 Antonio Carlos P.Machado
						5,40 Antonio Carlos P.Machado
						4,82 Rec.Sup.de Ag.Lois de Quilmes
						5,43 Antonio Carlos P.Machado
						5,89 Antonio Carlos P.Machado
						5,79 Antonio Carlos P.Machado
						4,40 Mario Lopes Leão
						5,55 Antonio Carlos P.Machado
						4,34 Antonio Carlos P.Machado
						5,18 Fae.Sant'Ana de S.Melvio S.A.
						5,82 Antonio Carlos P.Machado
						5,41 Antonio Carlos P.Machado
						5,20 Fae.Sant'Ana de S.Melvio S.A.
						4,23 Antonio Carlos P.Machado
						4,83 Fae.Sant'Ana de S.Melvio S.A.
						6,23 Antonio Carlos P.Machado
						5,00 Fae.Sant'Ana de S.Melvio S.A.
						4,84 Alvaro Melara
						3,48 Antonio Carlos P.Machado
						4,10 Carlos Carlos A.Machado
						3,87 Cia.Agro.Pec.Sta.Meliana
						3,58 Agro.Pec.Suiza Emulatore Ltd.
						4,17 Carlos Carlos A.Machado
						4,38 Antonio Carlos P.Machado
						4,11 Carlos Carlos A.Machado
						4,75 Cia.Agro.Pec.Sta.Meliana

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg		
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.								
E.J. Pedreira - 6388	PO	4-0	67544	256	2.368	86,1	3,63	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltd.
Itomira F. W. - 5026	31/32	4-3	67431	305	2.144	83,2	3,88	Tasso Assunção Costa
Agurda Pluribus de S.M. - 2745	POD	4-1	59948	175	1.417	54,2	3,82	Cia.Agro.Pec.Sta.Madalena
CLASSE C2 - de 4 1/2 a 5 anos.								
Barranca F. W. - 3803	15/16	4-11	67059	305	2.562	108,5	4,23	Tasso Assunção Costa
S.C. Gerdosa Nêstor - 3151	(12)	4-9	56826	266	2.220	93,0	4,19	Carlos Cardoso A.Nêstor
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.								
E.S. Ray's Ann - 5831 - 12	PO	6-2	57011	303	6.533	220,5	3,37	Amilcar Farid Yamin
Hamile de Sta. Anália - 808/1117 - 1M	(12)	7-0	47847	305	4.276	176,9	4,13	Giovani Brancalinho Grossi
Clarencia	NR	-	55474	305	4.139	170,5	4,11	Giovani Brancalinho Grossi
Adalpra Laranjeira - 30/7093	PO	8-2	45648	305	3.937	138,1	3,50	Adalpra S/A.Agric.e Comércio
Isolada da Aliança - 3173	POD	5-1	53441	286	3.659	146,1	3,99	Giovani Brancalinho Grossi
Joey - 5919	PO	7-1	47426	288	3.549	129,8	3,65	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltd.
Serenbergerin - 4838	PO	11-6	38268	248	3.416	128,3	3,75	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltd.
CLASSE E - Adultas de mais de 5 anos.								
Biorde - 5723	PO	7-7	46531	256	3.181	125,3	3,93	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltda
Barranca de Sta. Anália - 1118	(12)	7-7	53193	305	3.093	126,9	4,10	Giovani Brancalinho Grossi
E.S. Jay Jillie - 5834	PO	5-10	54806	301	2.930	117,2	4,00	Amilcar Farid Yamin
Negetta - 4951	PO	10-5	40490	253	2.843	89,3	3,14	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltda
Jamira - 4854	PO	11-4	37678	223	2.800	104,3	3,72	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltda
Aljona - 1713	PO	10-6	47755	305	2.745	116,4	4,24	Tasso Assunção Costa
Eta - 5735	PO	7-5	46764	223	2.692	100,7	3,73	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltda
Donaia I de S. C. - 5207	PO	7-9	45225	240	2.391	98,3	4,11	Carlos Cardoso A.Nêstor
P.M. Menes Universe	PO	-	65143	248	2.359	123,5	5,23	Cia.Agro.Pec.Sta.Madalena
Jlona - 5201	PO	9-5	45140	243	2.218	91,8	4,13	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltda
Gabi - 5202	PO	9-5	45658	160	1.635	56,9	3,47	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltda
Raça Simental								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE A2 - de 2 a 2 1/2 anos.	PO	2-6	56001	304	3.250	134,9	4,15	Carlos T.da S.e José C.C.Teix.
Billa Costa O.da Marquês - 1865 - 12								
CLASSE A3 - de 3 a 3 1/2 anos.	PO	3-0	67181	305	3.514	143,4	4,08	Carlos T.da S.e José C.C.Teix.
Batista Costa Nevada da Nap. - 1618								
CLASSE B2 - de 3 1/2 a 4 anos.	PO	3-9	61265	191	2.407	79,4	3,29	Carlos T.da S.e José C.C.Teix.
Beta Part N.da Marquês - 1456								
CLASSE C3 - de 4 a 4 1/2 anos.	PO	4-1	61653	305	2.815	109,0	3,87	Carlos T.da S.e José C.C.Teix.
Rodil Nal Nelsonson May. - 1452								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.	NR	-	66339	305	5.026	168,8	3,35	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltda
Aurora	PO	6-11	52529	305	3.741	144,6	3,86	Carlos T.da S.e José C.C.Teix.
Revela Wittler Rosel - 1450	PO	6-3	55580	203	3.142	126,6	4,02	Carlos T.da S.e José C.C.Teix.
Estadua Lago Gila - 1438	PO	7-4	46758	223	3.103	111,8	3,60	Agro.Pec.Suiço Brasileira Ltda
Pranti - 673								
Raça Dinamarquesa								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos.	PO	2-10	66381	305	3.520	142,9	4,06	O.Oliveira da Silva Barbosa
Grail H. J. - 784								
Raça Red-Poll								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.	PO	7-8	44953	305	2.753	95,9	3,48	Livio Malmoe
Empy Poy 12 70 - 17								
Raça Pitangueiras								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE A1 - de 1 a 3 1/2 anos.		3-3	63445	285	1.729	74,3	4,30	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.
Guarânia 2 (03044)								
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.	NR	-	50922	305	4.277	173,7	4,06	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.
Barrigada (0-508) - 12	12-5	34141	305	4.243	172,0	4,05	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.	
Cigreja (1.778)	-	38895	297	3.944	158,5	3,76	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.	
Avoneta (0-541)	-	46674	303	3.830	140,5	3,67	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.	
Afipado (0-588)	11-8	35572	305	3.515	147,7	4,20	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.	
Crocieta (1.107)	12-0	61739	305	3.257	140,7	4,31	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.	
Regina I (7.841)	5-3	54738	305	3.096	127,4	4,11	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.	
Estrelinha (2.777)	8-9	41390	305	2.653	107,8	4,06	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.	
Arara (4.888)	-	61741	305	2.589	99,3	3,83	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.	
Capoa (2.865)	-	48048	305	2.261	89,4	3,95	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.	
Alfama (3.735)	8-3	44871	305	1.919	79,3	4,13	Agro.Peculária C.F.M. Ltda.	
Isaia	NR	-	68023	238	1.530	64,2	4,19	Antonio Martins
Raça Gir								
Três Ordenhas (3x)								
CLASSE E - Adultas de mais de 5 anos.	NR	8-11	45703	305	3.612	186,3	5,15	Ruben Resende Peres
Clara de Brasília - 0-8384	NR	6-8	55695	305	3.421	162,1	4,73	Ruben Resende Peres
Maga de Brasília - 0-1710	NR	10-8	47016	305	3.286	146,7	4,46	Ruben Resende Peres
Ituzama de Brasília - 0-484	NR	8-8	47977	305	2.188	152,0	4,76	Ruben Resende Peres
João de Brasília - 12-5-989	NR	8-10	46410	305	3.158	145,4	4,60	Ruben Resende Peres
Lia de Brasília - 0-4395	NR	10-7	48992	305	2.907	138,7	4,69	Ruben Resende Peres
Seccura de Brasília - 0-7993								
CLASSE A2 - de 1 1/2 a 4 anos.								
GOB - 0/420	PO	3-10	67062	305	1.881	79,3	4,18	Tasso Assunção Costa
CLASSE D - Adultas de 5 a 6 anos.								
Triflora - 0/3013	NR	5-0	67307	305	2.696	104,3	3,84	João Lúcio Resende e Outros
Oratório de Brasília - 0-81791	NR	5-10	67040	305	2.568	104,0	4,05	Arthur S. M. Filizola
Palmeira de Chiriquetaria - 0-9380	NR	5-3	68504	305	2.416	118,4	4,82	Gabriel Donato de Andrade

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg Gord. kg	PROPRIETÁRIO
Belicia - 1094	NR	5-8	60871	193	1.808 83,0	4,59 Soc.de Francisco F. Barretto
Idia - 13	NR	5-8	60865	100	1.000 43,0	4,29 Soc.de Francisco F. Barretto
Classe B - Adultas de mais de 6 anos.						
Silene - S/3134	FE	7-0	66459	305	2.936 112,1	3,81 Arthur S. M. Filizola
Neja - B/071	NR	7-4	50477	305	2.833 125,9	4,44 Soc.de Francisco F. Barretto
Jadon - A/8100	FE	6-4	67039	305	2.748 107,8	3,92 Arthur S. M. Filizola
Jana	NR	11-0	40392	305	2.656 126,3	4,75 Soc.de Francisco F. Barretto
Liberia - O-8297	FE	8-10	47926	295	2.401 94,3	3,92 José Lúcio Resende e Outros
Porta - 1143	FE	6-0	60880	305	2.382 109,6	4,60 Soc.de Francisco F. Barretto
Jadela da Calciclandia - 1697	FE	6-8	61887	291	2.367 98,7	4,16 Gabriel Donato de Andrade
Jadela da Calciclandia - A/7918	PC	6-11	45698	252	2.299 91,5	3,98 Gabriel Donato de Andrade
Ida	NR	-	67060	305	1.955 87,3	4,46 Tasso Assunção Costa
Alaia - G-7556	FE	11-0	61212	160	1.686 61,8	3,66 José Lúcio Resende e Outros
Apulia - P-6193	FE	7-9	55350	266	1.632 72,6	4,44 Tasso Assunção Costa
Girolando						
Duas Ordenhas (2x)						
Classe E - Adultas de mais de 6 anos.						
Estela de Sta. Cruz - 1M	1/2	8-11	66626	305	6.069 276,8	4,56 Fernando José Santos
Raça Búfala						
Duas Ordenhas (2x)						
Classe E - Adultas de mais de 6 anos.						
Goeta 29 - 1259	NR	-	67483	305	1.762 145,1	8,23 Faz.Sant'Ana do R.Ribeiro S/A.
Prata 29 - 20	NR	-	38966	305	1.632 127,6	7,82 Faz.Sant'Ana do R.Ribeiro S/A.
II - DIVISÃO - Lactações até 365 dias						
Raça Holandesa — variedade preta e branca						
Três Ordenhas (3x)						
Classe A1 - até 2 1/2 anos.						
Isco Milante Jerry - B/59467	PO	2-5	66341	333	7.509 221,8	2,95 Valmir Spinelli de O.e Outros
Classe A5 - de 2 1/2 a 3 anos.						
A.P. Portaleza Supeca - B/57416 - 1M	PO	2-9	67473	347	8.196 278,0	3,39 Fazenda Portaleza Ltda.
A.P. Portaleza Simara - 1M	PO	2-9	66461	365	7.866 304,6	3,87 Fazenda Portaleza Ltda.
B.Mart. Baldy Star Apolo - B/39959	PO	2-10	67320	315	7.122 239,5	3,36 Manuel Pontes Neto
Opela Odila Reflec.Adm. - B/56259	PO	2-7	67027	351	6.640 203,6	3,06 Valmir Spinelli de O.e Outros
C.R. Puhana Anastacia Pury Lad-B/56263	PO	2-6	67026	315	5.953 194,8	3,27 Valmir Spinelli de O.e Outros
Europa S.P. - SP/8043	POCC	2-8	67491	330	5.786 217,2	3,75 Francisco D. M. Junqueira
C.R. Francis Kati R. Maple - B/57900	PO	2-9	66679	322	5.688 196,4	3,45 Claudio V. Roberti
Ror. Chame Roland Ideal - B/56971	PO	2-9	66643	336	5.336 181,8	3,40 Luiz Viscardi
Salvo's Joselyne Royalstar - B/36488	PO	2-6	67321	312	5.235 187,0	3,57 Manuel Pontes Neto
Classe B1 - de 3 a 3 1/2 anos.						
Map. Taborina A.Combination-B/51443 - 1M	PO	3-5	61575	324	8.278 276,8	3,34 Adherbal Ribeiro Avila
C.S. Ror Marquis Adonia - B/52884	PO	3-5	61947	350	7.130 236,7	3,31 Claudio V. Roberti
Ronaldale Countess Karen - B/57261	PO	3-0	67288	326	5.209 182,5	3,50 Interagro S/A.
Classe B5 - de 3 1/2 a 4 anos.						
Map. Taborina 0150 Astronaut - B/50277	PO	3-6	61187	329	6.369 236,1	3,70 Adherbal Ribeiro Avila
Elviseo Ultimato Rosalind - B/57255	PO	3-7	60979	314	5.953 197,7	3,32 Interagro S/A.
W. Anacira Princetown - B/49378	PO	3-10	67235	324	5.890 207,2	3,51 Emil Wirth
Jagala Tupirina M. CHIN - B/50214	PO	3-10	61313	310	5.754 194,1	3,37 Interagro S/A.
A. Roder Jewel Van - B/57245	PO	3-8	67284	324	4.711 162,9	3,45 Interagro S/A.
Classe C1 - de 4 a 4 1/2 anos.						
W. Anacira Washington - B/47515	PO	4-4	57300	319	6.769 234,6	3,46 Emil Wirth
Classe C5 - de 4 1/2 a 5 anos.						
J.F.M. Justica - B/60027 - 1M	PO	4-6	55286	365	8.900 316,2	3,55 Joaquim Peixoto Rocha
Pat Elav. Talstar Marlene - B/45276	PO	4-6	53452	365	8.075 264,2	3,27 Valmir Spinelli de O.e Outros
Jackhill Ginger Kemp - B/46595	PO	4-6	57643	338	6.033 205,8	3,41 Valmir Spinelli de O.e Outros
Classe D - Adultas de Mais de 5 anos.						
Don Platoro VII Pat.Boot. - B/41273 - 1M	PO	6-2	54864	347	11.747 343,4	2,92 Valmir Spinelli de O.e Outros
Don Newborn Permae - B/43721 - 1M	PO	5-9	55170	356	9.916 361,8	3,64 Emil Wirth
Platina do Barity - SP/46139 - 1M	POCC	8-9	43841	365	9.871 337,9	3,42 Arnaldo Mendes de Oliveira
J.F.B. Rmilia - B/38422 - 1M	PO	6-8	45860	313	9.415 310,3	3,29 Joaquim Peixoto Rocha
John 2514 Glenvue Recapture - B/40335	PO	7-8	54472	342	8.991 289,8	3,22 Luiz Viscardi
J.F.B. Facil - B/33198 - 1M	PO	8-8	41054	355	8.709 299,5	3,43 Joaquim Peixoto Rocha
A.P. Portaleza Paduola - B/46287	PO	5-1	53246	313	8.457 269,1	3,18 Fazenda Portaleza Ltda.
J.F.B. Heraldista - B/38424	PO	6-8	45537	324	8.139 280,9	3,45 Joaquim Peixoto Rocha
Verida da São Sebastião - HB/SP-143800	31/32	6-2	66476	365	7.184 233,5	3,25 Orlinham Monteiro Junqueira
Dono Speckled Astro - B/46192	PO	6-1	59621	316	7.085 245,9	3,47 Emil Wirth
Cresland Honey Ella Triune - B/43598	PO	6-0	55137	317	6.384 219,2	3,43 Emil Wirth
C.R. Belle Man-O-War - B/37752	PO	6-11	47225	365	6.190 201,0	3,24 Claudio V. Roberti
Indroco Tri-Val T. Ivory - B/45410	PO	5-4	62439	338	6.060 211,2	3,48 Emil Wirth
Duas Ordenhas (2x)						
Classe A1 - até 2 1/2 anos.						
Orlinoço Hilma Proud da P. - B/1635 - 1M	GBD	2-3	66915	365	8.521 263,9	3,09 Faz.Sta.M.de Fomes Ag.P.Ltda.
P. Gaur Lolota Tippy - B/39873 - 1M	PO	2-5	66918	365	8.133 226,7	2,78 Faz.Sta.M.de Fomes Ag.P.Ltda.
L. Midge Joy Kirk - B/56089 - 1M	PO	2-5	67021	365	7.391 247,8	3,35 Orlinham Monteiro de Oliveira
P. O'Alto Beccapenna M.Primeira-B/49747-1M	PO	2-1	66537	365	7.391 212,8	2,87 Jacob Romar Dutilh
P. Natcha Thipwara Eric - B/59731 - 1M	PO	2-2	67236	329	6.916 211,9	3,06 Faz.Sta.M.de Fomes Ag.P.Ltda.
A.S. Esp. Betty B. Astronaut - 53828 - 1M	OC4	2-5	66566	361	6.423 256,4	2,99 Gerrit Verburg - Arapoti
Idalia Bartholomai Cal - B/33411	PO	2-5	66122	365	6.232 195,3	3,13 Faz.Sta.M.de Fomes Ag.P.Ltda.
Quelce II da Holandesa - SP/139445	OC1	2-5	66397	353	6.001 191,9	3,19 Simon Groot - Holstema
New Primavera Juliana - 45824 - 1M	OC2	2-5	66582	365	5.866 237,3	4,08 Jan Rok - Arapoti
Wings Amica 3 Mod - B/45588	PO	1-9	66587	325	5.614 172,0	3,06 Espilho C.Klingel - Arapoti
A.S. Esp. Cor 771 B. Astronaut - 53826 - 1M	OC2	2-4	66564	361	5.586 229,1	4,10 Gerrit Verburg - Arapoti
Wings Quaresma 2 Rockman - B/57755	PO	2-3	66562	350	5.346 167,4	3,13 Espilho C.Klingel - Arapoti
Lucia Tark Panormia - SP/132161	OC1	2-4	66128	365	5.121 190,2	3,58 Donald Grover
Geo. Dept. Salina Honor - B/58004	PO	2-4	66654	338	5.119 156,0	3,04 Fernando Alexandre Pinto S/A.
S.D. Diana Mercia Salandra - B/57537	PO	2-5	66944	312	4.848 175,5	3,61 Pecúria Abasco Ltda.
A.S. Esp. Chr 678 Royalstar - 53572	OC4	2-4	86602	328	4.830 181,7	3,76 Gerrit Verburg - Arapoti
W. L.G. Brigitte Star - B/57702	PO	2-5	67014	319	4.750 170,7	3,59 Willembroek Groot - Arapoti
C.B. Wotania Ditzler Marquis - B/58358	PO	2-2	67023	351	4.142 162,1	3,91 Col. Adhemar Humboldt

NOME DO ANIMAL	Grua de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Dias de lactação	Produção		%	PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Cord. kg		
S.O. Blauwja P. Vaguetta - B/5753	PO	2-5	66948	318	3.962	150,7	3,60	Pecuária Arhusus Ltda.
C.J.M. Virgínia Thomaz Telstar - B/25264	PO	2-5	67024	356	3.819	131,6	3,44	Col. Adventista Brasileiro
Jung. Dalia Bootmaker - B/58077	PO	2-5	67357	330	3.414	116,8	3,42	Lair Antonio de Souza
Basil Sapphire Star - B/58438	PO	2-2	67152	311	2.998	111,9	3,73	Esc. Sup. de Ag. Luiz de Queiroz
Baronesa C.R. Nene - B/5827046	31/32	1-8	62745	321	2.937	106,4	3,62	Renée Ferreira Telles
CLASSE A2 - de 2 1/2 a 3 anos.								
Aratinga Rita 2 F. Star - B/42843 - LM	PO	2-7	66586	365	7.528	242,7	3,22	Emilio C. Klappel - Arapoti
Ayaymoy Royce Dutch - B/59111 - LM	PO	2-8	67480	338	7.473	253,1	3,38	Plínio C. de Albuquerque
Jatobá Juby Royalstar Nansen - B/61321-LM	PO	2-7	67525	339	7.292	273,4	3,74	Sérgio Vicente de Araújo
North Astro Ayres Angela - B/56090 - LM	PO	2-8	67013	365	7.060	237,1	3,35	Guilherme W. S. Caldas
J. Jansão Chieftain Luna - B/59080-LM	PO	2-11	67527	315	6.791	257,3	3,78	Sérgio Vicente de Araújo
Amp. Bela Maria Gertrudes 3 Pick. - 43744-LM	CC3	2-9	67115	365	6.540	226,5	3,46	Cornelia J. de Jonge - Arapoti
Amp. Conde Pietje 17 - B/25894 - LM	PO	2-6	66598	320	6.118	228,3	3,73	Leendert Noordgraaf - Arap.
Rhydale Ace Princess - B/54147 - LM	PO	2-8	66923	349	5.875	214,0	3,64	Guilherme W. S. Caldas
A. Broekhorst Emma's Lily - 44179	CC3	2-8	66581	365	5.654	174,4	3,00	Nicolas A. Broekhorst - Arap.
Prinzessa Marijke 16 - 45685 - LM	CC3	2-7	66596	365	5.618	215,2	3,82	Jan Kok - Arapoti
Isabelita A. Inês - B/59117	PO	2-9	66954	324	5.443	195,5	3,59	Plínio C. de Albuquerque
Amp. Conde Petra 3 - B/52770	PO	2-11	66599	365	5.344	184,2	3,44	Leendert Noordgraaf - Arap.
Carlota de Frença - B/59136799	31/32	2-11	66670	365	5.274	180,3	3,41	Carlos Alberto J. Lohmann
Jung. Ultrasa Wajaja Rock - B/57644	PO	2-10	66551	365	5.219	176,1	3,37	Fernando Alencar Pinto S/A.
Jung. Ultrasa Libanosa Art. - B/54735	PO	2-10	66552	365	5.149	168,3	3,26	Fernando Alencar Pinto S/A.
Milho 5 de Arla - 44173	CC2	2-6	67114	314	5.146	169,6	3,39	Gerhard A.V. Aragon - Arap.
Wood-Mill Begony Trapper - B/56212	PO	2-11	67787	317	5.080	179,8	3,53	Francisco H. de Barros
Amal. Mirin Royal Master - B/56256	PO	2-9	66612	322	4.780	158,3	3,31	Carlos Eduardo C. Campos
Jung. Urupewa Ousadia Imperator - B/54728	PO	2-11	67259	365	4.645	168,5	3,62	Fernando Alencar Pinto S/A.
Lindola Alomari - B/124636	POCD	2-5	67194	311	4.491	165,9	3,69	Afonso Mogueira de Freitas
C.A.B. Vitória Cit. Nampis - B/52989	PO	2-11	67158	365	4.377	148,0	3,38	Col. Adventista Brasileiro
Lina Lincoln Kelly - B/12042	PO	2-8	66898	365	4.137	171,6	4,14	Waldir Junqueira de Andrade
Lina Highbrow Karita - B/12024	PO	2-9	67359	330	3.908	131,4	3,38	Waldir Junqueira de Andrade
C.A.B. Vantagem Thomaz Telstar - B/52986	PO	2-11	67157	327	3.048	116,7	3,82	Col. Adventista Brasileiro
Reliquia Don Juan Ortil - B/59123411	CC1	2-7	67341	365	2.573	89,1	3,46	Carlos Ovaldo Rosa Lima
CLASSE A3 - de 3 a 3 1/2 anos.								
Quora's Eucratia Reflection-0148046-LM	PO	3-5	66491	356	7.653	282,8	3,69	Antônio La Motta
Halberth Astro Janssen - 9638110 - LM	PO	3-4	61327	360	7.527	286,2	3,80	Guilherme W. S. Caldas
Pancemon Ned Americo - B/52376 - LM	PO	3-4	61496	365	7.306	251,1	3,43	Donald Gruber
Hach Miedia G.A.C. Cherry - B/59518-LM	PO	3-3	66966	365	7.215	225,1	3,12	Pedro Martins de Barros
Amp. Aratinga Helena Laxifer - B/53249	PO	3-5	60808	350	7.064	194,6	2,75	Emilio C. Klappel - Arapoti
Jatobá Ingrid Mediatel M/July-0,56808-LM	PO	3-5	67526	315	6.665	250,0	3,75	Sérgio Vicente de Araújo
R.M. Parpe Maple Elev. Astor-0,57378	PO	3-1	67083	365	5.825	186,1	3,19	José Mario Junqueira Netto
A. Broekhorst Grietje's Eva - 45285	31/32	3-7	67087	365	5.781	164,8	2,85	Nicolas A. Broekhorst - Arap.
Marian Rainha Clamira Nampis-0,55511	PO	2-4	61762	353	5.591	187,1	3,34	Col. Adventista Brasileiro
R.O. Aiga Col. Tebeima - B/53849	PO	3-2	61409	312	5.515	189,4	3,43	Pecuária Arhusus Ltda.
Tambora Ned Pancemon - B/114343	CC3	3-5	67397	312	5.441	189,9	3,10	Antônio da Silva Andrade
Cochoca Seaman de Frença - B/591238834	11/32	3-1	66669	329	4.780	155,5	3,25	Carlos Alberto J. Lohmann
Jung. Urupewa Laviana Art. - B/54731	PO	3-0	67458	310	4.264	148,2	3,11	Lair Antonio de Souza
Quacroni Isaparta Orion C.S.R. - B/591238878	CC1	3-0	66977	365	4.380	170,7	2,89	João Amis da Rocha
Potalema da Bahia - B/591238772	CC3	3-0	66748	341	4.356	156,7	3,59	Renato Foga
G.F.V. Ilza Boot. Rockman - B/53156	PO	3-1	66911	342	3.781	127,1	3,36	Guido Fabrocini
CLASSE B5 - de 3 1/2 a 4 anos.								
J.J. Humil Herdeira - B/49744 - LM	PO	3-11	61302	365	8.037	287,6	3,57	João Vieira Pereira
Quarê Bannara - B/56794 - LM	PO	3-8	65962	365	7.963	256,6	3,22	Antônio Coelho Guimarães
Gronalde Art. Beida - B/103625 - LM	CC1	3-11	66991	365	7.304	275,0	3,76	Roberto Calmon de B. Barreto
Joana Victor Pancemon - B/10591 - LM	IBH	3-8	61494	312	7.266	238,0	3,27	Donald Gruber
Cherry Grove Hippo - B/49557	PO	3-7	59660	365	6.935	216,1	3,11	Frederik Kok - Arapoti
Mcdevilla Ducky Renoar - B/49613 - LM	PO	3-7	59685	353	6.928	274,4	3,96	Barnabas Deen - Arapoti
CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.								
A. de Jorge Anna 5 Victor - B/52252 - LM	PO	3-7	60386	365	6.842	268,4	3,92	Cornelia J. de Jonge - Arap.
Kronella Royalstar Charrie-B/48031 - LM	PO	3-10	60798	328	6.639	231,4	3,48	Frederik Kok - Arapoti
Vantew Horata Trindade - B/48061 - LM	PO	3-10	58800	365	6.603	244,3	3,70	Hilbert Kok - Arapoti
R.M. Patricia Pampas Boot. - B/57397	PO	3-9	60648	316	6.386	209,0	3,27	Calçados Paragon
Venessa Preta da Valenteira - B/113088	11/32	3-4	66396	354	6.314	207,6	3,28	Sinon Groot - Holambra
Chapista Iv. Star de Caldas - B/113088	IBH	3-8	61674	318	6.160	227,5	3,69	Guilherme W. S. Caldas
Livres do Pat. Clotilde Mtd. D. - B/51762	PO	3-4	62072	365	5.612	196,3	3,49	Antônio La Motta
R.M. Carol Sagemon Elev. 74 - B/57370	PO	3-4	67082	365	5.204	175,0	3,36	João Mario Junqueira Netto
Quarê Transalino - B/54506	PO	3-8	67032	315	5.040	174,2	3,45	Antônio Coelho Guimarães
Jung. Teodora Regalia Maple - B/50888	PO	3-9	66613	315	4.958	183,6	3,70	Fernando Alencar Pinto S/A.
Cochoca Bela Cruz - B/591238814	POCD	3-7	66966	326	4.395	176,7	4,01	Francisco D. N. Junqueira
Amp. Boelham Bannara 2 - 45462	CC1	3-7	66594	342	4.231	160,3	3,78	Ramona K. Roelmen - Arap.
Aparamento 121 Christmas B.H. - B/57812	IBH	3-9	61403	317	3.522	127,1	3,60	Cla. Adm. Tec. Agri. Atagiri
Par. Douglas Rosário Jr. - B/55703	PO	3-9	67264	321	3.396	117,9	3,47	S/A. Fazenda Paratiao Agro. Pec.
Jatobá Teodora L. Milard - B/50199	PO	3-9	66287	331	2.046	89,5	4,37	Luiz Augusto Sacchi
CLASSE C2 - de 4 a 4 1/2 anos.								
Paratiao Bannara P. D'Alto-HAL/1948 - LM	IBH	4-2	56505	365	8.736	297,1	3,40	João Fossier Dutilh
Medicopola Q. de Vinacopos - B/192259-LM	CC1	4-1	67831	365	8.163	279,2	3,42	Imp. Adm. Comércio Anna S/A.
Quintina de Vito. Linsenne - B/28830 - LM	PO	4-3	67820	365	7.743	242,7	3,13	Imp. Adm. Comércio Anna S/A.
Amp. Linsenne Roberto - 37388 - LM	CC1	4-5	66112	365	7.707	311,9	4,04	Martins T. Magn - Arapoti
A. Adm. Bannara 200 - B/51243 - LM	PO	4-4	60803	365	7.677	272,4	3,54	Banckl Wooman - Arapoti
Jung. Valente Malhada Boot. - B/48301	PO	4-5	57516	365	7.300	233,1	3,19	Fernando Alencar Pinto S/A.
R.O. Acropolis Gd. Garmnia - B/49404	PO	4-5	59875	311	7.265	229,7	3,16	Pecuária Arhusus Ltda.
J. Bannara Bannara Pampas - B/52580 - LM	PO	4-3	55528	334	7.087	262,8	3,70	Sérgio Vicente de Araújo
Quarê Imperatriz Queen - B/52651 - LM	PO	4-2	67524	340	6.950	264,6	3,80	Sérgio Vicente de Araújo
Medicopola Q. de Vinacopos - B/142260	CC1	4-1	67832	365	6.886	218,1	3,16	Imp. Adm. Comércio Anna S/A.
Amp. Rik Yacht 2 - B/52518	PO	4-0	59384	311	6.696	230,2	3,43	Hilbert Kok - Arapoti
Fiel Tabo Bannara Apollo Victor - B/48897	PO	4-0	60933	342	6.227	204,4	3,28	Antônio Joazeiro Malles
Alencar Bannara - B/123842 - LM	POCD	4-7	59881	322	6.157	245,7	3,99	Roberto Calmon de B. Barreto
John de West 2 - 53643	31/32	4-3	59683	310	6.026	191,6	3,17	Barnabas Deen - Arapoti
Elizabete F.M. Bannara - B/49177	PO	4-3	61000	311	5.992	187,4	3,12	Lair Antonio de Souza
R.O. C.P.J. Tólvie H. Christmas - B/50332	PO	4-2	61401	365	5.809	194,7	3,35	Cla. Adm. Tec. Agri. Atagiri
R.O. Bannara B. Bannara - B/49179	PO	4-2	66297	365	5.787	196,8	3,40	Roberto Cordaro
R.M. Bannara Bannara - B/49448	PO	4-3	60824	315	5.563	195,9	3,52	Pecuária Arhusus Ltda.
Paratiao P. Bannara - B/59825	PO	4-5	56401	365	5.530	183,9	3,32	José Mario Junqueira Netto
Livres do Pat. 23 Pochi Bannara - B/51785	PO	4-5	67467	312	5.323	182,6	3,61	Donald Gruber
Holambra IT Cida - B/49005	PO	4-1	61252	339	4.442	156,9	1,53	Antônio La Motta
Quarê Linsenne Bannara - B/49778	PO	4-1	62023	330	4.125	144,9	1,51	Johannes V. Ruppen - Hol. II

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangue
Idade
anos/meses
N.º SCL
Dias de
lactação
Leite
kg
Gord. kg
%
PROPRIETÁRIO

CLASSE C3 - de 4 1/2 a 5 anos.

Arap. Conde Gerda 8 - 37664 - IM	GC1	4-10	52305	329	8.518	282,8	3,31	Leendert Noordegraaf - Arap.
Willow Maple Triana Elva - B/47626	PO	4-7	57576	365	7.920	228,7	2,88	Faz. Sta. M. da Poese Ag. P. Ltda.
L.S. Carla II da Holanda - IM/SP-81895	POCC	4-9	56436	348	7.080	206,3	2,91	Willebrordus Groot - Hol.
Arap. de Jorge Aafke II North - 37575 - IM	GC1	4-9	60802	337	6.859	255,9	3,73	Cornelis J. de Jonge - Arapoti
Pauline Marjón Beata - SP/80678 - IM	POCC	4-11	55690	365	6.613	243,7	3,68	Roberto Calson de B. Barreto
Belva de Yekuit - IM/SP-10220	POCC	4-7	56161	350	5.810	188,4	3,24	Yekuit S/A. Ind. e Comércio
Arap. Citation Senha - B/46716	PO	4-10	56543	365	5.667	179,0	3,15	Calçados Paragon S/A.
A. Primavera Thillii 13 - 30815	GC3	4-9	66597	329	5.656	197,5	3,49	Jan Kok - Arapoti
Laterna Bela Cruz - IM/SP-26300	POCC	4-6	67489	316	5.550	218,0	3,92	Francisco D. M. Junqueira
Neria Elena 851 Cloverbrook-IMU/68324	PO	4-8	61445	338	5.138	171,6	3,34	Geraldo Meira Silva e Outro
Rocha de Nelo - SP/139538	15/16	4-10	66953	333	4.480	152,3	3,40	Mário Alexandre Sessler
Turque Malvina Inês Starlite-6142969	PO	4-7	56450	345	4.281	148,4	3,46	Carlos Antenor Consoni
Paz. Campeta Rosaff Jr. - B/26405	PO	4-7	57547	311	4.074	130,9	3,21	S/A. Fazenda Passaio Agro. Pec.
S.M. Yara Ascent Elev. - B/48468	PO	4-8	57197	319	4.029	123,4	3,06	Neuro M. Junqueira Junior

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Arap. de Jorge Anallandia - 45616 - IM	31/32	8-4	52798	358	10.148	309,8	3,05	Cornelis J. de Jonge - Arap.
Clark Acres Misty - B/35818 - IM	PO	8-4	42269	365	9.888	317,2	3,20	João Vieira Pereira
U 22 São Quirino - SP/55678 - IM	GC5	7-8	45399	365	9.636	303,7	3,15	Pecúria Arhuas Ltda.
Branca Q. de Viracopos - SP/89586 - IM	POCC	8-11	67795	365	9.457	265,3	2,80	Esp. Adm. e Comércio Anna S/A.
Olinda A.G. - SP/58609 - IM	GC1	7-4	67003	333	8.974	287,1	3,19	Cia. Agri. Ind. Far. da Toca
Arap. Linquinda Cent. Goerje - 37296 - IM	15/16	5-5	66591	365	8.684	338,4	3,89	Martins T. Hagen - Arap.
E-234 Ringo Ricca - SP/61344 - IM	31/32	7-0	66522	365	8.629	367,5	4,25	Mendel e Elisezer Steinbruch
Desordenada Q. de Viracopos - SP/50083	GC2	8-6	67802	365	8.594	288,9	3,36	Esp. Adm. e Comércio Anna S/A.
Imet D. Lark Mena - B/39930 - IM	PO	7-1	60152	328	8.603	273,2	3,17	Carlos Ovelto Rosa Lima
Dalva Fancrana - 52326	POCC	8-7	45385	365	8.290	246,7	2,97	Afonso Mopaira de Freitas
Arap. Arragon Willemina 10 - 22422 - IM	GC3	7-8	46221	365	8.039	295,2	3,67	Gerhard A.V. Arragon - Arap.
Guarara Henry S.S. - GRU/445 - IM	GR8	7-1	44803	365	7.798	267,4	3,42	João Figueiredo Frota
Jaz. Risco Invejada Maruca - B/41776	PO	5-7	52144	365	7.731	199,3	2,57	Fernando Alencar Pinto S/A.
Jaz. Rosemary Marilza Booc. - B/41793	PO	5-9	49613	365	7.632	234,7	3,07	Fernando Alencar Pinto S/A.
Guarã Sorbakara	NR	-	25225	365	7.602	254,6	3,34	Antonio Coelho Guimarães
Jaz. Rendeira Ivete Swanen - B/41767	PO	5-10	49612	365	7.555	227,7	3,01	Fernando Alencar Pinto S/A.
Montalgia Pau D'Alho - SP/58440	GC1	6-7	49760	359	7.552	254,8	3,37	Jacob Rosler Dutill
Vila Rica J.V.P. - IM	FC	-	66546	342	7.524	268,9	3,57	João Vieira Pereira
A.H. Esp. Rachel 421 - 45451	31/32	5-10	62362	365	7.452	242,4	3,25	Gerrit Verburg - Arapoti
Cornel Schmidt Marica - B/49362	PO	8-9	66601	365	7.412	231,1	3,11	Frederik Kok - Arapoti
Arap. Arragon Willie II - 29135	GC2	5-5	57933	365	7.400	218,3	2,94	Gerhard A.V. Arragon - Arap.
Quirina de Viracopos - SP/75011	GC1	6-8	67814	365	7.366	245,5	3,33	Esp. Adm. e Comércio Anna S/A.
Guarã Simola	NR	-	66353	365	7.353	242,2	3,29	Antonio Coelho Guimarães
G.F.V. Dandila Citation - B/37775	PO	7-0	48523	356	7.328	226,8	3,09	Guido Fabrocini
Trinco Dekol Princesa - B/41701	PO	7-9	47583	340	7.304	236,1	3,23	João Pedro C.L. de T. Piza

Conduza os seus lucros com mais economia e segurança.

BOVIRING

ARGOLA IDENTIFICADORA

- Facilita o manejo do rebanho
- Identifica com letras ou números
- Muito mais econômica
- É produzida em Nylon 66, super resistente e ANTICORROSIVO
- E é Bovitec

Tecnologia avançada em agropecuária



O alicate é indispensável e insubstituível.



BOVITEC

Produtos Agro-Pecuaris Ltda.

Rua Duque de Araxós, 449 - Fones: 299-4048 - 299-2520 - 299-4378 - 299-7147
São Paulo - Brasil - Telex (011) 33080 BOVI-BR

BRASIL EXPORT

NOME DO ANIMAL

Grav. de sangue
Idade
ano/mês
N.° SCL
Data de lactação
Leite kg
Prod. kg

PROPRIETÁRIO

Argentina M. - SP/135676 - LM	POCO	5-0	66968	365	7.215	257,5	3,56	Vicente Ferreira Dias Jr.
Ismael Maltos 22 - B/41395	PO	5-6	60511	365	7.044	234,0	3,32	Carvalho Agrop. Pec. S/A.
D. 04 São Quirino - 58465	OC2	7-6	45150	320	6.925	225,5	3,25	Faculdade Anhembi Ltda.
Rumorette O. do Viro - SP/98205	OC2	7-0	47809	365	6.897	215,1	3,11	Emp. Adm. e Comércio Anna S/A.
Calpide Poética - SP/49567	31/32	8-4	44578	342	6.860	252,1	3,67	Roberto Calmon de B. Barreto
Silvânia Prêdo Rina - B/43304	PO	6-5	54457	343	6.860	196,3	2,86	Yakult S/A. Ind. e Comércio
Par. Artabela Rosário Jr. - B/40938	PO	6-5	54403	365	6.859	211,9	3,09	S/A. Fazenda Paraíso Agrop. Pec.
Nilma do São Gotardo - 3227	31/32	5-1	38396	365	6.841	221,9	3,24	Antônio Le Meire
Gracinda W. - LM	NR	-	67168	317	6.704	268,3	4,00	Vicente Ferreira Dias Jr.
Juliano Rima - B/36310	PO	7-6	46506	365	6.570	243,6	3,70	Antônio da Silva Andrade
Amp. Cande Casanova - B/33729 - LM	PO	6-8	52046	311	6.540	260,9	3,98	Leandir Nordegraf - Arap.
Wenceslau Pichaux Sky Maltje 41-6/32527	PO	6-4	50593	365	6.521	200,6	3,67	Faz. Sta. M. de Posse Ag. P. Ltda.
Quilvane do Viroc. Puciva - SP/75006	OC2	6-11	47812	329	6.391	224,4	3,54	Emp. Adm. e Comércio Anna S/A.
G.M. Indira Paitor Scutcheon - B/38195	PO	6-9	46447	365	6.314	206,6	3,27	João Maria Junqueira Netto
Roseli Greyser T. Mello - B/44574	PO	5-3	56838	365	6.281	202,8	3,22	Yakult S/A. Ind. e Comércio
Ogny Neco Roca. Emily - B/39918	PO	7-4	49781	330	6.222	209,6	3,36	Carlos Alberto J. Lohmann
Ana da Bolandra - SP/71193	31/32	5-8	67010	317	6.175	189,6	3,07	Simon Croce - Holanda
Jung. Pistola Brevosa Cit. - B/30208	PO	6-11	47292	365	6.095	208,0	3,42	Fernando Alencar Pinto S/A.
Par. Acapulco Rosário Jr. - B/40894	PO	6-11	51706	320	6.042	194,5	3,21	S/A. Fazenda Paraíso Agrop. Pec.
G.P.V. Alidia Tidy Deception - B/26711	PO	5-6	55771	354	6.024	191,8	3,38	Guilherme Falcão
Amp. Aragon Amélia 6 - 32104	OC1	5-8	57117	333	6.021	207,1	3,43	Guilherme A.V. Aragon - Arap.
Par. Sobremes Magistral - B/35798	PO	10-7	36990	365	5.952	214,4	3,60	S/A. Fazenda Paraíso Agrop. Pec.
Semebala de São. Olívia - SP/81098	31/32	6-9	67096	365	5.906	201,3	3,40	Sta. M. Agrop. Pec. Industrial S/A.
Amp. Cande Placide 11 - B/37433	PO	7-4	45474	365	5.904	252,3	4,27	Leandir Nordegraf - Arap.
Par. Beldia - B/40972	PO	5-10	60849	365	5.858	201,1	3,43	S/A. Fazenda Paraíso Agrop. Pec.
R.V. Beldia - B/42198	PO	6-7	47945	365	5.828	206,1	3,53	Bálio Moreira Salles
C. Placide Margarida Court Rover - 14550	OC1	10-4	57308	357	5.822	196,6	3,37	Gerrit Verburg - Arapoti
Mely's Lady Court. Mada - B/37702	PO	7-0	49315	344	5.787	193,7	3,17	João Maria Junqueira Netto
Amp. Nana Maltje 5 - 37447	31/32	7-1	59328	365	5.776	195,7	3,38	Kenneth Oden - Arapoti
Jovine Pedrosini - SP/78875	POC2	9-2	62160	365	5.764	178,0	3,69	Alexandre Mazonen de Silva
Marjan Sam Bepner Star - B/44092	PO	6-0	49778	327	5.758	174,5	3,03	Col. Adventista Brasileira
Mico's Fungt Fume - B/46565	PO	5-2	56471	365	5.743	216,0	3,07	Yakult S/A. Ind. e Comércio
Eduarda São Quirino - OBS/944	OC2	5-1	55899	310	5.698	195,1	3,42	Pecúria Arnanas Ltda.
Estelina Pluma - SP/230855	OC1	8-1	61174	365	5.684	218,1	3,83	Arnaldo Mendes de Oliveira
G.P.V. Edith Fidalgo Macep - B/39732	PO	6-2	53443	365	5.670	190,4	3,35	Guilherme Falcão
Par. Rosalinda Fidalgo - B/31052	PO	11-2	35441	365	5.639	188,6	3,14	S/A. Fazenda Paraíso Agrop. Pec.
Mitro 9 de São Eupora - 33847	31/32	6-9	47471	357	5.627	236,4	4,20	Gerrit Verburg - Arapoti
Amp. Kik Black Quality 4 - B/47245	PO	5-1	51465	319	5.589	179,4	3,20	Hilbert Koh - Arapoti
Placinda - 43415	31/32	5-5	42136	365	5.588	186,4	2,97	Yakult S/A. Ind. e Comércio
G.P.V. Ellen Leão. Macep. - B/39731	PO	6-1	51875	358	5.561	185,5	3,33	Guilherme Falcão
Quilvane do Viroc. Pluma - SP/54821	OC2	7-4	67807	365	5.555	182,4	3,28	Emp. Adm. e Comércio Anna S/A.
ISA Nilma - SP/30353	POC2	5-11	54842	313	5.521	187,1	3,18	Carlos Alberto J. Lohmann
Cláudia de São. Olívia - SP/70134	POC2	8-1	57871	331	5.501	184,7	3,35	Sta. M. Agrop. Pec. Industrial S/A.
Yvonne R. V. - SP/56732	POC2	7-6	50613	332	5.484	194,9	3,55	Bálio Moreira Salles
Leo Looze Trindade Olga - B/45605	PO	5-7	61732	318	5.435	180,1	3,31	Argemir Gervasio Ricci
Jung. Pluma Fidalgo Capela - B/38858	PO	6-10	48542	326	5.330	164,9	2,90	Fernando Alencar Pinto S/A.
Galena Q. do Viroc. - SP/48123	OC2	6-0	57822	339	5.248	191,7	3,65	Emp. Adm. e Comércio Anna S/A.
Tupeta São. Ondina - SP/115901	31/32	7-8	67172	365	5.243	197,1	3,76	Arnaldo Mendes de Oliveira
Rosalia de Pluma	PO	-	67166	315	5.182	169,6	2,27	Vicente Ferreira Dias Jr.
P. Magalães Florinda Maran - B/46734	PO	5-0	54280	314	5.156	158,4	3,07	Faz. Sta. M. de Posse Ag. P. Ltda.
Bentini Ylino Pluma - B/46578	PO	5-1	56472	334	5.144	173,9	3,38	Yakult S/A. Ind. e Comércio
Amp. Boleman Klaxon - 32063	31/32	7-1	66595	322	5.082	188,9	3,71	Marlene S. Rosalme - Arapoti
Demetria Maple Lino - SP/72338	OC1	6-7	42142	351	5.078	182,7	3,59	Maldir Junqueira de Andrade
Amp. Marichon. Lino - 27622	31/32	12-8	38637	340	4.945	150,4	3,04	Nicolas A. Brundhorst - Arap.
Bentini Lino - SP/136561	15/16	6-6	66959	334	4.940	167,7	3,39	Mario Alexandre Goulart
Par. Rosalina Bepner Star - B/43890	PO	7-2	56121	365	4.934	163,7	3,31	S/A. Fazenda Paraíso Agrop. Pec.
J. V. Alencar - B/18811	PO	7-6	42766	358	4.919	172,9	3,51	Bálio Moreira Salles
J. O. Clara - B/39485	PO	7-11	44477	365	4.918	180,5	3,67	Antônio da Silva Andrade
Malva - 42510	31/32	10-1	43995	315	4.888	172,9	2,72	Yakult S/A. Ind. e Comércio
A. Bepner. Tuntje's Cristina - 27637	31/32	7-8	53278	365	4.883	185,4	3,44	Nicolas A. Brundhorst - Arap.
Par. Jovanna Rosário - B/18052	PO	7-1	47158	317	4.802	157,3	3,27	S/A. Fazenda Paraíso Agrop. Pec.
Priscilla Rosaria M. Regal - B/40818	PO	10-5	41049	365	4.751	159,6	3,36	Carlos Alberto J. Lohmann
R. V. Bepner - B/42199	PO	6-4	56418	361	4.747	172,1	3,62	Bálio Moreira Salles
Quilvane Pedrosini - SP/40059	POC2	10-0	62142	365	4.746	170,6	3,59	Alexandre Mazonen de Silva
Olga do Yakult - 50809	POC2	6-6	46922	311	4.733	166,6	3,10	Yakult S/A. Ind. e Comércio
Bento da Bolandra - SP/40415	POC2	6-8	60189	319	4.622	160,4	3,44	Alexandre Mazonen de Silva
G.P.V. Rosalina Rosário - B/44795	PO	5-0	57017	365	4.441	147,2	3,31	Guilherme Falcão
Alma do Viroc. Mada - B/36514	PO	5-11	42641	365	4.389	164,0	3,73	Antônio da Silva Andrade
Campeão do São. Olívia - SP/70139	POC2	8-0	48531	356	4.380	161,3	3,60	Sta. M. Agrop. Pec. Industrial S/A.
R.V. Bepner Rosalina - B/33820	PO	9-0	40158	356	4.346	165,7	3,81	Bálio Moreira Salles
J. B. Mada - B/24408	PO	6-3	56538	361	4.332	163,1	3,21	Antônio da Silva Andrade
C.A.B. Cláudia Rosalina - B/47731	PO	5-7	58028	365	4.317	149,6	3,21	Col. Adventista Brasileira
J. M. P. Jolipa Glória L. Star - B/35894	PO	7-11	42733	365	4.294	151,3	3,52	Faz. Sta. M. de Posse Ag. P. Ltda.
Carla U do São. Antônio - SP/37773	POC2	11-9	61795	355	4.215	158,8	3,76	Sta. M. Agrop. Pec. Industrial S/A.
Regina Glória - 11048	OC1	7-6	66719	316	4.150	159,1	3,83	Arnaldo Mendes de Oliveira
Cláudia Camp. Bepner. Rosaria - B/39429	PO	7-1	58064	339	4.061	145,3	3,50	Laila Antônio de Souza
Par. Rosalina Rosalina - B/27141	PO	11-2	35666	334	4.939	166,5	3,69	S/A. Fazenda Paraíso Agrop. Pec.
Cláudia do São. Olívia - SP/59681	POC2	9-4	52209	317	3.702	143,2	3,86	Sta. M. Agrop. Pec. Industrial S/A.
Cláudia Rosalina - B/71146	POC2	12-0	31766	365	3.801	138,2	3,94	Col. Adventista Brasileira
Imagin - 10696	OC1	6-6	44174	358	3.246	115,4	4,19	Saiz Aguiar Rosário
Alma do Viroc. Rosalina - B/43291	PO	6-7	52720	365	3.131	99,1	3,16	Yakult S/A. Ind. e Comércio
Laila do Viroc. Star	NR	7-11	66578	365	3.099	110,6	3,67	Marcelo Nova Agrop. Pec. Ltda.
Cláudia do Viroc. Star	NR	11-0	66123	334	2.990	108,8	3,64	Marcelo Nova Agrop. Pec. Ltda.
Estelina do Viroc. - 24931	OC1	7-9	58403	344	2.655	97,9	3,50	Kenneth F. Rosalme - Arapoti

Rosa Matadouro - variedade vermelha e branca

Três Ordenados (30)

Cláudia M. - 413 2 1/2 anos.								
Cláudia J. Bepner - B/SP-28485 - LM	OC1	2-9	67240	327	6.223	222,0	3,51	Pedro Conde
Rosa M. P. Alencar - B/12503	OC1	2-1	67260	342	5.502	193,2	3,51	Pedro Conde
Cláudia M. - do 3 1/2 anos.								
Cláudia J. Bepner - B/12522 - LM	POC2	1-3	67025	365	6.976	260,8	3,90	Valmir Spedillo do O. e Lino
Alencar M. C. M. C. Pucapim - B/5414	PO	2-5	61934	315	6.292	217,2	3,45	Pedro Conde
Cláudia M. - do 3 1/2 a 4 anos.								
Alencar M. C. M. Pucapim - B/5414	PO	3-11	60730	365	9.946	373,6	3,25	Pedro Conde
Cláudia M. C. M. Pucapim - B/5414	OC1	1-8	61278	365	5.770	195,1	3,38	Laila Vitorini

NOME DO ANIMAL	Grav. de sangue	Idade anos/meses	N.° SCL	Dias de lactação	Leite kg	Ord. kg	PROPRIETÁRIO
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
Silvânia Clara V. Cit. - HB/3717 - IM	PO	6-8	46223	346	9.668	330,0	3,41 Valmir Spinelli de O. e Irmaes
Jolanda Tinga Cit. - Filipe - IM	PC	-	65962	359	8.514	283,5	3,34 Valmir Spinelli de O. e Irmaes
Albertina's C.M.C. Menta - HB/4095 - IM	PO	6-6	48547	352	8.213	286,8	3,49 Uaira Açozeiros Sta. Cruz S/A.
Theressa Marquis Mod S.M.P. - SP-027 - IM	GBB	8-3	41396	360	7.690	276,0	3,58 Antonio Carlos R.V. de Almeida
Strindale Louie Mod Red - LBB/532 - IM	PO	5-1	61537	365	7.158	257,4	3,59 Antioar Parid Yamin
S.M.P. Red Rose Marquis Mod - RAJ/165	GBB	7-7	45315	358	7.131	256,2	3,59 Antonio Carlos R.V. de Almeida
Poplarway Cindy-Red - HB/4868	PO	5-10	66460	353	6.689	239,7	3,58 Gabriel Dias Pereira
Her Bucha Pequena Red - HB/3136	PO	8-9	45158	326	6.569	237,7	3,61 Luis Viscondi
Mariana Marquis Mod S.M.P. - GBB/598	GBB	5-11	51778	319	6.547	246,7	3,76 Antonio Carlos R.V. de Almeida
Barbara Pequena Red Sta. Inês - GBB/534	GBB	5-7	50000	329	5.571	169,1	3,03 Luis Viscondi
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.							
Sua da Holanda - SP/SP-31604 - IM	POOC	2-1	66393	359	6.599	226,4	3,43 Albert Sleutjes - Holanda
Myerose Jasper Dutch Red - 10036308 - IM	PO	2-4	67238	314	6.179	188,3	3,04 Pat. Sta. M. da Posse Ag. P. Ltda.
Socora Cigarras Badalada Farm - HB/48830	PO	2-4	66317	365	3.227	112,9	3,49 Luis Viscondi
Rosaria's Pintura Pioneer - HB/6113	PO	2-4	67466	310	2.920	112,0	3,83 Roberto F. Cantuio
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.							
Marcos Japi Red - LBB/695 - IM	PO	2-11	66589	365	7.291	201,5	2,76 Laércio V. Nicolau - Arapoti
S.M. Camara Royal Red - HB/5999 - IM	PO	2-9	66568	365	6.764	210,2	3,10 Laércio V. Nicolau - Arapoti
S.M. Camara 12 Jasper Magic - HB/5998 - IM	PO	2-6	66606	354	6.166	204,6	3,32 Feliciano Ribeiro
V.D. Marcara Barbon Amazonas - HB/5910 - IM	PO	2-10	67002	332	6.597	222,5	3,37 Cia. Agri. Ind. Par. da Toca
Myerose Jasper Rumbi Red - 10036301 - IM	PO	2-6	67241	311	5.890	180,3	3,06 Pat. Sta. M. da Posse Ag. P. Ltda.
Fausto Rocky Cilada V.D. - SP/123086 - IM	OC3	2-7	66391	365	5.818	194,2	3,33 Johannes W.M.V. de Groen-hol.
Sellcrest Majority Amer. - HB/5445 - IM	PO	2-11	67001	333	5.464	200,9	3,67 Cia. Agri. Ind. Par. da Toca
Loyal da Holanda - SP/2446	POOC	2-10	66622	333	4.962	183,4	3,69 Antioar Parid Yamin
Putumcuet Maple Bay-Red	PO	2-7	66390	347	4.660	171,9	3,68 Johannes W.M.V. de Groen-hol.
Mela de São Simão - RAJ/1206	GBB	2-7	66681	365	4.377	162,4	3,71 Claudio V. Roberti
		2-10	67032	338	4.253	140,9	3,31 Antonio de Toledo Lara Neto
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.							
Franço Jasper de Meirelles - RAJ/1118	GBB	3-1	67048	354	4.724	163,5	3,46 Antonio Josino Meirelles
Andriana A.J. Standard - 140037	3L/32	3-4	67064	339	4.506	144,7	3,21 Cristiano dos R. Meirelles
Gaira de Sta. Cecilia - HB/SP-113697	3L/32	3-0	66367	344	4.349	162,3	3,73 Carlos Thomas Meirelles
V.D. Fabiana Monarch Alamos - HB/5933	PO	3-2	67000	341	4.283	157,1	3,66 Cia. Agri. Ind. Par. da Toca
Apelbound Luckie Ink-Red - LBB/668	PO	3-1	66896	365	3.715	117,3	3,15 Waldir Jurgens de Andrade
Maria B. Standard - 131683	3L/32	3-2	67065	344	3.553	120,1	3,37 Cristiano dos R. Meirelles
Sr. Barbara Nequm Red - HB/4910 - IM	PO	3-9	66195	357	6.955	250,2	3,59 Pedro Orde
Myerose Leon Beauty Red - HB/4915	PO	3-10	67050	342	5.665	185,0	3,26 Antonio Josino Meirelles
Defensora Galus da Franco - SP/111722	OC4	3-10	61979	320	5.030	188,8	3,75 Nelson Brado
Ridge Wood Royal Mercena Red - HB/4883	PO	3-9	61141	332	4.733	174,5	3,68 Antioar Parid Yamin
Injuria Red Nico - SP/95257	OC1	3-10	61819	320	4.224	155,6	3,68 Antonio Baselli
Japira Lukas P.L.F. - HB/SP-102937	POOC	3-9	67057	330	3.165	117,4	3,70 Francisco Lopes Filho
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.							
Moladen Velstar Sugar Red	PO	4-5	56877	311	5.660	208,1	3,67 Luis Viscondi
Myerose Jasper Blossom Red - HB/5139	PO	4-5	60836	365	5.244	152,7	2,91 Luis Viscondi
Wab Vae Mylle Red	PO	4-5	56041	331	4.577	167,9	3,66 Geraldo Metal Madureira
Masilinda Needles Corcora - HB/SP-111799	3L/32	4-6	56877	340	4.483	167,8	3,74 Antonio Gissi Filho
CLASSE CE - de 4 1/2 a 5 anos.							
Lea do Morro Verde - IM	OC1	4-6	57440	365	6.285	221,4	3,52 Sta. M. Agro. Pec. Industrial S/A.
Arela Don de Meirelles - 79124	OC2	4-11	56739	323	5.262	175,7	3,34 Antonio Josino Meirelles
C. Highpot J B Dolly Red	PO	4-9	60835	334	4.512	155,8	3,45 Geraldo Metal Madureira
Ridge Wood H C R Alcyon	PO	4-9	57653	331	4.104	164,4	4,00 Geraldo Metal Madureira
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
S. H. Biondo 4 Siget - HB/7205 - IM	PO	7-4	44558	365	10.085	291,4	2,88 Laércio V. Nicolau - Arap.
Socrita Rebel de A.D. - SP/84713 - IM	OC3	5-2	54171	327	7.997	285,3	3,56 Cap. Vasco M.H. Azevedo
Celia R.W. Aliança V.D. - SP/1110 - IM	OC3	5-10	67004	332	7.639	256,6	3,35 Cia. Agri. Ind. Par. da Toca
Cristina de Holanda - HB/SP-89651 - IM	OC2	13-2	59504	346	7.217	240,4	3,33 Johannes W.M.V. de Groen-hol.
Onhulada Nico - 60851	POOC	6-7	51172	365	7.203	221,4	3,07 Antonio Baselli
Jana da Patente - HB/SP-71260 - IM	OC1	5-8	59551	360	7.134	238,5	3,34 Cia. Agri. Ind. Par. da Toca
Christina São Rafael - 75992	3L/32	6-0	50871	365	6.807	202,9	2,98 Agro. Pec. Sta. Inês do Lado
Freteira Cit. H. Meirelles - GBB/397	GBB	8-10	39996	365	6.798	202,8	2,98 Antonio Josino Meirelles
Freteira Don de Meirelles - SP/79119	OC2	5-0	55577	365	6.281	197,6	3,14 Antonio Josino Meirelles
Onça de Sta. Olívia - SP/81076	POOC	5-9	53616	365	5.913	203,1	3,43 Sta. M. Agro. Pec. Industrial S/A.
Caigara Mazum - SP/91366	OC1	7-10	65681	365	5.560	207,1	3,46 Cia. Agri. Ind. Par. da Toca
Culubeta L. Jansada V.D. - SP/86749	OC1	5-2	66998	352	5.678	209,2	3,52 Cia. Agri. Ind. Par. da Toca
Rosaria's Luna Monarch - HB/4023	PO	6-1	47994	345	5.495	194,6	3,54 Roberto F. Cantuio
Neboosa Friedlander de Jucras - HB/SP-50572	OC6	7-11	60494	315	5.053	158,9	3,14 Arion Neto de Oliveira
Ridge Wood New Clover Red Red	3L/16	9-7	66695	316	4.943	195,6	3,95 Antonio Gissi Filho
Carin Inspiration P. S.A. Amparo - RAJ/431	GBB	5-0	55730	332	4.560	157,9	3,45 Geraldo Metal Madureira
Rosaria's Madona Cit. - Refloc. - HB/4028	PO	5-9	54237	314	4.496	169,4	3,76 Pedro Ferreira Faria
Ala Red Line - SP/77615	OC2	5-11	51136	332	4.485	163,5	3,64 Roberto F. Cantuio
Duroty F.L.F. - SP/65987	POOC	7-11	53601	365	4.194	161,3	3,84 Waldir Jurgens de Andrade
Parabola Line - SP/54300	POOC	5-10	53437	335	4.077	135,7	3,32 Francisco Lopes Filho
Strene Mauro - SP/76080	POOC	7-11	64635	365	4.031	144,4	3,58 Waldir Jurgens de Andrade
Linda Lines F.L.F.	PO	10-0	62294	313	4.019	146,5	3,64 Sta. M. Agro. Pec. Industrial S/A.
Linda Line - SP/72332	OC1	6-8	48529	341	3.880	131,9	3,41 Francisco Lopes Filho
Receita do Morro Verde - HB/SP-51503	3L/32	8-0	52510	314	3.262	124,4	3,47 Waldir Jurgens de Andrade
Raça Jersey							
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
Don't Ang Solva 13A Hemo - 10318-C	PO	6-3	57798	365	3.909	173,2	4,43 Marcio Lopes Leão
Duas Ordenhas (2x)							
CLASSE BE - de 2 a 2 1/2 anos.							
Neobius Dico Peço de N. Omer. - A-21283 - IM	PO	2-10	65185	361	2.872	177,5	6,29 Antonio Carlos P. Machado
CLASSE BE - de 3 1/2 a 4 anos.							
Neobius Dico Peço de N. Omer. - 11936-C - IM	PO	3-10	61157	353	3.683	201,9	5,48 Antonio Carlos P. Machado
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.							
Neobius Dico Peço de N. Omer. - 11909-C - IM	PO	4-5	61161	335	4.835	274,5	5,92 Antonio Carlos P. Machado

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	e.º	PROPRIETÁRIO
CLASSE CE - de 4 1/2 a 5 anos.									
Pyron Viking Auada - 12144-C - 1M	PO		4-7	61153	317	5.823	337,3	5,79	Antonio Carlos P. Machado
Harpiata Belicioso de S.F. - 11973-C	PO		4-6	65529	365	3.351	155,5	4,64	Mario Lopes Leão
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.									
S.A. Hilza 40 Merlu - 8036-C - 1M	PO		11-3	50662	343	4.147	208,4	5,02	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
Vedete Milken da S. Quor. - 11910-C - 1M	PO		7-8	61154	324	4.121	237,1	5,75	Antonio Carlos P. Machado
Sta. Tecla 3 Gabil Sybil - 10906-C	PO		6-4	49715	363	3.683	180,7	4,90	Mario Lopes Leão
Raça Parda Suíça (Schwyz)									
Duas Ordenhas (2x)									
CLASSE AE - de 2 1/2 a 3 anos.									
S.C. Indira Gasco - 206570	PO		2-8	67043	321	2.606	107,1	4,10	Carlos Cardoso A. Amorim
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.									
S.C. Hortencia Dos Jores - 6310	PO		3-5	66344	353	3.659	152,9	4,17	Carlos Cardoso A. Amorim
S.H. Parvilha - 6387	PO		2-1	66337	346	3.639	130,9	3,59	Agro. Pec. Suíço Brasileira Ltda
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.									
Lotadora de Aliança Fm - 304464	OC2		3-11	67207	328	3.127	136,4	4,36	Giovani Branguiño Grossi
Maria Dake de S.C. - 4435	OC1		3-7	67042	321	2.766	113,3	4,09	Carlos Cardoso de A. Amorim
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.									
Roseira F. W. - 5026	IL/IL		4-3	67431	313	2.200	85,4	3,88	Tasso Assunção Costa
CLASSE CH - de 4 1/2 a 5 anos.									
Baronesa F. W. - 3803	IL/IL		4-11	67059	329	2.707	113,9	4,20	Tasso Assunção Costa
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.									
Adalpre Laranja - 197093	PO		8-2	85648	365	4.602	163,7	3,55	Adalpre S/A Agri. e Comercial
Serrana de Sta. Anália - 1118	OC1		7-7	53193	309	3.133	128,6	4,10	Giovani Branguiño Grossi
Alzina - 1715	PC		10-6	47755	320	2.880	122,5	4,24	Tasso Assunção Costa
Raça Simental									
Duas Ordenhas (2x)									
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.									
Brilha Costa Nevada de Nap.	PO		3-0	67181	319	3.675	149,9	4,08	Carlos T. da S. e José C.C. Teix.
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos.									
Boil Hol Holcraco Nap. - 1452	PO		4-1	67553	330	2.954	114,4	3,87	Carlos T. da S. e José C.C. Teix.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.									
Aurora - 1M	MR		-	46339	365	5.557	189,9	3,41	Agro. Pec. Suíço Brasileira Ltda
Nevada Muller Rosel - 1450	PO		6-13	52529	328	3.818	149,9	3,92	Carlos T. da S. e José C.C. Teix.
Raça Dinamarquesa									
Duas Ordenhas (2x)									
CLASSE AE - de 2 1/2 a 3 anos.									
Loreti S.J. - 184 - 1M	PO		2-10	66381	365	3.997	163,9	4,10	O. Olavo da Silva Barbosa
Raça Red-Poll									
Duas Ordenhas (2x)									
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.									
Beppo Fory 12 M - 17	PO		7-9	44953	365	3.019	109,8	3,63	Livio Palmieri
Raça Pitangueiras									
Duas Ordenhas (2x)									
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.									
Elgerta (S. 569) - 1M		12-5		34141	365	4.982	205,2	4,11	Agro. Pecuária C.F.M. Ltda.
Harrigley (P. 908) - 1M		-		50922	363	4.453	183,1	4,11	Agro. Pecuária C.F.M. Ltda.
Hepura I (S. 107) - 1M		12-0		61729	365	3.958	171,6	4,33	Agro. Pecuária C.F.M. Ltda.
Castilho (C. 388) - 1M		11-8		35573	314	3.618	152,0	4,20	Agro. Pecuária C.F.M. Ltda.
Pavilionas (T. 841)		5-3		54738	365	3.219	133,3	4,13	Agro. Pecuária C.F.M. Ltda.
Aurora (S. 777)		8-9		41990	365	3.678	136,7	4,11	Agro. Pecuária C.F.M. Ltda.
Socora (S. 899)		-		61741	365	3.020	118,2	3,91	Agro. Pecuária C.F.M. Ltda.
Alfange (S. 865)		-		48048	323	2.293	91,2	3,97	Agro. Pecuária C.F.M. Ltda.
Lucas (S. 733)		8-3		44871	312	1.959	81,1	4,13	Agro. Pecuária C.F.M. Ltda.
Raça Gír									
Três Ordenhas (3x)									
CLASSE E - Adultas de mais de 5 anos.									
Roger de Brasília - Conf. 1715 - 1M	BE		6-4	55695	365	4.165	200,2	4,80	Rubens Resende Peres
Libra de Brasília - O-6384 - 1M	BE		8-11	45703	365	3.967	199,9	5,03	Rubens Resende Peres
Unicoma de Brasília - M-464	BE		10-9	47016	365	3.877	180,8	4,66	Rubens Resende Peres
Jesuão de Brasília - S-4-889	BE		8-8	47977	357	3.568	179,1	5,01	Rubens Resende Peres
Narciso de Brasília - P-7893	BE		10-7	48997	365	3.483	165,9	4,76	Rubens Resende Peres
Iza de Brasília - O-8390	BE		8-10	48410	335	3.354	155,2	4,62	Rubens Resende Peres
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.									
Ida - S/4259	PO		3-10	67662	325	2.018	85,7	4,24	Tasso Assunção Costa
CLASSE D - Adultas de 5 a 6 anos.									
Ortina de Brasília - Conf. 1791	BE		5-10	67040	365	2.968	123,4	4,16	Arthur S. M. Filizola
Teclina - S/3813	BE		3-0	67327	311	2.749	108,4	3,94	João Lucio Resende e Outros
Metabolita da Calceolinda - P-9380	BE		3-3	68504	365	2.710	126,8	4,67	Gabriel Tonato de Andrade
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos.									
Rebecca - S/1134	BE		7-0	66458	365	3.327	130,5	3,92	Arthur S. M. Filizola
Henrique - S/671	BE		7-4	50477	357	3.168	140,5	4,43	Ricardo Francisco P. Barretto
Amador - S/9350	BE		8-6	67039	333	2.551	117,2	3,57	Arthur S. M. Filizola
Joana	BE		11-0	46382	365	2.935	140,5	4,78	Soc. de Francisco F. Barretto
Porta - 1143	BE		8-0	60880	365	2.780	127,6	4,59	Soc. de Francisco F. Barretto
Tifa	BE		-	67060	328	2.093	92,4	4,41	Tasso Assunção Costa

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg	%	PROPRIETÁRIO
Girolando								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE II - Adultas de mais de 6 anos. Batalha de São. Cruz - LM	1/2	8-11	66626	365	6.926	313,4	4,52	Fernando José Santos
Raça Búfala								
Duas Ordenhas (2x)								
CLASSE II - Adultas de mais de 6 anos. Cuneta 29 - 1259	NR	-	67483	310	1.791	147,5	8,23	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
Prainha 29 - 20	NR	-	38966	328	1.714	134,3	7,83	Faz. Sant'Ana do R. Abaixo S/A.
LE - LIVRO DE ESCOL.								
LM - LIVRO DE MÊITO								

Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade anos/meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca						
Valmir Espinelli de Oliveira e Irmãos, Lavrinhas, Est. de São Paulo, Controle em 11/2/82, regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.						
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-9	99	328	20,0	2,90
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-7	100	330	20,0	3,22
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-10	20	55	28,0	3,03
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	6-8	20	55	24,0	3,33
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-3	20	55	29,0	2,66
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	2-5	20	54	23,0	2,73
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-11	60	205	26,0	3,06
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-0	70	203	22,0	3,70
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-1	60	203	21,0	3,55
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-11	70	232	23,0	3,14
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	6-9	70	228	36,0	2,99
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-8	70	253	21,0	3,70
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-0	90	248	21,0	3,39
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-7	100	285	22,0	1,61
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-11	100	284	21,0	1,29
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-7	40	106	22,0	3,17
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-0	90	161	24,0	3,20
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-0	90	160	28,0	2,74
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-7	50	153	23,0	3,18
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-0	50	143	24,0	3,16
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-8	50	127	24,0	3,31
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-10	60	207	21,0	2,91
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-11	60	193	22,0	3,30
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	6-10	60	170	27,0	2,89
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-0	50	167	25,0	2,79
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-10	70	211	28,0	2,60
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-9	70	210	21,0	3,73
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	-	10	33	24,0	2,93
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-3	10	19	29,0	3,06
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	-	10	15	20,0	2,93
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	8-8	30	98	30,0	3,03
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-11	30	88	27,0	3,00
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-4	30	83	24,0	2,74
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	6-6	30	76	20,0	2,52
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-4	30	73	18,0	2,43
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-7	40	158	23,0	3,22
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	2-7	40	150	21,0	3,06
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	2-6	40	136	22,0	3,15
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-9	40	135	28,0	2,94
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-5	30	108	22,0	3,25
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-9	40	107	20,0	3,80
R/A. Par. Paraiso Agro. Pecuária, São João do Bos Vista, Est. de São Paulo, Controle em 1/2/82, regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.						
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-1	80	227	15,0	1,77
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-4	80	100	15,0	1,58
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-0	70	194	15,0	2,75
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-0	70	159	21,0	2,66
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-1	60	166	26,0	3,28
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-2	60	124	18,0	3,88
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-2	10	16	20,0	2,55
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-1	30	166	16,0	3,00
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-10	60	160	18,0	3,51
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-8	70	181	19,0	3,58
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-7	70	191	17,0	3,02
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-10	20	66	24,0	3,38
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	13-4	10	23	19,0	2,98
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	8-8	70	280	16,0	4,21
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-11	40	113	16,0	3,98
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-11	20	204	15,0	3,24
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	8-1	50	151	20,0	3,55
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	8-1	50	123	18,0	3,13
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-7	20	123	21,0	4,41
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-1	20	197	18,0	3,24
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-4	20	190	15,0	2,25
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-2	10	20	11,0	8,01
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-2	70	181	20,0	3,53
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-2	60	170	17,0	3,28

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade anos/meses	Con-trole	Dias de lactação	Leite %
Raça Holandesa — variedade vermelha e branca						
Dr. Antônio da Matta, Itapira, Est. de São Paulo, Controle em 11/2/82, regime de pasto com ração suplementar. 3 e 5 ordenhas.						
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-9	99	328	20,0	2,90
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-7	100	330	20,0	3,22
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-10	20	55	28,0	3,03
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	6-8	20	55	24,0	3,33
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-3	20	55	29,0	2,66
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	2-5	20	54	23,0	2,73
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-11	60	205	26,0	3,06
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-0	70	203	22,0	3,70
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-1	60	203	21,0	3,55
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-11	70	232	23,0	3,14
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	6-9	70	228	36,0	2,99
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-8	70	253	21,0	3,70
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-0	90	248	21,0	3,39
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-7	100	285	22,0	1,61
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-11	100	284	21,0	1,29
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-7	40	106	22,0	3,17
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-0	90	161	24,0	3,20
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-0	90	160	28,0	2,74
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-7	50	153	23,0	3,18
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-0	50	143	24,0	3,16
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-8	50	127	24,0	3,31
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-10	60	207	21,0	2,91
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-11	60	193	22,0	3,30
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	6-10	60	170	27,0	2,89
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-0	50	167	25,0	2,79
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-10	70	211	28,0	2,60
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-9	70	210	21,0	3,73
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	-	10	33	24,0	2,93
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-3	10	19	29,0	3,06
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	-	10	15	20,0	2,93
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	8-8	30	98	30,0	3,03
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-11	30	88	27,0	3,00
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-4	30	83	24,0	2,74
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	6-6	30	76	20,0	2,52
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-4	30	73	18,0	2,43
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-7	40	158	23,0	3,22
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	2-7	40	150	21,0	3,06
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	2-6	40	136	22,0	3,15
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-9	40	135	28,0	2,94
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-5	30	108	22,0	3,25
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-9	40	107	20,0	3,80
Dr. Antônio da Matta, Itapira, Est. de São Paulo, Controle em 11/2/82, regime de pasto com ração suplementar. 3 e 5 ordenhas.						
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-1	80	227	15,0	1,77
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-4	80	100	15,0	1,58
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-0	70	194	15,0	2,75
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-0	70	159	21,0	2,66
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-1	60	166	26,0	3,28
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-2	60	124	18,0	3,88
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-2	10	16	20,0	2,55
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	4-1	30	166	16,0	3,00
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-10	60	160	18,0	3,51
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-8	70	181	19,0	3,58
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-7	70	191	17,0	3,02
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	3-10	20	66	24,0	3,38
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	13-4	10	23	19,0	2,98
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	8-8	70	280	16,0	4,21
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-11	40	113	16,0	3,98
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-11	20	204	15,0	3,24
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	8-1	50	151	20,0	3,55
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	8-1	50	123	18,0	3,13
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-7	20	123	21,0	4,41
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-1	20	197	18,0	3,24
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-4	20	190	15,0	2,25
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-2	10	20	11,0	8,01
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	5-2	70	181	20,0	3,53
Par. Elev. Tolstar Martine	PO	7-2	60	170	17,0	3,28

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Idade de meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%
Valéria do São Gotardo	11/12	6-2	50	128	20,0	4,06
Valéria do São Gotardo	11/12	6-5	70	193	18,0	4,06
Valéria do São Gotardo	11/12	7-0	50	158	18,0	3,99
Valéria do São Gotardo	11/12	6-3	60	178	15,0	3,64
Valéria do São Gotardo	11/12	5-11	50	262	15,0	3,21
Alfa do São Gotardo	11/12	8-1	70	140	21,0	3,70
Alfa do São Gotardo	11/12	6-1	50	140	17,0	3,86
Alfa do São Gotardo	11/12	6-1	90	272	14,0	3,76
Alfa do São Gotardo	11/12	-	70	201	14,0	3,51
Alfa do São Gotardo	11/12	5-2	60	163	19,0	4,43
Alfa do São Gotardo	11/12	6-1	60	102	15,0	3,24
Alfa do São Gotardo	11/12	6-0	60	143	14,0	3,59
Alfa do São Gotardo	11/12	6-0	70	134	18,0	3,68
Alfa do São Gotardo	11/12	6-2	60	165	17,0	3,44
Alfa do São Gotardo	11/12	5-4	70	201	20,0	4,29
Alfa do São Gotardo	11/12	6-4	50	134	14,0	3,78
Alfa do São Gotardo	11/12	6-0	70	204	16,0	3,56
Alfa do São Gotardo	11/12	6-1	60	175	18,0	4,14
Alfa do São Gotardo	11/12	3-1	60	305	14,0	3,46
Alfa do São Gotardo	11/12	2-1	70	218	18,0	3,95
Alfa do São Gotardo	11/12	4-4	60	161	17,0	4,04
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	40	122	22,0	3,50
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	40	124	18,0	3,27
Alfa do São Gotardo	11/12	5-0	40	180	15,0	3,70
Alfa do São Gotardo	11/12	5-0	70	195	17,0	3,25
Alfa do São Gotardo	11/12	5-0	70	90	20,0	3,85
Alfa do São Gotardo	11/12	7-1	20	45	15,0	3,57
Alfa do São Gotardo	11/12	6-0	40	111	21,0	3,48
Alfa do São Gotardo	11/12	5-7	30	265	17,0	3,75
Alfa do São Gotardo	11/12	6-0	40	118	17,0	3,65
Alfa do São Gotardo	11/12	6-4	20	51	17,0	3,89
Alfa do São Gotardo	11/12	5-4	70	186	21,0	3,46
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	2-5	50	129	16,0	2,78
Alfa do São Gotardo	11/12	4-0	60	163	16,0	3,43
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	3-10	30	61	20,0	3,05
Alfa do São Gotardo	11/12	3-11	30	74	21,0	3,17
Alfa do São Gotardo	11/12	7-1	30	238	14,0	4,08
Alfa do São Gotardo	11/12	7-0	20	47	20,0	3,54
Alfa do São Gotardo	11/12	6-0	20	50	20,0	2,98
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	70	185	14,0	2,36
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 6/2/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	11-1	30	61	22,0	3,34
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	52	18,0	3,44
Alfa do São Gotardo	11/12	6-11	20	48	19,0	3,35
Alfa do São Gotardo	11/12	6-4	50	152	19,0	4,15
Alfa do São Gotardo	11/12	6-4	30	94	18,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	10-5	30	69	20,0	3,36
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-11	30	246	14,0	3,60
Alfa do São Gotardo	11/12	6-0	60	192	16,0	3,24
Alfa do São Gotardo	11/12	6-10	70	221	16,0	3,66
Alfa do São Gotardo	11/12	6-2	120	295	18,0	3,54
Alfa do São Gotardo	11/12	6-0	130	234	16,0	3,79
Alfa do São Gotardo	11/12	3-10	100	260	18,0	3,60
Alfa do São Gotardo	11/12	5-3	40	125	16,0	3,44
Alfa do São Gotardo	11/12	6-10	100	301	14,0	3,20
Alfa do São Gotardo	11/12	7-1	90	253	14,0	3,50
Alfa do São Gotardo	11/12	6-9	20	65	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	6-1	90	137	12,0	3,11
Alfa do São Gotardo	11/12	6-1	90	230	15,0	3,70
Alfa do São Gotardo	11/12	6-2	50	154	16,0	3,73
Alfa do São Gotardo	11/12	5-7	60	187	15,0	3,08
Alfa do São Gotardo	11/12	5-10	20	65	20,0	3,09
Alfa do São Gotardo	11/12	5-9	20	45	16,0	3,33
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	70	197	18,0	3,01
Alfa do São Gotardo	11/12	5-7	70	47	19,0	3,13
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	5-2	60	165	13,0	4,02
Alfa do São Gotardo	11/12	7-0	60	157	15,0	3,39
Alfa do São Gotardo	11/12	4-4	60	232	12,0	3,17
Alfa do São Gotardo	11/12	3-9	50	127	10,0	3,35
Alfa do São Gotardo	11/12	7-0	60	133	22,0	3,07
Alfa do São Gotardo	11/12	8-0	60	112	25,0	2,79
Alfa do São Gotardo	11/12	4-0	70	76	22,0	2,70
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	70	23	17,0	2,80
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	70	63	21,0	2,93
Alfa do São Gotardo	11/12	6-9	20	53	17,0	2,90
Alfa do São Gotardo	11/12	8-10	20	50	20,0	1,97
Alfa do São Gotardo	11/12	5-2	70	40	26,0	3,29
Alfa do São Gotardo	11/12	11-2	30	23	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-10	30	11	22,0	3,33
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 26/3/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-4	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	5-1	50	191	21,0	3,15
Alfa do São Gotardo	11/12	10-11	40	122	13,0	3,13
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	212	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo	11/12	3-4	60	184	21,0	3,59
Geração Alfa e Gêmeos Alfa do São Paulo. Controle em 11/12/92. Regime de parto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Alfa do São Gotardo	11/12	6-3	60	179	17,0	3,36
Alfa do São Gotardo	11/12	5-11	30	164	13,0	3,45
Alfa do São Gotardo						

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %		NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite %	
Calças Paragon, Franco, Est. de São Paulo, Controle em 18/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								José Mario Junqueira Netto, Crilândia, Est. de São Paulo, Controle em 22/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Isaely Rodopet	POCO		8-4	89	237	21,0	4,13	S.M. Oyda Outcham Rock	PO		2-5	19	32	21,0	3,98
Isaely Rodopet	11/22		8-2	69	194	20,0	3,71	J.P.R. Hostia	PO		7-6	19	30	22,0	2,76
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-11	29	76	18,0	3,30	S.M. Leila Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	POCO		2-1	89	237	15,0	3,89	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Ana Citation M. de S. Rodopet	QCB		6-11	99	251	17,0	3,40	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	11/22		6-8	49	124	16,0	3,38	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Quadrilha Rylamaster de G. G. Rodopet	PO		8-1	19	17	17,0	3,69	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Carina Rodopet	POCO		2-2	89	233	15,0	3,45	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Adara Rodopet	11/22		5-1	49	124	20,0	3,53	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	POCO		2-4	89	230	16,0	3,47	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	POCO		2-2	89	233	15,0	3,45	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	11/22		6-7	69	163	20,0	3,30	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	QCB		5-8	19	11	25,0	2,99	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	QCB		9-2	49	110	25,0	2,99	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		2-6	99	266	15,0	4,06	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		4-4	89	225	18,0	3,46	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		2-9	49	47	22,0	3,20	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		2-11	99	262	15,0	3,75	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-8	89	235	19,0	3,29	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		7-10	99	303	25,0	3,79	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		6-9	99	266	15,0	3,46	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		7-4	69	185	20,0	3,20	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		10-9	69	179	20,0	3,64	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	11/22		2-8	49	106	26,0	3,47	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	11/22		6-5	69	173	22,0	3,06	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Dr. José Benício de Farias, Est. de São Paulo, Controle em 5/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								Carlos Eduardo Gomes, Crilândia, Est. de São Paulo, Controle em 14/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-11	99	279	14,0	2,84	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		2-5	89	228	14,0	3,05	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		9-11	29	36	17,0	2,71	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		2-5	29	139	16,0	3,14	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-4	29	143	15,0	3,06	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		8-1	29	83	14,0	2,74	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		2-9	29	46	13,0	3,18	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		2-9	29	54	16,0	3,29	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		3-10	19	12	23,0	2,77	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-5	19	15	15,0	2,46	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet	PO		1-8	19	17	15,0	1,48	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-8	18	23	25,0	2,93
Isaely Rodopet, Est. de São Paulo, Controle em 14/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								Isaely Rodopet, Est. de São Paulo, Controle em 14/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Isaely Rodopet	11/22		7-2	19	11	16,0	1,43	Isaely Rodopet	11/22		7-2	19	11	16,0	1,43
Isaely Rodopet, Est. de São Paulo, Controle em 14/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								Isaely Rodopet, Est. de São Paulo, Controle em 14/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Isaely Rodopet	POCO		6-9	19	34	22,0	3,18	Isaely Rodopet	POCO		6-9	19	34	22,0	3,18
Isaely Rodopet	PO		10-10	59	138	19,0	1,74	Isaely Rodopet	PO		10-10	59	138	19,0	1,74
Isaely Rodopet	PO		9-4	69	194	19,0	2,47	Isaely Rodopet	PO		9-4	69	194	19,0	2,47
Isaely Rodopet	PO		5-11	19	21	18,0	3,25	Isaely Rodopet	PO		5-11	19	21	18,0	3,25
Isaely Rodopet	QCB		4-9	19	15	24,0	3,37	Isaely Rodopet	QCB		4-9	19	15	24,0	3,37
Isaely Rodopet	POCO		11-9	19	13	20,0	3,29	Isaely Rodopet	POCO		11-9	19	13	20,0	3,29
Isaely Rodopet	QCB		3-1	29	43	21,0	2,76	Isaely Rodopet	QCB		3-1	29	43	21,0	2,76
Isaely Rodopet	PO		4-6	29	65	18,0	2,91	Isaely Rodopet	PO		4-6	29	65	18,0	2,91
Isaely Rodopet	PO		6-3	29	37	21,0	1,43	Isaely Rodopet	PO		6-3	29	37	21,0	1,43
Dr. José Valério Pereira, Est. de São Paulo, Controle em 16/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								Pedro Martins de Barros, Est. de São Paulo, Controle em 5/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
S.M. Rita Raposo Rodopet	POCO		6-4	19	16	34,0	3,50	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-6	199	117	19,0	4,29
S.M. Rita Raposo Rodopet	QCB		2-10	19	29	27,0	2,79	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-7	199	117	19,0	4,29
S.M. Rita Raposo Rodopet	POCO		2-10	19	40	22,0	2,78	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		4-5	19	23	25,0	2,93
S.M. Rita Raposo Rodopet	POCO		5-5	29	57	27,0	2,77	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-3	119	253	14,0	1,59
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-6	29	66	15,0	3,58	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-4	119	253	14,0	1,59
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		8-4	129	365	14,0	2,78	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		4-0	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		6-2	119	347	15,0	3,97	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-1	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		4-10	109	301	13,0	3,70	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-7	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		5-10	99	269	30,0	3,16	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-8	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		4-3	89	235	23,0	2,97	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-1	229	221	23,0	1,29
S.M. Rita Raposo Rodopet	POCO		5-0	79	205	14,0	3,19	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-10	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-6	79	201	18,0	3,41	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-1	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		7-7	79	197	18,0	3,40	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-8	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-3	79	200	20,0	2,85	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-1	229	221	23,0	1,29
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-8	69	194	16,0	3,50	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-10	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	QCB		3-2	69	177	22,0	3,36	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-10	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-10	69	170	24,0	3,34	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-10	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		4-6	69	167	23,0	2,83	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-10	79	224	18,0	3,37
S.M. Rita Raposo Rodopet	POCO		6-1	99	154	21,0	2,80	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-10	79	224	18,0	3,37
Dr. José Valério Pereira, Est. de São Paulo, Controle em 17/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								Dr. José Valério Pereira, Est. de São Paulo, Controle em 17/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
S.M. Rita Raposo Rodopet	POCO		5-10	19	6	18,0	4,77	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-6	199	117	19,0	4,29
S.M. Rita Raposo Rodopet	POCO		3-2	19	8	17,0	4,12	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-7	199	117	19,0	4,29
S.M. Rita Raposo Rodopet	POCO		2-1	19	36	14,0	1,64	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		2-3	119	253	14,0	1,59
S.M. Rita Raposo Rodopet	11/22		3-1	29	124	14,0	1,30	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-4	119	253	14,0	1,59
S.M. Rita Raposo Rodopet	POCO		7-5	99	151	18,0	2,90	S.M. Rita Raposo Rodopet	PO		3-4	119	253	14,0	1,59
Dr. José Valério Pereira, Est. de São Paulo, Controle em 18/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								Dr. José Valério Pereira, Est. de São Paulo, Controle em 18/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Isaely Rodopet	PO		3-6	99	211	19,0	3,50	Isaely Rodopet	PO		3-10	29	95	23,0	5,53
Isaely Rodopet	PO		4-6	29	69	19,0	2,62	Isaely Rodopet	PO		9-10	29	47	25,0	1,19
Isaely Rodopet	PO		6-10	29	71	18,0	3,72	Isaely Rodopet	PO		10-10	29	47	25,0	1,19
Isaely Rodopet	PO		3-10	29	127	18,0	3,58	Isaely Rodopet	PO		10-10	29	47	25,0	1,19
Isaely Rodopet	PO		6-1	19	16	19,0	2,92	Isaely Rodopet	PO		10-10	29	47	25,0	1,19
Isaely Rodopet	PO		2-1	29	44	14,0	3,50	Isaely Rodopet	PO		10-10	29	47	25,0	1,19
Isaely Rodopet	PO		9-3	29	39	19,0	1,12	Isaely Rodopet	PO		10-10	29			

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Con-trole	Dias de lactação	% de Leite
Berenice Aguiar de S.A. S/A, Crist. das Palmeiras, Est. de São Paulo, Controle em 11/2/52, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Ursula A. G.	OC1	2-7	40	117	22,0 3,75
Valia A. G.	OC1	2-8	30	80	18,0 3,21
Wanda A. G.	OC1	2-5	20	13	14,0 3,78
Odineira A. G.	OC8	8-5	10	9	32,0 3,33
Debora A. G.	OC1	2-8	10	19	34,0 2,36
Tiana A. G.	OC2	2-9	10	4	33,0 3,85
Thaísara A. G.	OC1	2-5	10	5	23,0 3,77
Natuzia A. G.	POC0	2-2	118	330	13,0 5,56
Thaís A. G.	OC2	2-7	110	340	14,0 4,38
Sara A. G.	OC2	2-7	80	241	22,0 4,77
Tuci A. G.	OC2	2-9	30	228	18,0 3,61
Marcelina A. G.	OC8	4-11	70	184	22,0 3,63
Deina A. G.	OC8	2-4	70	211	20,0 3,47
Orlupa A. G.	OC2	2-4	70	209	19,0 3,38
Orlypata A. G.	OC2	2-2	70	204	18,0 3,43
Selma A. G.	OC8	6-0	60	167	21,0 4,77
Quinea A. G.	OC8	6-0	60	160	28,0 3,12
Ruana A. G.	OC8	6-11	60	180	27,0 3,30
Isaura A. G.	OC2	2-1	50	121	18,0 3,56
Odineira A. G.	OC2	2-6	40	94	20,0 3,68
Dr. Joaquim Pereira Rocha, Est. de São Paulo, Controle em 22/2/52, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.					
Flamenguela Trê Sula Jr.	PO	3-4	10	21	29,0 3,70
J.P.R. Nogueira	PO	3-4	10	24	21,0 3,93
J.P.R. Netal	PO	3-5	20	43	27,0 3,54
J.P.R. Nogueira	PO	3-8	20	86	23,0 4,34
Priscila Willard Heston	PO	7-2	30	106	36,0 3,37
J.P.R. Nogueira	PO	3-11	10	5	31,0 3,22
Nezly Elly, Leida	PO	6-2	20	88	32,0 3,78
Nezly Valley G. Hiss Elly	PO	3-8	40	120	36,0 3,31
J.P.R. Nogueira	PO	7-3	80	142	19,0 3,64
J.P.R. Nogueira	PO	7-4	40	104	25,0 3,18
Orlypata A. G.	PO	3-9	50	140	38,0 3,58
Orlypata A. G.	PO	4-4	60	161	24,0 3,51
Orlypata A. G.	PO	4-4	60	168	23,0 3,20
A. Pomeroy Hiss C. Jr.	PO	5-6	20	48	35,0 3,63
J.P.R. Nogueira	PO	8-0	10	5	27,0 3,94
J.P.R. Nogueira	PO	6-8	20	112	29,0 3,42
J.P.R. Nogueira	PO	6-8	20	102	26,0 3,44
J.P.R. Nogueira	PO	3-5	50	148	21,0 3,49
Nezly-Thomas R. Hiss	PO	3-10	40	110	36,0 3,20
J.P.R. Nogueira	PO	3-8	20	43	32,0 3,47
J.P.R. Nogueira	PO	8-2	20	49	29,0 3,47
Wanda B. Hiss	PO	8-2	40	112	31,0 3,23
Priscila Hiss Hiss	PO	3-5	10	2	31,0 3,23
J.P.R. Nogueira	PO	3-5	50	151	24,0 3,73
J.P.R. Nogueira	PO	5-11	20	42	31,0 3,33
J.P.R. Nogueira	PO	2-4	80	83	32,0 3,47
J.P.R. Nogueira	PO	2-4	70	201	18,0 3,63
Orlypata A. G.	PO	8-4	40	118	25,0 3,38
J.P.R. Nogueira	PO	2-1	30	84	21,0 3,57
J.P.R. Nogueira	PO	3-7	20	30	19,0 3,52
J.P.R. Nogueira	PO	4-4	10	142	38,0 3,58
J.P.R. Nogueira	PO	4-4	10	108	30,0 3,22
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	72	23,0 3,49
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	88	18,0 3,75
J.P.R. Nogueira	PO	3-2	20	78	19,0 3,56
J.P.R. Nogueira	PO	2-4	20	71	28,0 3,82
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	40	177	23,0 3,43
J.P.R. Nogueira	PO	2-4	20	73	26,0 3,52
J.P.R. Nogueira	PO	2-5	20	48	25,0 3,66
J.P.R. Nogueira	PO	4-4	20	290	23,0 3,63
J.P.R. Nogueira	PO	3-2	20	198	24,0 3,77
J.P.R. Nogueira	PO	3-2	20	85	21,0 3,67
J.P.R. Nogueira	PO	3-3	20	181	28,0 3,18
J.P.R. Nogueira	PO	2-3	20	70	19,0 3,49
J.P.R. Nogueira	PO	4-4	20	41	31,0 3,82
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	209	23,0 3,38
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	124	26,0 3,38
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	127	26,0 3,82
Nezly-Thomas R. Hiss	PO	4-3	40	108	24,0 3,25
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	120	27,0 3,21
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	180	26,0 3,42
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	175	26,0 3,59
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	88	23,0 3,47
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	171	29,0 3,78
Wanda B. Hiss	PO	2-1	40	116	18,0 3,74
J.P.R. Nogueira	PO	2-1	50	203	18,0 3,40
J.P.R. Nogueira	PO	4-4	80	180	25,0 3,70
J.P.R. Nogueira	PO	3-2	20	243	21,0 3,42
J.P.R. Nogueira	PO	3-2	20	120	38,0 3,48
J.P.R. Nogueira	PO	3-4	80	234	22,0 3,48
J.P.R. Nogueira	PO	6-2	30	133	24,0 3,61
J.P.R. Nogueira	PO	3-4	20	86	38,0 3,52
J.P.R. Nogueira	PO	3-4	20	206	25,0 3,42
J.P.R. Nogueira	PO	3-4	20	75	26,0 3,29
J.P.R. Nogueira	PO	3-4	20	180	27,0 3,42
J.P.R. Nogueira	PO	3-5	20	33	37,0 3,23
Dez Tessa Hiss Hiss	PO	7-3	40	177	28,0 3,24
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	78	32,0 3,33
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	258	36,0 3,20
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	181	24,0 3,43
J.P.R. Nogueira	PO	3-3	20	85	27,0 3,47
J.P.R. Nogueira	PO	3-7	40	107	30,0 3,43
J.P.R. Nogueira	PO	3-3	20	88	27,0 3,43
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	208	18,0 3,74
J.P.R. Nogueira	PO	2-2	20	189	18,0 3,56
J.P.R. Nogueira	PO	4-7	80	84	31,0 3,70
Dona Margarete Costa, Colônia S/A, Est. de São Paulo, Controle em 8/2/52, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Imperatriz	PO	10-4	60	171	13,0 3,79
Imperatriz	PO	10-6	20	30	14,0 3,63

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Con-trole	Dias de lactação	% de Leite
Antonio Josino Mirelles, Est. de São Paulo, Controle em 12/2/52, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Fial Vianeira Elitina Thom. PO	5-0	10	23	28,0 2,82	
Fial Voltaria Cutilera Est. PO	4-4	10	25	22,0 2,88	
Fial 218 Emeline Victor PO	4-8	10	28	22,0 2,80	
Haydée Kautenodj, Est. de São Paulo, Controle em 29/2/52, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Alma S. E.	POC0	5-5	40	102	17,0 3,12
Cheney Vinodora	POC0	5-4	10	20	23,0 2,88
Curio Vinodora	POC0	5-5	10	9	17,0 3,16
Dora Vinodora	POC0	4-9	10	20	20,0 2,49
Enrika Vinodora	POC0	4-0	10	26	17,0 3,74
Enrika Vinodora	POC0	4-10	10	5	17,0 3,44
Enrika Vinodora	POC0	3-10	10	6	24,0 3,26
Enrika Vinodora	POC0	3-11	10	177	14,0 3,31
Enrika Vinodora	POC0	4-9	10	263	15,0 3,81
Enrika Vinodora	POC0	5-3	20	51	16,0 3,83
Enrika Vinodora	POC0	10-9	30	101	14,0 3,30
Enrika Vinodora	POC0	5-9	50	126	17,0 2,80
Enrika Vinodora	OC1	4-10	30	71	16,0 3,58
Enrika Vinodora	POC0	4-5	60	177	15,0 3,79
Enrika Vinodora	OC1	4-5	70	189	15,0 3,82
Enrika Vinodora	POC0	3-8	20	40	13,0 3,43
Enrika Vinodora	OC1	3-9	20	191	15,0 3,44
Enrika Vinodora	POC0	3-8	60	189	13,0 3,77
Enrika Vinodora	POC0	4-7	60	156	15,0 3,49
Enrika Vinodora	POC0	2-7	20	20	14,0 3,34
Enrika Vinodora	POC0	3-4	40	119	14,0 3,22
Enrika Vinodora	POC0	6-4	80	239	16,0 3,56
Enrika Vinodora	POC0	3-7	60	174	14,0 3,52
Enrika Vinodora	POC0	3-7	60	208	16,0 3,51
Enrika Vinodora	POC0	6-3	60	178	14,0 3,48
Enrika Vinodora	POC0	5-8	40	119	16,0 3,48
Enrika Vinodora	POC0	5-4	50	143	19,0 2,79
Enrika Vinodora	POC0	3-12	60	162	13,0 4,83
Enrika Vinodora	POC0	8-4	70	188	15,0 3,41
Capitão Vasco M. de Azevedo, Est. de São Paulo, Controle em 24/2/52, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
S.A. Elitina 132 P. de S. PO	2-6	60	188	19,0 3,36	
S.A. Elitina 139 Cur. PO	1-8	60	184	18,0 2,77	
S.A. Elitina 143 Cur. de M. PO	3-1	50	172	26,0 3,82	
Quadrado Cur. de S.A. OC4	2-8	50	171	19,0 3,47	
Quadrado Cur. de S.A. OC1	3-1	50	163	19,0 3,43	
S.A. Elitina 1374 Cur. PO	2-3	40	107	15,0 3,43	
S.A. Elitina 140 Cur. de S.A. PO	3-7	40	106	26,0 3,50	
P. Elitina 140 Cur. de S.A. PO	6-4	20	57	13,0 3,76	
Clá. Aguiar de S.A. Est. de São Paulo, Controle em 18/2/52, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Elly A. G.	OC2	3-8	80	266	15,0 3,78
S.A. Elitina 139 Cur. PO	2-10	80	261	14,0 3,68	
S.A. Elitina 143 Cur. de M. PO	3-1	50	172	26,0 3,82	
Quadrado Cur. de S.A. OC4	2-8	50	171	19,0 3,47	
Quadrado Cur. de S.A. OC1	3-1	50	163	19,0 3,43	
S.A. Elitina 1374 Cur. PO	2-3	40	107	15,0 3,43	
S.A. Elitina 140 Cur. de S.A. PO	3-7	40	106	26,0 3,50	
P. Elitina 140 Cur. de S.A. PO	6-4	20	57	13,0 3,76	
Márcia Jurgens de Azevedo, Est. de São Paulo, Controle em 18/2/52, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Nezly-Thomas R. Hiss	PO	6-4	60	218	15,0 3,46
Nezly-Thomas R. Hiss	PO	10-2	70	210	13,0 3,48
T.N.L. Charles Granja PO	PO	4-8	10	12	18,0 3,00
Olinda Lina	OC3	7-3	20	45	14,0 3,28
Guerra Lina	POC0	6-3	20	31	19,0 3,52
Wanda Lina	OC1	7-7	20	33	18,0 4,20
Wanda Lina	POC0	10-2	90	269	15,0 3,43
Wanda Lina	POC0	4-3	90	258	13,0 3,58
Wanda Lina	POC0	8-5	90	298	14,0 3,31
Wanda Lina	POC0	7-11	80	243	14,0 4,11
Wanda Lina	OC1	6-2	70	212	16,0 3,41
Wanda Lina	OC2	6-0	70	212	13,0 4,81
Maria Lúcia Pereira Silva, Est. de São Paulo, Controle em 1/2/52, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.					
Paraná Cur. de S.A. PO	5-2	100	303	18,0 3,62	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-10	90	282	13,0 3,80	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-9	90	245	17,0 3,41	
Paraná Cur. de S.A. PO	2-8	90	245	15,0 3,84	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-10	90	246	15,0 3,84	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-11	80	240	17,0 3,45	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-12	80	243	16,0 3,93	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-12	80	228	19,0 3,58	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-12	80	225	14,0 4,48	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-12	80	226	22,0 3,68	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-12	80	217	17,0 4,77	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-8	70	197	15,0 4,30	
Paraná Cur. de S.A. PO	3-3	70	193	22,0 4,30	
Paraná Cur. de S.A. PO	2-8	70	220	16,0 4,18	
Paraná Cur. de S.A. PO	2-8	70	216	16	

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Gertrude Lindley M.L.	31/32	5-1	39	73	26,0	3,01	
Jaqueta Furbach M.L.	31/32	3-3	39	70	23,0	3,92	
Isadora	NR	-	20	45	23,0	4,08	
Jojo First-Million M.L.	POCO	3-10	29	56	26,0	3,32	
Levina	NR	-	20	58	27,0	3,23	
Levina	NR	-	20	49	23,0	3,79	
Levina First-Million	POCO	3-10	29	29	33,0	3,50	
Levina Diplomata M. L.	31/32	7-0	10	27	30,0	2,75	
Lyda Bando M.L.	31/32	4-10	19	6	34,0	3,43	
Lyda American M.L.	31/32	5-5	19	16	32,0	3,03	
Roberto Calmon de Barros Barreto, Desalvado, Est. de São Paulo, Controle em 17/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Assisina Beita	31/32	4-7	59	150	18,0	3,60	
Assisina Beita	PO	7-2	70	232	24,0	3,37	
Assisina Beita	POCO	4-4	80	246	15,0	4,44	
Assisina Beita	POCO	8-4	50	148	15,0	4,21	
Assisina Beita	POCO	4-8	80	247	19,0	4,00	
Assisina Beita	POCO	8-1	60	199	13,0	4,35	
Assisina Beita	31/32	5-0	40	128	17,0	4,15	
Assisina Beita	POCO	5-4	10	12	27,0	3,53	
Assisina Beita	POCO	5-0	10	4	16,0	2,54	
Assisina Beita	POCO	7-1	30	86	22,0	3,36	
Assisina Beita	POCO	7-0	40	123	20,0	3,52	
Assisina Beita	POCO	6-9	50	162	20,0	4,78	
Assisina Beita	POCO	7-1	10	25	25,0	3,15	
Assisina Beita	POCO	5-1	80	264	15,0	4,45	
Assisina Beita	POCO	7-11	70	208	17,0	4,41	
Assisina Beita	POCO	5-7	10	20	25,0	4,64	
Assisina Beita	POCO	4-11	70	223	20,0	4,42	
Assisina Beita	POCO	4-6	70	226	15,0	3,92	
Assisina Beita	POCO	4-2	70	229	16,0	3,49	
Assisina Beita	POCO	3-11	80	278	20,0	3,90	
Assisina Beita	POCO	4-2	60	190	14,0	3,92	
Assisina Beita	POCO	4-5	10	18	15,0	3,78	
Assisina Beita	POCO	4-1	40	117	20,0	3,08	
Assisina Beita	POCO	4-2	10	12	18,0	2,71	
Assisina Beita	POCO	4-0	20	47	25,0	3,69	
Assisina Beita	POCO	3-8	40	133	16,0	3,88	
Assisina Beita	31/32	3-11	20	49	21,0	3,44	
Assisina Beita	POCO	3-1	80	278	15,0	3,76	
Assisina Beita	POCO	3-1	80	286	17,0	3,50	
Assisina Beita	POCO	3-4	30	107	17,0	3,70	
Assisina Beita	POCO	3-4	20	73	15,0	4,75	
Assisina Beita	POCO	-	10	18	16,0	3,69	
Assisina Beita	POCO	2-8	30	155	20,0	3,80	
Assisina Beita	POCO	-	30	253	11,0	3,87	
Assisina Beita	POCO	2-5	20	50	24,0	3,88	
Assisina Beita	POCO	2-5	30	105	15,0	4,16	
Assisina Beita	POCO	2-3	60	173	14,0	3,52	
Assisina Beita	POCO	0-8	50	178	14,0	3,90	
Assisina Beita	POCO	0-8	80	187	17,0	3,87	
Rise Agropecuária Ltda, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 16/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.							
J.P.R. Negroni	PO	2-2	49	163	15,0	2,11	
J.P.R. Negroni	PO	2-2	39	66	16,0	1,00	
J.P.R. Negroni	PO	5-1	10	33	21,0	3,44	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	20	62	22,0	3,34	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	60	167	15,0	3,32	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	60	104	17,0	3,11	
J.P.R. Negroni	PO	3-3	20	43	13,0	2,83	
J.P.R. Negroni	PO	3-0	60	183	13,0	2,72	
J.P.R. Negroni	PO	3-2	20	70	23,0	2,71	
J.P.R. Negroni	PO	4-7	70	183	20,0	3,00	
J.P.R. Negroni	PO	-	30	73	22,0	3,70	
J.P.R. Negroni	PO	-	10	41	20,0	3,31	
J.P.R. Negroni	PO	6-4	80	187	14,0	2,88	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	152	14,0	3,43	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	173	14,0	3,38	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	157	15,0	3,30	
J.P.R. Negroni	PO	2-4	30	95	16,0	3,12	
J.P.R. Negroni	PO	2-2	30	157	18,0	3,93	
J.P.R. Negroni	PO	8-1	30	64	18,0	3,25	
J.P.R. Negroni	PO	7-8	10	22	22,0	4,21	
J.P.R. Negroni	PO	6-3	20	91	20,0	3,44	
J.P.R. Negroni	PO	5-6	70	195	19,0	3,00	
J.P.R. Negroni	PO	5-5	60	182	13,0	3,32	
J.P.R. Negroni	PO	-	20	39	20,0	2,86	
J.P.R. Negroni	PO	5-3	70	194	17,0	3,24	
J.P.R. Negroni	PO	5-4	20	61	17,0	2,38	
J.P.R. Negroni	PO	4-11	70	131	18,0	3,17	
J.P.R. Negroni	PO	5-2	10	24	20,0	3,54	
J.P.R. Negroni	PO	4-5	80	240	18,0	3,10	
J.P.R. Negroni	PO	2-8	10	1	17,0	3,95	
Rise Agropecuária Ltda, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 16/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.							
J.P.R. Negroni	PO	2-2	49	163	15,0	2,11	
J.P.R. Negroni	PO	2-2	39	66	16,0	1,00	
J.P.R. Negroni	PO	5-1	10	33	21,0	3,44	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	20	62	22,0	3,34	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	60	167	15,0	3,32	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	60	104	17,0	3,11	
J.P.R. Negroni	PO	3-3	20	43	13,0	2,83	
J.P.R. Negroni	PO	3-0	60	183	13,0	2,72	
J.P.R. Negroni	PO	3-2	20	70	23,0	2,71	
J.P.R. Negroni	PO	4-7	70	183	20,0	3,00	
J.P.R. Negroni	PO	-	30	73	22,0	3,70	
J.P.R. Negroni	PO	-	10	41	20,0	3,31	
J.P.R. Negroni	PO	6-4	80	187	14,0	2,88	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	152	14,0	3,43	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	173	14,0	3,38	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	157	15,0	3,30	
J.P.R. Negroni	PO	2-4	30	95	16,0	3,12	
J.P.R. Negroni	PO	2-2	30	157	18,0	3,93	
J.P.R. Negroni	PO	8-1	30	64	18,0	3,25	
J.P.R. Negroni	PO	7-8	10	22	22,0	4,21	
J.P.R. Negroni	PO	6-3	20	91	20,0	3,44	
J.P.R. Negroni	PO	5-6	70	195	19,0	3,00	
J.P.R. Negroni	PO	5-5	60	182	13,0	3,32	
J.P.R. Negroni	PO	-	20	39	20,0	2,86	
J.P.R. Negroni	PO	5-3	70	194	17,0	3,24	
J.P.R. Negroni	PO	5-4	20	61	17,0	2,38	
J.P.R. Negroni	PO	4-11	70	131	18,0	3,17	
J.P.R. Negroni	PO	5-2	10	24	20,0	3,54	
J.P.R. Negroni	PO	4-5	80	240	18,0	3,10	
J.P.R. Negroni	PO	2-8	10	1	17,0	3,95	
Rise Agropecuária Ltda, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 16/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.							
J.P.R. Negroni	PO	2-2	49	163	15,0	2,11	
J.P.R. Negroni	PO	2-2	39	66	16,0	1,00	
J.P.R. Negroni	PO	5-1	10	33	21,0	3,44	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	20	62	22,0	3,34	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	60	167	15,0	3,32	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	60	104	17,0	3,11	
J.P.R. Negroni	PO	3-3	20	43	13,0	2,83	
J.P.R. Negroni	PO	3-0	60	183	13,0	2,72	
J.P.R. Negroni	PO	3-2	20	70	23,0	2,71	
J.P.R. Negroni	PO	4-7	70	183	20,0	3,00	
J.P.R. Negroni	PO	-	30	73	22,0	3,70	
J.P.R. Negroni	PO	-	10	41	20,0	3,31	
J.P.R. Negroni	PO	6-4	80	187	14,0	2,88	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	152	14,0	3,43	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	173	14,0	3,38	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	157	15,0	3,30	
J.P.R. Negroni	PO	2-4	30	95	16,0	3,12	
J.P.R. Negroni	PO	2-2	30	157	18,0	3,93	
J.P.R. Negroni	PO	8-1	30	64	18,0	3,25	
J.P.R. Negroni	PO	7-8	10	22	22,0	4,21	
J.P.R. Negroni	PO	6-3	20	91	20,0	3,44	
J.P.R. Negroni	PO	5-6	70	195	19,0	3,00	
J.P.R. Negroni	PO	5-5	60	182	13,0	3,32	
J.P.R. Negroni	PO	-	20	39	20,0	2,86	
J.P.R. Negroni	PO	5-3	70	194	17,0	3,24	
J.P.R. Negroni	PO	5-4	20	61	17,0	2,38	
J.P.R. Negroni	PO	4-11	70	131	18,0	3,17	
J.P.R. Negroni	PO	5-2	10	24	20,0	3,54	
J.P.R. Negroni	PO	4-5	80	240	18,0	3,10	
J.P.R. Negroni	PO	2-8	10	1	17,0	3,95	
Rise Agropecuária Ltda, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 16/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.							
J.P.R. Negroni	PO	2-2	49	163	15,0	2,11	
J.P.R. Negroni	PO	2-2	39	66	16,0	1,00	
J.P.R. Negroni	PO	5-1	10	33	21,0	3,44	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	20	62	22,0	3,34	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	60	167	15,0	3,32	
J.P.R. Negroni	PO	3-4	60	104	17,0	3,11	
J.P.R. Negroni	PO	3-3	20	43	13,0	2,83	
J.P.R. Negroni	PO	3-0	60	183	13,0	2,72	
J.P.R. Negroni	PO	3-2	20	70	23,0	2,71	
J.P.R. Negroni	PO	4-7	70	183	20,0	3,00	
J.P.R. Negroni	PO	-	30	73	22,0	3,70	
J.P.R. Negroni	PO	-	10	41	20,0	3,31	
J.P.R. Negroni	PO	6-4	80	187	14,0	2,88	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	152	14,0	3,43	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	173	14,0	3,38	
J.P.R. Negroni	PO	2-5	50	157	15,0	3,30	
J.P.R. Negroni							

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite %	NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite %	
Afonso Nogueira das Freitas Itapira Est. de São Paulo Controle em 18/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.												
Odila Mendez	POCO	7-6	60	165	19,0	3,94	Odila Mendez	POCO	7-6	60	165	19,0
Delicia Paracatu	OC2	9-7	29	69	19,0	3,43	Delicia Paracatu	OC2	9-7	29	69	19,0
Marcelo Pionier da P.OB	PO	5-5	29	42	20,0	3,46	Marcelo Pionier da P.OB	PO	5-5	29	42	20,0
Flair Targem Boia Jr.	PO	8-0	19	3	30,0	3,74	Flair Targem Boia Jr.	PO	8-0	19	3	30,0
Maria Helena de Barros Pimentel Javari Est. de São Paulo Controle em 16/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.												
Saíra T. P.	11/32	5-5	40	99	16,0	3,88	Saíra T. P.	11/32	5-5	40	99	16,0
Sírius II L. F.	POCO	7-10	40	108	13,0	4,01	Sírius II L. F.	POCO	7-10	40	108	13,0
Doby de Refaendo	OC2	3-5	40	127	13,0	3,54	Doby de Refaendo	OC2	3-5	40	127	13,0
Carlota Placel	11/32	8-7	40	110	14,0	3,45	Carlota Placel	11/32	8-7	40	110	14,0
Belinda T. P.	11/32	5-6	29	53	18,0	3,40	Belinda T. P.	11/32	5-6	29	53	18,0
Albertina T. P.	11/32	10-11	19	66	20,0	3,36	Albertina T. P.	11/32	10-11	19	66	20,0
Garota T. P.	11/32	7-9	29	56	17,0	3,46	Garota T. P.	11/32	7-9	29	56	17,0
Elva Palstra	11/32	6-8	19	9	20,0	3,09	Elva Palstra	11/32	6-8	19	9	20,0
Dr. Sylvio Lima Marinho Andradina Est. de São Paulo Controle em 3/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.												
Sta. Anália Jânir Mendocino	PO	5-6	39	81	17,0	4,27	Sta. Anália Jânir Mendocino	PO	5-6	39	81	17,0
Beneta de Sta. Anália	11/32	6-0	39	84	19,0	4,20	Beneta de Sta. Anália	11/32	6-0	39	84	19,0
Portela de Sta. Anália	11/32	6-0	39	1	21,0	4,34	Portela de Sta. Anália	11/32	6-0	39	1	21,0
Dulce de Sta. Anália	11/32	7-11	19	17	19,0	4,31	Dulce de Sta. Anália	11/32	7-11	19	17	19,0
Andradina de Sta. Anália	11/32	6-5	39	18	18,0	4,47	Andradina de Sta. Anália	11/32	6-5	39	18	18,0
Henrieta de Sta. Anália	11/32	7-11	19	13	21,0	4,44	Henrieta de Sta. Anália	11/32	7-11	19	13	21,0
Sta. Anália Gelly Fabet Ch. PO	6-7	19	30	19,0	4,68	Sta. Anália Gelly Fabet Ch. PO	6-7	19	30	19,0	4,68	
Sta. Anália Teta Garcia Res. PO	5-8	19	17	21,0	4,66	Sta. Anália Teta Garcia Res. PO	5-8	19	17	21,0	4,66	
João Figueiredo Fresta Varigra Est. de Minas Gerais Controle em 8/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.												
Sírius Cruz Verde S.S.	OC2	6-5	59	124	24,0	3,60	Sírius Cruz Verde S.S.	OC2	6-5	59	124	24,0
Sonata Monitor S.S.	OC2	6-2	80	226	25,0	2,45	Sonata Monitor S.S.	OC2	6-2	80	226	25,0
S.S. Talina Pereira	PO	5-6	40	109	26,0	3,26	S.S. Talina Pereira	PO	5-6	40	109	26,0
S.S. Talina Pereira	PO	5-2	99	266	22,0	2,53	S.S. Talina Pereira	PO	5-2	99	266	22,0
S.S. Talina Pereira	PO	5-1	29	62	32,0	3,00	S.S. Talina Pereira	PO	5-1	29	62	32,0
S.S. Talina Pereira	PO	5-1	59	181	24,0	3,75	S.S. Talina Pereira	PO	5-1	59	181	24,0
S.S. Talina Pereira	PO	4-9	29	292	21,0	3,28	S.S. Talina Pereira	PO	4-9	29	292	21,0
S.S. Talina Pereira	PO	6-5	29	63	29,0	2,47	S.S. Talina Pereira	PO	6-5	29	63	29,0
S.S. Talina Pereira	PO	4-7	39	73	28,0	2,75	S.S. Talina Pereira	PO	4-7	39	73	28,0
S.S. Talina Pereira	PO	4-2	29	47	28,0	2,52	S.S. Talina Pereira	PO	4-2	29	47	28,0
S.S. Talina Pereira	PO	4-6	79	210	26,0	3,50	S.S. Talina Pereira	PO	4-6	79	210	26,0
S.S. Talina Pereira	PO	6-3	39	55	30,0	3,21	S.S. Talina Pereira	PO	6-3	39	55	30,0
S.S. Talina Pereira	PO	8-4	20	62	30,0	3,41	S.S. Talina Pereira	PO	8-4	20	62	30,0
S.S. Talina Pereira	PO	7-8	39	65	31,0	2,99	S.S. Talina Pereira	PO	7-8	39	65	31,0
S.S. Talina Pereira	PO	7-2	40	97	28,0	4,65	S.S. Talina Pereira	PO	7-2	40	97	28,0
S.S. Talina Pereira	PO	6-4	29	42	31,0	3,29	S.S. Talina Pereira	PO	6-4	29	42	31,0
S.S. Talina Pereira	PO	4-4	30	52	22,0	3,86	S.S. Talina Pereira	PO	4-4	30	52	22,0
S.S. Talina Pereira	PO	3-10	29	60	22,0	2,69	S.S. Talina Pereira	PO	3-10	29	60	22,0
S.S. Talina Pereira	PO	3-7	59	131	24,0	3,19	S.S. Talina Pereira	PO	3-7	59	131	24,0
S.S. Talina Pereira	PO	3-5	80	225	21,0	3,50	S.S. Talina Pereira	PO	3-5	80	225	21,0
S.S. Talina Pereira	PO	3-1	69	162	21,0	2,72	S.S. Talina Pereira	PO	3-1	69	162	21,0
S.S. Talina Pereira	PO	3-6	29	45	25,0	3,04	S.S. Talina Pereira	PO	3-6	29	45	25,0
S.S. Talina Pereira	PO	2-10	80	245	22,0	3,64	S.S. Talina Pereira	PO	2-10	80	245	22,0
S.S. Talina Pereira	PO	2-6	29	46	30,0	4,32	S.S. Talina Pereira	PO	2-6	29	46	30,0
S.S. Talina Pereira	PO	6-0	19	29	23,0	3,42	S.S. Talina Pereira	PO	6-0	19	29	23,0
S.S. Talina Pereira	PO	5-10	19	3	31,0	2,87	S.S. Talina Pereira	PO	5-10	19	3	31,0
S.S. Talina Pereira	PO	6-8	19	37	38,0	3,90	S.S. Talina Pereira	PO	6-8	19	37	38,0
S.S. Talina Pereira	PO	6-3	19	14	30,0	3,03	S.S. Talina Pereira	PO	6-3	19	14	30,0
S.S. Talina Pereira	PO	6-1	19	12	29,0	2,12	S.S. Talina Pereira	PO	6-1	19	12	29,0
S.S. Talina Pereira	PO	6-0	19	10	16,0	3,45	S.S. Talina Pereira	PO	6-0	19	10	16,0
S.S. Talina Pereira	PO	7-1	19	13	30,0	3,00	S.S. Talina Pereira	PO	7-1	19	13	30,0
S.S. Talina Pereira	PO	7-3	19	7	25,0	2,80	S.S. Talina Pereira	PO	7-3	19	7	25,0
Antonio Carlos de Salvo Linhares Est. de São Paulo Controle em 19/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.												
João Alina	PO	3-4	79	211	16,0	3,93	João Alina	PO	3-4	79	211	16,0
Delas Loch Mary	PO	4-2	79	245	14,0	4,40	Delas Loch Mary	PO	4-2	79	245	14,0
Enalaj Balestra International	PO	4-10	79	238	13,0	4,20	Enalaj Balestra International	PO	4-10	79	238	13,0
Mercury Mergat Chieftain	PO	4-2	79	209	16,0	4,63	Mercury Mergat Chieftain	PO	4-2	79	209	16,0
Pro-Sho Black Day	PO	4-3	79	238	19,0	3,35	Pro-Sho Black Day	PO	4-3	79	238	19,0
C.R. Penny Bett Road. 11	PO	3-5	40	103	20,0	3,81	C.R. Penny Bett Road. 11	PO	3-5	40	103	20,0
C.R. Pimenta A.P. Muth	PO	3-9	30	101	19,0	3,62	C.R. Pimenta A.P. Muth	PO	3-9	30	101	19,0
Pol. Omela 10 1472	PO	5-11	29	46	17,0	4,82	Pol. Omela 10 1472	PO	5-11	29	46	17,0
Murgis R.V.Y.	PO	5-0	29	39	21,0	3,95	Murgis R.V.Y.	PO	5-0	29	39	21,0
El-Wil World Eden Andry PO	3-8	19	29	29,0	3,40	El-Wil World Eden Andry PO	3-8	19	29	29,0	3,40	
Willam Valley Willow Marie PO	3-3	19	35	18,0	3,87	Willam Valley Willow Marie PO	3-3	19	35	18,0	3,87	
C.R. Cristy Hagen	PO	6-11	19	20	19,0	4,05	C.R. Cristy Hagen	PO	6-11	19	20	19,0
José Sadi e Sérgio Sadi Colares Est. de São Paulo Controle em 3/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.												
Sadi's Chastation Arlinda	PO	4-5	19	9	18,0	2,40	Sadi's Chastation Arlinda	PO	4-5	19	9	18,0
Brisa Nostalgia Apelo Tm. PO	6-4	20	43	10,0	3,13	Brisa Nostalgia Apelo Tm. PO	6-4	20	43	10,0	3,13	
Brisa Sadi's	11/32	7-3	19	13	20,0	2,90	Brisa Sadi's	11/32	7-3	19	13	20,0
Roberto Fernandes Brito Cruzeiro Est. de São Paulo Controle em 26/2/80. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.												
Rebeca Delia Dempsey	PO	9-1	19	10	17,0	3,50	Rebeca Delia Dempsey	PO	9-1	19	10	17,0
Guedes Jasm e Outros Exp. do Fiel Est. de São Paulo Controle em 27/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.												
Eda de Gueiros	POCO	5-3	49	115	13,0	3,09	Eda de Gueiros	POCO	5-3	49	115	13,0
Ingrida de Gueiros	POCO	-	49	94	12,0	3,60	Ingrida de Gueiros	POCO	-	49	94	12,0
Nalita 483 Volmar	11/32	6-4	39	27	15,0	3,49	Nalita 483 Volmar	11/32	6-4	39	27	15,0
6-14 do Castelo	OC2	5-7	42	100	13,0	2,78	6-14 do Castelo	OC2	5-7	42	100	13,0
Requinta Valmar	11/32	6-10	39	70	15,0	3,49	Requinta Valmar	11/32	6-10	39	70	15,0
Elita 101 de Pimenteira	POCO	7-4	19	18	14,0	3,38	Elita 101 de Pimenteira	POCO	7-4	19	18	14,0
América Valmar	POCO	4-11	19	22	15,0	4,01	América Valmar	POCO	4-11	19	22	15,0
Shirley Valmar	POCO	5-5	19	21	20,0	3,44	Shirley Valmar	POCO	5-5	19	21	20,0
C-25 do Castelo	POCO	4-10	19	28	15,0	3,49	C-25 do Castelo	POCO	4-10	19	28	15,0
P-18 do Castelo	OC2	4-9	19	6	18,0	3,28	P-18 do Castelo	OC2	4-9	19	6	18,0

NOME DO ANIMAL		Grau de anos	Controle	Dias de Leite	%	NOME DO ANIMAL		Grau de anos	Controle	Dias de Leite	%		
		sangue meses		lactação				sangue meses		lactação			
B-11 do Castelo	GC7	3-11	19	26	13,0	3,25	Maleta Jandara Hunt-F.	GB	5-6	40	124	25,0	1,08
B-12 do Castelo	GC1	5-7	19	20	15,0	3,31	P. Nogueira Jandara Trigue	PO	5-8	40	120	28,0	2,24
Fluoril Lili Tacho	PO	3-7	19	15	15,0	3,26	P. Jôia Cora Capela	PO	3-11	40	122	23,0	2,40
Dr. Marcio Eliseo de Freitas, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 12/2/82, regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.													
Bomem do Melão	31/32	6-6	19	32	24,0	2,87	Glória Jandara Adm. de Pm.	GB	3-8	40	117	27,0	1,84
Erilino Christiane do Mel	GC1	3-7	19	10	18,0	3,23	P. Fúlvia Rita Marcos	PO	2-3	40	111	22,0	2,54
Crôndia Seneor do Melão	GC1	5-10	20	34	23,0	3,13	Negura Katina Flame da P.	GB	4-6	40	112	27,0	2,44
Osmo Seneor do Melão	GC1	5-8	20	49	20,0	3,04	Indira Bruna Gay Ideal	PO	3-4	40	108	26,0	2,78
Indira Faltre Hada de A-Joz	GC1	9-0	49	109	18,0	2,00	Flávia Marcela Froux da P.	POC	2-5	40	107	26,0	2,79
31 Cassandra Cacem Model	PO	10-10	19	11	24,0	2,89	P. Oris Letícia Ideal	PO	3-1	40	110	26,0	2,38
31 Dalnacia Leona Maple	PO	10-10	19	37	25,0	2,80	Arnold Acres Starters Indu.	PO	4-8	20	95	36,0	2,15
Maria Elena 763 Isidro Pvd.	PO	6-9	19	38	26,0	2,83	P. Nelsom Provinciana	PO	4-8	20	94	24,0	2,88
Maria Elena 711 Rg. Isidro	PO	3-2	20	46	22,0	3,17	P. Prata Saliva Marvet	PO	2-6	30	79	38,0	2,40
Maria Elena 756 Dor. Domaz	PO	6-10	20	46	19,0	3,32	P. Mariana Rita Vozach	PO	3-4	30	75	22,0	2,90
Maria 552 Mel. Polado	PO	6-1	50	132	23,0	3,22	Nelitte Jandara Seneor da P.	GB	3-7	30	231	19,0	3,10
Dr. Claudio Versiani Roberto, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 12/2/82, regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.													
Brasilita Del Pedro Gap.	GB	6-8	20	218	30,0	3,37	P. Nelsom Provinciana	PO	5-5	20	76	24,0	2,40
C.R. Fala Bona Perforator	PO	3-7	20	136	22,0	3,22	P. Nelsom Lappa Agnito	PO	6-6	20	78	29,0	2,89
C.R. Besselle Astronot	PO	4-4	40	185	33,0	3,24	Mega Figueira Mont. da Pense	GB	4-4	20	92	29,0	2,80
C.R. Bona Royal Cesar	PO	7-0	90	271	20,0	3,31	Charco Tola Vigna Rott.	PO	4-1	19	51	27,0	4,00
Provela Negret Lena	PO	5-8	19	24	39,0	2,60	P. Primavera Nemo Marcos	PO	3-4	19	38	23,0	3,75
C.R. Candy Cit. R. Lindley	PO	6-5	19	10	27,0	3,34	P. Orsma Lúndia Admral	PO	2-0	19	38	29,0	4,28
Plana Cit. R. Lindley C.R. GB	PO	5-10	20	53	33,0	3,29	S.M.P. Jurena Complete Mich-PO	PO	3-2	19	11	21,0	3,39
C.R. Jurena Candy M. Admral	PO	3-6	20	37	22,0	3,29	P. Besselle Nelsom Marvet	PO	2-5	19	29	33,0	3,55
C.R. Nancy Collins Gay Ideal	PO	3-7	20	36	33,0	3,55	Oris Vigna Toppo da P.	GB	3-3	19	28	29,0	3,84
C.R. Fala Bona Elevation	PO	3-10	20	36	28,0	2,86	Arnold Acres Arthur Stella	PO	5-6	19	28	26,0	3,78
Garvin Chief, Norte	PO	10-6	20	36	28,0	3,72	P. Orsma Nelsom Complado	PO	3-4	19	21	27,0	4,23
Jackson Osmo Nelsom	PO	5-9	20	63	22,0	2,97	P. Nelsom Popy Marvet	PO	5-2	19	18	31,0	4,08
C.R. Delsa Mariz Mam. Adm.	PO	5-6	30	63	36,0	2,72	Quamp. Citation Nelsom	PO	5-8	19	13	21,0	4,38
C.R. Fabela Luperina Pim-PO	PO	3-8	40	151	25,0	3,09	Donald Ombre, Capim, Est. de São Paulo, Controle em 12/2/82, regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.						
Focoma Adilia	PO	6-3	30	149	22,0	3,09	Entrada Focoma	GB	3-3	120	100	18,0	1,51
Bar Rich Laur Chest Oris	PO	7-9	60	173	25,0	3,78	Kingway Iv. Bodey Estin	PO	6-6	120	110	20,0	1,41
Poculita Arhuana Ltda, Capim, Est. de São Paulo, Controle em 12/2/82, regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.													
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-7	70	214	21,0	3,44	Europe Focoma	GB	6-7	20	42	41,0	2,19
B.O. Bala Gay Usharia	PO	5-4	60	189	20,0	3,17	Kingway Charming New Idea	PO	6-1	20	11	36,0	3,28
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-6	60	189	20,0	3,39	Focoma Nelsom Arhuana	PO	4-8	20	32	43,0	2,94
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-0	60	187	20,0	3,25	Kingway Iv. Star Verde	PO	6-4	10	1	27,0	3,29
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-7	50	186	21,0	3,56	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	5-7	60	182	22,0	3,42	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-6	50	140	22,0	3,04	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	7-3	50	138	21,0	2,89	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-7	40	135	23,0	3,40	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	5-5	40	127	23,0	2,98	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-8	40	124	22,0	3,15	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	2-0	40	119	20,0	3,08	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	9-8	40	115	26,0	3,23	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	7-4	40	104	21,0	3,37	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	6-11	30	101	23,0	3,32	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	5-4	30	101	26,0	3,33	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-8	30	98	21,0	3,04	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-6	30	94	25,0	3,07	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-7	30	94	22,0	3,52	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	5-7	30	91	22,0	3,00	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-3	30	89	22,0	3,08	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	6-4	30	89	23,0	3,15	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-10	30	86	22,0	3,74	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	7-3	30	86	28,0	3,40	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	7-8	30	83	23,0	3,52	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	6-6	30	73	28,0	3,45	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	8-4	30	68	24,0	3,03	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	7-7	20	47	23,0	3,49	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-6	20	58	21,0	3,10	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	5-7	20	57	25,0	3,34	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-8	20	51	22,0	3,14	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-8	20	50	21,0	3,14	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-8	20	45	25,0	3,18	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	7-0	20	40	25,0	3,53	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	5-8	20	39	31,0	3,24	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-11	10	38	26,0	3,13	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	5-10	10	36	21,0	3,44	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	5-10	10	35	25,0	3,44	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-7	10	35	20,0	3,08	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-7	10	34	23,0	3,35	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-5	10	22	21,0	3,48	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-11	10	21	20,0	3,44	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	6-4	10	21	24,0	3,49	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-2	10	20	23,0	3,73	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	3-8	10	19	20,0	3,44	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	8-10	10	18	27,0	3,40	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	9-0	10	18	21,0	3,04	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
B.O. Bala Gay Usharia	PO	4-8	10	18	29,0	3,28	Focoma Pioneer Artista	PO	6-4	10	1	12,0	3,44
Poc. Sta. Maria da Ponte Agric. e Ind. Ltda, Itapetininga, Est. de São Paulo, Controle em 12/2/82, regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.													
P. Besselle Katina Toppo	PO	4-9	80	249	24,0	2,81	Entrada Focoma	GB	3-3	120	100	18,0	1,51
P. Besselle Katina Toppo	PO	4-9	80	249	24,0	2,81	Kingway Iv. Bodey Estin	PO	6-6	120	110	20,0	1,41
P. Besselle Katina Toppo	PO	2-3	80	233	20,0	3,15	Europe Focoma	GB	6-7	20	42	41,0	2,19
P. Besselle Katina Toppo	PO	2-6	80	238	20,0	3,80	Kingway Charming New Idea	PO	6-1	20	11	36,0	3,28
P. Besselle Katina Toppo	PO	2-3	70	200	22,0	2,90	Focoma Nelsom Arhuana	PO	4-8	20	32	43,0	2,94
P. Besselle Katina Toppo	PO	3-4	70										

NOME DO ANIMAL	Grav de sangue	Idade anos meses	Controle Dias de lactação	Leite %	
Jarvis Milton Andreus PO	6-2	19	1	22,9	3,47
Wainwright Marjorie Carol PO	6-0	10	10	16,0	3,36
San Giorgio Helena Maria PO	3-7	10	17	15,0	2,98
San Giorgio Heleno Jr. Virgilio PO	3-4	10	2	16,0	2,73
Wendell Wanda Silveira PO	6-5	20	55	16,0	2,78
Wendell Wanda Silveira PO	3-7	80	231	15,0	3,50
A.F. Fortales Pereira PO	6-2	60	178	13,0	2,21
Jarvis Milton Andreus PO	6-2	20	61	20,0	3,28
Magnum Royal Jensen PO	5-13	20	55	15,0	3,28
A.F. Fortales Pereira PO	3-1	80	231	15,0	3,50
C.M. Ray Adriano Dolan PO	3-11	30	77	15,0	3,65
Plat Wilian Odebrecht Jr. PO	6-4	60	186	13,0	3,41
Buck Odebrecht Belis Jr. PO	6-10	40	134	22,0	3,22
S.M. Bennett Victor Henry PO	6-1	40	115	16,0	3,46
San Giorgio Heleno Jr. Virgilio PO	3-4	60	164	15,0	2,99
San Giorgio Heleno Jr. Virgilio PO	3-9	60	121	12,0	2,26
2 ordenes					
A.F. Fortales Pereira PO	6-4	10	1	20,0	2,93
Sua Odebrecht Belis Jr. PO	3-4	10	13	18,0	3,18

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Ada II de Holanda	OCI	3-3	100	299	22,0	2,87
10. Ada de Holanda	POC	4-10	90	278	17,0	3,43
10. Wanda de Holanda	11/32	4-6	80	260	17,0	3,45
10. Wanda de Holanda	11/32	3-2	80	236	15,0	3,00
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	80	253	18,0	3,32
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	80	243	14,0	3,39
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	80	219	20,0	3,39
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	70	216	15,0	3,30
10. Wanda de Holanda	11/32	6-1	70	223	16,0	3,40
10. Wanda de Holanda	POC	10-1	70	223	15,0	4,06
10. Wanda de Holanda	POC	3-4	70	220	16,0	3,00
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	70	218	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	POC	3-1	70	205	17,0	3,64
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	70	178	13,0	3,28
10. Wanda de Holanda	OCI	6-1	60	119	24,0	3,25
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	60	120	24,0	3,13
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	60	80	18,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	60	118	15,0	3,50
10. Wanda de Holanda	OCI	3-11	20	87	21,0	3,21
10. Wanda de Holanda	POC	3-2	20	45	28,0	3,18
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	30	17,0	3,13
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	30	24,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	30	24,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	30	24,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	30	24,0	3,54

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Milwaukee (2007-Japonesa) Set. de São Paulo, Controle em 3/2/82, Regime de parto com ração suplementar, 2 ordenes.						
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	110	228	13,0	3,72
10. Wanda de Holanda	POC	3-3	100	208	13,0	3,47
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	100	260	14,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-1	80	260	15,0	3,45
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	30	259	14,0	3,54
10. Wanda de Holanda	OCI	3-2	40	111	19,0	3,76
10. Wanda de Holanda	OCI	3-3	10	34	24,0	3,22
10. Wanda de Holanda	OCI	3-4	80	124	24,0	3,21

Mil				
-----	--	--	--	--

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade em meses	Controle de anos	Dias de lactação	Leite %	
Bolinas do Marro Verde	PC	-	50	136	14,0	3,24
Isabela	SS	-	50	142	12,0	3,25
Clareta do Marro Verde	OC1	6-10	10	11	17,0	3,39
Vera	SB	-	10	1	15,0	3,29
Vita	SB	-	10	22	14,0	3,92
Pengora do Marro Verde	POCC	11-12	40	108	15,0	4,20
Genova do Marro Verde	POCC	6-8	90	253	15,0	3,48
Saci do Marro Verde	11/32	8-5	90	249	13,0	4,07
Traneta do Marro Verde	11/32	8-3	60	162	14,0	3,34
Viola do Marro Verde	POCC	8-1	40	111	17,0	3,77
Marro Verde Quena	PO	8-8	50	141	13,0	3,78
Paulistinha do Marro Verde	OC1	8-3	20	34	17,0	3,45
Pataty do Marro Verde	11/32	5-9	50	132	13,0	3,91

Francisco Lopes Filho, Salto, Est. de São Paulo, Controle em 21/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Lidia Lokes F.L.F.	PC	-	30	76	14,0	3,54
Isoterra Lokes F.L.F.	POCC	5-0	20	56	16,0	2,96
Medrosia Lokes F.L.F.	POCC	5-0	20	13	13,0	3,18
Mariposa Burton Nel F.L.F.	PC	-	10	4	17,0	3,12
F.L.F. Lokes Lokes	PO	-	20	54	16,0	3,12
Amaris F.L.F.	OC1	8-10	20	23	19,0	3,23
Isoterra F.L.F.	11/32	8-5	40	99	18,0	3,03
Petanga F.L.F.	OC1	8-1	10	9	22,0	3,18

Gordania F.L.F.	POCC	6-9	30	109	17,0	3,41
Desdemona F.L.F.	POCC	6-9	10	11	13,0	3,09
Doctira F.L.F.	POCC	6-2	60	182	16,0	3,18
Petanga F.L.F.	POCC	-	30	66	18,0	3,28
Isoterra F.L.F.	POCC	6-2	10	1	17,0	3,27
Amaris F.L.F.	POCC	6-11	10	66	16,0	3,18
Medrosia Lokes F.L.F.	POCC	6-11	40	109	13,0	3,50
Jacira F.L.F.	POCC	6-7	50	149	13,0	3,44
Jacira Lokes F.L.F.	POCC	6-9	10	1	15,0	3,01
Jasper Lokes F.L.F.	POCC	5-0	20	51	18,0	3,13
Jacira Noydella F.L.F.	POCC	7-11	50	139	13,0	3,42
Isoterra Lokes F.L.F.	POCC	5-0	20	42	17,0	3,22

Christiano dos Reis Neirões Neto, São Simão, Est. de São Paulo, Controle em 4/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Orla Robles Standard	POCC	8-11	60	179	18,0	3,47
Melinda J.M. Standard	11/32	8-4	90	150	18,0	3,26
Reana J.M. Standard	11/32	8-4	90	172	18,0	3,26
Reana J.M. Standard	11/32	8-5	50	147	17,0	3,31
Camargo Pillar	11/32	-	10	19	19,0	3,07
Tatiana Nolas Standard	11/32	5-9	30	143	18,0	3,05
Maritima Flosser	11/32	7-8	30	112	17,0	3,63
Reana Standard	11/32	8-2	70	124	19,0	3,43
Reana Standard	OC1	5-2	60	135	17,0	3,84
Reana Standard	11/32	8-1	60	168	19,0	3,38
Reana Standard	POCC	5-7	80	234	17,0	3,30
Reana Standard	OC1	8-10	20	61	21,0	3,03
Reana Standard	POCC	10-1	100	290	16,0	3,64
Reana Standard	11/32	8-7	70	147	17,0	3,77
Reana Standard	11/32	6-4	60	131	19,0	3,38
Reana Standard	11/32	8-4	30	79	17,0	3,77
Reana Standard	OC1	8-8	70	168	16,0	2,83
Reana	SB	-	60	189	16,0	2,17

Dr. Geraldo de Figueiredo Feres, Salto, Est. de São Paulo, Controle em 24/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Gregoria Riley Maria Nel	PO	3-3	20	78	28,0	3,35
Alma R. Albertina's	OC1	4-4	10	28	25,0	3,15
Alma R. Albertina's	POCC	6-4	20	48	11,0	3,24
Alma R. Albertina's	POCC	5-3	30	93	21,0	3,36

Antônio Paulo Viana, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 6/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Flora V. D.	POCC	7-10	90	292	14,0	3,88
Flora V. D.	OC1	6-11	80	244	20,0	3,29
Flora V. D.	OC2	4-7	90	165	19,0	3,36
Flora V. D.	OC4	5-7	80	258	13,0	3,86

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos e meses	Controle	Dias de lactação	%	
Sevidade Sta. Cecília	QC1		5-9	60	166	16,0	2,54
Gala Sta. Cecília	QC1		1-0	50	129	15,0	4,21
Sta. Cecília Esteira	PO		4-10	50	122	13,0	4,53
Ramada de Sta. Cecília	15/16		2-8	30	88	16,0	4,69
Barça Sta. Cecília	NR		2-9	30	79	14,0	4,34
Corota de Sta. Cecília	PCDC		3-8	20	56	16,0	4,54
Quelma de Sta. Cecília	PCDC		3-8	20	57	14,0	3,47
Quebro de Sta. Cecília	QC4		3-3	20	61	15,0	3,92
Quatunela de Sta. Cecília	QC3		3-2	20	50	15,0	4,03
Quemadora de Sta. Cecília	QC2		4-5	20	38	15,0	3,98
Quelona de Sta. Cecília	QC1		3-7	20	40	19,0	4,05
Rua. Cecília Florio	PO		4-11	20	33	19,0	3,93
Renda de Sta. Cecília	QC2		2-11	10	11	13,0	4,14
Santa de Sta. Cecília	QC4		3-11	10	4	16,0	3,14

Geraldo Natal Madureira, São Roque, Est. de São Paulo, Controle em 18/2/82, jejum de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Ocellula Nalle de Saint-James	OCI	10-2	19	24	19.0	3.13
Cabon de Penarhis Malais	OCI	8-3	29	80	19.0	3.81
Brassilia Hild Roland	OCI	5-10	29	69	19.0	3.43
J.F. Kotalaka Royal 6-Jahs	PO	9-5	49	111	16.0	3.62
Memore Am Procty Fed	PO	5-2	29	55	18.0	3.31
Glen Moore Jasper Berry R.	PO	-	29	78	15.0	3.67
Sary-Du Dandy Perf.Juppert	PO	5-1	29	43	16.0	3.49
Widius Miss Fanny Red	PO	-	109	350	15.0	3.37

João Assis da Rocha, Marcos Est. de São Paulo, Controle em 18/2/82, Registre de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.

Reservas de Aportas	POCO	3-9	29	34	18,0	3,50
---------------------	------	-----	----	----	------	------

Neodel Steisbruch e Elienor Steisbruch, Bragança Paulista, Est. de São Paulo.
Contribui em 16/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

E-363 B.R., 17 Bloms	31/32	5-10	20	43	27.0	4.23
D-232 Tembohi Bloms	31/32	7-11	30	76	23.0	4.50

Amendo Carlos Leister de Araujo e Dutra, São José do Rio Preto, Est. de São Paulo, Controis em 10/2/62, Regime de pasto com ração suplementar, 2 oras.

Cristina Jumper Red V.C.	GCL	2-5	79	214	14,0	3,68
--------------------------	-----	-----	----	-----	------	------

Pedro Octaviano Ribeiro, Ilvinolândia, Est. de São Paulo, Controle em 4/2/82. 70 gins de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

H.N. Furales Americas H.N.	PO	5-2	90	269	22,0	3,34
----------------------------	----	-----	----	-----	------	------

Guilherme e Nécio Norões Ribeiro, Exp. Santa do Vital, Est. de São Paulo. Criei em 24/2/93. Revista do novo com raças amamentar. 1 criatura.

Year	Team	GP	W	L	T	GF	GA	PTS
1995	Coos-Bacon	10	0	0	0	216	13.0	3.84
1996	Quailly Birch	10	0	0	0	222	14.0	3.90
1997	Pioneer	7	4	0	0	198	15.0	3.28
1998	Agua M. L.	7	0	0	0	168	18.0	4.16
1999	Future Captain	7	0	0	0	117	13.0	3.45
2000	Gentiana Quailly	6	0	0	0	96	20.0	3.79
2001	Bacon Jack's	8	0	0	0	86	22.0	3.62

Luiz Carlos Marcolli, Porto Feliz, Set. de São Paulo, Controla em 7/2/82. Recria-
ção de posto com tacho esmerilhado. 3 arbores.

Mogamfi Palla James R.	PO	2-10	89	289	13.0	4.28
Juran, Pinnabi Rebel	PO	6-1	79	233	15.0	4.48
Mogamfi Racha Ned	PO	2-0	79	242	13.0	3.27
Juran, Huston Frieslander	PO	7-9	69	204	21.0	3.57
Juran, Burdeshia Swoopy	PO	7-3	69	116	26.0	3.42
Juran, Grimaldo Guntam	PO	12-1	30	77	30.0	3.16

Dr. Guilherme Monteiro Junqueira, Instituto de São Paulo, Controle em 11/2/82. Bactérias do posto com reação suppurativa. 1 colônia.

Argentina de São Sebastião	5-11	69	202	16,0	5,34
----------------------------	------	----	-----	------	------

Haga Reinaldo Basso, Crumiro, Set. de São Paulo. Controla em 25/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 coléctas.

Player	Team	GP	PTS	REB	AST	STL	BLK	FT	FG
J.P. Diccarino	Wichita State	10	47	39	89	18.0	3.25		
J.P. Caspio	Wyoming	10	54	69	106	16.0	4.40		
Linda Haggert	San Jose State	10	47	69	221	13.0	3.30		
Christine Barbour	Georgia Tech	10	54	79	205	15.0	3.70		
Wendy Armstrong	San Francisco State	10	130	79	200	15.0	4.00		
Debra Royal	San Diego State	10	45	70	251	11.0	3.10		

Dr. Ademar de Barros Filho, João, Est. de São Paulo, Controla em 21/2/51. Recusa de carta com razão suficiente. 2. vistoria.

Volume L. H.	31/32	7-7	79	68	34.0	3.32
--------------	-------	-----	----	----	------	------

Santa Maria Agro.pec.Industrial S/A.Santa Antonia de Posse,Bat. de São Paulo
Controlé de 12/2/82.Nótese do pasto com capão suplementar. 2 unidades.

Alonso C. da Rocha	OC1	3-9	100	110	14,0	3,57
Arana Wladimir de Almeida	OC1	12-0	99	264	15,0	2,50
Batista B. S.M.F.	OCB	11-1	80	262	13,0	2,85
Chilanda de Sta. Olívia	OC2	3-1	79	214	23,0	4,10
Rosalia's Liza Inverniz	PO	3-5	69	222	14,0	3,13
Chilanda de Sta. Olívia	OC1	3-1	60	183	13,0	3,25
Estrelita B. Chaves	OC1	0-2	59	110	11,0	2,58
Regente de Sta. Olívia	POCB	3-3	62	118	15,0	2,28
Reis de Porto Verde	OC1	1-1	59	126	16,0	2,33
Associação de Etn. Olívia	POCB	0-0	40	80	5,0	1,33
Linha do Porto Verde	PO	-	38	88	18,0	2,40
Comunidade Real Est. Noroeste	OC1	0-1	39	81	17,0	2,48
Chilanda de Sta. Olívia	OC2	5-11	39	59	20,0	2,00
Alfonso J.P. Barreira	OCB	5-5	20	55	25,0	1,98
Associação do Porto Verde	OC2	3-9	20	54	19,0	2,22
Linha do Porto Verde	POCB	8-1	19	40	14,0	2,48
Associação A. de Santo Amaro	OC2	9-4	18	40	16,0	1,92
Alfonso J. Chaves	POCB	10-0	18	39	15,0	2,14
Associação de Etn. Olívia	OC1	2-2	18	37	17,0	2,15
Alfonso J. P. Barreira	PO	4-4	19	25	10,0	2,20

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade anos meses	Cont- role	Dias de lactação	Leite	%
Campaneira de Sta. Olívia	PC		3-11	28	21	14,0	1,88
Mora de Passeta	PCD		21		21	21,0	3,13
Brasonea de Sta. Olívia	PCD		2-11	26	15	13,8	2,43
Safra de Sta. Olívia	1/2		3-1	28	13	13,9	3,38
Diária de Sta. Olívia	OCI		2-7	10	13	14,0	2,08
Muriciá de Sta. Olívia	PCD		1-1	28	13	14,0	3,38

Antonio Bassoli, Cipinã, Est. de São Paulo, Controle em 18/1/82. Anelão do peito com raças esplenéticas. 2 colônias.

Polunina Farm Nico	11/12	7-6	40	108	17.4	5.03
Roseira Ned Niro	OC2	5-3	40	106	19.6	5.52
Odalison Ned Niro	OC9	3-7	40	102	17.0	5.13
Neivos do Niro	PCDD	3-3	40	100	14.0	5.00
Remapa Ned Niro	OC2	1-10	30	98	14.0	5.17
Sheila Fancy Niro	OC2	3-5	30	79	20.0	5.13
Estive Royal Niro	OC2	1-4	30	67	17.4	5.40
Nico Carline Ned	PO	-	-	67	17.0	5.13
Mae's Fabiana Jedit	PO	4-3	30	81	29.0	5.09
Chelle Royal Niro	OC9	6-3	30	70	17.4	5.40
Roseira's Oviada R. Jr.	PO	4-0	30	64	14.0	5.53
Ronda Royal Niro	OC1	8-6	20	63	14.0	5.04
Nelson Ned Niro	OC1	3-0	20	53	14.0	5.40
Jardim de J. R.	11/12	1-4	20	44	18.0	5.17
Crastala	SR	-	20	37	13.0	5.30
Naive	SR	-	20	30	13.0	5.20
Cartola	SR	-	20	25	14.0	5.43
Starlemmer	SR	-	20	19	20.0	5.12
Figura	SR	-	10	20	14.0	5.40
Gratiana	SR	-	10	10	18.0	5.17
Locta	SR	-	10	10	14.0	5.63
Northsea Fancy Niro	OC2	2-11	110	314	13.0	4.10
Pinta Ned Niro	OC1	5-3	80	220	14.0	5.15
Seledita Royal Niro	OC1	1-3	80	219	14.0	5.82
Faneita Ned Niro	OC1	3-7	70	212	14.0	5.57
Katanga Ned Vermelho	OC1	3-7	70	204	15.0	5.44
Leidriana Ned Niro	OC1	4-7	70	201	25.0	5.52
Estrela Royal Niro	OC1	9-0	60	178	13.0	5.40
Sara Royal Niro	OC2	6-8	60	167	13.0	5.40
Edmundo Fancy Niro	OC1	3-5	60	165	13.0	5.77
S.H. Arrabira 1 Jumper Rock PO	-	-	60	168	16.0	5.62
Avirina Ned Niro	OC1	4-6	40	106	13.0	5.44
Maravilha Ned Niro	OC2	2-4	50	144	21.0	5.30
Sorobona Farm Niro	OC2	7-8	50	149	21.0	5.67
Altamira Niro	OC1	8-10	40	125	18.0	5.40
Alves-Net-Fant 208 Niro	11/12	3-5	40	124	15.0	5.40
Beline Fancy Niro	11/12	3-5	40	111	18.0	5.64
Nico Antia Royal	PO	6-3	40	110	16.0	5.10
Albena Centurion Niro	OC1	4-10	40	109	26.0	5.40

Luiz Visconti, Bragança Paulista, SP, 26 de São Paulo, Controlado em 11/7/82. Res.
de nota com nota suplementar. 2 rubricas.

Alvinado Iceland 0038 Sor.	0-1	4-6	39	75	12.9	3.08
Salice do Mar	0-1	5-5	29	55	23.8	3.18
Fedreira S.R.A. 0039	0-10	8-10	89	217	9.3	4.21
J.P. Aracama (Ade's) Cit. It.	0-0	8-9	100	283	8.6	4.26
J.P. Aracama Pimenta 0040	0-1	8-10	89	111	13.7	3.68
J.P. Adai Peg. Red. S. Inle	0-0	8-11	19	5	23.6	3.04
Ronda do Mar	0-1	9-7	50	127	15.7	3.29
Salice Peg. Red. Sta. Inle	0-0	5-11	50	148	15.6	3.10
Alameda Bissela Meliana Sor.	0-1	4-5	28	51	15.8	3.18
Colônia Pimenta Red.	0-2	2-8	28	23.8	15.2	3.18
Carateira Anália M-0057	0-1	2-8	90	271	11.8	3.77
Marquês 0064 Sorana	0-0	2-4	86	158	16.8	3.12
Dalce Jarina Calite 0065 S.	0-0	2-5	49	91	12.2	3.03
Diomêdia Calateira P. Sor.	0-1	2-5	50	135	16.5	3.20
Clívio Ronda Japier Sor.	0-1	2-1	10	27	15.5	3.08
Acortina Brisa Peg. Red.	0-1	2-6	74	157	14.7	3.12
Feliz Camoela Capoteira M.	0-0	2-6	79	201	10.5	3.72
Briza Ad. Jangadeira	0-0	2-8	80	247	11.9	3.51
Proceduro Donda Japier Red.	0-0	1-8	50	115	13.0	3.12
Sor. Cláudio Rodas Peg. Red.	0-0	1-8	126	378	11.2	3.84
Sor. 5284 Casella Pimenta J.P.	0-0	2-10	92	132	11.6	3.41
Sor. 5309 Bar. Pimenta	0-0	2-3	60	239	11.7	3.03
Sor. 7062 Carmel Capa Trip. J.P.	0-0	2-9	90	206	8.5	4.29
Sor. 7013 Carmem Pimenta S. P.	0-0	2-9	90	340	15.7	3.16
Sor. 7025 Dona Ana Sor. J.P.	0-0	2-9	90	340	15.7	3.16

Esc. Sup. de Agríc. Luiz de Queiroz, Piracicaba, Estado de São Paulo, Correio 1-2/82. Recibo de nota com taxa maloteiro: 2 cruzeiros.

Lentokasvot	1000	2-5	60	174	10.8	1.20
Silk-James Kasvot	1000	2-5	14	11	13.5	1.20

Agropoli, Agropoc, Crutão, Família Lida, Melão, Salsichão, Agos de Lida, Est. do B. Fundo Controla em 11/1/81. Dados de uso: sem uso, não usado.

2. <i>Contorno</i>				
Amor F.S.R. Aquino	PCOC	54	30	83
Cibelle Royal F.S.R. Esp.	PCOC	-	30	85
Joia Sobari	11/32	54	29	77
Enigma Rey-de-Eta, Dade	CCU	54	29	78
Crysta Sultana F.S.R. Esp.	CCU	54	29	78
Wesley Contino	11/32	54	29	78

Fernando José Brito, Ita, Cruz do Rio Pardo, Set. do Rio Paulo. Controla em 2.001 800 hectares de terras com pasto, mato e cana-de-açúcar. 2 colônias.

[illegible]

Receber: Carline Bredius, Via de Almeida, 644, Ap. 201, Jd. do São Paulo, Curitiba, PR, 81212-900, Brasil. E-mail: carlineb@uol.com.br

Verfahren	OD	2-1	75	140	15,6	4,9
-----------	----	-----	----	-----	------	-----

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite %	
Liz Minnich Red S.H.P.	GB		5-0	60	231	17,0	3,74
Amadeu Margela Red S.H.P.	GB		6-3	60	235	18,0	3,74
S.H.P. Maria Cecilia M. Red	GB		7-4	60	228	17,0	4,26
S.H.P. Sylvia Margela Red	GB		11-0	50	200	18,0	4,29
Maria Paula Molloy Red	GB		7-4	40	167	19,0	3,99
Bunny Nuyget Red S.H.P.	GB		4-11	10	2	22,0	3,33
2 ordenhas							
Nigéria Royal de Jussur.	POC		7-3	20	82	23,0	3,82
Laurine Margela Red S.H.P.	GB		11-0	10	44	25,0	3,74
Maria Madalena Margela Red	GB		7-9	10	39	26,0	3,76
S.H.P. Jean Margela Red	PO		6-10	10	10	29,0	3,74
Leopoldina Galp de Jussur.	POC		6-0	10	10	29,0	3,12
Dr. Sylvio Lima Furinho, Induslândia, Est. de São Paulo, Controle em 5/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Contino Minidinho	OC		7-4	40	104	20,0	3,40
Bernardo de São. Anália	PO		7-2	40	102	22,0	4,20
Rita Spring de S. Anália	11/32		5-8	20	82	18,0	4,60
Willelmina Groot, Jaguaria, Est. de São Paulo, Controle em 5/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
10. Nereida de Nereida	OC		2-3	60	194	18,0	3,25
Joaquim M. Maria Van de Gores, Jaguaria, Est. de São Paulo, Controle em 5/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Reia IV de Nereida	OC		3-5	80	268	17,0	3,50
Sônia de Nereida	OC		4-6	70	237	18,0	3,82
Reia II de Nereida	PO		5-10	70	237	18,0	3,40
Camelino de Nereida	OC		2-10	70	240	19,0	3,44
Silvia de Nereida	OC		4-6	60	220	19,0	3,63
Stanley de Nereida	OC		3-9	60	210	16,0	3,66
Quiana Fanny de Nereida	OC		2-3	60	196	16,0	3,17
Reia Jagger de Nereida	OC		2-0	50	187	18,0	3,75
Petra de Nereida	OC		4-2	50	187	14,6	3,68
Fanny de Nereida	OC		3-4	30	98	22,0	3,11
Silvia	GB		-	10	10	21,0	3,33
Nereida A. Weyers, Jaguaria, Est. de São Paulo, Controle em 5/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Mônica de Nereida	OC		3-8	60	174	11,0	3,50
Clara de Nereida	POC		7-9	50	140	13,0	3,47
Nereida de Nereida	OC		5-3	50	137	16,0	3,63
Joana de Nereida	POC		5-8	50	137	16,0	3,40
Anna de Nereida	OC		8-5	50	131	13,0	3,36
Amélia de Nereida	GB		-	40	121	13,0	3,53
Silvia de Nereida	POC		4-0	20	47	15,0	3,31
Nereida de Nereida	POC		6-11	20	47	14,0	3,13
Nereida de Nereida	POC		6-3	10	10	20,0	3,06
Nereida	GB		-	10	10	17,0	3,55
Nereida José	PO		6-1	10	10	15,0	3,70
Albert Silveira, Jaguaria, Est. de São Paulo, Controle em 5/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Nereida Alde	PO		2-1	10	15	20,0	3,34
Nereida Nereida's Lady	PO		10-11	90	201	19,0	3,25
Nereida Brava	PO		2-3	60	226	14,0	3,25
Nereida de Nereida	OC		2-3	60	226	15,0	3,63
Nereida de Nereida	OC		5-2	50	252	16,0	3,72
Clara de Nereida	POC		2-3	10	5	27,0	2,96
Nereida Sally Jagger	PO		5-1	10	34	19,0	3,72
Nereida Sally Jagger	PO		2-1	30	61	19,0	3,73
Dr. Pedro Ferreira Faria, Jaguaria, Est. de São Paulo, Controle em 14/2/82, Regime de pasto com ração suplementar.							
PM, Agostinho Calado IV.	PO		5-10	80	181	18,0	3,73
PM, Agostinho Brown Jack	PO		6-11	80	141	16,0	3,58
Nereida PM, Agostinho	OC		8-4	40	109	13,0	4,18
MAIO Nereida José	PO		8-6	30	71	19,0	3,92
Nereida	GB		-	30	83	13,0	3,40
J.O. Nereida Faria S.L.	GB		6-9	20	37	27,0	3,86
Dr. Ricardo Vassallo, Roberto, Bragança Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 11/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 1 ordenha.							
Almeida Nereida Red	PO		3-1	20	56	38,0	2,96
C.B. Nereida Bragança S.L.	PO		3-2	40	123	36,0	3,45
C.B. Nereida Bragança S.L.	PO		3-8	60	188	18,0	3,40
Arlene Maria de Oliveira, Induslândia, Est. de São Paulo, Controle em 2/1/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Nereida Red de Jussur.	OC		4-4	10	2	20,0	3,06
Nereida Red de Jussur.	OC		3-5	10	10	21,0	3,84
Nereida Red de Jussur.	11/32		7-0	20	49	23,0	3,64
Lady Galp de Jussur.	POC		-	30	80	22,0	3,25
Nereida Red de Jussur.	OC		3-0	20	44	20,0	3,06
Nereida Red de Jussur.	OC		6-1	20	71	20,0	2,98
Nereida Red de Jussur.	OC		6-4	20	15	21,0	3,18
Antonio Basilio, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 17/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Estrepa Red Vermelho	OC		3-7	80	234	13,0	3,68
Estrepa	GB		-	20	40	17,0	3,23
Estrepa	GB		-	20	40	14,0	3,42
Artista Red Nereida	OC		6-1	10	10	27,0	2,82
Amora Red Nereida	OC		4-4	10	10	22,0	3,14
Emeraldas Cit. Nereida	OC		8-5	10	10	33,0	2,54
Argentina Red Nereida	OC		7-10	10	10	20,0	3,23
Estrepa Red Nereida	OC		4-3	10	10	26,0	3,58
Paragaita Red Nereida	OC		5-10	10	10	33,0	3,21
Estrepa	GB		-	10	10	19,0	3,63
Turkina Red Nereida	OC		5-11	10	10	18,0	3,38
Nereida Labareda Vermelho	PO		4-4	10	10	22,0	3,28
Estrepa Red Nereida	OC		6-0	70	209	14,0	3,13
S.H. Artista 1 Jagger R.	PO		-	70	198	14,0	3,62
Macavilla Red Nereida	OC		2-8	60	174	13,0	3,42
Barbora Fanny Nereida	OC		7-6	60	174	18,0	3,06
Almeida Nereida	OC		6-10	50	155	17,0	3,18
Belina Fanny Nereida	11/32		3-5	50	141	13,0	3,38
Nereida Fanny Nereida	PO		8-2	50	140	14,0	3,95
Nereida Fanny Nereida	11/32		7-0	50	138	12,0	3,72
Facenda Red Nereida	OC		5-3	40	136	16,0	3,16
Nereida Red Nereida	POC		3-3	50	130	13,0	3,40
Nereida Fanny Nereida	OC		3-10	40	128	14,0	3,42
Nereida Fanny Nereida	OC		3-5	40	129	19,0	3,13
Nereida Fanny Nereida	OC		3-6	40	117	17,0	3,54
Nereida Fanny Nereida	PO		5-6	40	117	15,0	3,14
May's Fabiana Jovit	PO		4-3	40	111	19,0	3,74
Clotilde Royal Nereida	GB		6-2	40	106	16,0	3,75
Nereida's Ovelada R. L. V. Nereida	OC		4-5	30	94	16,0	3,54
Nereida Royal Nereida	OC		8-0	30	70	22,0	3,28
Nereida Fanny Nereida	OC		5-4	30	83	21,0	3,23
Jardim de São Nicolau, 11/32							
Carlota	GB		-	20	74	19,0	3,13
Starliner	GB		-	20	65	15,0	3,34
Figura	GB		-	20	65	15,0	3,54
Agrícola Pastoral Santa Cruz S/A, Capivari, Est. de São Paulo, Controle em 24/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							
Albertina's P.R. Patriota	PO		4-0	70	204	22,0	3,53
Odina	PO		-	50	135	17,0	3,87
Odina	PO		-	50	135	20,0	3,41
Albertina's A.B. Nereida	PO		6-8	20	42	27,0	3,79
Ami Red	PO		11-10	20	51	24,0	3,50
Albertina's Quality	PO		-	30	85	22,0	3,51
Albertina's N.R. Passante	PO		4-4	10	23	22,0	3,78
Albertina's N.R. Fina	PO		4-2	10	23	26,0	3,56
Albertina's P.R. Odina	PO		5-5	10	2	31,0	4,06
Dr. Roberto Felipe Cantuato, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 16/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Nereida's Jem Roeland	PO		7-8	80	220	16,0	3,46
Nereida's Odina Royal	PO		4-3	60	179	15,0	3,64
Nereida's Nereida Royal Red	PO		4-4	60	158	15,0	3,30
Nereida's Nereida Citation	PO		5-3	30	68	16,0	3,43
Nereida's Nereida Royal Red	PO		6-6	50	131	19,0	3,54
Nereida's Nereida Roeland	PO		6-0	50	140	18,0	3,17
Nereida's Nereida R. Red	PO		7-1	40	102	16,0	3,28
Nereida's Nereida Sultan	PO		6-1	80	269	15,0	3,70
Nereida's Nereida Progress	PO		3-11	20	52	17,0	3,54
Nereida's Nereida Cit.	PO		3-7	20	50	18,0	3,48
Nereida's Nereida Roeland	PO		6-0	10	33	20,0	2,98
Nereida's Nereida	PO		-	10	22	15,0	3,28
Nereida's Nereida Pabst	PO		4-9	10	10	20,0	3,90
Nereida Foga, Vinhedo, Est. de São Paulo, Controle em 8/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Nereida São Nereida	POC		5-8	30	80	18,0	3,60
Valmir Spinelli de Oliveira & Irmãos, Leirópolis, Est. de São Paulo, Controle em 21/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 1 ordenha.							
Nereida Tingo Cit. Filipe	GB		-	10	4	26,0	3,11
Nereida de Bragança	PO		-	20	58	24,0	3,18
Nereida de Bragança	OC		2-8	20	108	24,0	3,07
Christa 728 Rebel P.R.C.	POC		5-0	40	123	24,0	3,26
Nereida de Bragança	11/32		2-6	60	117	21,0	3,34
Nereida Nereida Faria Red	PO		3-11	110	124	21,0	3,04
Raça Jersey							
Dr. Albino Balança, Itupeva, Est. de São Paulo, Controle em 25/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
Nereida's Lily Rose Gama	POC		6-10	10	10	20,0	4,11
Nereida's Lily Rose Gama	GB		-	20	79	15,0	4,23
Dr. Maria Teresa Lobo, Camaraju, Est. de São Paulo, Controle em 19/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
S.E. Clarissa Nereida	61/44		8-12	30	289	12,0	5,63
Nereida Nereida 70 Nereida	PO		8-8	10	7	15,0	2,80
Nereida Nereida de S. Fina	PO		8-0	10	31	14,0	4,28
Nereida Nereida 70 Nereida	PO		5-8	40	129	12,0	5,38
Esc. Sup. de Agricultura de Jussur, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 9/2/82, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.							
Nereida Nereida Jagger	PO		2-8	20	63	11,0	3,80
Nereida Nereida Jagger	PO		2-4	20	61	10,0	3,72
Nereida Nereida Jagger	PO		6-5	10	29	16,0	3,78

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite %	
Dr. Alberto Del Sole, Tatui, Est. de São Paulo, Controle em 17/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.							
Ruani Casca	PC		6-0	10	13	15,0	4,58
Ruani Casca	PC		5-5	10	9	14,0	4,48
Ruani Casca	PC		4-4	10	26	13,0	4,27
Ruani Casca	PC		3-5	10	23	11,0	4,99
Ruani Casca	PC		3-6	10	15	14,0	4,83
Ruani Casca	PC		3-1	10	61	10,0	4,80
Ruani Casca	PC		3-2	10	16	10,0	3,79
Ruani Casca	PC		2-3	10	34	14,0	3,25
Silvânia de Borinhas 0020	7/8		7-2	10	36	10,0	4,10
Orfêda da Graça	PC		3-2	10	19	10,0	4,44
Gracia da Graça	15/16		3-3	10	41	10,0	4,65

Raça Parda Suíça (Schwyz)

Agropecuária e Matas Santo Isidoro Ltda., Juiz de Fora, Est. de São Paulo, Controle em 4/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Andria	PC	3-1	20	45	17,0	2,97
Eleonora	PC	5-10	20	36	15,0	4,26
Elizabete	PC	5-6	50	150	14,0	5,17
Ritty	PC	3-6	40	118	13,0	4,04
Isidra	PC	4-0	10	14	22,0	2,91

Antônio Faria Tassin, Porto Feliz, Est. de São Paulo, Controle em 6/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Mulher Rosa Alice São	PC	9-1	70	266	13,0	3,78
O.V.M. Tulliana Maria	PC	8-3	40	106	20,0	3,24
West Jan Beatriz Glacy	PC	8-8	20	71	35,0	3,33
Mila Jay Cori São	PC	8-7	50	296	26,0	3,38
West Jan Beatriz Glacy	PC	8-9	90	315	16,0	3,07
M.C.M. Pinheiro Almeida	PC	6-4	10	132	17,0	3,85
Marta Tulliana Lilia	PC	6-11	100	348	20,0	3,55
E.S. Norma Rosa	PC	7-0	60	205	15,0	3,61
E.S. Norma Rosa	PC	6-1	50	192	17,0	3,51
E.S. Norma Rosa	PC	6-10	40	140	27,0	3,24
E.S. Norma Rosa	PC	6-2	40	81	19,0	4,17
Marta Tulliana Lilia	PC	6-2	40	127	21,0	3,64
E.S. Norma Rosa	PC	6-3	30	79	30,0	3,40
E.S. Norma Rosa	PC	6-10	10	8	16,0	3,58
E.S. Norma Rosa	PC	7-8	20	62	17,0	4,05
Chama Rosa Maria	PC	6-5	60	236	23,0	3,82
Marta Tulliana Lilia	PC	7-11	60	161	14,0	4,17
E.S. Norma Rosa	PC	6-10	40	126	26,0	3,66
E.S. Norma Rosa	PC	6-1	60	199	21,0	3,50
E.S. Norma Rosa	PC	6-8	40	129	26,0	3,29
E.S. Norma Rosa	PC	7-8	20	72	30,0	3,09
E.S. Norma Rosa	PC	6-0	40	130	25,0	3,30
E.S. Norma Rosa	PC	6-9	60	220	15,0	3,99
E.S. Norma Rosa	PC	6-10	40	203	20,0	3,79
E.S. Norma Rosa	PC	6-9	80	291	13,0	4,28
E.S. Norma Rosa	PC	6-6	50	175	19,0	3,39
E.S. Norma Rosa	PC	7-3	50	162	16,0	3,71
E.S. Norma Rosa	PC	6-10	40	116	18,0	2,62
E.S. Norma Rosa	PC	7-2	40	116	14,0	4,23
E.S. Norma Rosa	PC	3-10	50	196	18,0	3,73
E.S. Norma Rosa	PC	4-7	50	184	24,0	3,04
E.S. Norma Rosa	PC	7-3	10	31	27,0	3,44
E.S. Norma Rosa	PC	7-5	60	203	18,0	4,22
E.S. Norma Rosa	PC	7-8	40	22	42,0	3,69
E.S. Norma Rosa	PC	3-4	20	62	19,0	3,78
E.S. Norma Rosa	PC	5-5	70	273	17,0	3,66
E.S. Norma Rosa	PC	5-1	50	188	14,0	3,52
E.S. Norma Rosa	PC	7-5	60	263	21,0	3,41
E.S. Norma Rosa	PC	4-5	80	301	13,0	3,54
E.S. Norma Rosa	PC	4-2	40	113	21,0	3,48
E.S. Norma Rosa	PC	3-10	80	288	13,0	3,68
E.S. Norma Rosa	PC	4-1	50	173	15,0	3,68
E.S. Norma Rosa	PC	3-10	30	173	23,0	3,23
E.S. Norma Rosa	PC	7-1	10	20	20,0	3,29
E.S. Norma Rosa	PC	3-8	40	285	12,0	3,90
E.S. Norma Rosa	PC	4-1	10	10	27,0	3,05
E.S. Norma Rosa	PC	3-1	50	328	14,0	3,48
E.S. Norma Rosa	PC	2-10	90	322	14,0	3,71
E.S. Norma Rosa	PC	3-7	40	106	24,0	3,13
E.S. Norma Rosa	PC	2-10	60	235	16,0	3,87
E.S. Norma Rosa	PC	2-10	20	55	17,0	3,59
E.S. Norma Rosa	PC	2-9	30	97	13,0	3,51
E.S. Norma Rosa	PC	4-2	10	37	26,0	3,78
E.S. Norma Rosa	PC	2-7	70	249	13,0	3,59
E.S. Norma Rosa	PC	3-13	10	30	25,0	3,23
E.S. Norma Rosa	PC	3-3	20	83	16,0	3,42
E.S. Norma Rosa	PC	3-10	40	132	19,0	3,47
E.S. Norma Rosa	PC	3-0	50	192	15,0	3,39
E.S. Norma Rosa	PC	3-4	20	52	28,0	3,48
E.S. Norma Rosa	PC	2-10	60	239	13,0	4,10
E.S. Norma Rosa	PC	3-0	40	110	14,0	3,43
E.S. Norma Rosa	PC	3-0	50	200	25,0	3,47
E.S. Norma Rosa	PC	2-4	40	153	13,0	3,79
E.S. Norma Rosa	PC	2-3	40	108	20,0	3,42
E.S. Norma Rosa	PC	2-4	10	70	14,0	2,37
E.S. Norma Rosa	PC	2-6	30	82	17,0	3,50
E.S. Norma Rosa	PC	3-0	10	27	20,0	3,44
E.S. Norma Rosa	PC	3-6	30	81	18,0	3,13

Dr. Agn. Peçolândia Santa Matilde, Jacareí, Est. de Paraná, Controle em 4/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Agua Maria II de S.M. POC	11-3	10	11	18,0	3,12
S.M. Maria Maria II de S.M.	5-2	10	11	19,0	3,46
S.M. Maria Maria II de S.M.	7-1	10	11	20,0	3,55
S.M. Maria Maria II de S.M.	6-0	50	150	18,0	2,88
S.M. Maria Maria II de S.M.	8-5	40	107	20,0	3,52
S.M. Maria Maria II de S.M.	4-9	30	89	21,0	3,03
S.M. Maria Maria II de S.M.	8-3	30	87	23,0	3,42

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos meses	Con- trole	Dias de lactação	Leite %	
Exp. Benedito Portugal, Benedito, Jacutinga, Est. de Minas Gerais, Controle em 15/3/82, Regime de pasto com ração suplementar. 3 ordenhas.							
B.C. Ivoete II Jantar	PO		8-4	100	285	22,0	3,86
B.C. Edith Apache	PO		3-7	50	129	16,0	3,52
B.C. Edith Apache	PO		4-7	50	144	14,0	3,71
B.C. Almeida Chip's Paul I POC	PO		7-1	50	127	17,0	3,78
B.C. Tula Topper II	PO		7-7	30	74	24,0	3,49
B.C. Almeida Chip's Paul I	PO		7-1	20	61	25,0	3,25

Exp. Sup. de Agrio, Laila de Queiroz, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 8/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Olga de Pinheiro	PC	7-2	20	84	14,0	2,70
Paula Quindim	PC	4-4	10	10	15,0	2,62

Adalberto R.A. Agrio, Comercial, Campinas, Est. de São Paulo, Controle em 1/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Adalberto Leão	PC	3-8	20	81	13,0	3,44
Adalberto Mimoso	PC	8-10	10	23	18,0	3,41

Dr. Sylvio Lima Marinho, Andradina, Est. de São Paulo, Controle em 1/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Alegrisa Meloset de S. João	PC	11-8	50	176	13,0	3,58
Vanda Chip's Sta. Anália	PC	6-4	50	143	17,0	3,71
Quacira de Sta. Anália	11/12	6-1	50	138	18,0	3,77
Dorcas de Sta. Anália	11/12	7-8	50	139	28,0	3,40

Dr. Carlos Cardoso de Almeida, Porto Ferreira, Est. de São Paulo, Controle em 17/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Nazimete de S. C.	PC	7-11	20	188	17,0	3,84
Arquibela Gerson de S. C.	PC	3-4	70	190	14,0	3,85
Enilde da Scop	PC	7-8	40	100	16,0	3,90
S. C. Berolina Dorset	15/16	4-8	50	128	14,0	4,20
Genevieve Chip's Fide S.C. POC	PC	5-2	30	127	16,0	3,88
Enilde da Scop	PC	8-0	50	128	20,0	4,43
Bon Café Indiana	PC	13-2	50	117	17,0	3,88
Enilde da Scop	PC	7-7	50	117	16,0	3,87
Enilde da Scop	PC	7-4	50	130	14,0	3,92
Enilde da Scop	PC	7-8	40	113	14,0	3,89
Enilde da Scop	PC	8-3	40	93	19,0	3,82
Enilde da Scop	PC	9-0	40	102	15,0	3,72
Vassoura de S. C.	PC	14-10	30	89	16,0	3,84
S.C. Gersones Dão	PC	5-11	30	80	16,0	4,05
Enilde da Scop	PC	4-4	30	75	22,0	3,43
Enilde da Scop	PC	8-4	20	64	14,0	3,88
Gabriela Chip's Fide S.C. POC	PC	5-5	20	42	18,0	3,74
Dona de S. C.	PC	8-3	20	56	17,0	3,88
Enilde da Scop	PC	4-6	20	34	18,0	3,77
S.C. Gersones Dão	PC	2-8	20	36	13,0	4,09
Enilde da Scop	PC	8-1	10	22	24,0	3,42
S.C. Gersones Dão	PC	5-6	10	21	16,0	3,73
Dorcas de S. C.	PC	8-8	10	21	19,0	3,77

Dr. Gervasio, Ruysschop, Gervasio, Três Corações, Est. de Minas Gerais, Controle em 16/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Marta de Sta. Anália	PC	6-5	20	59	17,0	3,86
Marta de Sta. Anália	PC	9-0	40	137	12,0	4,09
Marta de Sta. Anália	PC	9-2	40	92	13,0	3,81
Enilde da Scop	PC	-	18	10	13,0	3,83
Enilde da Scop	PC	8-5	20	11	17,0	3,85
Enilde da Scop	PC	5-8	20	46	17,0	3,85
Bon Café Itajai Alvaro I	PC	9-0	70	195	16,0	3,85
Diana Topper da Linsira	PC	6-6	20	239	23,0	4,83
Enilde da Scop	PC	8-8	30	88	14,0	3,89
Enilde da Scop	PC	6-6	10	10	13,0	3,52
Enilde da Scop	PC	7-6	20	34	13,0	4,12

Raça Dinamarquesa

O. Olavo Silva Barbosa, Gervasio, Est. de Minas Gerais, Controle em 12/5/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Paula	PC	6-10	20	35	18,0	3,80
Marta S.J.	PC	5-7	10	17	18,0	4,05

Raça Guernsey

Exp. Sup. de Agrio, Laila de Queiroz, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 8/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Paula Quindim	PC	3-7	70	230	10,0	4,83
Paula Quindim	PC	4-4	50	139	10,0	3,70
Paula Quindim	PC	3-4	20	44	14,0	3,70

Dr. Cristóvão César de Almeida, Itajai, Est. de Minas Gerais, Controle em 11/2/82, Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.

Overland Winston Betty	PC	5-10	70	216	13,0	4,38
Overland Winston Betty	PC	8-8	70	199	16,0	4,28
Overland Winston Betty	PC	6-7	70	188	16,0	4,38
Overland Winston Betty	PC	-	40	169	22,0	4,38
Overland Winston Betty	PC	8-11	50	113	25,0	4,27
Overland Winston Betty	PC	5-1	40	111	25,0	4,49
Overland Winston Betty	PC	-	30	80	18,0	4,49
Overland Winston Betty	PC	-	30	82	17,0	4,49
Overland Winston Betty	PC	-	30	77	13,0	4,38
Overland Winston Betty	PC	-	20	58	13,0	4,38
Overland Winston Betty	PC	-	20	89	14,0	4,31
Overland Winston Betty	PC	5-1	20	29	20,0	4,38
Overland Winston Betty	PC	-	20	25	17,0	4,38

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos meses	Controle	Dias de lactação	Leite %
Pax Hafa Warty Boy D'Abadia PO		-	10	16	21,0	3,76
Pax Ita Eldorado D'Abadia PO		-	10	14	15,0	4,45
Raça Pitangueiras						
Dr. Antonio Martins, Quilom. Est. de São Paulo, Controle em 17/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Anglo Atlântica II	PO		8-9	20	41	10,0 4,24
Raça Red-Poll						
Dr. Livio Naimon, Caboreva, Est. de São Paulo, Controle em 25/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Coppe Flapper 47 M	PO		10-3	10	4	10,0 3,85
Knappe Varsity 12 M	PO		-	20	92	10,0 3,89
Raça Gir						
Doutor Assunção Costa, Calciolândia, Est. de Minas Gerais, Controle em 5/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Piuma	NR		-	19	10	10,0 4,21
Albica	NR		13-11	18	10	10,0 3,94
Agua Fria	NR		11-6	28	40	10,0 4,11
Demora	NR		10-11	30	87	10,0 4,10
Dr. José Elton Resende e Outros, Matadouro, Est. de Minas Gerais, Controle em 12/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Trocheta	NR		5-2	20	97	11,0 3,77
Lidéria	NR		10-3	19	12	11,0 3,37
Demora	NR		6-5	10	9	13,0 3,38
Samorá	NR		3-4	10	3	12,0 3,14
Supremacia	NR		6-11	20	1	13,0 3,18
Ataláia	NR		13-6	10	1	10,0 3,11
Distrito	NR		13-6	20	30	13,0 3,54
Seabra	NR		12-4	20	36	10,0 3,46
Látia	NR		10-0	20	51	11,0 3,54
Moça	NR		-	20	128	10,0 3,95
Boia	NR		5-2	30	78	10,0 3,68
Salina	NR		-	10	14	14,0 3,37
Torilho	NR		6-0	40	106	11,0 3,77
Dr. Arthur Roberto Meier, Filizópolis, Agostinho, Est. de Minas Gerais, Controle em 26/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Perfênia	NR		-	100	291	10,0 4,19
Paratiba	NR		-	20	50	10,0 3,31
Peritima	NR		4-4	100	295	10,0 4,26
Alfama	NR		13-0	10	24	12,0 3,68
Alfama	NR		5-0	14	4	13,0 2,95
Alfama	NR		9-6	10	2	13,0 3,04
Brasil	NR		8-8	10	9	16,0 3,10
Brasil	NR		7-8	20	37	16,0 3,62
Calvina	NR		5-3	20	33	20,0 3,27
Colônia	NR		13-5	10	24	11,0 3,16
Colônia	NR		6-6	100	290	10,0 4,26
Colônia	NR		-	70	130	11,0 4,32
Colônia	NR		11-7	70	135	10,0 5,06
Dra. Menai e José João S. Rodrigues das Reis, Rio das Pedras, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 4/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
S. Cruz Lázaro Naida	NR		2-11	90	247	8,0 6,90
Maravilha Fátima Fátima	NR		7-10	90	245	8,0 2,45
C.A. Escopeta Carvelo	NR		12-9	80	243	8,0 6,01
Maravilha Camarã Cachimbo	NR		10-9	80	216	9,0 2,16
Maravilha Glória Fátima	NR		7-0	70	193	11,0 4,48
C.A. Escopeta Naida	NR		13-4	70	176	10,0 5,24
Maravilha Glória Cachimbo	NR		8-11	70	204	8,0 6,25
S. Cruz Glória Cachimbo	NR		6-9	60	179	18,0 5,31
C.A. Escopeta Naida	NR		12-11	60	178	11,0 5,19
S.C. Escopeta Naida	NR		9-4	60	145	10,0 4,56
Maravilha Harpa Fátima	NR		6-6	30	77	15,0 4,68
S.C. Glória Cachimbo	NR		12-1	30	75	13,0 4,77
C.A. Escopeta Naida	NR		13-1	20	59	16,0 4,20
Lidéria	NR		13-2	20	53	16,0 5,74
Maravilha Glória Fátima	NR		9-6	20	59	19,0 4,34
Maravilha Glória Fátima	NR		6-9	10	1	16,0 4,29
Maravilha Fátima Naida	NR		8-1	10	8	16,0 4,74
Liliana Eugênia Junior, Bravilha Paulista, Est. de São Paulo, Controle em 14/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 2 ordenhas.						
Camara	NR		6-0	30	131	27,0 3,11
Rosa Maria de Francisco F. Barretto, Mococa, Est. de São Paulo, Controle em 19/2/82. Regime de pasto com ração suplementar. 3 e 2 ordenhas.						
1 ordenha						
Peteca	NR		6-2	20	50	12,0 4,54
Chirajá	NR		13-2	20	32	11,0 4,71
Receita	NR		5-8	20	32	11,0 6,23
Olimpiada	NR		8-0	10	28	13,0 4,35
Imansa	NR		12-0	80	219	13,0 4,08
Papelona	NR		6-1	80	221	10,0 5,28
Maravilha	NR		8-9	80	218	11,0 4,15
Ilusão	NR		12-5	70	186	15,0 4,42
Maravilha	NR		8-8	70	195	11,0 4,54
Paulista	NR		6-5	60	169	10,0 4,40
Maravilha	NR		7-10	60	187	13,0 4,08
Moça	NR		7-8	50	147	11,0 4,23
Itabira	NR		11-10	50	148	11,0 3,76
Naturalista	NR		8-1	50	131	10,0 4,60
Calvina	NR		14-7	50	140	10,0 4,72
Maravilha	NR		8-7	50	144	10,0 4,45
Ilusão	NR		12-8	50	132	10,0 4,37
Paulista	NR		6-4	50	130	11,0 4,65
Imansa	NR		10-4	40	117	15,0 4,21
Geringa	NR		14-2	40	99	10,0 4,39
Glória	NR		7-3	40	114	12,0 4,73
Receita	NR		5-5	40	117	10,0 4,65
Paulista	NR		5-8	40	103	13,0 4,62
Occidental	NR		7-8	40	107	16,0 4,28
Maravilha	NR		5-4	30	85	13,0 4,73
Receita	NR		5-5	30	81	17,0 3,60
Receita	NR		-	20	65	15,0 4,20
Maravilha	NR		5-9	20	85	12,0 4,40
Maravilha	NR		7-8	30	80	11,0 4,17
Paulista	NR		6-0	30	64	10,0 6,25
Paulista	NR		8-3	20	50	17,0 4,32
Maravilha	NR		8-2	20	88	11,0 4,72

GIR LEITEIRO FB - DE MOCOCA

FRANCISCO F. BARRETTO - FAZENDA SANTANA DA SERRA

Km 295 da Rodovia Mococa-Cajuru — Fone (0196) 55-0801
MOCOCA — Rua Barão de Monte Santo, 1230 — Fone (0196) 55-0085
SÃO PAULO — Rua 15 de Novembro, 193 — Fone (011) 239-1911

Meio século na seleção
do GIR LEITEIRO

CONTROLE LEITEIRO
OFICIAL PELA ABC

O GADO CERTO
PARA O CLIMA CERTO



Todo plantel
sob controle
oficial da ABC

1 vaca com lactação acima de 7.000 kg.
4 vacas com lactação acima de 6.000 kg.
33 vacas com lactação acima de 5.000 kg.
107 vacas com lactação acima de 4.000 kg.
265 vacas com lactação acima de 3.000 kg.

ESCALA — Campeã mundial de produção
leiteira, em Gir. — Crioula do Plantel FB.

Industrialização e venda de sêmen:

PECPAN BRADESCO — Rodovia BR 050 — Km 529 — Uberaba — MG — Fone (034) 332-3331
Cidade de Deus — Vila Yara — OSASCO — SP — Fone (011) 801-1244

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Bomita	NR		5-5	29	34	20,0	3,96
Isadora	NR		12-10	29	50	13,0	3,87
Calisto	NR		7-2	29	57	12,0	4,52
Alcides	NR		9-8	29	47	11,0	4,01
Júlia	NR		11-5	29	56	11,0	4,25
Superciliosa	NR		3-4	29	56	12,0	4,49
Reu	NR		5-4	29	50	11,0	4,16
Isabelle	NR		12-3	29	35	21,0	4,01
Lamartine	NR		9-4	120	341	11,0	4,49
1.ª ordem							
Flávia I	NR		7-6	19	26	12,0	4,15
Fátima	NR		6-7	79	191	11,0	4,42

Alcides Resende Peres, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 1/2/82, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Glória de Brasília	NR			49	102	12,0	5,84
Leandra de Brasília	NR		9-4	79	182	18,0	4,39
Guia de Brasília	NR		13-5	69	163	11,0	5,92
Marlene de Brasília	NR		4-3	79	205	10,0	4,84
Orsena de Brasília	NR		-	59	147	12,0	3,80
Orsena de Brasília	NR		5-5	99	267	10,0	5,16
Orsena de Brasília	NR		6-1	39	82	13,0	4,71
Orsena de Brasília	NR		8-7	89	241	10,0	4,57
Orsena de Brasília	NR		-	89	249	10,0	5,19
Orsena de Brasília	NR		4-5	19	5	15,0	5,13
Orsena de Brasília	NR		6-5	69	169	12,0	5,56
Orsena de Brasília	NR		7-10	89	233	12,0	4,06
Orsena de Brasília	NR		6-2	49	98	14,0	5,20
Orsena de Brasília	NR		12-11	109	301	10,0	5,80
Orsena de Brasília	NR		8-9	89	253	10,0	4,44
Orsena de Brasília	NR		7-3	39	79	13,0	5,35
Orsena de Brasília	NR		6-11	19	6	18,0	4,44
Orsena de Brasília	NR		8-2	29	39	15,0	3,88
Orsena de Brasília	NR		6-1	19	21	15,0	4,26
Orsena de Brasília	NR		5-11	79	184	13,0	4,93

Dr. Gabriel Renato de Andrade, Calciolândia, Est. de Minas Gerais, Controle em 12/2/82, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Orsena de Calciolândia	NR		2-10	49	101	11,0	5,57
Orsena de Calciolândia	NR		3-5	39	109	12,0	5,19
Orsena de Calciolândia	NR		4-11	49	110	10,0	4,89
Orsena de Calciolândia	NR		2-11	29	74	10,0	4,86
Orsena de Calciolândia	NR		3-8	29	75	10,0	5,27
Orsena de Calciolândia	NR		3-9	49	113	10,0	4,85
Orsena de Calciolândia	POC		2-11	39	62	10,0	5,88
Orsena de Calciolândia	NR		2-10	49	105	11,0	4,36
Orsena de Calciolândia	PC		4-3	29	77	11,0	4,61
Orsena de Calciolândia	NR		5-2	29	55	13,0	4,04
Orsena de Calciolândia	POC		5-8	49	117	10,0	3,93
Orsena de Calciolândia	NR		8-9	19	10	10,0	4,08
Orsena de Calciolândia	NR		6-1	49	112	12,0	3,18
Orsena de Calciolândia	NR		6-5	29	47	15,0	3,90
Orsena de Calciolândia	PC		6-1	29	61	13,0	3,93
Orsena de Calciolândia	NR		8-1	29	104	11,0	3,75
Orsena de Calciolândia	NR		5-5	29	64	10,0	3,58
Orsena de Calciolândia	NR		6-1	49	126	12,0	4,22
Orsena de Calciolândia	NR		6-1	49	127	10,0	4,80
Orsena de Calciolândia	NR		4-6	59	184	10,0	3,38
Orsena de Calciolândia	NR		5-3	59	136	10,0	5,12
Orsena de Calciolândia	NR		10-7	69	183	11,0	4,96
Orsena de Calciolândia	NR		7-0	69	162	10,0	4,73
Orsena de Calciolândia	NR		5-11	39	112	10,0	4,41
Orsena de Calciolândia	NR		9-6	39	173	12,0	4,86
Orsena de Calciolândia	NR		5-2	39	80	11,0	5,25
Orsena de Calciolândia	POC		7-0	39	124	12,0	4,24
Orsena de Calciolândia	NR		4-6	29	69	13,0	4,38
Orsena de Calciolândia	NR		6-4	39	112	11,0	4,31
Orsena de Calciolândia	NR		-	79	184	11,0	4,46

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Nora de Calciolândia	NR		4-10	49	123	10,0	4,23
Lala de Calciolândia	NR		7-9	39	106	10,0	4,13
Lentilha de Calciolândia	NR		6-10	69	167	14,0	5,07
Modinha de Calciolândia	NR		6-5	49	103	11,0	5,17
Lindinha de Calciolândia	NR		7-5	39	93	11,0	4,14
Mada de Calciolândia	NR		5-8	89	218	11,0	4,10
Norita de Calciolândia	NR		5-6	79	193	10,0	3,99
Ocara de Calciolândia	NR		4-7	49	131	10,0	4,02
Ornada de Calciolândia	NR		4-6	49	112	10,0	5,32

João Gabriel da Costa Noronha e Outros, Casa Branca, Est. de São Paulo, Controle em 15/2/82, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

C. A. Fátima	NR		11-11	119	209	10,0	4,07
C. A. Filadelfia	NR		11-6	79	179	11,0	4,18
C. A. Nevea	POC		4-10	79	180	13,0	4,31
C. A. Neja	POC		5-2	79	198	10,0	4,27
C. A. Nordestina	PC		8-3	69	153	12,0	4,56
C. A. Noreia	POC		5-4	59	128	11,0	3,92
C. A. Loba	NR		6-11	49	97	10,0	4,02
C. A. Lógica	NR		7-0	49	85	12,0	4,15
C. A. Narita	PC		-	49	112	10,0	4,40
C. A. Laca	PC		7-3	49	90	10,0	4,29
C. A. Maloca	NR		6-7	29	71	12,0	4,37
C. A. Ilara	NR		7-7	79	77	12,0	4,06
Granfina da Boa Vista	NR		10-0	39	64	12,0	4,30
C. A. Nanci	PC		5-9	39	64	10,0	4,60
C. A. Cadenstra	NR		15-3	29	38	14,0	4,40
C. A. Garbosa	NR		12-0	79	42	15,0	4,04
C. A. Ásia	PC		17-10	29	42	10,0	4,69
C. A. Opereta	PC		4-1	29	40	12,0	4,32

Antonio José Lício de Oliveira Costa, Jta. Cruz das Palmeiras, Est. de São Paulo, Controle em 16/2/82, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

C. A. Mirasol	NR		6-8	19	12	12,0	4,25
C. A. Jataia	NR		8-6	19	9	11,0	3,87

Colonial Agro-Pecuária S.A. (Dr. Gabriel Renato de Andrade), Jaraguá, Est. de Minas Gerais, Controle em 27/2/82, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Nora de Calciolândia	POC		4-11	29	68	8,0	5,23
Norinda de Calciolândia	NR		7-6	29	50	4,0	5,55
Norina de Calciolândia	NR		6-8	29	62	5,0	5,49
Norona	NR		-	29	41	9,0	4,52

Girolando

Reynold Fontenay, Esp. Santo do Pinhal, Est. de São Paulo, Controle em 29/2/82, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Catolina Vinodona	NR		4-6	89	113	13,0	3,45
Dorinda Vinodona	NR		4-3	49	120	14,0	3,84
Eva Vinodona	NR		3-9	29	49	14,0	3,65

Alcides Resende Peres, São Pedro dos Ferros, Est. de Minas Gerais, Controle em 1/2/82, Região de pasto com ração suplementar, 1 ordenha.

Artista	1/2		-	89	165	20,0	3,88
Georja	1/2		-	39	193	18,0	4,11
Solivia de Brasília	1/2		-	29	28	2,0	3,25
Erigete	1/2		-	39	128	15,0	4,50
Múscia	1/2		-	79	193	24,0	2,86
Pianista	NR		-	89	165	13,0	4,15



IGUATU Reg. A-6163 — Grande Campeão na XVII Exposição de Gado Leiteiro em São Paulo. PRATINHA Reg. C-4436, mãe do IGUATU produziu 6.121 kg de leite em 365 dias — 4 LM — Categoria Longevidade. JAPÃO Reg. 4959 — pai do IGUATU — TOURO PROVADO — Média de suas filhas 1.195 kg de leite acima da média das mães.

Fazenda Brasília GIR LEITEIRO

PROPRIETÁRIO:

Rubens Resende Peres

Dados do S.C.L. da ABC

3 vacas com lactação acima de 6.000 kg
21 vacas com lactação acima de 5.000 kg
88 vacas com lactação acima de 4.000 kg
276 vacas com lactação acima de 3.000 kg

Praça José Peres, 10 — Tel. 115
End. Telefônico — GIRLEITE
SÃO PEDRO DOS FERROS - MG

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Paciência	SR	-	70	193	17,0	3,98	
Bras de Brasília	SR	-	80	240	13,0	3,72	
Brasília de Brasília	1/2	-	20	33	20,0	4,13	
Macenta de Brasília	1/2	-	50	127	17,0	4,15	
India	1/2	-	70	193	11,0	4,26	
Antaresia	1/2	-	10	23	19,0	4,27	
Fecundo José Santos, Sta. Cruz do Rio Pardo, Est. de São Paulo. Controle em 2/2/82. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
S. C. Betânia	1/2	-	8-11	120	350	14,0	3,84
Amorosa de Sta. Cruz	3/4	-	9-2	40	116	21,0	4,06

Raça Nelore

Colonial Agropecuária S/A. (Dr. Gabriel Donato de Andrade) - Jansuê, Est. de Minas Gerais. Controle em 27/2/82. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

281	RE	-	5-5	20	48	5,0	5,82
Paciência	RE	-	20	68	6,0	5,81	
Alvocado	SR	-	20	74	5,0	5,49	
Deia	RE	-	10	17	4,0	2,55	
7-978	RE	-	10	6	5,0	2,39	
215	SR	-	10	36	6,0	2,73	
Barroca Clarelândia	PCDD	7-4	10	5	9,0	4,50	
Cécia	RE	7-6	10	7	6,0	2,73	
Fátima	RE	14-0	10	7	7,0	2,38	

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Carícia	PCDD	13-0	20	43	7,0	3,81	
Bove da Colonial	RE	5-3	20	45	5,0	5,28	
Argelia	PCDD	12-9	20	46	6,0	4,58	
Agua	RE	7-1	20	47	6,0	4,60	
Cortesia da Colonial	RE	10-3	20	48	5,0	5,33	
Bastina	PCDD	9-7	20	52	6,0	5,29	
Movent da Colonial	RE	5-7	20	52	7,0	5,31	

Raça Indubrasil

Colonial Agropecuária S/A. (Dr. Gabriel Donato de Andrade) - Jansuê, Est. de Minas Gerais. Controle em 27/2/82. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

Mineira	RE	5-0	10	39	9,0	3,71	
Brasileira	PCDD	6-4	10	39	9,0	4,50	
Olinda da Colonial	PC	4-4	20	39	6,0	6,22	
Jezeva	RE	6-0	20	45	8,0	4,59	
Cajula	RE	8-4	20	45	7,0	4,69	
Matina	RE	9-5	20	47	5,0	4,24	
Alvocado	RE	10-6	20	50	5,0	5,86	
Sala da Colonial	PCDD	5-10	20	52	7,0	5,38	
Dorina	RE	4-11	20	74	5,0	4,38	
Libéria	RE	5-11	20	74	5,0	4,41	
Vitamina	RE	6-0	20	52	7,0	5,38	



QUEM? QUANDO? COMO?

ONDE? POR QUE?

Não tenha dúvidas. Anuncie seu produto ou seu reprodutor no maior grupo editorial brasileiro especializado exclusivamente em assuntos agropecuários: a Editora dos Criadores. Além da Revista dos Criadores (com meio século de existência), editamos também o Anuário dos Criadores, Agenda dos Criadores e Agricultores e o Informativo Rural Trabalhista e Fiscal. Além disso possuímos um moderno parque gráfico capacitado para produzir, compor, imprimir (branco e preto e quatro cores) qualquer tipo de peça gráfica.

Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo - SP



IMIZOL

**Receita única para acabar
com a Tristeza.**

palavra de veterinário.

A Tristeza Parasitária enfraquece o gado, atrasa seu crescimento, baixa sua produtividade e leva à morte se não tratada em tempo hábil e de maneira eficaz.

Até agora, o tratamento da Tristeza exigia vários produtos em aplicações sucessivas, ou seja, um tratamento difícil e caro. Mas, a partir de agora a Cooper, para resolver e acabar com esses problemas, está colocando à disposição da pecuária brasileira e da classe médico-veterinária - IMIZOL - uma solução única, que acaba com a Tristeza de maneira simples, eficaz e econômica.

Simplicidade

A Tristeza Parasitária causada pela Babesia e pelo Anaplasma, ou por ambos, é de difícil diagnóstico diferencial a nível de campo. Imizol acaba com ela de maneira simples, seja qual for o seu agente causador.

Eficácia

O curso da Tristeza Parasitária é muito rápido, exigindo um tratamento à altura e imediato. Imizol atua rapidamente contra os agentes causadores, interrompendo a evolução clínica da doença, permitindo a rápida recuperação do animal.

Economia

Para acabar com a Tristeza, basta uma única e pequena dose de Imizol, o que reduz a mão de obra e os prejuízos do "stress" resultante de sucessivos tratamentos.



*flexibilidade
para o
veterinário.*

Um novo conceito na prevenção e no tratamento da Tristeza Parasitária.



COOPER

PEQUENA A SERVIÇO DA VIDA

LABORATÓRIOS WELLCOME S.A.

Mais leite mais saúde **POLIMIX AD₃E.**

Para a saúde dos bezerros na desmama e para aumentar o leite na lactação adicione POLIMIX AD₃E no sal ou na ração!



Justamente por ocasião da desmama, quando os bezerros sofrem o impacto da mudança de alimentação, não deixe que esses animais fiquem sem as vitaminas AD₃E, essenciais a um perfeito e completo desenvolvimento.

Para as vacas em lactação, como o gado não sintetiza essas vitaminas, é necessário fornecê-las no alimento, especialmente nas épocas em que a pastagem verde diminui. Além disso, POLIMIX AD₃E estimula o apetite e o crescimento propiciando melhor conversão alimentar e ganho de peso. Melhora a reprodução, aumenta a fertilidade e o índice de nascimentos saudáveis. Acelera o tratamento das diversas doenças e evita o stress e o raquitismo.

Basta fornecer diariamente o equivalente a:
1/2 colher rasa por bezerro.
1 colher rasa por animal adulto.
(a embalagem inclui uma colher medidora)

POLIMIX AD₃E contém
30.000.000 U.I. de vitamina A
3.000.000 U.I. de vitamina D₃
e 30.000 U.I. de vitamina E por kg
do produto e é apresentado em tambor de 2 kg e balde de 12 kg.

polimix
ad₃e



REVISTA DOS CRIADORES

51 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA
Junho de 1982 - Ano LI - N.º 629 - Cr\$ 600,00
Órgão oficial da A.B.C.



O futuro aponta a Amazônia

SUÍNOS EXIGEM
VITAMINA EM
SUA RAÇÃO.

Pág. 28

PARA O BOM
MANEJO DOS
PASTOS.

Pág. 30

MANGALARGA
VOLTA COM
SEU ESPAÇO.

Pág. 59